

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
COGNIÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO

DANIELE DE FATIMA KOT CAVARZAN

RELATO DA EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE APOIO SOCIAL COM MÃES DE CRIANÇAS COM TDAH E REPERCUSSÕES EM SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

CURITIBA
2016

DANIELE DE FATIMA KOT CAVARZAN

RELATO DA EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE APOIO SOCIAL COM MÃES DE CRIANÇAS COM TDAH E REPERCUSSÕES EM SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Dissertação de Mestrado para fins de obtenção de título de Mestre em Educação, na linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denise de Camargo

**CURITIBA
2016**

Catalogação na publicação
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Cavarzan, Daniele de Fátima Kot.

Relato de experiência de um grupo de apoio social com mães de crianças com TDAH e repercussões em suas práticas educativas. – Curitiba, 2016.
240 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise de Camargo

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.




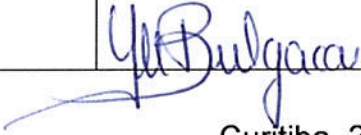
1. Distúrbio da falta de atenção com hiperatividade. 2. Grupos de ajuda mútua.
3. Práticas de ensino. 4. Psicologia educacional. I. Título.

CDD 370.1

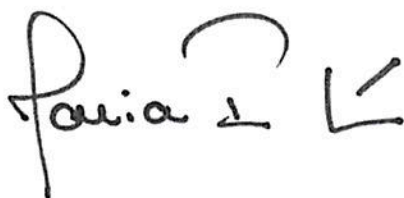
PARECER

Defesa de Dissertação de Daniele de Fátima Kot Cavarzan para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof.^a Dr.^a Denise de Camargo, Prof. Dr. Marco Antonio do Socorro Marques Ribeiro Bessa, Prof.^a Dr.^a Tania Stoltz (por parecer), Prof.^a Dr.^a Yara Lucia Mazziotti Bulgacov, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: "RELATO DA EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE APOIO SOCIAL COM MÃES DE CRIANÇAS COM TDAH REPERCUSSÕES EM SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIAÇÃO
Prof. ^a Dr. ^a Denise de Camargo		Aprovada
Prof. Dr. Marco Antonio do Socorro Marques Ribeiro Bessa		Aprovado
Prof. ^a Dr. ^a Tania Stoltz (por parecer)		Aprovada
Prof. ^a Dr. ^a Yara Lucia Mazziotti Bulgacov		Aprovada

Curitiba, 27 de julho de 2016.



Prof.^a Dr.^a Maria Rita de Assis César

Coordenadora do PPGE

Prof.^a Dra Maria Rita de Assis César

Matrícula: 159085

Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação



*“...eu sempre lembro que TDAH é vida,
não estão aí em uma cama de hospital,
estão vivendo,
e vivendo bem,
aprendendo todo dia.”*

(Marjori, mãe participante do grupo de apoio social)

DEDICATÓRIA

Às incansáveis mães que, em suas inseguranças e incertezas, buscam a força necessária para encontrar soluções que aquietem seus corações ao perceberem que existem formas de oportunizar o que há de melhor para seus filhos. Mães que não tem outra motivação, a não ser o amor. À elas, que estão espalhadas por todos os cantos, e em especial às participantes desta pesquisa por terem se voluntariado de corpo e alma à construção de conhecimento científico, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Iniciei minha trajetória acadêmica na Universidade Federal do Paraná no ano de 2007, e sempre me senti acolhida em meio ao pátio, corredores e salas da Reitoria. Sem dúvidas sou grata à **UFPR** pela oportunidade de dar continuidade à minha trajetória acadêmica ao longo deste Mestrado.

Este acolhimento foi possível em função de poder contar com uma secretaria extremamente preocupada com os assuntos acadêmicos, tendo um olhar para as necessidades específicas de cada aluno. As orientações recebidas pelo **PPGE**, cada e-mail atenciosamente respondido e as ansiedades baixadas com sutileza são motivos de gratidão.

Gratidão esta que estendo à **CAPES**, que investiu nesta pesquisa financeiramente, da mesma forma que a **PMC**, que dentro da **SME**, me concedeu licença remunerada para estudos pelo período de dois anos, viabilizando a realização deste trabalho.

Poder agradecer a todos que participaram desta pesquisa só é possível porque me foi dada a oportunidade de realizá-la ao ter sido a mim confiada a responsabilidade com a educação, o compromisso com a produção de conhecimento científico e a visão da possibilidade de ampliar o trabalho relacionado ao TDAH. E quem gentilmente me abriu estas portas foi minha orientadora **Profª Drª Denise de Camargo**. Nestes dois anos pude conhecer alguém que age com respeito acima de tudo e considera o ser humano que está a sua frente. Pude conviver em uma relação de compreensão e paciência com meus limites, sendo incentivada a aproveitar situações de desestabilização para avançar em meus conhecimentos. E a ela serei sempre grata.

Grata também sou por ter sido desestabilizada e motivada a aplicar o que aprendi com minha orientadora, a avançar em meus conhecimentos nos momentos de desequilíbrio. E quem me proporcionou isto foram os Professores

Doutores que formaram minha banca examinadora, agradeço ao **Dr. Marco Bessa**, **Profª Yara Bulgacov** e à **Profª Tânia Stoltz**.

Tive muito apoio, não somente nesta etapa, mas em todas de minha vida, de meus pais. Minha mãe **Iole Kot** e meu pai **José Paulo Kot** sempre se fizeram presentes para dar a ajuda que precisei e que me foi tão preciosa. Agradeço ao meu irmão **João Paulo Kot**, que sempre foi muito sincero ao dizer que meus planos dariam certo, e por me ajudar a tê-los planejado. Ter estas três pessoas em minha vida faz com que eu me orgulhe de minha base familiar e queira ser alguém que lhes dê orgulho.

O processo de construção de conhecimento é algo trabalhoso e cansativo. Para me revigorar, sempre me bastou estar em casa. Dividir, conversar e rir com meu esposo **Deividi Cavarzan** foi o remédio ideal para as ansiedades cotidianas. Agradeço pelo amor e carinho neste processo.

Por fim, pude compreender os relatos das mães participantes de maneira profunda porque me tornei mãe neste período. Minha filha **Amélie Lisa** me deu a sensibilidade que torna um trabalho único através do estabelecimento de relações empáticas e da oportunidade de descrevê-las com um olhar sensível. Por isto, e por perfumar os meus dias, agradeço a esta linda menina.

KOT, Daniele. **Relato da experiência de um grupo de apoio social com mães de crianças com TDAH e repercussões em suas práticas educativas.** Curitiba, 240p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

RESUMO

No município de Curitiba profissionais da área da saúde e da educação vêm produzindo e agregando conhecimento sobre as implicações do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no que diz respeito ao desenvolvimento e aprendizagem de crianças em idade escolar. Paralelamente a esta discussão científica, o conhecimento prático adquirido pelas famílias destas crianças tem grande relevância para auxiliar no delineamento dos resultados obtidos nesta trajetória de estudo. Para ouvir estas famílias, esta pesquisa analisou as repercussões que um grupo de apoio social teve nas práticas educativas de mães de crianças diagnosticadas com TDAH. Para tal, o presente trabalho embasa-se em uma revisão relacionada ao TDAH no contexto familiar e da Educação em Curitiba, percorre pelo conceito de prática na visão de diversos autores e parte para conceitos muito discutidos dentro da psicologia histórico cultural na perspectiva de Vigotski, autor que aponta o caminho teórico deste trabalho. O conceito de grupo de apoio social e exemplos desta prática foram expostos e dialogam com a proposta da pesquisa participativa. A realização do grupo de apoio social foi precedida pela entrevista inicial semi estruturada individual, e trouxe os seguintes tópicos que foram discutidos com as famílias: O relacionamento entre a família e a escola, comunicação e relacionamento familiar, apoio à criança nas atividades escolares e práticas educativas. As repercussões da participação no grupo de apoio social nas práticas educativas das mães participantes foram legitimadas por meio da análise de conteúdo por núcleos de significação a partir das falas das mães durante o processo de desenvolvimento do grupo de apoio social e de uma segunda entrevista semi estruturada individual realizada após o término dos encontros do grupo. Após a realização desta proposta, pôde-se, a partir dos pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação apreendidos, legitimar quais são as repercussões da participação em um grupo de apoio social quando ele é encarado como aliado do planejamento de práticas educativas de mães de crianças diagnosticadas com TDAH. Como resultado, averiguou-se que as repercussões foram positivas com relação às práticas, e aos significados atribuídos pelas mães às crianças e a elas mesmas, o que culminou em um contexto de vivência de sentimentos positivos e propícios para que as mães desempenhem seus papéis de mediadoras da auto-regulação do comportamento dos seus filhos.

Palavras-chave: TDAH. Psicologia Histórico Cultural; Pesquisa Participativa; Grupos de Apoio Social; Práticas Educativas.

ABSTRACT

In the city of Curitiba (PR) on Brazil professionals in the area of health and education have been producing and aggregating knowledge about implications of Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD) in relation to the development and learning of school-age children. In parallel with this scientific discussion, practical knowledge acquired by the families of these children is very important to assist in the design of the results obtained in this course of study. To listen to these families, this research analyzed the impact that a social support group had in the educational practices of mothers of children diagnosed with ADHD. For this, the present work was embased in a revision about ADHD in the context of family and education in Curitiba, runs through the concept of practice in the view of many authors and concepts of the Cultural-Historical Psychology are discussed in Vygotsky's perspective, author that points out the theoretical way of this work. The concept of social support groups and examples of this practice were exposed and are related with the proposal of participatory research. The realization of social support group was preceded by the initial semi structured interview, and brought the following topics that were discussed with the families: The relationship between family and school, communication and family relationships, child support in school activities and educational practices. The impact of participation in a social support group in the educational practices of mothers were legitimated by the content analysis by "core of meaning" from the reports of mothers during the process of social support group and a second semi structured interview applied after the end of the group's meetings. After the completion of this proposal, was possible, from the pre-indicators, indicators and "meaning core" legitimize what were the consequences of participation in a social support group when it is seen by the mothers as an ally of planning educational practices for children diagnosed with ADHD. As a result, it was established that the repercussions were positive related to practices, and meanings attributed by mothers to children and themselves, which culminated in a context of experience of positive feelings and suitable for mothers to play their mediating roles of self-regulation of behavior of their children.

Keywords: ADHD; Cultural-Historical Psychology; Participatory Research; Social Support Groups; Educational Practices.

LISTA DE APÊNDICES

A. Termo de consentimento livre e esclarecido.....	153
B. Roteiro de entrevista semi estruturada inicial.....	157
C. Registro do 1º Encontro: Entrevistas iniciais.....	157
C.1: Registro de entrevista inicial com Ni.....	157
C.2: Registro de entrevista inicial com Lavínia.....	162
C.3: Registro de entrevista inicial com Marjori.....	169
C.4: Registro de entrevista inicial com Gabriele.....	175
C.5: Registro de entrevista inicial com Laura.....	182
D. Registro do 2º Encontro: Introdução ao grupo de discussão.....	188
E. Registro do 3º Encontro: Relacionamento entre a família e a escola	192
F. Registro do 4º Encontro: Comunicação e relacionamento familiar...	196
G. Registro do 5º Encontro: Apoio à criança nas atividades escolares.	200
H. Registro do 6º Encontro: Práticas educativas.....	208
I. Slides sobre TDAH e práticas educativas.....	212
J. Registro do 7º Encontro: Discussão final.....	214
K. Roteiro de Entrevista semi estruturada final.....	218
L. Registro do 8º Encontro: Entrevistas individuais finais.....	218
L.1: Registro de entrevista final com Ni.....	218
L.2: Registro de entrevista final com Lavínia.....	221
L.3: Registro de entrevista final com Marjori.....	227
L.4: Registro de entrevista final com Gabriele.....	231
L.5: Registro de entrevista final com Laura.....	236

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Representação triangular básica de mediação.....	39
FIGURA 2: Caderno de registro dos encontros.....	76
FIGURA 3: 1º- Cartazes confeccionados pelas mães representando o TDAH em suas famílias.....	79
FIGURA 4: 2º- Cartazes confeccionados pelas mães representando o TDAH em suas famílias.....	87
FIGURA 5: Orientações para a dinâmica de grupo.....	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Medicamentos estimulantes de primeira escolha para tratamento do TDAH.....	24
QUADRO 2: Indicativo dos encaminhamentos para serviços especializados.....	29
QUADRO 3: Indicativo de alunos de inclusão por Regional no Município de Curitiba.....	30
QUADRO 4: Artigos que envolvem em específico o TDAH, famílias e grupos de apoio social.....	48
QUADRO 5: Informações apreendidas das entrevistas iniciais individuais.....	59

LISTA DE SIGLAS

ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção

ADP – Avaliação Diagnóstica Processual

APA – American Psychiatric Association

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CANE – Coordenadoria de Atendimento às Necessidades Especiais

DCM – Disfunção Cerebral Mínima

DSM-V - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5º Edition

E-R - Estímulo-resposta – Behaviorismo

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação

SME – Secretaria Municipal de Educação

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TOD – Transtorno Opositor Desafiador

UFPR - Universidade Federal do Paraná

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca científica eletrônica online)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Problemática.....	19
1.3 Pressupostos.....	19
1.4 Objetivo geral.....	20
1.4.1 Objetivos específicos.....	20
2. REVISÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.....	20
2.1.1 Tratamento.....	23
2.1.2 TDAH no contexto familiar.....	25
2.1.3 TDAH no contexto da educação em Curitiba.....	28
2.2 Prática, a tão citada prática.....	30
2.3 Teoria histórico cultural.....	35
2.3.1 Desenvolvendo a autorregulação.....	40
2.3.2 Significado e sentido	44
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	47
3.1 Grupos de apoio social e pesquisa participativa.....	47
3.2 Método qualitativo.....	53
3.3 Análise de conteúdo.....	53
3.3 Análise de conteúdo por núcleos de significação	54
3.4 Instrumento de pesquisa.....	56
3.5 Amostragem por conveniência.....	57
3.6 Critério de elegibilidade.....	57
3.7 Aspectos éticos.....	57
4. RELATO DOS ENCONTROS DO GRUPO DE APOIO SOCIAL	57
“EXPERIÊNCIAS TDAH”	
4.1 1º Encontro: Entrevistas individuais iniciais.....	59
4.2 2º Encontro: Introdução ao grupo de discussão.....	75
4.3 3º Encontro: Relacionamento entre a família e a escola.....	80
4.4 4º Encontro: Comunicação e relacionamento familiar.....	87
4.5 5º Encontro: Apoio à criança nas atividades escolares.....	93
4.6 6º Encontro: Práticas educativas.....	96

4.7 7º Encontro: Discussão final.....	100
4.8 8º Encontro: Entrevistas individuais finais.....	103
5. PERCEPÇÃO DAS MÃES SOBRE O GRUPO “EXPERIÊNCIAS TDAH”.....	109
5.1 Momentos mais marcantes.....	109
5.2 Expectativas e realidade.....	110
5.3 Impressões sobre o grupo de apoio social.....	113
6. PRÉ INDICADORES, INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO APREENDIDOS NO PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO GRUPO DE APOIO SOCIAL.....	115
6.1 Pré-indicadores e indicadores apreendidos das entrevistas individuais iniciais.....	115
6.2 Indicadores e núcleos de significação apreendidos das entrevistas individuais iniciais.....	121
6.3 Pré-indicadores e indicadores apreendidos do grupo de apoio social “Experiências TDAH” a partir das intervenções do moderador.....	123
6.4 Indicadores e núcleos de significação apreendidos do grupo de apoio social “Experiências TDAH” a partir das intervenções do moderador.....	128
6.5 Pré-indicadores e indicadores apreendidos das entrevistas individuais finais após as intervenções realizadas pelo moderador no grupo de apoio social.....	131
6.6 Indicadores e núcleos de significação apreendidos das entrevistas individuais finais após as intervenções realizadas pelo moderador no grupo de apoio social.....	137
7. ANÁLISE DAS REPERCUSSÕES DO GRUPO DE APOIO SOCIAL.....	139
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICES.....	153

1. INTRODUÇÃO

Querem que vos ensine o modo de chegar à ciência verdadeira? Aquilo que se sabe, saber que se sabe; aquilo que não se sabe, saber que não se sabe; na verdade é este o saber (Confúcio, 551 a.C – 479 a.C).

Palavras sábias têm o poder inestimável de explicar as mais complexas questões inerentes às condições de viver humanas, de forma simples. O provérbio chinês citado praticamente nos obrigada a pensar no que significa a real apreensão de conhecimento, e ele de fato explica o que isto significa, sucintamente. Certamente este provérbio obteve seu formato definitivo e toda sua simplicidade depois de muita reflexão, organização e reorganização de ideias e escolha de palavras, levando em consideração as limitações e potencialidades de quem iria se deparar com esta definição. Eu me deparei com esta definição. E a partir dela, reforcei a premissa de que só posso avançar na aquisição de conhecimentos se eu reconhecer as minhas limitações e potencialidades, da mesma forma que Confúcio fez comigo, mesmo sem pensar que mais de 2.500 anos depois eu estaria lendo e refletindo sobre sua apreensão do conceito de “saber” e a propagando para outros.

2.500 anos depois, estou aqui, para introduzir uma pesquisa realizada a partir do olhar da educação, olhar pedagógico, que trabalhou com os saberes e os não saberes, a busca por conhecimento e as dificuldades em alcançá-lo provindas de características muito peculiares de cada pessoa. Eu sou pedagoga, e dentro do trabalho de investigação das repercussões que um grupo de apoio social teve nas práticas educativas de mães de crianças diagnosticadas com TDAH, não perdi minha especificidade de pedagoga. Neste trabalho, busquei que as mães encontrassem o que confrontar em suas práticas educativas, reconhecendo o que se fazia necessário aprimorar em seus papéis formativos. E realmente, somente depois que as mães tomaram consciência de seus saberes adquiridos ao longo de suas trajetórias como mães é que elas puderam reconhecer o que lhes faltava para continuar a agir nesta atribuição, mediando práticas que possibilitassem o desenvolvimento da auto-regulação²⁴ do comportamento dos filhos.

²⁴ Conceito de auto-regulação no capítulo “2.3.2 Desenvolvimento da auto-regulação” deste trabalho.

Para atingir este objetivo, neste trabalho não se intencionou discutir a veracidade dos diagnósticos de TDAH, ou mesmo dar o diagnóstico, pois esta não é a especificidade da pedagogia. Todo o desenvolvimento da proposta parte da proposição de práticas, o pedagogo é o profissional que constrói um ambiente social de aprendizagem a partir de um olhar sensível para que as crianças, adolescentes e adultos se beneficiem destas práticas pedagógicas. Por isso, tendo em mãos o diagnóstico de cada criança o que se apresenta neste trabalho é a forma como, através das mães destes meninos, as condições formativas às quais eles têm acesso foram aprimoradas. E isto se deu em função do impacto que o planejamento das intervenções do mediador, das minhas intervenções, causou nas mães participantes do grupo de apoio social realizado.

Reconhecendo as especificidades de cada área, defendo um trabalho multidisciplinar no atendimento de crianças com TDAH, pois somente a partir da inclusão desta criança em um ambiente de acompanhamento de psicólogos, pedagogos, psicanalistas, médicos, etc. é que a criança pode ser vista de maneira global e, neste contexto são levadas em consideração suas características pessoais, históricas, sociais e culturais e que lhe constituem integralmente como pessoa em processo de crescimento, descoberta e construção de seu eu. Tudo que constitui o sujeito são características importantíssimas de serem reconhecidas desde a infância e que muitas vezes não vêm à consciência de quem as possui até mesmo na fase adulta. E foi por intermédio das intervenções do moderador que a falta de conhecimento das mães de suas próprias potencialidades e limitações puderam ser reconhecidas por elas e trabalhadas, visando um melhor atendimento formativo para seus filhos com consciência das atribuições que este atendimento demanda.

1.1 JUSTIFICATIVA

Trabalhando em uma Escola Municipal da Rede de Ensino de Curitiba, na função de orientadora educacional, realizam-se, diariamente, diversas reuniões com pais de alunos, dentre estes, das crianças diagnosticadas com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, o polêmico TDAH. Nestas reuniões constata-se a partir dos relatos dos pais que eles não sabem o que fazer diante do comportamento de seus filhos. Comportamentos esses, que vem se

perpetuando muitas vezes desde a Educação Infantil, o que gera um desgaste por parte dos pais, que já há anos dirigem-se até as Escolas para participar de reuniões com os profissionais da Educação.

Após estas reuniões, que geralmente são curtas devido à imensa demanda de trabalho na Escola, os pais relatam que não conseguem lidar com as “reclamações” que ouviram, e assumem comportamento de esquiva e até mesmo agressivo com aqueles que vivem a lhes convocar para estas reuniões. Este comportamento dos pais vem, frequentemente, acompanhado do discurso de que eles não entendem o que quer dizer “este tal de diagnóstico, desse tal de neurologista, desse tal de TDAH”... E realmente, como trabalhar com as crianças sem entender qual é o problema?

Diante deste quadro, verifica-se que os pais e responsáveis não têm um local para se reunir e de fato serem atendidos com tempo adequado por um profissional, e poder esclarecer dúvidas sobre o desempenho e comportamento de seus filhos. É necessário um espaço para que estas famílias possam trocar experiências com outros pais de crianças diagnosticadas com TDAH, e que neste espaço seja viabilizada a discussão acerca da importância para a escola e família de estarem trabalhando de maneira integrada. A partir destas averiguações, é que foi legitimado um espaço para a prática de grupo de apoio social²⁶ e posteriormente foi analisada a importância deste espaço para o aprimoramento de práticas educativas dos participantes, no caso, das mães.

Este grupo de apoio social teve como foco de discussão o TDAH, que é um tema muito discutido na atualidade. Poucos assuntos assumem relevância em diversas áreas, sendo foco de discussão e reflexão como é o caso do TDAH, que é discutido tanto na área da educação quanto na área da saúde, e tem a necessidade de ser estudado e aprofundado nestes âmbitos.

Percebe-se que o TDAH é encarado como um transtorno que muitas vezes justifica suas consequências em função de ser tratado de maneira puramente orgânica e medicamentosa. Segundo Moysés (2001, apud MEIRA, 2012), a medicalização é o processo por meio do qual são deslocados para o campo médico problemas que fazem parte do cotidiano dos indivíduos, convertendo questões de origem social e política em questões biológicas. Assim,

²⁶ Ler capítulo “3.1 Grupos de apoio social e pesquisa participativa” para aprofundamento relacionado aos grupos de apoio social.

as famílias que entram na dinâmica da medicalização dos seus filhos, acabam reféns dos remédios por acreditarem que trarão a solução para o que estão passando. Dessa forma, não buscam informações para agir em meio a esta situação, o que é um equívoco, pois não se pode querer transformar problemas de viver em sintomas de doenças ou explicar a subjetividade humana pela via estrita dos aspectos orgânicos (MEIRA, 2012).

Estando imersos no contexto que envolve a utilização de medicamentos, o grupo de apoio social se justifica como forma de ceder espaço para que as mães conversassem sobre esta utilização, e pudessem refletir sobre o momento que estão enfrentando, sem ser simplesmente pacientes²⁷ deste processo. Esperava-se que se pudesse questionar a utilização apenas do medicamento e pensar se ele implica na transformação de uma função superior, como a atenção e o controle voluntário do comportamento, em algo puramente biológico. O grupo cedeu espaço para que as mães pudessem encarar os aspectos que dizem respeito ao comportamento de seus filhos como resultado da apropriação dos signos da cultura, possibilitada pela constante mediação de outros homens (EIDT & TULESKI, 2010).

Estas reflexões são necessárias quando nos deparamos com a realidade das escolas municipais de Curitiba. Embora sejam necessárias independente do contexto, são especialmente importantes quando envolvem mães que vivem intensamente o que é ser e conviver com uma criança diagnosticada com TDAH.

Este é um transtorno reconhecido na área médica, e em função de suas características, é indicado como merecedor de especial atenção por parte daqueles que tem contato direto com a criança, ou seja, a comunidade em geral, envolvendo a família e a escola. No âmbito escolar, a criança diagnosticada deve receber o atendimento que é pertinente à Educação Especial, que engloba todas as crianças que enfrentam barreiras de acesso à escolarização ou de acesso ao currículo, que levam ao fracasso escolar e à exclusão, como é o caso de crianças com TDAH (FERREIRA, 2005). Ainda sobre a questão de a criança com TDAH

²⁷ Vem do latim "patientem": o que sofre, o que padece. Este sentido primitivo pode ser encontrado também na Gramática, onde dizemos que, na voz passiva, o sujeito que "sofre" a ação do verbo é o "sujeito paciente". É um vocábulo de dupla significação: ao mesmo tempo que indica aquele que sabe esperar, sem pressa, o curso dos acontecimento, significa também o que está sob o tratamento de algum médico ou hospital. Extraído de: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/paciente>. A intenção é que os pais não aguardem pacientemente que façam por eles, mas que participem ativamente.

ter necessidade dos atendimentos oferecidos para a Educação Especial, DuPaul & Stoner (2007, apud PRETTE & ROCHA, 2010) dissertam o seguinte:

Com relação à educação formal, as crianças com TDAH constituem, reconhecidamente, um grupo de crianças que apresenta necessidades educacionais diferenciadas e que, portanto, requer um atendimento educacional especializado. As características peculiares por elas apresentadas, tais como o breve período de atenção, o alto nível de atividade e o limitado controle de impulsos, restringem sua capacidade de atender às demandas exigidas pela escola nas atividades acadêmicas e sociais. Por exemplo, o alto nível de atividade pode desviar a atenção da criança às instruções e, assim, minimizar a “conquista” da informação acadêmica, ou elas podem tomar decisões apressadas demais nas tarefas, prejudicando seu desempenho independente (DU PAUL & STONER, p.34, 2007).

Embora haja argumentos suficientes para que a criança com TDAH seja atendida de maneira especial, com um número reduzido de alunos, não é o que ocorre no município de Curitiba. A educação inclusiva tem apoio da CANE, que é a Coordenadoria de Atendimento às Necessidades Especiais. Sua finalidade é coordenar processos referentes à orientação e ao atendimento de educandos na Rede Municipal de Ensino que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, transtorno de conduta e necessidades educacionais específicas com base nos fundamentos da educação inclusiva e dos eixos norteadores das diretrizes da Secretaria Municipal da Educação.²⁸

Nos reportando às Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba, no Volume 4 que envolve a Educação Especial e Inclusiva, encontramos a seguinte definição:

Conforme a Resolução CNE/CEB n.º 02/2001, no seu art. 5.º, consideram-se estudantes com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem: I – dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos: a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica; (dificuldades específicas, como a dislexia e disfunções correlatas. Problemas de atenção e de memória, problemas perceptivos, emocionais, cognitivos, psicolinguísticos, psicomotores, motores, comportamentais e

²⁸ Extraído do Portal da Cidade do Conhecimento

<http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/coordenadoria-de-atendimento-as-necessidades-especiais/3790>.

ainda ecológicos, socioeconômicos, socioculturais, nutricionais e socioambientais).

Embora seja explícito que problemas de atenção, como o caso do TDAH, estejam inclusos na educação especial²⁹, nas escolas as crianças diagnosticadas recebem atendimento especializado somente fora da escola, e em função do grande número de alunos por sala, não conseguem ter de seus professores a atenção adequada, e não são considerados alunos de inclusão. Muitos estudantes são diagnosticados com o TDAH³⁰, o que nos leva a refletir no porquê de eles não serem considerados estudantes que necessitam da redução do número de alunos por turma.

Sem dúvidas este é um fator estressor tanto para o professor, que vive a se queixar por não estar dando conta da criança diagnosticada e nem dos outros alunos, quanto para a família, que recebe estas queixas. No que diz respeito à família, conversar sobre este estresse com as mães, trocar experiências, informações e práticas desenvolvidas, pode ser especialmente valioso no planejar dessas práticas educativas, e o grupo de apoio social pretendeu oferecer o espaço que visava conferir segurança às mães em seus papéis formativos.

1.2 PROBLEMÁTICA

Quais são as repercussões de um grupo de apoio social nas práticas educativas de mães de crianças diagnosticadas com TDAH?

1.3 PRESSUPOSTOS

- Mães de crianças diagnosticadas com TDAH sentem-se envergonhadas e tem a autoestima baixa por não saberem como lidar com a situação;
- Mães de crianças com TDAH nem sempre tem clareza do que este diagnóstico significa e não sabem como lidar com as orientações que recebem;

²⁹ Quadro 2.

³⁰ Quadro 3.

- A participação em um grupo de apoio social faz com que as mães se sintam mais como protagonistas ao exercer práticas educativas com seus filhos, do que como pessoas que simplesmente esperam orientação;
- Como resultado da participação em um grupos de apoio social, mães sentem-se fortalecidas e seguras na orientação aos seus filhos.

1.4 OBJETIVO GERAL

Analisar as repercussões de um grupo de apoio social nas práticas educativas de mães de crianças diagnosticadas com TDAH.

1.4.1 Objetivos específicos

- Investigar os significados que as mães manifestam sobre seus filhos diagnosticados com TDAH e sobre elas mesmas;
- Investigar os sentimentos vivenciados no contexto do TDAH;
- Observar de que forma as relações familiares influenciam as práticas educativas das mães de crianças com TDAH;
- Propiciar um espaço de trocas de experiências e conhecimento sobre práticas educativas;
- Averiguar as mudanças nos sentimentos que as mães passam a vivenciar após a participação no grupo de apoio social;
- Verificar as mudanças nos significados que as mães manifestam sobre seus filhos e sobre elas mesmas depois de participarem do grupo de apoio social.

1. REVISÃO TEÓRICA

2.1 Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

Para que a leitura deste relato seja proveitosa desde o início, é pertinente que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade seja conceituado

cientificamente e situado no contexto de inserção no âmbito familiar e da Educação em Curitiba.

Para conceituar o transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, o TDAH, é imprescindível trazer a fonte na qual os profissionais da área da saúde se embasam para realizar o diagnóstico deste transtorno, que atualmente é o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-5 que foi atualizado recentemente, em 2014. Neste material, constam como critérios diagnósticos a verificação de um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento e no desenvolvimento. Esta interferência é descrita através da exemplificação de sintomas de adultos e crianças com o transtorno, envolvendo tanto a desatenção quanto a hiperatividade-impulsividade. Seis dos sintomas trazidos abaixo, no caso das crianças, devem estar persistindo por no mínimo seis meses para diagnosticar a desatenção, o que se configura na apresentação predominantemente desatenta:

- a. Frequentemente não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido em tarefas escolares, no trabalho ou durante outras atividades (p. ex., negligencia ou deixa passar detalhes, o trabalho é impreciso).
- b. Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas (p. ex., dificuldade de manter o foco durante aulas, conversas ou leituras prolongadas).
- c. Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente (p. ex., parece estar com a cabeça longe, mesmo na ausência de qualquer distração óbvia).
- d. Frequentemente não segue instruções até o fim e não consegue terminar trabalhos escolares, tarefas ou deveres no local de trabalho (p. ex., começa as tarefas, mas rapidamente perde o foco e facilmente perde o rumo).
- e. Frequentemente tem dificuldade para organizar tarefas e atividades (p. ex., dificuldade em gerenciar tarefas sequenciais; dificuldade em manter materiais e objetos pessoais em ordem; trabalho desorganizado e desleixado; mau gerenciamento do tempo; dificuldade em cumprir prazos).
- f. Frequentemente evita, não gosta ou reluta em se envolver em tarefas que exijam esforço mental prolongado (p. ex., trabalhos escolares ou lições de casa; para adolescentes mais velhos e adultos, preparo de relatórios, preenchimento de formulários, revisão de trabalhos longos).
- g. Frequentemente perde coisas necessárias para tarefas ou atividades (p. ex., materiais escolares, lápis, livros, instrumentos, carteiras, chaves, documentos, óculos, celular).
- h. Com frequência é facilmente distraído por estímulos externos (para adolescentes mais velhos e adultos, pode incluir pensamentos não relacionados).

i. É muitas vezes esquecido em atividades diárias (por exemplo, fazer tarefas escolares) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Nos casos em que a hiperatividade-impulsividade está associada ao quadro diagnóstico de desatenção, se configurando em uma apresentação combinada, as crianças com o transtorno devem apresentar nos últimos seis meses pelo menos seis dos sintomas descritos abaixo junto dos que foram descritos acima. Caso se manifestem somente os sintomas de hiperatividade-impulsividade, o diagnóstico será de apresentação predominantemente hiperativa/impulsiva:

- a. Frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira.
- b. Frequentemente levanta da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado (p. ex., sai do seu lugar em sala de aula, no escritório ou em outro local de trabalho ou em outras situações que exijam que se permaneça em um mesmo lugar).
- c. Frequentemente corre ou sobe nas coisas em situações em que isso é inapropriado. (Nota: Em adolescentes ou adultos, pode se limitar a sensações de inquietude.)
- d. Com frequência é incapaz de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente.
- e. Com frequência “não para”, agindo como se estivesse “com o motor ligado” (p. ex., não consegue ou se sente desconfortável em ficar parado por muito tempo, como em restaurantes, reuniões; outros podem ver o indivíduo como inquieto ou difícil de acompanhar).
- f. Frequentemente fala demais.
- g. Frequentemente deixa escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída (p. ex., termina frases dos outros, não consegue aguardar a vez de falar).
- h. Frequentemente tem dificuldade para esperar a sua vez (p.ex., aguardar em uma fila).
- i. Frequentemente interrompe ou se intromete (p. ex., mete-se nas conversas, jogos ou atividades; pode começar a usar as coisas de outras pessoas sem pedir ou receber permissão; para adolescentes e adultos, pode intrometer-se em ou assumir o controle sobre o que outros estão fazendo). (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Nesta nova edição do DSM-5, os sintomas devem ser percebidos antes dos 12 anos de idade, diferentemente do DSM-IV que trazia a faixa etária de 7 anos como sendo a mínima para que os sintomas pudessem ser diagnosticados. O DSM-5 também traz como critério diagnóstico que os sintomas estejam presentes em pelo menos dois ambientes e que eles interfiram ou reduzam a qualidade do funcionamento social e acadêmico, sem que estes sintomas

apareçam somente na ocorrência de outros transtornos ou esquizofrenia, sendo melhor explicado em função deles (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

2.1.1 Tratamento

“Diria (aos pais) que o diagnóstico não é o espelho do seu filho, é só um instrumento, um elemento prático que orienta algumas tomadas de decisões. Diria para se cercar de profissionais que entendam da técnica, mas que também tenham uma visão global do seu filho, que vá além dos critérios estabelecidos no consensos norte-americanos.”
(Dr. Mario Eduardo Costa Pereira, 2014)

Este é um trecho da entrevista que o Dr. Mario Eduardo Costa Pereira concedeu à Folha de S. Paulo com o título “Remédio não basta para hiperatividade, diz médico”. Falar sobre o tratamento para o Transtorno de Déficit de Atenção é partir da ideia de que o diagnóstico não é um fator que define a criança, mas que ele vai auxiliar na definição do tratamento, que não envolve somente a medicalização da patologia.

Segundo o portal da ABDA (Associação Brasileira de Déficit de Atenção e Hiperatividade) o tratamento do TDAH deve ser multimodal, ou seja, uma combinação de medicamentos, orientação aos pais e professores, além de técnicas específicas que são ensinadas ao portador, e é ressaltado o fato de que a medicação, na maioria dos casos, faz parte do tratamento, junto de atendimento psicoterápico, que é atribuição exclusiva de psicólogos, para auxiliar nos sintomas do TDAH. No caso da utilização de medicamentos, são elencadas até 6 escolhas de grupos de estimulantes e antidepressivos. No quadro abaixo estão os medicamentos estimulantes de primeira escolha, que são comumente utilizados pelos estudantes das escolas municipais de Curitiba:

MEDICAMENTOS RECOMENDADOS EM CONSENSOS DE ESPECIALISTAS			
NOME QUÍMICO	NOME COMERCIAL	DOSAGEM	DURAÇÃO APROXIMADA DO EFEITO
PRIMEIRA ESCOLHA: ESTIMULANTES (em ordem alfabética)			
Lis-dexanfetamina	Venvanse	30, 50 ou 70mg pela manhã	12 horas
Metilfenidato (ação curta)	Ritalina	5 a 20mg de 2 a 3 vezes ao dia	3 a 5 horas
Metilfenidato (ação prolongada)	Concerta	18, 36 ou 54mg pela manhã	12 horas
	Ritalina LA	20, 30 ou 40mg pela manhã	8 horas

Quadro 1: Medicamentos estimulantes de primeira escolha para tratamento do TDAH. *Extraído de:* <http://www.tdah.org.br/sobre-tdah/tratamento.html>

Sobre a utilização de medicamentos, a entrevista citada sobre sua utilização traz o contexto do excesso de sua indicação, a tal ponto que a Prefeitura de São Paulo restringiu o acesso aos medicamentos dentro de determinados contextos. Para o Dr. Mário Eduardo esta foi uma medida saudável por alertar sobre a banalização da medicalização. Segundo ele, este processo deve ser encarado em sua complexidade refletindo se é normal dar Ritalina às crianças cada vez mais cedo só porque um consenso americano diz que é assim. Ainda, se coloca no sentido de que é a favor da medicação e relata o seguinte sobre o TDAH:

Fazer disso um problema de saúde pública, dizer que uma em cada 20 crianças precisa de Ritalina, é outra história. Não posso só fazer o diagnóstico, prescrever metilfenidato (medicamento) e um abraço. Tem que ver o que está acontecendo com a família, com a escola e com a sociedade. Está faltando clínica psiquiátrica. Volto a dizer: minha posição não é antipsiquiatria, sou contra a psiquiatria acrítica (2014).

E é a partir desta visão sobre o TDAH, que encara o transtorno não somente em suas origens biológicas, mas também sociais, históricas e culturais, que o presente trabalho se embasa. Não visa criticar ou fazer apologia à utilização de medicamentos, mas assumir que todo tipo de atendimento, seja medicamentoso ou não, se for indicado de maneira competente e adequada às necessidades de cada indivíduo, irá trazer benefícios para a criança diagnosticada com TDAH.

2.1.2 TDAH no contexto familiar

Quando nos remetemos à literatura em busca de definição da terminologia TDAH, o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é caracterizado por um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade/impulsividade, que é mais frequente e grave do que é tipicamente observado em indivíduos no nível comparável de desenvolvimento (AMARAL & GUERREIRO, 2001). Esta premissa vem servindo de base para o diagnóstico das crianças com as quais trabalho na rede pública de ensino, e o rótulo é legitimado em função de ser especificado no âmbito médico e identificado neste meio. Digo rótulo, pois no cotidiano escolar o diagnóstico não é encarado como um auxiliar da escolha de tratamentos adequados, mas é uma forma de justificar as incapacidades do diagnosticado. O comportamento diferenciado destas crianças, que por vezes é classificado como uma síndrome, forma a clássica tríade sintomatológica, e independente do sistema classificatório utilizado, as crianças com TDAH são facilmente reconhecidas em clínicas, escolas e em casa (RHODE, 2004).

Ler definições como estas passam despercebidas aos olhos de alguns, mas chamam a atenção para os olhares mais atentos. Até mesmo porque é isto o que está acontecendo. Assim como foi citado no excerto acima, as crianças com TDAH *são facilmente reconhecidas em clínicas, escolas e em casa*, e com esta mesma facilidade, são encaminhadas a especialistas que facilmente irão lhes atribuir diagnósticos que lhes marcarão pelo resto de suas vidas. Ao longo de minha experiência na área da Educação, nunca vi um médico neurologista, que é o profissional que atribui os diagnósticos dentro da rede municipal de Educação de Curitiba visitar um aluno em qualquer uma das escolas pelas quais

passei, e mesmo assim, seus pacientes saíram com este novo rótulo. Os diagnósticos são dados a partir dos relatos que chegam às mãos dos médicos, vindos dos pais e de relatórios elaborados pelos professores e pedagogos, e de dentro de seus consultórios e após alguns momentos com a criança, o diagnóstico de TDAH é facilmente tatuado nos corpos deste pequeno ser, junto da receita que dará início ao uso da medicação.

Embora eu tenha ressalvas com relação a estes diagnósticos e ao uso de medicamentos para controle do comportamento diante de um diagnóstico que pode não ter sido feito de maneira competente, neste trabalho não intenciono me aprofundar no que é motivo de dúvida, pelo contrário, registrarei em benefício dela e partirei dos discursos e diagnósticos apresentados para dar início à realização do grupo de apoio social com as mães. Desta forma, somente irei revogar o benefício da dúvida dado neste momento no que pretendo ser um outro estudo.

O que acontece com o saber da educação ou com o não-saber face aos corpos que não param? O que acontece com nós, os educadores, que não somos donos da nossa própria voz? Corpos que não param... São falas? Ou, talvez, gritos que se manifestam através de um quase contínuo movimento. Olho para eles e vejo não uma doença a ser diagnosticada, mas sujeitos que contam sobre si em movimento. Corpos que denunciam e enunciam os sujeitos (FREITAS, p. 37, 2011).

Estes *corpos que não param* são pauta para reuniões pedagógicas, são motivo para levar bronca de professor, criança sem sorvete no final de semana e noites mal dormidas de mães em toda a cidade, bem como conflitos entre os próprios pais em função da criação dos filhos e até mesmo com os outros filhos, que ficam enciumados com a atenção dada ao irmão. E esses episódios ocorrem justamente pela forma como estes corpos, este comportamento é encarado, pois as crianças com TDAH não são vistas como narradoras de suas histórias e que deixam transparecer o que está por dentro. Esquece-se que o comportamento é reflexo de algo que desesperadamente se quer dizer. Este esquecimento suscita na mudança de comportamento de outras pessoas também, pois pouco a pouco, os pais conformam-se com a ideia superficial da existência de um transtorno, aprofundam e internalizam esta ideia, e passam a agir de maneira diferenciada de outros pais, que não passam pela mesma situação. Eles passam também a terem tatuado em seus corpos o estigma de serem pais de crianças problemáticas.

Quando converso com esses pais em reuniões, eles trazem algumas reclamações, dentre estas, com frequência é narrada a dificuldade no tratamento. Em um estudo realizado com famílias na mesma situação, essas mesmas dificuldades foram observadas:

Neste estudo, muitas das dificuldades que foram relatadas funcionam como empecilhos que se colocam entre o desejo dos pais de ver seus filhos em tratamento e a viabilidade deste. Os temas que se destacaram foram; (a) os custos relativos aos medicamentos e aos profissionais de saúde; (b) as interrupções, a ineficiência e a dificuldade de acesso ao atendimento nas instituições públicas; (c) o desconhecimento a respeito do TDAH por profissionais de saúde e de educação; e (d) a falta de orientação às famílias para a lida com o transtorno (RIBEIRO, p. 75, 2008).

Não é somente a situação do TDAH que assombra as famílias, mas todas as dificuldades que vem na bagagem do diagnóstico, que deveria ser encarado como um avanço na compreensão do comportamento do filho. Por maior que seja a boa vontade em fazer o melhor para o filho, não são oferecidas condições para que ele tenha o atendimento necessário, e não somente o atendimento, não há orientações precisas do que fazer para auxiliar esta criança no âmbito familiar, pois como foi relatado, os pais percebem que há desconhecimento a respeito do TDAH por profissionais de saúde e da educação.

No mesmo estudo citado acima, o TDAH aparece como um elemento que provoca a sensação de impotência por parte dos pais, pois ao me remeter à transcrição dos relatos realizados, a expressão “nada adianta” apareceu várias vezes. A autora traz a definição de Barkley (p. 126, 2002, apud RIBEIRO, p. 79, 2008) para explicar a frustração na criação dos filhos, como sendo uma “impotência aprendida”. Quando este cenário é instaurado, pode-se estabelecer um tipo de relação entre pais e filhos, em que os pais desistem de educar seus filhos, alternando entre ignorar ou punir severamente os comportamentos de acordo com seu estado de humor (RIBEIRO, p.79, 2008). Esta instabilidade na prática educativa também pode ser analisada em função da insegurança que os pais têm diante de não saber lidar com a situação, como mostra o excerto abaixo:

Poucas vezes os pais se mostraram convictos de que a estratégia disciplinar por eles utilizada fosse correta e/ou eficaz. Na maioria dos casos os pais se mostraram confusos, desapontados, frustrados e inseguros com suas tentativas de conduzir a educação dos filhos. Parece-nos que os pais que não têm informações sobre o TDAH tendem a considerar que suas atitudes estão corretas, mas pensam que os filhos não

respondem adequadamente. Já aqueles que têm alguma informação entendem que precisam aprender novas maneiras de lidar com a criança, mas ainda não sabem o que fazer (RIBEIRO, p. 121, 2008).

Estes relatos demonstram que uma criança com TDAH não enfrenta sozinha um turbilhão de instabilidades emocionais, mas que vem acompanhada de uma série de fantasmas que surgem ao lado de seus pais, que não estavam preparados para educar em circunstâncias tão desafiadoras. Tanto quanto a criança, as mães que participaram do grupo de apoio social precisavam de orientação e de serem colocadas novamente no papel de formadoras. Essas mães precisavam ver que não há vergonha em sentir insegurança, mas que há a necessidade de buscar auxílio para fazer deste sentimento o propulsor da assunção de práticas educativas eficientes.

2.1.3 TDAH no contexto da educação em Curitiba

A SME (Secretaria Municipal de Educação) vem trabalhando com seus profissionais visando o estudo e legitimação de uma postura formativa em prol da equidade na educação. Quando se fala no termo equidade, partimos do pressuposto de que se trata de oferecer condições específicas para cada aluno, de forma que todos alcancem o mesmo patamar e contem com as mesmas armas educacionais no que refere às conquistas acadêmicas. O Projeto de Equidade na Educação traz o seguinte excerto dissertando a respeito da equidade:³¹

O princípio da equidade não deve ser tomado como sinônimo de igualdade. A igual distribuição da educação só reproduz as desigualdades sociais já existentes. Assim, equidade educacional significa disponibilizar a todos e a cada um o necessário para sua emancipação social. As experiências e vivências, decorrentes das desiguais condições socioeconômicas e culturais, não colocam os indivíduos e grupos sociais em iguais condições de partida do percurso de escolarização. Logo, a trajetória acadêmica destes certamente será marcada por atraso ou por aquisições escolares menos qualificadas e mais precarizadas. Nessa direção, Crahay (2002, p. 49, 50) afirma que “como as situações e as capacidades dos indivíduos não são idênticas à partida, nada mudaria ao oferecer-se a todos os mesmos direitos e as mesmas condições de existência”. Assim, oferecer o mesmo a todos não garante o

³¹ Texto adaptado da Semana de Estudos Pedagógicos de 2014 da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba;

direito, ao contrário, caracteriza-se pela injustiça social (p. 9, 2015)

Ao lermos esta premissa na qual se embasa a postura da atual gestão educacional do município de Curitiba, podemos nos aprofundar nas ações que são realizadas com aqueles estudantes que necessitam de atendimento especializado.

Em nosso município, os casos mais severos de defasagem educacional e de necessidades especiais são inclusos na Educação Especial, e atendidos neste âmbito. Quando os profissionais da escola identificam alguma criança com estas características, ela é encaminhada para que seja realizada uma avaliação com diversos profissionais, e neste caso, em parceria com a escola. Para que esta avaliação ocorra, existem unidades de atendimento especializado distribuídas nos nove núcleos regionais de Curitiba,³² que trarão como resultado a ADP³³ do aluno. Em alguns casos, a criança é encaminhada para que frequente uma das três escolas especiais de nosso município³⁴. Quando a criança está apta para continuar no ensino regular, mas necessita de atendimento especializado, ela pode contar com diversos profissionais. Estes são os dados mais recentes de atendimentos em Curitiba:

	FONOAUDIO-LOGIA	PSICOLOGIA	PEDAGOGIA	REEDUCAÇÃO VISUAL	REEDUCAÇÃO AUDITIVA	SALA DE RECURSO	NÚCLEO
ESTUDANTES MATRICULADOS	544	302	2032	417	0	190	PR
	316	160	0	178	180	291	PN
	363	397	1322	1034	0	350	MZ
	262	362	1047	112	133	0	BQ
	242	481	1271	334	331	0	CJ
	206	449	810	110	0	0	SF
	250	167	943	158	198	0	BV
	185	133	771	68	87	0	BN

Quadro 2: Indicativo dos encaminhamentos para serviços especializados. Dados da Secretaria Municipal de Educação, 2014.

Destes alunos que frequentam o ensino regular e realizam atendimentos, alguns são considerados alunos de inclusão, recebendo atendimento diferenciado em sala de aula, podendo ter redução do número de alunos por

³² Boqueirão, Bairro Novo, Boa Vista, CIC, Cajuru, Matriz, Portão, Pinheirinho e Santa Felicidade;

³³ A Avaliação Diagnóstica Processual é um instrumento construído em um trabalho multiprofissional, que serve de base para desenvolvimento pedagógico posterior tanto na escola, quanto em ambiente especializado;

³⁴ Escolas Municipais Especiais de Curitiba: E.M Ali Bark, E.M Helena Wladimirna Antipoff e E.M Tomaz Edison de Andrade Vieira.

turma, de um a cinco, de acordo com a necessidade. Estes são os números atuais em Curitiba:

ALUNOS DE INCLUSÃO POR NÚCLEO REGIONAL	
BAIRRO NOVO	249
BOQUEIRÃO	167
BOA VISTA	234
CIDADE INDUSTRIAL	306
CAJURU	200
MATRIZ	74
PINHEIRINHO	264
PORTÃO	241
SANTA FELICIDADE	138
TOTAL	1873

Quadro 3: Indicativo de alunos de inclusão por Regional no Município de Curitiba. Dados da Secretaria Municipal de Educação, 2014.

Cabe ressaltar que alunos com TDAH não são considerados estudantes de inclusão, portanto, não entram nestes números. Não fazem parte dos alunos com necessidade de redução de estudantes por turma. Dados atuais³⁵ indicam que dos 97.865 alunos matriculados no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, 924 foram diagnosticados com TDAH, sendo que destas crianças, 292 tem dislexia associada ao quadro.

Saber que estes estudantes não estão inseridos em um ambiente no qual possam ter atenção especial, com menos alunos, nos leva a questionar se de fato estão recebendo *mais* que os outros alunos, para que a proposta de equidade na educação seja alcançada e estes alcancem os mesmos objetivos acadêmicos que as demais crianças terão condições de alcançar.

Ter conhecimento destes dados é primordial para contextualização do universo no qual foi realizado o grupo de apoio social.

2.2 Prática, a tão citada prática...

O trabalho realizado com o grupo de apoio social, propiciando um espaço de trocas de experiências e conhecimento sobre práticas educativas, partiu do entendimento destas práticas como sendo a forma de condução do ensino de um determinado tema. Deste modo, os objetos utilizados para esse fim, quais os envolvidos e como se deu sua participação, e até mesmo em que escala ela se deu, e quais foram os objetivos a serem alcançados, são os elementos

³⁵ Dados coletados na Secretaria Municipal de Educação, em 2014.

constitutivos da prática educativa (BRAGANÇA, FERREIRA & PONTELO, p. 2, n.d). Quando pensamos nas práticas educativas que os pais estabelecem com seus filhos, podemos entender que elas se estruturam enquanto estratégias e técnicas específicas que eles utilizam com o objetivo de promover a socialização das crianças, e que diferentes práticas educativas podem ser equivalentes para atingir um mesmo objetivo com a criança (ALVARENGA & PICCININI, 2001; KUNRATH et al., 2006; PACHECO et. al., 2008, apud SILVA, p. 29, 2011).

Ao refletirmos na inserção das crianças em um meio no qual conviverão com pessoas que terão o papel de educar, estudiosos defendem que a criança não encontra um ambiente neutro ao nascer, mas que é inserida em um contexto familiar repleto de expectativas, valores, regras e metas, e que este contexto é essencial para entender o desenvolvimento do indivíduo. Em função disto, a família é vista como o primeiro e mais importante contexto de socialização na infância (BEM & WAGNER, p. 63, 2006). E é necessário pensar neste contexto.

Ao conversar com pais em reuniões pedagógicas, me deparo com discursos irrefletidos, que trazem uma postura de reprodução daquilo que vivenciaram enquanto filhos outrora. Quando os filhos agem de acordo com o “esperado”, ou seja, vão bem na escola, não recebem reclamações por parte dos professores, não brigam com os colegas, se comportam em casa e são motivo de orgulho, os louros certamente irão para a educação rígida que vem funcionando há algumas gerações. Os pais são os responsáveis pelo êxito das crianças por assumirem práticas eficientes. E quando o êxito não chega em alto e bom tom? “Certamente este menino não ouve nada do que eu falo! ”. E desta forma as crianças, aquelas que fogem dos padrões dignos de elogios, são as únicas a serem responsabilizadas pelo seu fracasso escolar. E é este primeiro “fracasso” que marcará a vida da criança, muitas vezes trilhando o caminho para um diagnóstico, pois a escola certamente encaminhará este ser-aluno, sem luz (ainda me atendo a este perpetuado e equivocado mito)³⁶, para avaliações e atendimentos que o iluminarão através da réstia de uma bela denominação: “Seu

³⁶ O mito de que aluno significa “sem luz” é antigo, mas na verdade aluno veio do latim *alumnus*, que quer dizer “criança de peito, lactente, menino” e, por extensão de sentido, “discípulo”. O verbo ao qual se liga é alere, “fazer aumentar, nutrir, alimentar”. Extraído de: <http://rizomas.net/filosofia>.

filho sofre de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade”. Pronto, agora está explicado. Mesmo assim... Tá, e agora?

Da forma como descrevi a situação que vivencio diariamente em escolas da rede municipal de Curitiba, a impressão é de que os pais são os culpados, que agem por maldade e que não querem que lhe venham apontar os erros dos filhos, afinal, fazem tudo o que podem. Só que de fato os pais fazem tudo o que podem, e simplesmente não entendem porque seus filhos estão fugindo dos “padrões” e acabaram por receber este diagnóstico de TDAH. Estes pais estão imersos naquelas práticas irrefletidas citadas e não sabem como agir de outra forma. Não são orientados para tal e sentem-se sozinhos, pois seus filhos são diferentes, fogem dos padrões, e não tem mais ninguém na mesma situação. Os pais precisam saber que tem sim muitas outras famílias passando pela mesma situação, e que mesmo sem saber, cada uma dessas famílias vêm assumindo práticas educativas muito elaboradas e adaptadas para se ajustar às necessidades da criança. O que deveria acontecer independentemente da existência de um diagnóstico, não é mesmo?

Estas riquíssimas práticas educativas merecem ser compartilhadas, e poderemos encarar os encontros do grupo de apoio social como um momento para estabelecer as comunidades de prática a partir da visão de Etienne Wenger.³⁷ Para embasar a importância da troca das práticas educativas que os pais de fato praticam, trarei um trecho de uma entrevista que traduzi, feita com Wenger:

“Bem, a razão pela qual nós chamamos de comunidades de prática é em função de que se as pessoas estão engajadas nas mesmas práticas, através do compartilhamento do que estão experienciando, do que estão aprendendo, elas podem reconhecer umas às outras como pares, o que quero dizer é como: “Oh, você também faz isso... Ok... Estou interessado... quais foram suas experiências com determinado evento? Porque o que você fez parece ser muito relevante para mim”. Porque nós estamos engajados nestas práticas similares, seja praticando em conjunto, seja praticando em lugares completamente diferentes. Isto não importa, nós podemos reconhecer uns aos outros como praticantes em um mútuo reconhecimento, e isto é como, quase como um contrato de aprendizagem que se estabelece entre nós” (WENGER, 2009).

³⁷ Com licenciatura e mestrado em engenharia informática e doutoramento em inteligência artificial, Etienne Wenger cunhou em 1991 o termo “Comunidade de Prática” e por isso se tornou conhecido.

Quão rica é esta troca! Sem dúvidas as mães participantes desta pesquisa precisavam de um espaço ao qual se sentissem pertencentes e pudessem se fortalecer enquanto grupo que é responsável por crianças diagnosticadas com TDAH, aprimorando, modificando e ampliando práticas educativas que funcionassem com suas crianças. E foi este fortalecimento enquanto grupo que deu base para que o “contrato de aprendizagem” estabelecido entre os pais, se perpetuasse. Neste contexto, segundo Wenger, o que a comunidade de prática faz é estabelecer boas relações entre as pessoas que tem potencial para ajudar umas às outras quando elas precisam, e o grande valor de pertencer a uma comunidade de prática é que você tem pessoas para as quais você pode recorrer quando se tem um desafio (WENGER, 2009)³⁸. Ter a quem recorrer fez toda a diferença para que as mães continuassem a desempenhar seu papéis de educadoras e aprimorassem suas práticas.

Falamos sobre práticas educativas e comunidades de prática. Prática, prática. Esta palavra é tão utilizada, mas na *prática*, é realmente difícil defini-la. Analisando o estudo realizado por Silvia Gherardi sobre estudos baseados em prática, há a avaliação de uma série de autores que trabalham com o significado desta palavra, e a própria autora traz algumas definições a partir de suas leituras:

Prática pode, portanto, ser um objeto de fazer, um tempo de fazer e uma maneira socialmente sustentada de fazer. E em todos os três casos o conhecimento está presente na forma de aprendizagem intrínseca ao fazer - um conhecedor fazendo e um conhecedor fazendo sendo sustentado por normas sociais que apreciam o que é bem feito, é esteticamente agradável, é útil, etc. (GHERARDI, p. 9, 2009³⁹).

A partir deste excerto, podemos associar a prática ao fazer, e o que se almejou no grupo de apoio social foi que, aos poucos, se acabasse com o fazer irrefletido. O praticar foi pensado e tornou-se, enfim, eficiente. Quando se coloca desta forma, assumimos que a prática pode se moldar de maneira racional, quando quisermos e da forma que for mais conveniente, pois segundo Turner (TURNER, 1994 apud GHERARDI, 2009), o termo “prática” tem a conotação de ser algo transferível, ensinável, transmissível ou reproduzível (TURNER, 1994 apud GHERARDI, 2009). Isto é algo que pode nos fazer tropeçar quando

³⁸ Livre tradução.

³⁹ Livre tradução.

simplesmente não compreendemos o porquê de algumas práticas serem reproduzidas apesar de sempre conquistarem os mesmos resultados, que por vezes, são indesejáveis. Talvez isto se explique nas palavras de Gherardi, que afirma que de fato as práticas se estabelecem de acordo com a definição de Turner, mas ao mesmo tempo são difíceis de acessar, de observar, medir ou representar, porque elas estão escondidas, tácitas, e muitas vezes linguisticamente inexprimíveis em termos proposicionais (GHERARDI, p. 10, 2009).

Então, ao trabalhar com as práticas educativas dentro da comunidade de práticas que se estabeleceu no grupo de apoio social, assumiu-se a prática dentro de uma perspectiva social e histórica, da mesma forma que Wenger (2001) faz ao defini-la da seguinte forma: “O conceito de prática se refere ao fazer, mas não apenas fazer por si só. Fazer dentro do contexto histórico e social que dá estrutura e significado ao que nós fazemos. Neste sentido, prática é sempre prática social”. (WENGER, p. 71, 2001). E com embasamento neste conceito pretendeu-se falar da prática educativa de forma que se atingisse o meio social que acolheu a comunidade de prática. A prática buscou fazer sentido para os responsáveis por crianças diagnosticadas com TDAH. O importante foi conversar de forma verdadeira e fugir dos discursos prontos que neurologistas utilizam e que confundem a todos os pais, o que pode ser explicado pelo excerto abaixo:

Não há nada que não se possa dizer, e pode-se dizer o nada. Pode-se enunciar tudo na língua, isto é, nos limites da gramaticalidade. Sabe-se, desde Frege⁴⁰, que as palavras podem ter sentido sem remeter a coisa alguma, ou seja, o rigor formal pode mascarar a decolagem semântica. Todas as teologias religiosas e todas as teodiceias políticas tiraram partido do fato de que as capacidades geradoras da língua podem exceder os limites da intuição ou da verificação empírica, para produzir discursos formalmente corretos, mas semanticamente vazios (BOURDIEU, p. 28, 1996).

Embora o discurso faça sentido para os médicos e profissionais da educação, pode parecer vazio e sem sentido para os pais. Foi necessário resgatar a confiança destas mães, para que não ficassem perdidas em meio ao

⁴⁰ Friedrich Ludwig Gottlob Frege foi um matemático, lógico e filósofo alemão e um dos principais criadores da lógica matemática moderna. Extraído de: <http://www.institutosapientia.com.br>.

jogo de poder que se estabelece entre os médicos e a escola, que muitas vezes não adaptam seu discurso ao meio social que pretendem atingir, e acabam por minar a autoestima das famílias, fazendo com que se sintam envergonhadas por não compreenderem a prática que se exige delas. E isto, se dá em função de uma prática linguística que não lhes é acessível.

Neste sentido, foi abordada a prática linguística na visão de Pierre Bourdieu (1996), que traz o conceito de prática como sendo resultado do *habitus*. O conceito de *habitus* é amplamente discutido na literatura desse autor, e pode ser definido da seguinte maneira:

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (SETTON, 2002).

O *habitus* está inscrito nas pessoas, em seus corpos, e por mais que se queira camuflar, de alguma forma se deixa transparecer a origem social dos indivíduos. E de acordo com Bourdieu (1994), a origem social e todas as características que lhe envolvem e acabam por constituir o *habitus* de cada um, produzem as práticas, que se identificam socialmente.

O *habitus* produz práticas, que, na medida em que tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada, não se deixam deduzir diretamente nem das condições objetivas, pontualmente definidas como soma de estímulos que podem aparecer como tendo-as desencadeado diretamente, nem das condições objetivas que produziram o princípio durável de sua produção (BOURDIEU, p. 65, 1994).

Neste contexto em que há a constituição de práticas a partir do *habitus*, houve a necessidade de se aproximar deste *habitus* para que se pudesse atingir os objetivos estabelecidos com relação ao aprimoramento das práticas educativas dos responsáveis por crianças diagnosticadas com TDAH, e posteriormente fosse feita a avaliação dos efeitos que o grupo causou aos sentidos e significados atribuídos pelas famílias a essas crianças.

2.3 Teoria histórico cultural

O grande desafio desta proposta de pesquisa foi trabalhar com o conceito de significado a partir da perspectiva de Vigotski (1991)⁴¹ envolvendo os pré-indicadores que foram expostos pelas famílias. Somente a partir do momento em que os pré-indicadores foram analisados e classificados em indicadores que culminaram em núcleos de significação, é que pôde-se averiguar as repercussões que o grupo de apoio social teve nas práticas educativas destas mães, que foram influenciadas e influenciaram a construção de significados atribuídos a elas mesmas e aos seus filhos.

As mães com as quais o trabalho foi realizado chegaram ao grupo de apoio social vindas dos mais diferenciados âmbitos sociais, com suas trajetórias, histórias e cultura. Compartilham de conhecimentos diversos e expressam toda esta visão de mundo por meio da linguagem com a qual estão habituadas a se comunicar e que aprenderam a utilizar de acordo com sua vivência social e histórica.

Para trabalhar com este contexto social e histórico, a perspectiva de Lev Semenovitch Vigotski (1991) foi tomada como base teórica desta abordagem. Este pensador, que em um curto espaço de tempo realizou um trabalho extremamente complexo, deixou seu nome marcado na história e suas ideias são amplamente estudadas atualmente.

Seu trabalho surge na Rússia no contexto da revolução socialista de 1917, e para acompanhar a nova sociedade com novas pessoas e diferentes demandas, Vigotski (1991; 1994⁴²) pretendeu legitimar uma nova psicologia, mas dentro do contexto social emergente, tanto Vigotski quanto o jovem a quem orientava, Luria, se depararam com muitos obstáculos:

Um grupo de jovens membros do partido do Instituto de Psicologia de Moscou se apressou em denunciar o líder de Kornilov, acusando-o e a seus colagas de todo tipo de desavenças ideológicas. Nem Luria, nem Vigotski escaparam das críticas. Sua teoria histórico-cultural foi estigmatizada por levar a uma revisão antimaterialista da psicologia, e seu apreço pela escola sociológica francesa e a psicologia de Gestalt se consideraram um reflexo de suas inclinações burguesas. Ainda, o estudo transcultural de Luria sobre as funções cognitivas foi condenado por considerarem que ele denegria as minorias nacionais. Como consequência, foi impedida a publicação do

⁴¹ Conceito encontrado em "Obras Escogidas I".

⁴² Obras Escogidas II, Madrid.

estudo e a questão de análises transculturais foi tabu durante os 40 anos seguintes (KOZOLIN, A. 1994, p. 228).⁴³

Era um contexto de brigas ideológicas, censuras e intolerância a qualquer teoria que fosse contra o que se pregava no cenário da psicologia da época. Kozolin (1994) discute que o Marx de Vigotski era uma das vozes do pensamento europeu, no mesmo nível de Dilthey, Durkheim e Neokantianos, o que foi uma surpresa para os colegas de Vigotski, pois a prática de dividir a cultura entre ‘burguesa’ e ‘socialista’ era comum. O Marxismo era um símbolo de ruptura com a tradição europeia, e não de união com ela (p. 230).

Certamente Vigotski não foi compreendido por seus contemporâneos, ao menos em parte pela complexidade e sutileza de seus argumentos, mas parece que havia outra razão. As posturas de Vigotski não eram fáceis de classificar. Boa parte de seus contemporâneos haviam se acostumado ao sistema de identificação intelectual baseado na lealdade ao grupo. Ao invés de perguntar sobre as ideias de uma pessoa, perguntavam a qual grupo o camarada pertencia (KOZOLIN, A. 1994, p. 230).⁴⁴

Os contemporâneos de Vigotski não estavam abertos às suas novas ideias, até mesmo porque não eram necessariamente elas que lhes interessavam, mas sim a qual grupo ele pertencia, e neste ponto, era difícil de decifrar o “camarada” Vigotski e as abordagens da teoria que propunha. A abordagem partia da necessidade de sanar as deficiências que sentia que foram deixadas pelos naturalistas⁴⁵ e mentalistas⁴⁶, que julgava não serem suficientes para explicar os processos mentais superiores, pois acentuavam a questão do dualismo entre a mente e o corpo, a natureza e a cultura, e entre a consciência e a atividade.

Segundo Lucci (2006), Vigotski compartilhava da concepção marxista de que o essencialmente humano é constituído por relações sociais, e negou-se a buscar explicações para as funções mentais superiores nas profundezas do cérebro ou nas características etéreas de uma alma separada do corpo. Neste cenário, Lucci (2006) ainda acrescenta, remetendo-se à Vigotski:

⁴³ Livre tradução.

⁴⁴ Livre tradução.

⁴⁵ Naturalismo baseia-se na observação fiel da realidade e na experiência, mostrando que o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade.

Extraído de: <https://iacospsychelogs/metodos-da-psicologia/a-observacao-naturalista>

⁴⁶ Mentalismo é a prática de hipnose, sugestão, lógica e princípios ilusionistas, trabalhando com princípios relacionados à telepatia, telecinésia, precognição, clarividência e controle mental. Extraído de: <http://filosofiadamenteecognicao.com.br/empirismo-e-mentalismo>

[...] Ele propôs, então, uma nova psicologia que, baseada no método e nos princípios do materialismo dialético, compreendesse o aspecto cognitivo a partir da descrição e explicação das funções psicológicas superiores, as quais, na sua visão, eram determinadas historicamente e culturalmente. Ou seja, propõe uma teoria marxista do funcionamento intelectual humano que inclui tanto a identificação dos mecanismos cerebrais subjacentes à formação e desenvolvimento das funções psicológicas, como a especificação do contexto social em que ocorreu tal desenvolvimento (LUCCI, p. 4, 2006).

Fica claro que o desenvolvimento humano se dá essencialmente nas relações sociais que atuam de maneira integrada com as funções psicológicas superiores, como Kozulin trata a partir de uma análise do pensamento de Vigotski:

Para Vigotski a consciência possuía um poder radical de transformação: Supõe-se que a vida determina a consciência. Esta surge da vida e constitui somente um de seus momentos. No entanto, uma vez que tenha surgido, o próprio pensamento se encarrega de determinar a vida; para ser exato, a vida pensante define a si mesma através da consciência. Os instrumentos primários da consciência são os significados e sentidos verbais, e seu desenvolvimento depende fundamentalmente da interação semiótica interpessoal (KOZULIN, A. 1994, p. 233).

Vigotski (1991) traz a aprendizagem neste contexto, no qual o homem necessita do meio social para desenvolver suas potencialidades, e, em sua teoria, explica que para entrar em contato com o meio externo o homem faz uso de ferramentas que fazem a mediação com o meio social.

Vigotski faz uma distinção dentre as próprias ferramentas psicológicas, que é trazida pelo autor Harry Daniels (VIGOTSKI, p. 140, 1981, apud DANIELS, p. 8, 2002), abordando que o aspecto mais essencial que distingue a ferramenta psicológica da ferramenta técnica é que aquela dirige a mente e o comportamento, enquanto a ferramenta técnica, que também é inserida como um elo intermediário entre a atividade humana e o objeto externo, é dirigida para produzir uma ou outra série de mudanças no objeto mesmo.

As funções psicológicas superiores têm origens sociais, de duas maneiras a seguir relacionadas. Primeiro, funções superiores, como a atenção voluntária, aparecem inicialmente nos planos interpessoal e social antes de surgirem como parte do repertório cognitivo-comportamental da criança no plano intrapsicológico. Segundo, funções psicológicas superiores podem ser entendidas como a interiorização de interações sociais reguladoras ou, mais apropriadamente, como interiorizações de

adaptações determinadas culturalmente que medeiam a relação da criança com seu ambiente (MOLL, 1996. P. 124).

Inúmeros são os mecanismos que utilizamos para interagir com o meio social, pois a atividade cerebral é mediada essencialmente por instrumentos e signos. Dentre os mecanismos que permitem a relação com o meio externo, pode-se dizer que a linguagem é o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Quando se fala que a linguagem é o principal instrumento, deve-se levar em consideração que esta ferramenta vista como um sistema simbólico culturalmente construído não é por si só importante para o desenvolvimento do pensamento, mas que o significado codificado na linguagem é o que importa (DANIELS, p. 9, 2002).

A mediação, que permeou todas as etapas da intervenção realizada pelo moderador no grupo de apoio social, estabelece que, segundo Daniels, H. (2001), os mediadores servem como meios pelos quais o indivíduo age sobre fatores sociais, culturais e históricos e sofre a ação deles. Por meio da mediação é que o pesquisador autor deste trabalho pôde agir de forma a atingir os objetivos estabelecidos para cada encontro do grupo de apoio social, o que repercutiu no aprimoramento das práticas educativas das mães participantes, em função da mediação. A mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento (OLIVEIRA, 2002, p. 26).

Na figura abaixo, estão representadas as possibilidades de relações entre o sujeito e o objeto, de forma que elas são não-mediadas, ou mediadas por artefatos culturalmente disponíveis (DANIELS, p. 25, 2001).

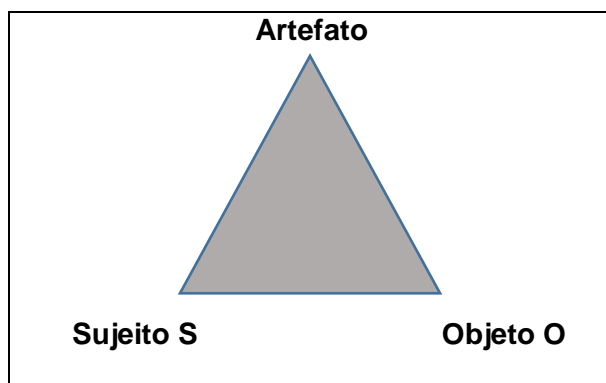


Figura 1: Representação triangular básica de mediação.

Para pensar nestes artefatos culturalmente disponíveis, partimos do entendimento de que são conceituados como algo impregnado de significado e valor por sua existência num campo de atividade humana e, que estes artefatos contam com uma subcategoria chamada de ferramenta, distintas entre as psicológicas e técnicas, como foi abordado anteriormente neste capítulo. (DANIELS, 2001). Esta pesquisa utilizou instrumentos para mediar, utilizou as palavras, a linguagem, para intervir nas interações que se estabeleceram entre as mães, assim como traz o excerto abaixo:

... tanto no trabalho como na ação sobre o mundo para transformá-lo, o homem usa de instrumentos. Para plantar uma semente, ao cavar um buraco, ele usa de uma pá, e os exemplos podem ser citados ad infinitum. Assim, quando o cérebro humano aprende um conceito, usa a mediação das palavras ou a própria linguagem. Não há como pensar se não utilizarmos, sempre, palavras ou imagens. Por isso, em vez da linguagem, podemos falar de uma mediação semiótica. Marta Kohl de Oliveira, ao tratar da aprendizagem em Vygotsky, afirma: "[...] a principal função da linguagem é a de intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagens" (2002, p. 42). (MARTINS & MOSER, 2012).

Visando concretizar este “intercâmbio social” é que a linguagem foi utilizada como mediadora de todas as etapas do grupo de apoio social, e o moderador interviu de forma a realizar atividades que propiciassem o reconhecimento das mães de seus papéis de mediadoras no processo de aquisição da auto regulação no comportamento dos filhos.

2.3.1 Desenvolvimento da auto-regulação

Quando falamos em crianças com TDAH, falamos daquelas crianças que antigamente, antes de se falar no transtorno, eram identificadas quando os professores, familiares e comunidade em geral as chamavam no cotidiano da seguinte forma: “Esse menino tem bicho carpinteiro, esse menino não para!”. Ou seja, aquela criança que não se controla, não consegue controlar o temperamento. Não tem autocontrole.

Esta questão do autocontrole, sua ausência ou do esforço para se alcançá-lo, é trazida dentro da psicologia comportamental da seguinte forma:

Nico (2001) sistematiza as considerações que Skinner fez, ao longo de sua obra, a respeito das contingências que produzem

o comportamento de autocontrole. Segundo Nico, "para Skinner, o conflito entre as consequências do comportamento está na raiz de toda e qualquer forma de autocontrole" (p. 64) (MARCHEZINI-CUNHA & TOURINHO, 2010).

Portanto, pode-se dizer que, segundo esta conceituação de Skinner, o comportamento é controlado somente em função das consequências que ele pode trazer, e pensar nas múltiplas consequências que o comportamento pode trazer é algo conflituoso. Pensando na criança, se ela percebe a existência da possibilidade de uma consequência não desejada, ela evita determinado comportamento, ou se visa alcançar determinada consequência, controla o comportamento para agir de forma a atingir a consequência. Esta visão, que resume o comportamento do ser humano somente a agir de forma a responder a determinados estímulos é considerada por alguns autores (LURIA, 1982; VIGOTSKI, 1981; WERTSCH, 1986) reducionista frente às múltiplas possibilidades de reflexão que as funções psicológicas superiores, mediadas pela linguagem, oferecem à mente humana.

O autor que orienta a concepção de ser humano desta pesquisa comparou os psicólogos que dispensam o estudo dos estados subjetivos com os psicólogos idealistas, que estudam a psique como um mundo fechado em si mesmo. Segundo Vigotski (1991,p.18):

Os estados subjetivos - isolados do espaço e de suas causas – não existem por si mesmos. [...] Estudar o comportamento da pessoa sem a psique, como quer a reflexologia, é tão impossível como estudar a psique sem o comportamento. [...] E não é preciso ser muito perspicaz para dar-se conta de que a psique é essa mesma atividade correlativa, que a consciência é uma atividade correlativa dentro do próprio organismo, dentro do sistema nervoso: atividade correlativa do corpo humano consigo mesmo.

Em função de esta pesquisa ser embasada no estudo do comportamento e da psique como sendo correlacionados, é que ela se distancia da teoria da psicologia comportamental, pois nela não cabe a visão de ser humano que é aqui contemplada.

Pensando nas possibilidades que as funções psicológicas superiores oferecem à criança, Vigotski (1991) traz o adulto como, através das múltiplas formas da linguagem, o regulador do comportamento da criança:

A principal premissa da teoria de Vygotsky é que a transformação de processos básicos em funções psicológicas mais elevadas ocorre na interação social da criança e pelo uso de instrumentos e símbolos culturalmente determinados. De

modo específico, Vygotsky sugere que muito cedo o ambiente adulto medeia e regula as interações da criança com seu ambiente imediato. As palavras, os sinais e os gestos daqueles que cuidam das crianças regulam seu comportamento, por exemplo, direcionando a atenção da criança para longe das características perceptivamente proeminentes, e reorganizando socialmente o campo perceptivo da criança de uma maneira culturalmente relevante. (MOLL, 1996. P. 124).

É importante esclarecer este ponto teórico, que traz o adulto como regulador do comportamento da criança, pois esta pesquisa e a realização do grupo de apoio social se embasa neste conceito da teoria de Vigotski. Objetiva-se que as mães participantes se percebam como mediadoras no processo de desenvolvimento de seus filhos, encorajando-os a desenvolver a auto-regulação para que possam guiar suas atividades através de um plano de ação autoformulado, ao invés de um comando interiorizado, como no caso do autocontrole (MOLL, 1996).

Retomando o conceito de autocontrole, ele é alcançado pela criança quando ela consegue, na ausência do comando da mãe, por exemplo, agir da forma como esta mãe solicitaria que ela agisse se estivesse presente. Então a criança interiorizou determinado comando, que seria o estímulo, e obedece a ele, dando uma resposta. Esta pesquisa se distancia de objetivar que as mães encorajem o autocontrole de seus filhos com TDAH, pois o que se pretende é algo muito mais elaborado, que é alcançar a auto-regulação.

A auto-regulação, por sua vez, é mais elaborada em função de que a criança não fica presa simplesmente às situações de E-R, pois ela vai conseguir, interiormente, de acordo com Moll (1996), planejar, guiar e monitorar seu próprio comportamento, adaptando-o conforme circunstâncias mutáveis, ou seja, o comportamento auto-regulado é flexivelmente ajustado de modo a atingir um objetivo autoformulado. Em resumo:

Um ponto central na distinção entre o autocontrole e a auto-regulação é que nesta a criança não apenas interiorizou os comandos do adulto e suas diretivas, mas tomou efetivamente para si o papel regulador do adulto. (Autocontrole) O comportamento se expressa como resposta a um comando ou diretiva interiorizada; é organizado em rígidas conexões E-R e as sugestões do ambiente servem como estímulo para respostas comportamentais. (Auto-regulação) O comportamento é guiado de acordo com um plano ou objetivo autoformulado; organizado como um sistema funcional, é mudado e ajustado de acordo com objetivos e situações mutáveis e a criança usa

aspectos do ambiente como instrumentos e mediadores para alcançar seus objetivos (MOLL, 1996. P. 126).

A auto-regulação é a forma mais elaborada de escolha de comportamentos que a criança opta por assumir, e que agora, tem a capacidade de assumi-los voluntariamente. Esta etapa do desenvolvimento é observada quando a criança não precisa mais dos estímulos externos do ambiente para responder às situações, e Vigotski (2003) explica este marco como sendo o momento em que a criança não precisa mais de um estímulo intermediário para a transmissão de uma operação externa até uma interna, pois a operação começa a ser levada adiante na ausência do estímulo mediador. Segundo Moll (1996), esta explicação de Vigotski (1991) quer dizer que em função de os sinais externos terem criado um novo nível de organização comportamental, agora já podem ser descartados e a criança se libera do campo de estímulos imediatos e concretos para responder, passando a se apropriar desta nova função psicológica.

Pensar no desenvolvimento da auto-regulação deve ser sempre tendo em mente de que este é um processo que se dá no âmbito social e cultural, e que depois, passa a ser interiorizado como uma função intrapsicológica. Para que a criança possa chegar a regular seu comportamento, dentro deste âmbito social e cultural ela faz uso de um sistema de mediação simbólica que, segundo Lucci (2006) é a linguagem. Lucci (2006) traz que a linguagem funciona como instrumento de comunicação, planejamento e auto-regulação, e que é justamente pela sua função comunicativa que o indivíduo se apropria do mundo externo, pois é pela comunicação estabelecida na interação que ocorrem reinterpretações das informações, dos conceitos e significados. Sobre o uso da linguagem no discurso privado e da atividade simbólica da criança, Moll (1996) ainda lembra que é em função delas que o indivíduo consegue criar um novo nível de organização comportamental caracterizada pela independência do campo de estímulos e pelo domínio e controle crescente das próprias operações.

Diante das citações acima, o comportamento auto-regulado pelas crianças é possível em função da utilização da linguagem, pois através dela é que se pode compreender discursos externos, elaborar discursos externamente e passar a interiorizar esses discursos, sendo possível assim, regular o próprio comportamento. Em função de este ser um processo que tem

a participação do adulto como mediador, é válido trazer aqui o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, ZDP, caracterizada de forma a pensar na distância entre o nível evolutivo real, determinado por meio da resolução independente do problema e o nível evolutivo potencial, determinado através da resolução do problema sob direção adulta ou em colaboração com parceiros mais capazes (VIGOTSKI, 1978, p. 86). Novamente aqui se faz presente o papel social do adulto nos processos de aprendizagem da criança, em específico nesta pesquisa, o papel da mãe participante do grupo de apoio social, que visa aprimorar suas práticas educativas para que elas sejam fonte de encorajamento do comportamento auto-regulado em seu filho diagnosticado com TDAH.

Se(...) a auto-regulação tem origens sociais, então, a qualidade do ambiente social em que se ministra cuidados à criança deve ter um impacto central sobre a obtenção das capacidades auto-reguladoras. Além disso, se chegarmos a compreender como o desenvolvimento auto-regulatório é facilitado pelo ambiente social, então, poderemos ser capazes de entender algumas das fontes de diferenças individuais nessa realização evolutiva (MOLL, 1996).

Ao longo dos encontros do grupo de apoio social um dos objetivos foi que as mães tomassem consciência de seus tão importantes papeis no desenvolvimento da auto-regulação do comportamento dos filhos, percebendo que através da linguagem elas podem se comunicar com os meninos de forma a facilitar a obtenção deste comportamento, criando um ambiente social propício, repleto de práticas educativas que visem, intencionalmente, auxiliar a criança nesta jornada evolutiva. Nesta perspectiva pode-se dizer que as orientações dadas no grupo de apoio social foram para que as mães saíssem do plano de autocontrole de seus próprios comportamentos, pois a medida em que elas compreenderam e internalizaram determinadas práticas, puderam se auto-regular no sentido de guiar, organizar e planejar suas práticas educativas de maneira autônoma.

2.3.2 Significado e Sentido

A teoria de Vigotski é a base desta pesquisa, a base da abordagem no grupo de apoio social. Podemos pensar que as mães que participaram do grupo de apoio social, em função de serem capazes de nomear a tudo, podem classificar e distinguir de maneira abstrata por meio da capacidade de se valer

de um sistema simbólico. Estas mães utilizaram palavras para se expressar com relação aos seus filhos e essas palavras, repletas de significados, se ressignificaram dentro de seus discursos de acordo com suas trajetórias pessoais, suas experiências, e deixaram transparecer os mais variados sentidos. Ao falarmos de significado de palavras, partimos do seguinte entendimento:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. Pareceria, portanto, que poderia ser encarado como um fenômeno linguístico. Mas do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos encarar o significado como um fenômeno do pensar. (VYGOTSKY, p. 150-151, 2005).

Quando pensamos nesta definição, o significado da palavra não é algo centrado somente no âmbito do pensamento ou da verbalização, mas que se encontra em ambos os âmbitos e tem sua existência legitimada em função da troca recíproca entre eles, sendo um acontecimento verbal e intelectual. O pensamento não é conhecido e não vem à existência se não for através da fala, da palavra, que por sua vez não tem sentido, é vazia, se não for imbuída de significado e de pensamento.

O objetivo desta pesquisa é apreender os significados expostos pelas mães, mas para trabalhar com o conceito de significado é necessário que o sentido seja conceituado também. Tendo em mãos a definição de significado e ampliando para a conceituação do sentido, Costas e Ferreira (p. 214, 2011) delimitam o significado como sendo estabilização de ideias por um determinado grupo e acrescentam que estas ideias são utilizadas na constituição do sentido, reafirmando que em quaisquer eventos os significados têm sentidos que se ampliam em acordo com estes eventos. Sobre a constituição de sentido e significado, Kozolin (1994) trabalha com estas terminologias da seguinte forma, remetendo-se à Vigotski:

Os significados que mudam em função do contexto são os sentidos da palavra. Uma palavra situada em um contexto tem ao mesmo tempo mais ou menos significados que a mesma palavra fora de contexto. Tem mais significado porque vai se enriquecendo em cada novo contexto, e tem menos porque se

torna prisioneira de contextos específicos (KOZOLIN, p. 186, 1994⁴⁷).

Neste excerto fica clara a distinção entre sentido e significado, que por vezes no cotidiano são tidos como sinônimos, mas que não são. Segundo Costas e Ferreira (p. 216, 2011), o sentido é aquele instante, não tem a estabilidade de um significado, pois mudará sempre que mudarem os interlocutores, os eventos, tendo caráter provisório, sendo revisitado e tornando-se novo sentido em situações novas. Nesta perspectiva, a capacidade de generalizar e a estabilidade do significado se diferenciam da multiplicidade de formas nas quais o sentido pode ser vislumbrado, e de acordo com seu significado, modificam o próprio sentido. Sobre esta diferenciação, Vigotski disserta o seguinte:

O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluída, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variadas. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata (VIGOTSKI, p. 465, 2001).

Mesmo assumindo que o significado se diferencia do sentido, não é possível que ambos operem individualmente, pois como Vigotski coloca, é como se o significado estivesse dentro do sentido, sendo que cada uma destas várias zonas de estabilidade reconhecidas como significado constituem o complexo sentido.

Tendo estas definições foi possível realizar entrevistas com as famílias de crianças diagnosticadas com TDAH, buscando registrar minuciosamente cada palavra que foi dita, para que se viabilizasse a análise dos significados destas palavras. Segundo Góes e Cruz (p. 38, 2006), as palavras não podem ser consideradas fora de seu acontecimento concreto, pois a variação dos contextos de ocorrência faz com que os sentidos sejam ilimitados e, de certa forma, mostrem-se sempre inacabados. Considerando as palavras dentro do contexto, elas constituíram um amplo sentido para a forma como os pais se sentiam com relação às crianças antes da realização do grupo de apoio social, durante e depois, e foi realizada a análise do efeito que os encontros tiveram sobre os significados e sentidos que estas famílias passaram a atribuir a estas crianças, e de que forma modificaram suas práticas educativas.

⁴⁷ Livre tradução.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Grupos de Apoio Social e Pesquisa Participativa

Trabalhar com pessoas exige muita seriedade, uma vez que há o envolvimento de uma multiplicidade de histórias vivenciadas, personalidades distintas, crenças diferentes e opiniões divergentes – e convergentes – compartilhando um mesmo espaço em um dado momento, em função de um objetivo específico.

Pensando no sujeito como um ser que compartilha em sua individualidade a necessidade do outro para se desenvolver em suas potencialidades, pode-se pensar na importância da participação de mães de crianças diagnosticadas com TDAH no grupo de apoio social que foi realizado com o intuito de discutir práticas que se realizam com estas crianças, e em quão rica foi esta troca. Para realizar este trabalho, propôs-se utilizar os grupos de apoio social, que englobam pessoas que passam pela mesma situação.

As redes de apoio social costumam ser mobilizadas por pessoas com necessidades de saúde para contribuir com o enfrentamento dos problemas por elas vivenciados. São definidas como a soma das relações que o indivíduo percebe como significativas, nas quais podem estar incluídas família, amigos, colegas de trabalho, companheiro de escola e pessoas da comunidade (BRUSAMARELLO, 2011).

Na sociedade atual o TDAH é visto como um problema que está inserido no âmbito da saúde, e nesta perspectiva, cabe trabalhar com as mães de crianças com TDAH na tentativa de auxiliá-las de forma a inseri-las nesta rede de apoio social, pois uma rede social pessoal estável, ativa e confiável protege o indivíduo em sua vida diária, favorece a construção e manutenção da autoestima e acelera os processos de recuperação da saúde (BRUSAMARELLO, 2011). No caso do trabalho com o TDAH, o que se intencionou não foi a recuperação da saúde, mas sim aprimorar as práticas educativas destas mães. Antes da realização do grupo de apoio social, esta pesquisa se reportou a alguns estudos envolvendo famílias, grupos de treinamento, programas de intervenção para pais, etc, que estão elencados no quadro abaixo:

Autor/Ano	Título do artigo	Participantes	Instrumento
Gerdes, A., Kapke, T., Lawton, K., Grace, M., Hurtado, G. (2015)	<i>Culturally adapting parente training for Latino youth with ADHD: Development and pilot</i>	<i>Pais latinos de crianças com TDAH</i>	<i>Grupos focais, programa de treinamento de pais em 5 sessões</i>
Brusamarello, T. (2011)	<i>Redes sociais de apoio de pessoas com transtornos mentais e familiares</i>	<i>Três pessoas com transtorno mental e seis familiares</i>	<i>Discussão de grupo e categorização em análise temática</i>
Prette, Z.D & Rocha, M. (2010)	<i>Habilidades sociais educativas para mães de crianças com TDAH e a inclusão escolar</i>	<i>Artigo teórico</i>	<i>Artigo teórico</i>
Andreaazza, A.C. (2009)	<i>Estresse e adaptação psicossocial em mães de crianças com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade</i>	<i>30 mães de crianças com TDAH, 30 crianças com TDAH+TOD e 30 crianças com desenvolvimento típico</i>	<i>Questionário de suporte social, inventário de coping parental, questionário de estresse parental para pais de crianças com transtorno de desenvolvimento e escala de pontuação para pais e professores</i>
Rolfesen, A.B.& Martinez, C.M. (2008)	<i>Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo preliminar</i>	<i>8 pais de crianças com dificuldades de aprendizagem e seus filhos</i>	<i>Intervenção na modalidade de um Programa Psicopedagógico de Orientação a Pais</i>
Adorno, R.C. (1987)	<i>O conhecimento e o poder: de quem é a palavra. Relato de uma experiência de pesquisa participante</i>	<i>Mães do Município de Itapeceira da Serra, SP (Brasil)</i>	<i>Estratégia do silêncio em momentos de reunião com as mães</i>

Quadro 4: Artigos que envolvem em específico o TDAH, famílias e grupos de apoio social

Existem poucos estudos que tratam de analisar os resultados de orientação às mães com TDAH, mas os citados acima auxiliaram a pensar na dinâmica de grupo, orientação, intervenção e análise do processo. Com relação aos impactos do TDAH nas famílias, foi realizado um estudo que trata do estresse e da adaptação familiar, e de que forma os grupos de apoio social agem no âmbito desta instituição social:

Há poucos estudos sobre o TDAH baseados no Modelo de Estresse e Adaptação Familiar. Um destes estudos examinou fatores de risco e resistência na adaptação materna ao TDAH (Rashap, 1998). Participaram do estudo 107 mães, avaliadas através de um questionário confidencial. Os resultados demonstraram que estratégias de coping⁴⁸ de fuga e conflitos familiares foram positivamente correlacionados à depressão nas mães. Já o apoio social e coesão familiar foram inversamente correlacionados à depressão e ansiedade materna (BELLE & ANDREAZZA, 2009)

Percebe-se que quanto à família, no caso quanto ao lado maternal, existe a relação da criança com TDAH como sendo fonte causadora de estresse. Para trabalhar com esta condição, o estudo mostra o apoio social como sendo um fator que auxilia na diminuição da ansiedade da mãe e que pode até mesmo trabalhar com a depressão na figura materna, uma vez que o grupo de apoio social traz elementos para lidar com esta condição do âmbito familiar.

Ainda tratando de grupos de apoio social, outro estudo examinou o quanto os problemas de comportamento predizem o estresse parental em 80 mães de crianças com comportamento internalizado, externalizado e normais. Os resultados indicam que o apoio social moderou a relação entre problemas de comportamento e o estresse parental. (BELLE & ANDREAZZA, 2009).

Para trabalhar com o impacto que o TDAH causa nas famílias, a aplicação dos grupos de apoio social se embasou na Pesquisa Participativa, através da qual por meio de convite intencionou-se que as mães se reúnissem junto de um profissional, o moderador. Este profissional também participou do grupo na condição de pesquisador, em uma relação dialógica com os integrantes.

O termo participante sugere a controversa inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que, por sua vez, é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor (SCHIMIDT, 2006).

Neste contexto, as mães trabalharam em conjunto com o moderador-pesquisador, em uma relação na qual ambos desempenharam papéis distintos estabelecendo uma troca de igual importância. O pesquisador passou a fazer parte do campo investigado e as mães, a medida em que participaram da

⁴⁸ Coping é concebido como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas ou estressantes.

pesquisa como sujeitos ativos, se educaram e se organizaram, apropriando-se, para a ação, de um saber construído coletivamente (SCHIMIDT, 2006).

Antes da realização do grupo de apoio social, como instrumento de prever de que forma esta dinâmica se daria, a presente pesquisa debruçou-se sobre uma experiência relatada na área da Saúde Pública. É um relato acerca de uma comunidade, que se reúne com profissionais da área da saúde para tentar buscar alternativas para a melhoria do atendimento no município de Itapeceira da Serra, no estado de São Paulo. É uma pesquisa participante que teve início em um grupo de mães, mobilizadas a resolver alguns problemas de sua comunidade.

Neste relato, os pesquisadores citam o objetivo de trazer as mães à consciência de que elas não necessitam simplesmente aguardar que lhe digam o que é para fazer, que elas podem tomar decisões de igual importância que as daqueles que elas julgam serem os líderes de sua comunidade. Para isso, o grupo de pesquisadores trabalhou de forma a não intervir diretamente na dinâmica do grupo, deixando que os integrantes se expressassem.

Partindo da hipótese de que, sem intervenção, a relação de poder via conhecimento se estabeleceria desde o início, no grupo, procurou-se uma técnica que ao mesmo tempo a denunciasses e a capitalizasse para o objetivo de substituí-la por uma relação mais democrática. Adotou-se então um procedimento que denominamos "estratégia do silêncio". Consistia, em resumo, em iniciar a reunião com uma declaração sucinta de seu objetivo — preparação conjunta da pesquisa — seguindo-se a apresentação dos componentes do grupo (ou seja, cada um dizendo seu nome, profissão e local de moradia), após não se diria mais nada, aguardando-se os movimentos dos representantes da comunidade (ADORNO, 1987).

Com esta postura, sente-se no grupo uma ansiedade pela situação, pois não há a palavra do "líder natural" (ADORNO, 1987). Aos poucos, há o início de elucubrações relacionadas ao silêncio e ao porquê de ele estar causando tanto desconforto, e a ideia de que a autoridade não se apresenta tão absoluta, deixando que se tomasse a palavra e se ocupasse o espaço vazio permitindo que o saber assumisse outras dimensões. (ADORNO, 1987).

Esta experiência serviu de inspiração para realizar o grupo de apoio social com as mães de crianças com TDAH no sentido de que o planejamento dos encontros visou a descentralização da fala do moderador, para torná-la

democrática e de todos. Desta forma, ansiou-se que não houvesse hierarquização em função do conhecimento e do poder que dele provém, para que as mães se percebessem como detentoras de seus saberes próprios e estabelecessem a autoestima necessária para exercer práticas educativas seguras com seus filhos.

Já em oposição ao relato desta experiência, no grupo de apoio social “Experiências TDAH” não se utilizou a citada “estratégia do silêncio”. O pesquisador atuou como mediador de todas as interações entre as mães, deixando que elas se expressassem e oferecendo situações de reflexão a respeito destas expressões, participando ativamente do processo. Processo este que foi planejado através de temas que o pesquisador julgou serem necessários de abordar com as mães a partir dos dados colhidos nas entrevistas iniciais, com objetivos específicos relacionados aos avanços na aquisição de conhecimento que intencionou para ajudar as mães em suas atribuições como formadoras.

Relatos da experiência com grupos de apoio social específicos para mães de crianças com TDAH não foram encontrados no levantamento de dados para esta pesquisa, mas um estudo que se aproxima desta proposta por envolver pais e TDAH, embora não se encaixe na proposta teórica desta pesquisa, foi um programa de treinamento para famílias latinas responsáveis por crianças diagnosticadas com TDAH. Este estudo se justificou como sendo necessário em função da observação de que as crianças latinas que não tinham acompanhamento especializado tinham um risco maior para desenvolver sérios problemas de comportamento envolvendo atividades agressivas e criminosas, que se perpetuam até a fase adulta em um quadro que compromete a saúde mental (GERDES, A. et al., 2015). Trabalhando em um grupo focal de 5 sessões de treinamento, os pesquisadores avaliaram que ao término da aplicação do planejamento obtiveram como resultado 100 % das famílias tendo concluído o programa relatando estar muito satisfeitos com o tratamento. 80 % das crianças demonstraram melhora nos sintomas do TDAH e 40 % dos pais relataram melhora em seus funcionamentos e no de suas famílias (GERDES, A. et al., 2015). Nos distanciando da prática do treinamento, a partir dos resultados desta pesquisa, o que é importante destacar é que estar em um grupo e falar sobre a situação do TDAH traz resultados positivos para a dinâmica familiar.

Para auxiliar no planejamento do grupo de apoio social que é aqui relatado, outro estudo auxiliou no delineamento das ações que foram realizadas, que será citado novamente no capítulo “4.2 2º Encontro: Introdução ao grupo de discussão”. O relato desta experiência traz um programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem em um contexto de prevenção secundária, ou seja, o programa foi voltado a reduzir a duração ou severidade dos problemas provindos das dificuldades de aprendizagem quando já se constatou uma manifestação de excepcionalidade (ROLFSEN & MARTINEZ, 2008), que é o caso do grupo de apoio social para mães de crianças com TDAH, pois nos relatos das entrevistas iniciais as mães pontuaram os problemas que enfrentam em função do transtorno. Este programa foi avaliado em situação clínica e mostrou-se efetivo na melhoria do nível de informação dos pais, além de influenciá-los positivamente, em relação ao desenvolvimento de atitudes e condutas que facilitam o aprendizado da criança na escola através de intervenções que tiveram como objetivo oferecer aos pais informações sobre condutas assertivas que favorecessem comportamentos adaptativos e o progresso escolar de seus filhos. (ROLFSEN & MARTINEZ, 2008). Grupos de apoio social são ferramentas importantes no caso do TDAH, assim como o excerto abaixo explica:

... pais de crianças com TDAH precisam de assessoria para o desenvolvimento de habilidades pessoais consideradas essenciais para a interação social, tanto no âmbito familiar como extrafamiliar, e de habilidades sociais específicas para proverem o desenvolvimento dos filhos. No caso das habilidades pessoais (de comunicação, de civilidade e assertivas) elas são necessárias para favorecer o aprendizado de interações positivas das mães com o filho e com as pessoas com quem interage cotidianamente por conta do problema da criança, bem como com as demais, sobre questões alheias aos comportamentos dos filhos, mas que podem ter implicações na interação com as crianças. Esse conjunto de comportamentos é essencial para elas lidarem com as demandas de interação com diferentes profissionais da saúde (médicos psiquiatras, neurologistas, fonoaudiólogos etc.), da educação (psicopedagogos, professores da sala de recursos, pessoal técnico administrativo das escolas etc.) e, ainda, com parentes próximos e vizinhança (PRETTE & ROCHA, 2010).

Este é mais um artigo que trata da importância em falar sobre o TDAH com as mães, este trecho embasa o grupo de apoio social que foi realizado, legitimando-o como uma ferramenta para que as mães pudessem refletir e

aprimorar suas práticas educativas, tendo instrumentos para lidar com as situações que a convivência com o transtorno pode trazer.

3.2 Método Qualitativo

Quando pensamos no método qualitativo, partimos do pressuposto de que ele não é nem mais nem menos pertinente do que o método quantitativo, pois a pertinência de um método deve ser avaliada à luz do objetivo da pesquisa. Ela depende de seu contexto de utilização, dos objetivos determinados para a pesquisa e, mais globalmente, da questão a ser tratada. Em função destes aspectos, para o trabalho com o grupo de apoio social, este método de pesquisa foi escolhido como o mais pertinente, pois possibilitou a utilização de métodos exploratórios de um fenômeno social emergente, no caso, práticas educativas exercidas por mães de crianças diagnosticadas com TDAH. (ALAMI, p.7-35, 2010).

3.3 Análise de Conteúdo

Após a realização do grupo de apoio social, foi analisado o conteúdo dos relatos das mães feitos nas entrevistas realizadas no início e no final da pesquisa. Estes relatos serviram de base para que, junto dos materiais coletados no processo do desenvolvimento dos encontros do grupo de apoio social, as repercussões desta experiência nas práticas educativas das mães pudessem ser identificadas, junto das mudanças nos significados atribuídos aos filhos e a elas mesmas levando em consideração o âmbito familiar no qual estão inseridas. A análise de conteúdo faz parte dos instrumentos utilizados pela pesquisa qualitativa para sistematizar resultados, e sobre esta categoria de análise Fernando González Rey disserta o seguinte:

É preciso recordar que este não é um processo que regula a si mesmo por leis próprias que o separam da ação do pesquisador, mas um processo que tem em seu centro o pesquisador como sujeito produtor de pensamentos. O qualitativo é em grande parte definido pela capacidade do pensamento em acompanhar a pesquisa e fazer desta um processo em desenvolvimento, que expresse de forma progressiva a qualidade do pensamento em compromisso com a realidade construída, cuja condição objetiva é constituinte da própria produção teórica. (GONZÁLEZ REY, p.138, 2005)

Todo o processo de desenvolvimento do grupo de apoio social teve como protagonistas as mães que dele participaram, sendo que o pesquisador-moderador realizou intervenções que mediavam as interações entre as mães de forma a legitimar a importância de suas experiências e levá-las a reconhecer esta importância. Estas mediações do pesquisador influenciaram a forma como as mães pensam, conversas se iniciaram em função destas intervenções e trouxeram novos significados à pesquisa. Da mesma forma, no momento da interpretação dos resultados, o pesquisador continuou a ser participante deste processo e seus próprios pensamentos produziram novos pensamentos, o que culminou em construção de conhecimento.

Destarte, a forma de análise citada é coerente com os fundamentos das análises qualitativas, na qual a interpretação é feita à luz daquilo que o pesquisador constrói ao longo do processo a partir de indicadores apontados na análise, e conclui quais são os resultados que se legitimam. Neste cenário, como encontrar consenso para estas construções teóricas? Sobre esta preocupação, podemos refletir junto da analogia feita por Fernando González Rey (2005), que nos convida a imaginar Freud ou Vygotsky buscando consenso para as suas construções teóricas no momento em que elas estavam sendo produzidas. Naquele cenário novas ideias poderiam não ser aceitas, pois no momento em que surgem elas estão muito além dos marcos subjetivos dos sujeitos da época (GONZÁLEZ REY, 2005). Sendo assim, o pesquisador nunca estará imune às críticas envolvendo o julgamento da legitimidade de novos conhecimentos que venha a produzir, e por isso, o próprio pesquisador deve estar seguro de que sua interpretação é legítima em função dos indicadores apontados ao longo de todas as etapas da pesquisa, e com isto, não se deixar abalar pelas incompreensões da subjetividade inerentes à sua produção de conhecimento.

3.3.1 Análise de conteúdo por núcleos de significação

Tendo em mãos as transcrições das entrevistas e experiências do grupo de apoio social, a análise por núcleos de significação foi realizada considerando esta modalidade de análise a partir da seguinte perspectiva:

... proposta metodológica elaborada para instrumentalizar o pesquisador no processo de apreensão de sentidos e

significados constituídos pelo sujeito frente à realidade – e tem o objetivo de discutir a dimensão histórico-dialética da referida proposta e seus desdobramentos como escolha metodológica no processo de construção do conhecimento científico, vislumbrando, assim, a necessária coerência entre o método e seus procedimentos (AGUIAR & OZELLA, 2013).

Na etapa de análise dos materiais coletados no processo de pesquisa, que objetivou a apropriação das significações, foi necessário apreender dos materiais as relações que se estabeleceram entre as falas, as qualidades e contradições, deixando de lado a análise unilateral dos dados. O que se apreendeu foram as mediações sociais e históricas que as configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento. Nesta perspectiva, a análise por núcleos de significação objetivou investigar na fala das mães também o não verbalizado e as implicações históricas e sociais em suas práticas, com atenção na complexidade do processo emocional, gerador de necessidades, de tensões, que mobiliza o sujeito e cria experiências afetivas (AGUIAR & OZELLA, 2013).

Através deste conceito de núcleos de significação, a análise desta pesquisa não foi feita individualmente, não se analisou o processo de aprimoramento de práticas e mudanças de significados de cada mãe. A análise foi feita a partir do olhar para o grupo de mães participantes, levando em consideração o processo da partilha de conhecimento na troca das singularidades das práticas de cada mãe. Foi analisado o processo de como elas se expressam e tomam consciência de suas potencialidades e limitações, e a partir dessa tomada de consciência, como elas se transformaram, refletiram e compartilharam. Este processo se deu em um contexto de expressão da diferença em contradição com a experiência de outra mãe e das intervenções do moderador, o que motivou diversas reflexões. Foram essas reflexões e intervenções que ressignificaram as práticas educativas das mães, através da percepção da identificação das igualdades e das diferenças. Embora a análise das repercussões tenha englobado uma visão geral das transformações que aconteceram, o olhar foi singular para cada relato de cada mãe, considerando seus espaços e formas de se expressar.

Após cada entrevista e encontro do grupo de apoio social o pesquisador fez a transcrição escrita das falas das mães participantes utilizando a gravação de áudio realizada. As entrevistas iniciais foram lidas várias vezes, e após estas

leituras flutuantes foram apreendidos do próprio texto possíveis indicadores. Na segunda etapa na análise, o olhar foi voltado de forma a classificar os pré-indicadores (relatos literais) nos indicadores apreendidos. Este processo foi realizado também com as transcrições das entrevistas finais e dos encontros do grupo de apoio social. Tendo em mãos os pré-indicadores e indicadores apreendidos é que foi realizada a análise dos núcleos de significação que possibilitaram identificar as repercussões que o grupo de apoio social teve nas práticas educativas das mães de crianças diagnosticadas com TDAH e as transformações que o grupo causou nos significados atribuídos a elas mesmas e aos filhos, considerando o âmbito familiar no qual se inserem.

3.4 Instrumento de Pesquisa

Foram utilizadas entrevistas individuais semiestruturadas iniciais⁵³ com cinquenta minutos de duração. O roteiro da entrevista se estruturou após discussões em grupo de estudo sobre práticas educativas, visando revelar os conceitos de práticas educativas das mães das crianças com TDAH e a forma que as práticas se estabeleciam. Foram investigados aspectos da rotina familiar, desempenho acadêmico, atendimentos realizados, estrutura familiar e os significados que as mães atribuíam a elas mesmas e aos filhos. Também estão inclusos dados de identificação da mãe e da criança (mantidos em sigilo)⁵⁴.

O grupo de apoio social foi um instrumento de pesquisa para analisar as repercussões que este grupo teve nas práticas educativas das mães, e para causar repercussões positivas nestas práticas e nos significados atribuídos a elas mesmas e aos filhos.

O último instrumento foi a entrevista semi estruturada individual final⁵⁵ com duração de cinquenta minutos. O roteiro da entrevista também se estruturou após discussões em grupo de estudo sobre práticas educativas e a partir da análise da primeira entrevista e do desenvolvimento dos grupos, visando a partir das transcrições⁵⁶ revelar as repercussões que o grupo de apoio social teve nas práticas educativas das mães participantes e as mudanças nos significados

⁵³ Apêndice B

⁵⁴ Apêndice C1, C2, C3, C4, C5,

⁵⁵ Apêndice K

⁵⁶ Apêndice L1, L2, L3, L4, L5.

atribuídos a elas mesmas e aos filhos, dentre outros aspectos que serão expostos na análise.

3.5 Amostragem por conveniência

As mães que fazem parte da amostra tomaram conhecimento da pesquisa através de convite via redes sociais e estão dentro da rede de relações do pesquisador e dos próprios participantes.

3.6 Critério de elegibilidade

Para que fosse possível a participação das famílias, era necessário que o interessado fosse responsável por uma criança diagnosticada com TDAH. As famílias que demonstraram interesse foram informadas dos dias, horários e local em que os encontros ocorreriam, pois a falta de disponibilidade nestes momentos seria um critério de impedimento de dar início em sua participação na pesquisa.

Após estas informações, 5 famílias, somente as mães, confirmaram sua participação e deram início às entrevistas iniciais, que permitiram colher dados para a descrição dos participantes e planejamento dos encontros do grupo de apoio social.

3.8 Aspectos éticos

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de ética competente, via inscrição no CEP/CONEP - Plataforma Brasil do Ministério da Saúde, CAAE nº 53129115.9.0000.0102. Somente após sua aprovação é que o planejamento da pesquisa começou a ser aplicado.

4. RELATO DOS ENCONTROS DO GRUPO DE APOIO SOCIAL “EXPERIÊNCIAS TDAH”

Já no ato do convite, os interessados foram informados da criação de um grupo no Whatsapp⁵⁷ para que as famílias pudessem conversar virtualmente antes mesmo de se conhecerem pessoalmente no primeiro dia de grupo de apoio social.

Através do contato das famílias e interesse em participar, foram marcados encontros individuais do pesquisador-moderador com a família, no intuito de realizar a entrevista semi estruturada Inicial com o objetivo de coleta de dados para o planejamento dos encontros, assinatura do TCLE⁵⁸ e esclarecimento da importância da assiduidade ao grupo, desta forma, realizando o enquadramento de todos os participantes no grupo “Experiências TDAH”. A entrevista inicial e a comparação com a entrevista final teve também como objetivo avaliar a repercussão do grupo de apoio nas práticas educativas das mães que participaram do processo.

Foram realizados 8 encontros com 5 participantes, seguindo as seguintes etapas:

1ª ETAPA: Entrevistas individuais semi estruturadas iniciais

2ª ETAPA: Introdução ao grupo de discussão

3ª ETAPA: Desenvolvimento do grupo de apoio social realizado em 4 encontros

4ª ETAPA: Discussão final

5ª ETAPA: Entrevistas individuais semi estruturadas finais

Neste momento da pesquisa, o que se objetiva é trazer a forma como os encontros do grupo de apoio social aconteceram, descrevendo as atividades realizadas, os objetivos próprios de cada encontro pré-estabelecidos pelo moderador e as intervenções realizadas pelo moderador que intermediou as interações entre as mães. A descrição dos encontros está junto dos pré-indicadores apreendidos dos relatos das mães, que foram discutidos e justificados em suas interpretações, analisando porque foram classificados em determinados indicadores, culminando em núcleos de significação. Esta análise trouxe a forma como o planejamento dos encontros se desenrolou na prática.

⁵⁷ WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens sem custo. Os usuários do podem criar grupos, enviar mensagens com imagens, vídeos e áudio. Extraído de: https://www.whatsapp.com/?l=pt_br.

⁵⁸ Termo de Compromisso Livre e Esclarecido encontra-se no Apêndice A.

Através da discussão, o que o leitor observará que ficou explícito é o olhar sensível do pesquisador para o material coletado e suas impressões pessoais dos momentos que vivenciou, dos relatos que ouviu e das práticas que direcionou.

4.1 1º Encontro: Entrevista individuais

A família foi previamente informada de que neste encontro iríamos conversar sobre a vida familiar envolvendo a criança diagnosticada com TDAH. Foi solicitado que se levasse para o encontro o laudo de diagnóstico da criança, alguns materiais escolares e o que mais a família julgasse necessário para mostrar o comportamento da criança. Após conversa sobre o laudo e sobre os materiais, foi realizada a entrevista com a família, seguindo o Roteiro de Entrevista Semi Estruturada⁵⁹ também no formato de conversa. Os aspectos mais pontuais relatados pelas mães e que permitem fazer a descrição das participantes e de seus filhos estão no quadro abaixo:

Informações Entrevista inicial	Mães participantes do grupo de apoio social					
	NI	GABRIELE	LAURA	LAVÍNIA	MARJORI	
Filho	<i>Júnior</i>	<i>Eduardo</i>	<i>Vinícius</i>	<i>Miguel</i>	<i>Enzo</i>	<i>Danton</i>
Data de Nascimento do filho	<i>18/08/2005</i>	<i>19/12/2003</i>	<i>25/04/2003</i>	<i>07/04/2009</i>	<i>04/06/2004</i>	<i>19/09/2002</i>
Data de Nascimento da Mãe	<i>10/01/1970</i>	<i>24/06/1980</i>	<i>26/12/1978</i>	<i>15/08/1978</i>	<i>04/11/1977</i>	
Ano em que o filho está na escola	<i>4º ano</i>	<i>6º ano</i>	<i>7º ano</i>	<i>2º ano</i>	<i>7º ano</i>	<i>8º ano</i>
Atendimentos especializados e frequência	<i>Psicologia semanal. Neurologia trimestral. Homeopatia trimestral</i>	<i>Já fez fonoaudiologia. Neurologia eventual</i>	<i>Neurologia eventual. Psicologia semanal. Já fez fonoaudiologia</i>	<i>Psico motricidade 1x por semana. Psicologia 1 x por semana</i>	<i>Já fez fono e psicologia. Agora somente neurologia a cada 3 meses</i>	<i>Psico pedagogia 2x por semana. Neurologia a cada 3 meses</i>
Ano escolar em que recebeu o diagnóstico de TDAH	<i>1º ano</i>	<i>4º ano</i>	<i>1º ano TDAH + DISLEXIA LEVE</i>	<i>1º ano</i>	<i>3º ano</i>	<i>1º ano TDAH + DISLEXIA</i>
Medicação	<i>Homeopatia</i>	<i>Ritalina</i>	<i>Ritalina</i>	<i>X</i>	<i>Ritalina</i>	<i>Ritalina</i>

⁵⁹ Encontra-se no Apêndice B

Profissão da Mãe	<i>Técnica em enfermagem</i>	<i>Representante de vendas</i>	<i>Enfermeira</i>	<i>Professora de Educação Física</i>	<i>Pedagoga</i>
Escolaridade da Mãe	<i>Graduação e comunicação. Pós-graduação na área da saúde</i>	<i>Nível médio</i>	<i>Graduação em enfermagem</i>	<i>Graduação em Educação Física. Pós-graduação em dança, educação inclusiva e séries iniciais.</i>	<i>Graduação em Pedagogia. Pós-graduação na área da Educação</i>
Religião da Mãe	<i>Católica</i>	<i>Católica</i>	<i>Evangélica</i>	<i>Umbanda</i>	<i>Evangélica</i>
Membros da família que moram junto	<i>Pai, mãe, irmã e 8 anos e irmã de 24 anos</i>	<i>Pai e irmã de 7 anos</i>	<i>Mãe e irmã gêmea</i>	<i>Somente mãe e filho</i>	<i>Pai, mãe e irmão</i>
Espaço da criança na casa	<i>Divide o quarto com as irmãs</i>	<i>Cada irmão tem seu próprio quarto</i>	<i>Cada irmão tem seu próprio quarto</i>	<i>Tem seu próprio quarto</i>	<i>Cada irmão tem seu próprio quarto</i>
Outras informações	<i>Mãe estuda Mestrado na área de TDAH</i>	<i>Mãe e pai em processo de separação</i>	<i>Pais separados Avó bastante presente</i>	<i>Mãe adotiva</i>	<i>Vão à igreja frequentemente</i>

Quadro 5: Informações apreendidas das entrevistas iniciais individuais

Ao longo da conversa, buscando investigar quais eram os significados que as famílias atribuíam à “práticas educativas”, pôde-se identificar diversos significados:

... a prática educativa depende muito da criança, da pessoa, então ele é um ser humano, não tem uma coisa definida, você tem que levar conforme você vai conhecendo seu filho (NI).

É você achar um meio pra fazer com que a criança, o filho, seu aluno, consiga entender. Então assim, até mesmo uma coisa em casa. A gente usa muito a questão de jogos... A prática educativa deles hoje já é muito de escutar o que o professor fala, fazer resumo e trazer pra casa pra estudar. Então esse é um conceito que eu ainda fico meio insegura (MARJORI).

Práticas educativas? ... Como se fosse fazer algum dever de casa, atividade com ele, eu acho que seria isso (GABRIELE).

Práticas educativas são atividades pra ajudar na formação. Como por exemplo, eu entendo que comprar um joguinho pra ele, que seja educativo, ou tabuada, um quebra-cabeça que é de tabuada. Jogo da memória, são coisas que vão ajudar na formação educativa dele (LAURA).

Práticas educativas... seria a forma como a gente se posta para educar, formar (LAVÍNIA).

Esta é a primeira oportunidade que o leitor tem para criar uma imagem mental de quem são estas 5 fantásticas mães. Atribuo o adjetivo “fantásticas” pois tenho propriedade para atribuí-lo. Como pesquisadora moderadora, passo a situá-los neste trabalho me colocando em primeira pessoa, pois efetivamente presenciei cada relato que será exposto. E nestes relatos, a partir dos discursos, foi possível apontar quais práticas educativas são estabelecidas no cotidiano destas famílias. Elas conceituaram as práticas com a necessidade de serem diferenciadas e de fazer junto. Há interação respeitando a singularidade. Embora elas assumam seus papéis de formadoras, há insegurança e dúvida no que este papel representa, deixando transparecer a necessidade de ajuda. E é interessante ressaltar como as mães têm como base da educação muita conversa, se caracterizando até mesmo como “sermão”. Também tem momentos em que a comunicação com as crianças é frequente e desejada por elas quando há diálogo, e não somente o “sermão”.

...muita conversa, porque não é fácil (LAVÍNIA).

A gente sempre conversa muito, porque pra ele estudar já é uma coisa difícil, eu converso pra que não fique pior (LAURA).

Mas a gente sempre conversa, ele conta de namorada, da menina que ele gosta na sala, essas coisas, a gente é bem amigo (GABRIELE).

A gente conversa sobre a escola, conversa sobre esporte, sobre o que a gente vê no jornal, de guerra, então os assuntos são bem variados (MARJORI).

Conversei com ele bastante e falei com o pai porque ele escuta muito o pai, né ... E daí não aconteceu mais (NI).

Naquele momento, fiquei bastante satisfeita em ver que um dos tópicos que eu iria trabalhar no grupo de apoio social, que estava relacionado à comunicação, já estava intrincado na postura formativa destas mães, que era a necessidade do diálogo, mas que elas não sabiam ainda como praticar a real comunicação, culminando com frequência em sermões, o que teve que ser trabalhando nos encontros. Práticas de responsabilizar a criança por seus atos, de perda e compensação e regras estabelecidas também estavam presentes nas estratégias das mães como uma forma de controlar seus comportamentos:

Tem por escrito né...O que eles têm que cumprir. Eles assinaram, agora até está na hora de rever de novo, porque eles assinando tem aquela responsabilidade (NI).

Eu deixei ele de castigo, não mexeu na internet e ficou sem videogame, conversei bastante, porque eu converso bastante, com os dois, falei que se tivesse a próxima eu ia dar uma surra nele... até porque eu não bato, não gosto de bater, quase nunca, mais de vez em quando eu falo que eu vou pegar (GABRIELE).

Hora de dormir, hora de acordar, vídeo game é só no final de semana. Dormir até 9 horas. O vídeo game é só com autorização, dependendo de como foi a semana (LAURA).

...eu comecei a tirar coisas se ele não fazia o combinado. Nós temos combinados. Exige paciência, mas vem funcionando com ele (LAVÍNIA).

Combinados são estabelecidos e a troca aparece como meio de atingir um objetivo. Também surgiu o tom de ameaça no relato que fala sobre “bater”, mais como uma tentativa desesperada de conseguir manter as rédeas, do que como uma solução real. Elas têm práticas de punição, o que gera conflitos. As mães também trazem algumas posturas que assumem a partir da observação empírica do comportamento de seus filhos, de quando há a necessidade de estar presentes em alguns momentos, ou o que devem fazer em outros.

Eles têm algo bom e capacidades, às vezes até melhores que os outros, mas você precisa entender e canalizar pra aquilo (MARJORI).

...sempre estou vendo o que pode ser interessante para ele, que pode agregar. Isso não falta pra ele, procuro oferecer muitos momentos de questão cultural, e materiais relacionados a isso (LAVÍNIA).

...tem que ficar tudo na brincadeira, tudo interagindo com ele, se você chegar e falar “copia essa folha” não vai, chora, chora e não sai daquilo, não vai pra frente (GABRIELE).

(Pra fazer a lição) Ah, eu tenho que ficar junto, juntinho! (risos) (LAVÍNIA).

Aí eu fico junto com ele pra gente se organizar e vejo o que tem que fazer pra gente fazer junto (LAVÍNIA).

Eu não fico junto fazendo as atividades, quando eles têm alguma dúvida, eles falam “mãe eu não tô entendendo”, então eu faço junto (MARJORI).

Ter esta compreensão do que funciona é o que vem dando a base para que as mães possam atuar no trabalho diário que é educar, embora, neste momento, ainda mantenham a ideia da educação em um patamar de controle e

monitoramento do comportamento. Laura também chamou a atenção pela prática de usar ilustrações para exemplificar o que ela espera de seu filho.

Eu falo pra ele, a pessoa que tem uma perna amputada não vai ficar sem andar por causa disso. Ela vai se adaptar, ter uma muleta, uma prótese, enfim. Então você tem que se adaptar com isso, escreve no quadro “Não esquecer de escovar o dente”, coloca do lado da cama. “Tomou banho?” (LAURA).

Eu falo pra ele que eu não faço o que eu gosto. Eu faço uns 80% do que eu não gosto, pra fazer uns 10% do que gosto. Então a vida é assim (LAURA).

Além das ilustrações de Laura, Ni também traz elementos riquíssimos que percebeu que devem estar em sua prática educativa no momento de conseguir trazer a atenção de seu filho para si, ela diz que “quanto mais você faz rodeio, mais ele se dispersa porque não é interessante pra ele, ele também não consegue assimilar”, ainda dá a dica de “falar com ele, mas não alto senão ele não presta a atenção. Tem que ir na frente dele até que ele preste a atenção... senão ele não te ouve. Ele fica tão ‘naquele momento’ dele que ele não presta a atenção”. E ainda sobre a forma de se direcionar à criança com TDAH, afirma que “... tem que fazer ele prestar atenção, ele achar que é importante pra ele voltar a fazer! Se ele estiver cansado tem que ir parando e fazendo por etapas. Não tem como fazer direto. ”

Estes relatos foram relacionados com o que diz respeito a práticas educativas dentro do universo de representações de significados das mães. Relatos sobre os significados que elas atribuíram às crianças nesta conversa inicial serão expostos a seguir. Nestes primeiros relatos, estão implícitos tudo aquilo que diz respeito aos significados caracterizados como agitação que as mães atribuíram aos filhos:

O Miguel não é fácil nessa questão de comportamento (LAVÍNIA).

... mas ele é.... tá louco! (risos) Um furacão! (LAVÍNIA)

(Enzo) Em casa, o tempo todo tem que pedir pra parar (MARJORI).

... ele se joga, você tem que estar o tempo todo falando que pode se machucar, ele não olha o que tem do lado, se joga com tudo no chão... (NI).

Ele não para muito quieto lá não, tem que ficar o tempo todo falando pra ele ficar né (NI).

São crianças que não param quietas! E qual que para? Só que para estas mães, esta inquietude é percebida como algo “além da conta”, tanto que estão relatando, tanto que estão cedendo tempo para falar sobre isso. Ainda buscando os significados, relatos sobre como as mães percebem que o TDAH influencia no comportamento e no pensamento das crianças foram feitos, e pode-se observar que estes meninos são vistos diante dos olhos destas mães como crianças que precisam ser chamadas para a realidade, até mesmo para perceber possíveis perigos, em função da falta de concentração, e ela foi citada várias vezes como sendo um aspecto que deixa a desejar, que as crianças não conseguem focar.

Em função da falta de concentração, as mães sentem que se não estiverem sempre presentes, as crianças não conseguirão realizar as atividades pelas quais são responsáveis, tanto em casa como na escola. Sendo assim, trazem esta responsabilidade para si mesmas, estão ao lado em todos os momentos em que algo deve ser realizado. De acordo com os relatos, algumas mães sentem que não podem deixar a criança agindo sozinha, ou que até mesmo as próprias crianças não querem isto.

... hoje ele tem até um pouco de noção do perigo, mas não tem muito não, ainda... (NI).

Ele não gosta de ficar sozinho (NI).

... sempre eu procuro ter um tempo todo dia, pra gente fazer a lição junto porque sozinho ele não faz, sempre tem que ter alguém... (NI).

Eu tenho que ficar em cima, senão ele não vai (LAURA).

...ele é bem desorganizado, eu tenho que ficar em cima (LAVÍNIA).

Eu dou uma orientação, porque parece que ele não sabe por onde começar (LAURA).

Então por isso que eu acho que realmente ele tem grande dificuldade. Porque ele não consegue se concentrar quando ela (professora) está ditando... (NI).

(Enzo) mas é que ele é inteligente, só que ele não consegue parar pra focar porque o pensamento dele é super acelerado (MARJORI).

Se deixar ele por conta ainda não consegue atingir a média (LAURA).

O problema com ele é mais na atividade mesmo, se concentrar, é igual quando tem lição de casa, tenho que ficar sentada aqui, ele começa a ficar nervoso, você tem que ir meio interagindo com ele pra ele fazer (GABRIELE).

Ele não é de fazer as coisas, tem que ficar repetindo (LAURA).

Eu quero que ele cumpra e ele não consegue (LAURA).

Passa um tempo ele começa a ficar disperso (LAURA).

Por exemplo, pra mim esse barulho que tá lá fora me atrapalha, mas pra ele, ele não consegue. Ele franze a testa e não se concentra mais, dispersa (LAURA).

A escola me colocou um alerta... e o Miguel é desatento, agitado, e impulsivo... chegando até a ser agressivo (LAVÍNIA).

Estes relatos trazem a sensação de que as mães acompanham bem de perto a rotina dos filhos e misturam as suas às deles, fazendo com que haja estresse por a criança não dar conta das responsabilidades que sentem que são delas também. Elas têm que ficar “em cima”, senão eles não “conseguem”, em função de serem “desatentos”. Este comportamento de monitoramento do comportamento das crianças indica insegurança delas e mais uma vez, a questão do monitoramento que impede o desenvolvimento da autonomia. Neste processo de monitoramento e ordens, diante da não realização do que havia sido solicitado, as mães percebem as seguintes posturas em seus filhos:

Ouve, pede desculpa, fala que não vai fazer mais, só que depois ele acaba fazendo.... Ele não é uma criança muito de se entregar (NI).

(Danton) ele relaxa e quer muito as coisas prontas, ele usa como uma muleta (diagnóstico de TDAH) (MARJORI).

... ao invés de pensar em resolver logo e ficar livre, ele vai empurrando (LAURA).

As mães também apontaram aquilo que tem sido mais trabalhoso ao longo de suas jornadas formativas:

...bom na oralidade, mas na escrita é difícil (GABRIELE).

Pra decorar os dias da semana, os meses do ano, sempre muito difícil (LAURA).

E ele é muito preguiçoso pra lê e pra escrever, bem preguiçoso (GABRIELE).

... tenho que ficar puxando assunto com ele, senão não fala (LAVÍNIA).

Ao longo da conversa também surgiram em meio aos discursos pontos que as mães admiram em seus filhos:

Ele não é isolado, é uma criança bem comunicativa, gosta de conversar (GABRIELE).

Tem 11 anos mas é bem cabeça, a gente conversa de igual pra igual (GABRIELE).

Ele tem uma oralidade muito boa, ele conversa muito bem (LAURA).

Ele conversa sobre tudo, dá opinião, ele é teimoso também (GABRIELE).

É válido destacar que vários pontos relacionados à comunicação surgiram em meio aos pontos que são admiráveis. Temas variados também foram abordados:

Ele é bom em matemática (GABRIELE).

...se eu levo em uma exposição, por exemplo, não tenho criança... super comportado, demonstra que gosta mesmo (LAVÍNIA).

...assistir televisão é algo que ele faz com empenho, se concentra mesmo! (risos) (LAVÍNIA).

Ele memoriza coisas difíceis, sabe falar sobre a Lua, os planetas, essas coisas loucas, Nasa, aeronáutica, do espaço... esqueci o nome. Ele gosta dessas coisas, de exército, táticas de guerra, ele fala pra gente (LAURA).

Aquelas fases medonhas do X Box lá, ele decora, que quando ele chega naquela fase, ele sabe que tem que pular com o bonequinho dele (LAURA).

E quando as mães falam sobre o que admiram em seus filhos, a sinceridade exala de suas palavras. Elas sabem que o TDAH permeia grande parte dos eventos cotidianos, mas conhecem seus filhos. Sabem que eles têm pontos admiráveis, e que eles são capazes de conquistar muitas coisas ao longo de suas vidas.

Eles são bem independentes, eles conseguem fazer bastante coisa hoje sozinhos (MARJORI).

O cérebro do Vinícius é um cérebro de Ferrari. Não justifica que ele tenha um desempenho de um Fusca. Ele tem um cérebro

com potencial e por algum motivo isso não aparece na escola, no desempenho acadêmico dele (LAURA).

(Danton) ele tem que ver que é capaz... Ele precisa decidir um norte para ele (MARJORI).

Eu não consigo limitar ele. Não quero ficar com isso na cabeça. Se ele conseguir fazer a faculdade, quero que ele faça. Eu não falo que tá bom tirar 5, tirar 6... sempre falo pra ele, você tem que tirar mais! Você tem capacidade, você é inteligente, você faz coisas que eu não consigo fazer (LAURA).

O grande desafio para estas mães é encontrar estratégias que auxiliem seus filhos a ter a auto percepção das capacidades que eles têm. E para isso, precisam perceber qual é o papel de mãe, o papel de mediar que o filho alcance a auto regulação do comportamento. Elas expressam nessas falas que não querem limitar o desenvolvimento das potencialidades dos seus filhos, por mais difícil que seja transpassar as barreiras daquilo que está velado no que significa ser diagnosticado com TDAH em nossa sociedade. Mesmo sem querer limitar, utilizam palavras na tentativa de definir a forma como representam seus filhos, e nesta tentativa, significados são atribuídos aos filhos através de denominações negativas e positivas frequentes ao tentar expressar estes sentimentos, em um contexto de polaridade:

Irritado, impulsivo, agitado (NI).

(Danton) Personalidade bem forte, educado, complicado, participativo (MARJORI).

(Enzo) Expansivo, ativo, questionador, bagunceiro, temperamental (MARJORI).

Cabeça, teimoso, querido, comunicativo, preguiçoso (GABRIELE).

Quieto, introspectivo, desatento, maduro, imaturo, disperso, inteligente (LAURA).

Desorganizado, desatento, agitado, impulsivo, agressivo (LAVÍNIA).

Sobre estas palavras e sentimentos, Gabriele trouxe algumas reflexões acerca do TDAH que são pertinentes de serem citadas, pois trazem os significados que ela atribui ao seu filho e os que ela sente que são atribuídos pela sociedade. Ela diz que “a criança sofre, eles não conseguem fazer, se sentem incapazes.” Ao longo de seu discurso ela justifica este sentimento como

sendo algo vivenciado historicamente, pois segundo ela, “antigamente era diferente, não tinha TDAH, eram taxados como burros.” Esta percepção é importantíssima para compreender o sentimento que muitas têm, achando que a criança simplesmente não está disposta a realizar o que é proposto. Ela relata o seguinte: “...achava que era preguiça dele, ele já sofreu tanto, tantos anos sofrendo e ele sempre falava que era a escola, que a professora não tinha paciência”. Para ela, conhecer o TDAH, saber que ele existe na sociedade atual, diferente de “antigamente”, traz conforto para que ela possa exercer seu papel formativo com mais propriedade.

Estas 5 mulheres atribuem significados aos seus filhos. Ni, Lavínia, Laura, Marjori e Gabriele também se percebem enquanto mães e trazem significados na tentativa de se desvendarem. Dedicação, persistência, guerreira, trabalho, oportunidades. Com estas palavras elas significam o que é ser mães destes meninos. As palavras que elas utilizam ficam claras quando vão desenrolando seus pensamentos, suas lutas e suas vitórias.

Persistência. Eu vejo que tem muitas mães que cansam. Você tem que persistir e acreditar... superação, entender pra não machucar... Então assim, é persistir (MARJORI).

Eu acho que dedicação. Porque ele demanda bastante cuidado, bastante atenção... eu faço tudo que eu puder para que o meu filho melhore, pelos meus filhos né, não é só ele, ele com mais as dificuldades, acho que fica mais "em cima" assim (NI).

É difícil a gente falar da gente, mais eu faço de tudo pros meus filhos, não sei falar mas pelos meus filhos eu faço tudo, não sou uma mãe perfeita, porque é difícil, mas tudo que está no meu alcance. Eu acho que sou uma mãe guerreira pelos meus filhos, posso falar que eu faço tudo por eles (GABRIELE).

Enquanto mãe do Vinícius... Uma palavra... Trabalho. É muito trabalho. Não só por essa situação, mas porque toda a vez que eu penso nele eu tenho que lembrar de alguma coisa (LAURA).

Eu me vejo como alguém que oferece oportunidades, de educação, cultura, atendimentos... quero que ele experencie diversas coisas e tenha oportunidades diversas...procuro oferecer que ele vá ao cinema, teatro, enfim... passeamos bastante (LAVÍNIA).

As frases completas dão o real sentido daquelas palavras que vem carregadas de significados, e desta forma, elas representam o peso de ser mãe.

Ainda é importante destacar outro ponto em comum de auto percepção entre duas mães:

Eu tenho uma dificuldade, eu misturo muito o profissional com o “mãe” (MARJORI).

...mas eu não consigo associar a figura de mãe com a figura de professora... Sou completamente diferente. A teoria cai por terra... já fui de gritar com o Miguel e tudo mais (LAVÍNIA).

Nas próximas narrativas ao longo do relato da pesquisa esta “mistura” realmente se faz presente, mas sempre acompanhada da autocrítica, não é uma atitude inconsciente, mas muitas vezes incontrolável, em função de elas não reconhecerem ao certo quais são as atribuições de seus papéis de mães como mediadoras do processo de aquisição da auto regulação do comportamento dos filhos. E tudo o que foi exposto até aqui causa um turbilhão de sentimentos nestas mães. Elas têm angústias causadas pelo o TDAH e percepções com relação a este transtorno. Alguns exemplos:

Porque cura, cura em si não tem! (NI)

Eu sabia que tinha algo que não era comum (MARJORI).

... tem situações que você fica sem saber o que fazer (NI).

... às vezes dá a sensação de que ele não vai chegar lá (LAURA).

... não tem como você segurar eles (NI).

Frases bem curtinhas, desacreditadas em uma cura ou em chegar “lá”. Sensação de impotência e ausência de um norte para seguir. Naquilo de mais sucinto é possível, após deixar escorrer por entre os dedos, tomar posse para dar sentido aos significados expostos e trabalhar com eles tendo-os em mãos novamente. E eles são a base do leque de outros sentimentos que foram expostos, como exemplo, momentos em que as mães questionam suas práticas:

Corrigir ou por de castigo, a gente começa a questionar até que ponto vale a pena pois não se sabe quando vai além da vontade de obedecer e entra na questão do autocontrole (MARJORI).

Eu queria que ele ficasse ali sentado, comportado, como a maioria, mas não... eles não são a maioria, eles são únicos né... Não adianta dizer que “todos os TDHAs são assim”, cada um é um e eu já vi que tem que ir aos poucos e não tem como dizer que é igual (NI).

Corrigir ou por de castigo? Mandar ficar sentado? Como é difícil tomar estas decisões com uma criança que não tem as características de alguém com TDAH. Podemos imaginar quão maior é a carga sentimental para as mães, estas nossas mães aqui descritas. Quando terminam as limitações do transtorno para iniciarem os comportamentos de oposição que são comuns na maioria das crianças? Questionamentos legítimos. Sentimentos fortes. E junto desses sentimentos vêm as dificuldades vivenciadas também em função dos significados que elas sentem que a sociedade atribui a quem tem TDAH.

... não sabe o que quer da vida, não fica em emprego nenhum, não é uma pessoa que sabe diferenciar muito as coisas. (Sem tratamento) (NI).

A criança com TDAH precisa de tudo bem claro, eles têm mais dificuldade em entender. Tem que ser objetivo... e nem sempre as coisas são assim (NI).

É bem complicado, porque a gente como família procura entender, mas eu vejo que é mais difícil com os outros do que com a gente em casa.... A maior preocupação é de não expô-los. Mas às vezes não tem como não expor (MARJORI).

A gente tem muita dificuldade com as escolas. O padrão de prova é igual pra todo mundo, independente da dificuldade de cada criança.... e eu não quero que reprove, então se eu puder ajudar pra ele ir em frente eu ajudo... (LAURA)

Eu fiquei mais preocupada na verdade com a questão deles na escola, de não sofrer o tal do bullying, de não ser discriminado... Eu me preocupo também com a questão do emocional (MARJORI).

... eu fiquei bem preocupada, mas já sabia da história dele, que não iria ser fácil, e assim, daquilo que a gente não dá conta, tem que procurar ajuda (LAVÍNIA).

O maior transtorno que a gente vê é na vida acadêmica, se bem que o Enzo, ele já tem problemas sociais com isso, e a gente procura ler, estudar sobre isso, mas é uma coisa que a gente ainda não entende, você vive com, mas ainda não entende direito o que é (MARJORI).

Nestes relatos podemos perceber com nitidez que a sociedade busca trabalhar com o que é padrão, para sistematizar e homogeneizar. Embora hajam políticas de inclusão para estudantes com necessidades especiais, elas não são válidas para TDAH, como foi abordado no capítulo “2.2.1 TDAH no contexto da Educação em Curitiba”. E este é um dos fatores que geram preocupações, incertezas e ansiedades, principalmente no que diz respeito à vida acadêmica.

Partindo do senso comum, ponto inicial em que estas mães estavam momentos antes de começarem a conviver com alguém que agora tem um novo diagnóstico, o do TDAH, sentimentos foram vivenciados:

Na época eu não sabia praticamente nada. Fiquei assustada. Não sabia a quem recorrer (NI).

É bem ruim, porque na verdade a gente não tem muito conhecimento, mesmo a gente sendo da área da educação (MARJORI).

Péssima, eu me senti péssima, porque me senti culpada até por eu ter brigado com ele, deixado de castigo, me senti pior, a pior mãe do mundo, porque o problema dele eu achava que era tudo preguiça (GABRIELE).

É difícil, porque eu já li muita coisa, mas não sei como colocar. É difícil porque no começo a gente pensa que a criança está de má vontade (LAURA).

Esta nova “condição” dentro da família trás também novos sentimentos que acompanham a correria atrás de médicos especialistas, terapias e os mais diversos atendimentos. Estes sentimentos foram expostos de maneira intensa por Laura, que relata: “Foi bom pra ele (sessões de fonoaudiologia), mas eu tirei, porque eu estava estafada, não aguentava mais levar, eu sou separada do pai dele. Eu achei que ele não tava rendendo, só estava brincando e eu sozinha pra cuidar dos dois. ” Ainda segundo Laura: “E eu todos os dias tenho que estar em cima dele, e isso me cansa. ” O cansaço é bem marcado na rotina de Laura com Vinícius, e ela cita esta estafa de diferentes formas: “Eu me sinto muito cansada. E amo ele, mas tem hora que eu sinto ele muito preso, eu tenho que levar, tenho que trabalhar esse sentimento.” Tristeza também surgiu como um sentimento importante: “Ele sabe que ele precisa se organizar e que a não organização dele traz uma certa tristeza pra mim. ”

As atitudes que as mães tomavam antes do diagnóstico dos filhos causam sentimento de culpa pelos seus comportamentos de punição para com os filhos, elas reconhecem que agiam de maneira inadequada em função de falta de conhecimento.

Além do sentimento de cansaço e tristeza, também surgiram questões relacionadas à paciência e irritação:

Ele não lia CA-MA, e aquilo me irritava (LAURA).

Olha, confesso que eu já fui mais nervosa, logo no início eu não entendia o que estava acontecendo, porque ele não parava, então eu logo pegava o chinelo e resolvia assim. Mas tenho procurado ajuda e já melhorei bastante. Estou mais paciente, converso com ele (LAVÍNIA).

Ah, isso me irrita muito, porque eu falo “Eu não disse que era pra você fazer tal coisa?” E eu chego hoje e vejo tudo virado, roupa na cama. Aí peço pra guardar, mas abro o guarda roupa e vejo que está tudo socado lá dentro. Assim, eu brigo com ele (LAURA).

Aaaa... Me deu uma vontade de dar uma surra (GABRIELE).

Meu Deus... será que é eu que não consigo, que não tenho paciência com o meu filho? (GABRIELE)

Eu já gritei bastante, mas nunca bati por isso, nunca, mas a questão de perder a paciência é bem fácil (MARJORI).

Para finalizar esses indicadores da representação que as mães expressam sobre seus filhos e sobre si mesmas, trago também algumas frases que demonstram sentimentos que as mães usam para se confortar quando o assunto é TDAH:

Não é em função do TDAH que eles não vão aprender e tal (MARJORI).

... é difícil, mas com o tempo e conhecendo melhor seu filho é mais tranquilo (NI).

Embora seja claro a partir da análise dos sentimentos que para as mães não é fácil lidar com o comportamento dos seus filhos, elas desejam que eles não sejam limitados por ele, e sabem que com investimento em conhecer aquela pessoa com a qual convivem diariamente, pode haver esperança de sucesso no futuro, mas pela maioria dos outros relatos, não tem segurança sobre esta possibilidade.

Estes fortes sentimentos vivenciados pelas mães, em algumas famílias são desconsiderados pelos pais. Como por exemplo, na família de Ni, que traz o relato de que “Mesmo depois do diagnóstico o pai acha que não é nada.” Isto demonstra que as mulheres vivenciam momentos de solidão em sua jornada de luta no manejo do comportamento da criança, pois não há o apoio dos homens, e isso é percebido de maneira acentuada pelos meninos. O filho de Laura reflete o que ela relata: “Ele solta comentários adultos, como em relação ao pai que não ajuda, pensão.” E o comportamento do pai é incorporado pela criança no caso

da família de Gabriele: “Vai tudo do exemplo, igual em uma sexta-feira, falei pra fazer faxina, todo mundo vai fazer faxina hoje... daí o meu marido falou “eu não vou fazer faxina nenhuma, vou deitar e vou assistir”. E deitou no sofá, aí o meu filho falou: “se o pai não vai também não vou”. Aqui a figura do pai aparece de maneira marcada como sendo importante influência no comportamento da criança. Nos próximos excertos, também:

Conversei com ele bastante e falei com o pai porque ele escuta muito o pai, né ... E daí não aconteceu mais (NI).

O meu marido, falou tá falado (MARJORI).

As regras eu estabeleci, agora o pai, o que ele fala eles acatam. Tanto é que ele sai com os dois numa boa. Eu não saio com os dois sozinha. Quando um vai pra um lado o outro vai pra outro. Não dá (NI).

Esta influência leva à conclusão de que se estes pais demonstrassem interesse em participar do grupo de apoio social, mudanças expressivas na dinâmica familiar e na forma de conduzir práticas educativas com a criança, ocorreriam. O pai, ou a ausência dele, tem efeitos.

Somos só nós dois, só eu e o Miguel. Não tem papai agora, nem nunca teve (LAVÍNIA).

Ele sempre fala da mãe dele, e a figura do pai, ele acabou vinculando com o tio da condução (LAVÍNIA).

...a psicomotricista relacional está trabalhando com essa questão do pai dele, diz que o fato de ele ser todo elétrico pode ser um desalinho em função de, assim, cadê esse pai? Então ela está trabalhando com o pai simbólico dele. Me dá até medo, porque esse pai estava tão quieto... (risos) (LAVÍNIA)

A figura do pai indica que as mães se sentem seguras em sua presença e inseguras em sua ausência em função da representação de autoridade que ele tem dentro da família. Elas demonstram que as crianças sentem medo desta figura, ficam confusas com suas atitudes e que as mães sentem indignação em função de os pais não darem a devida importância ao diagnóstico.

A postura dos pais influencia no comportamento da criança, e comentários da mãe, também. Em vários momentos da pesquisa me deparei com discursos nos quais as mães faziam comparações entre irmãos. Pelos relatos é possível perceber que estas comparações, com frequência, são feitas diretamente às crianças, o que tem impacto na autoestima delas. Antes de trazer as

comparações das mães, trago um relato que mostra como a sociedade enxerga muitos destes meninos, feito por Laura, expressando a pressão social sob o Vinícius: “Até perguntam para os dois: “mas como que você tá no sexto e você no sétimo se são gêmeos? Mas você é menor! ”. Porque ele é uma criança pequena. Então sempre quando a gente chegava em algum lugar perguntavam sobre a idade deles. Eu falava que eram gêmeos e falavam “Nossa, mas como ele é pequeno! ” As pessoas fazem isso! Ele sempre foi se sentindo menor, mais inferior”.

....eu vejo a diferença dela. Se eu soltar está tranquilo, ele não (NI).

O Enzo precisa de mais orientação que o Danton. Ele é mais desorganizado (MARJORI).

Então, o Danton às vezes ele não compreende e eu tenho que retomar. Então com ele, o mais velho, demanda mais tempo fazer a tarefa. Já com o Enzo, é pra fugir (MARJORI).

Já o Enzo é mais temperamental que o Danton. Ele incomoda os outros, não para, fica falando... (MARJORI)

Com o Enzo é um pouco mais complicado que com o Danton pra ele conseguir obedecer. Então sempre tenho que falar: Enzo, passou dos limites, deu (MARJORI).

Até a gente brigou com ele, porque a minha menina tem sete anos e digita (no WhatsApp). Ele só fala, ele é preguiçoso (GABRIELE).

E tanto que hoje a minha menina, a minha filha, eu vou lá e a professora fala que ela é perfeita, é ótima, faz tudo. E ele desde o começo era problema, não fazia a lição (GABRIELE).

Eu tenho os dois da mesma idade, e eu vejo como a irmã é mais amadurecida. Ela faz as coisas da escola com um pé nas costas, e pra ele é tudo arrastado (LAURA).

E ela é ao contrário, ela é muito ativa, e ela se acha superior a ele. E é difícil administrar isso porque ela se acha, preciso cuidar pra ela não humilhar ele (LAURA).

Elas comparam na tentativa de entender o comportamento dos filhos, precisam de um ponto de referência e, diante de tantas diferenças, ficam sem um. Sentem-se perdidas em meio à uma situação que é difícil de administrar. Todos estes relatos são indicadores da representação e sentimentos que as mães entrevistadas revelam. Eles falam por si só e para quem lê, eles dão vida, cor e cara aos personagens envolvidos. Estas mães cedem seu tempo para

participar de algo em que apostam, que sentem que vai ser válido e que necessitam do que é proposto.

.... Tentei procurar na internet um grupo de apoio e não achei nada, foi bem difícil (NI).

Eu procuro muito na internet, faço parte de vários grupos que tem filhos com TDAH, com dislexia e tal, e tem cursos, só que eles são geralmente em São Paulo, no Rio de Janeiro, tem muita coisa em inglês, e é difícil também ter tempo hábil para estudar isso (MARJORI).

Eu acho interessante passar para outros pais a experiência deles e eu falo sempre pras outras mães, procure o Dr... faz exame, vai ver o que é, faz exame de vista, porque tem criança que precisa usar óculos, os pais nem fazem nada, então tudo isso eu falo. E acho interessante poder falar no grupo (GABRIELE).

A conversa, você dividir, isso é legal pro fortalecimento (LAURA).

... ela disse que você estava com uma proposta legal para aplicar com os pais, e como eu vivo correndo atrás de ajuda, e de coisas que possam me ajudar, achei muito legal (LAVÍNIA).

Eu preciso conversar com mães que tem crianças assim também, que não param! Saber o que dá certo para elas (LAVÍNIA).

Fica claro que elas precisam encontrar suas “iguais” para aquietar o coração. Seus corações e os que batem fora delas, e nesta tentativa é que foi possível a realização do grupo de apoio social que será descrito no próximo capítulo, que tem estrutura e objetivos próprios dentro da pesquisa participativa, da forma como foi abordado no capítulo “3.1 Grupos de Apoio Social e Pesquisa Participativa” neste trabalho.

4.2 2º Encontro: Introdução ao grupo de discussão

Após a realização das entrevistas iniciais, o segundo encontro com os pais se deu já no grupo de apoio social. Nas entrevistas foram as mães que participaram e manifestaram interesse em participar dos 6 encontros coletivos que serão descritos. Os dias foram combinados e o horário também, via WhatsApp, para que este primeiro encontro coletivo pudesse acontecer. Apesar de todas as mães terem confirmado previamente a presença, somente duas

compareceram no momento de introdução ao nosso grupo de apoio social, a Lavínia e a Ni. As demais, enviaram justificativas escritas através de nosso meio de comunicação estabelecido. Para que as mães se sentissem acolhidas, em todos os encontros sempre preparei lanches e sucos para servir.

Para dar início me apresentei como moderadora e pesquisadora participante e falei sobre a dinâmica na qual os encontros aconteceriam para que as famílias soubessem o que esperar destes momentos. Os pais ganharam um caderno para registrar suas anotações, dúvidas e experiências, tanto dos encontros, quanto do que ocorresse ao longo da semana, desta forma, poderiam se lembrar de fatos marcantes para compartilhar com os outros pais no próximo encontro. A proposta foi bem recebida.



Figura 2: Caderno de registro dos encontros

Relembrei o que discutimos no momento da entrevista, que o objetivo era construir um espaço de trocas de experiências e conhecimento sobre práticas educativas. Ressaltei que o importante seriam as trocas entre elas, sendo que eu poderia falar o que li a respeito da temática e que traria algumas coisas relacionadas as pesquisas da área, mas que o principal seriam os relatos das famílias, o que fazem no dia a dia e quais práticas educativas dão certo ou que não dão. A partir destes relatos, esclareci que eu mediaría as discussões de forma a intervir objetivando que as mães alcançassem os objetivos propostos para cada encontro, que estabeleci previamente. Buscando esclarecer algumas dúvidas que surgiram nas entrevistas iniciais sobre este conceito, discuti sobre

o conteúdo do capítulo “2.2 Prática, a tão citada prática...” deste trabalho com as mães, que iam tomando nota.

Após estas informações iniciais, foi solicitado que Lavínia e Ni se apresentassem, pois ainda não haviam tido a oportunidade de se conhecerem e falassem um pouco sobre suas expectativas para o grupo. Lavínia iniciou sua apresentação, e ao longo de sua narrativa, foi possível identificar alguns significados que ela atribui ao Miguel:

E ele é muito agitado, desde o início (LAVÍNIA).

Fica lendo um tempão. Igual a TV, se deixar também fica um tempão (risos) (LAVÍNIA)

É muito natureza, eu procuro oportunizar momentos para ele estar em contato, ele é bem afinado com a natureza (LAVÍNIA).

(Momentos culturais) é super tranquilo estar com ele nesses ambientes (LAVÍNIA).

O problema é na hora do registro, é como se o lápis tivesse 20 kg! (risos) (LAVÍNIA).

Estes significados foram aparecendo em meio à conversa que se estabeleceu com Ni, as duas foram se conhecendo e ficando mais à vontade para falar de seus filhos. Elas iam falando e se identificando, trazendo de sua realidade e trocando. Ni, imersa neste diálogo, também se apresentou e foi deixando transparecer o que percebe no Júnior:

E em casa, ele sempre foi agitado, quando era bebê, ele já engatinhava correndo! No berço ele virava, girava... (NI)

O registro é muito difícil pra eles, na escola não entendem, e sempre querem que só fique sentado, ele não consegue (NI).

Não, ele não consegue! Por causa da concentração! (jogar xadrez) (NI)

Agitado, fissurado, impulsivo (NI).

Ni percebe que ele “não consegue” algumas coisas em função da concentração. O registro é um problema para ambos os meninos, na visão das mães, bem como a agitação, que é marcada nos dois casos. Há o reconhecimento por parte de Lavínia de que há situações em que a concentração se estabelece, como é o caso dos momentos de assistir tv, visitas a espaços culturais e se envolver com a natureza. Há a percepção da mudança

para um comportamento mais tranquilo quando a criança está em contato com a natureza ou quando está desenvolvendo uma atividade que gosta.

A figura do pai surge nos relatos de Lavínia, que fala sobre a ausência dele e a forma como os profissionais que o atendem enxergam esta lacuna:

Hoje ele faz acompanhamento com psicomotricista, até comentei na entrevista que agora ela está querendo mexer com a figura do pai dele... me deu até medo, porque a gente nunca sabe o que esperar quando se mexe com algo que está tão escondido, tão no fundo, e estava quieto... (LAVÍNIA)

Nunca teve pai pelo que as irmãs do lar me contaram. E a psicóloga diz que ele está agitado por causa dessa lacuna do pai.... Ele precisa saber de onde veio (LAVÍNIA).

Embora os profissionais julguem necessário mexer com a figura do pai, Lavínia sente que não seria bom e que isto é algo que lhe traz desconforto, seu coração de mãe preferiria que não fosse investigada esta lacuna.

Com relação às práticas educativas, algumas trocas foram feitas já em uma primeira tentativa de se auxiliarem e se fortalecerem:

Eu conversei com ele, falei que não pode, mas vai saber né... (NI)

Eu tento estabelecer com ele algumas regras... Até porque sei que regra não é combinado! (risos) (LAVÍNIA)

Olha compensações com ele pode funcionar, mas não muito, porque ele espera eu esquecer do que combinei... e eu sempre esqueço (risos) (NI).

Experiências são expostas e neste cenário, fica a critério de cada família decidir o que pode ser válido dentro de sua realidade, pois cada âmbito familiar enxerga o TDAH de uma forma diferente e experiencia sentimentos variados que dão significado à convivência com esta criança. Sentimentos de vergonha e desgaste surgem em função do comportamento dos filhos:

...que vergonha, não sabia onde enfiar a cara! (risos) (LAVÍNIA)

...pra mim isso tudo é muito desgastante (NI).

Além destes, sentimentos positivos foram identificados, envolvendo amor e união, e Lavínia e Ni falaram um pouco sobre eles pois os registraram ao realizarem a proposta de confeccionar um cartaz que representasse o que significa para elas ter alguém com TDAH no âmbito familiar. No momento da

produção ficaram bastante concentradas se empenhando para conseguir registrar ali o os sentidos e significados que atribuem aos seus filhos. Esse trabalho revelou-se como um instrumento importante de expressão. Após a finalização dos cartazes elas apresentaram o resultado e os sentimentos positivos citados foram expostos:

...muita felicidade e carinho (LAVÍNIA).

...tem que ter amor pra enfrentar tudo, porque não é fácil (NI).

...representando o amor que eu tenho pelo Miguel (LAVÍNIA).

...afeto dentro na família com companheirismo e união... (NI)

...muita dedicação nisso tudo, e carinho também (NI).



Figura 3: 1º- Cartazes confeccionados pelas mães representando o TDAH em suas famílias

Estes sentimentos aparecem com um pré-requisito para que os obstáculos sejam superados, pois de acordo com os relatos, pode-se concluir que se caso esses sentimentos não existissem, provavelmente não haveria persistência para se atingir o que se quer nas mudanças de comportamento das crianças. As mães estão sempre investindo e dando o exemplo para conseguir obter resultados, que de acordo com os relatos, estão relacionados em grande parte à vida escolar das crianças.

... eu não quero que o Júnior reprove, sabe... (LAVÍNIA)

Ter ele como meu filho representa investimento, ter que dar o exemplo... é espírito, visão... é emocionante e é satisfação! (LAVÍNIA)

Sinto que que estamos sempre em uma corrida, pra chegar no final com um resultado bom... (LAVÍNIA)

Nesta trajetória em busca dos objetivos, ao longo deste primeiro encontro presencial as mães se significaram enquanto mães ao identificarem-se como aquelas que protegem e que oportunizam:

Também oportunizo momentos culturais, cinema, teatro (LAVÍNIA).

Eu sempre quis superproteger (NI).

Após a confecção do cartaz e apresentações, foi definida a data do próximo encontro, solicitando que realizassem anotações nos cadernos para não esquecerem do que seria válido dividir com as outras mães, e desta forma, se concluiu o primeiro momento coletivo.

Os próximos encontros foram embasados nas temáticas realizadas na pesquisa de Andréia Bevilacqua Rolfsen e Cláudia Maria Simões Martinez (2008) que envolveu um grupo de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem. Trata-se de um estudo preliminar que traz o ingresso no ensino fundamental como sendo um momento importante no processo de escolarização, e em função disto, há a necessidade de orientar a família nesta etapa através de recursos próprios de seu ambiente. Estes são os temas: Relacionamento entre a família e a escola, Comunicação e relacionamento familiar, Apoio à criança nas atividades escolares e Práticas educativas (ROLFSEN & MARTINEZ, 2008).

4.3 3º Encontro: Relacionamento entre a família e a escola

Neste encontro quem estava presente foi a Marjori, Laura e Ni. Iniciei pedindo que a única mãe que estava presente no último encontro rememorasse o que havíamos discutido para colocar as demais mães a par. Ni falou sobre as apresentações iniciais, contou um pouco sobre a história de Lavínia e seu filho Miguel e se apresentou brevemente. Relatou que foi feita a confecção de um cartaz que expressasse o que significava para as mães terem um filho com TDAH no âmbito familiar e sobre algumas coisas que lembrava que foram relatadas.

Após a rememoração, falei sobre a intenção dos encontros do grupo de apoio social e retomei o conceito de práticas educativas. Também entreguei os cadernos para as mães e expliquei que deveriam fazer suas anotações ali,

semanalmente. O objetivo do 3º encontro coletivo, que seria permeado por assuntos que envolvessem o relacionamento entre a família e a escola, foi compartilhado. Antes de dar início às atividades planejadas, foi solicitado que as mães que estavam participando pela primeira vez se apresentassem, então Laura iniciou contando toda sua trajetória com o Vinícius. Neste relato, ela trouxe significados positivos que atribui a seu filho:

...eu vejo que o Vinícius tem uma super habilidade para desenhar, desenha super bem (LAURA).

Ele gosta de brincar sozinho também, brinca muito bem com Lego (LAURA).

As dificuldades que observa no comportamento e desempenho de seu filho também foram abordadas:

...coloquei o Vinícius no Kumon, dava a sensação de que iria pra frente, mas não sei, é como se eu tivesse que ficar “Vamos Vinícius! (LAURA)

... realmente não dá pra encher um quadro com conteúdo pra uma criança com TDAH que ela não vai conseguir se achar no meio de tudo (LAURA).

... ele é muito na dele e é fácil sentir ele distante (LAURA).

O Vinícius começa a copiar tudo misturado, tipo, o que ele encontra pela frente põe no caderno porque não consegue se organizar (LAURA).

Em sua apresentação, Marjori também trouxe os significados que atribui aos seus filhos. Ela tem dois meninos diagnosticados com TDAH, sendo que um deles tem dislexia também.

...o Enzo é muito impulsivo, agitado, eu me preocupo com a parte emocional dele e conseguir fazer ele parar pra ouvir ou fazer as tarefas, que ele quer fugir (MARJORI).

(Danton)...ele entende os diagnósticos dele e tenta se folgar, usa meio que de desculpa quando não faz alguma coisa que tinha que fazer (MARJORI).

Eles são muitos acelerados, então tenho que desacelerar eles, perguntar se já estão mais calmos (MARJORI).

Nestas atribuições de significados despercebidas por elas, surgem alguns significados provenientes de reflexões anteriores, e elas enxergam cada

situação de uma maneira diferenciada, justificando estas visões em função do entendimento que tem da temática do TDAH.

Cada criança é um caso, não dá pra padronizar tudo (MARJORI).

...essa cantoria do coral, esse barulho me atrapalha um monte, mas eu tento me concentrar, já pra ele é impossível, eu entendo, é difícil... (LAURA)

Então é controlar, como eles precisam aprender a ter o autocontrole (MARJORI).

Eles são responsáveis pelos próprios atos (MARJORI).

E também significam a condição de seus filhos de maneira poética, que faz com que os problemas sejam insignificantes diante dos sentidos maiores que se estabelecem:

...eu sempre lembro que TDAH é vida, não estão aí em uma cama de hospital, estão vivendo, e vivendo bem, aprendendo todo dia (MARJORI).

Parar para refletir sobre seus filhos acaba resultando em uma autorreflexão e autodefinição de significados para si mesmas, e eles foram identificados nos discursos das mães:

...para as dificuldades dele sempre corri muito atrás das coisas, mas também é pesado, eu tenho dois e sou sozinha (LAURA).

... eu também me peguei perdida em alguns momentos dessa minha caminhada! (MARJORI)

...não é sempre que eu gosto do meu trabalho, por exemplo, eu não gosto de limpar vômito de paciente, mas eu tenho que fazer, me submeter, porque eu quero trabalhar (LAURA).

Suas trajetórias não são fáceis, se percebem como alguém que corre atrás das coisas muitas vezes sozinha e que nem sempre estão seguras de suas práticas, se pegam “perdidas”. Fazem sacrifícios, se submetem a coisas que não querem fazer em prol de um bem maior, porque querem trabalhar, porque querer ter o que oferecer a seus filhos. E para isso, se percebem como alguém que está a par da vida dos filhos: “Eu procuro estar bem próxima da vida escolar dos meninos (MARJORI).

Atribuir significados aos filhos e a si mesmas é uma ação que culmina em sentimentos que por elas são vivenciados em função de ter um filho

diagnosticado com TDAH, e estes sentimentos são diversos, elas se surpreendem e aprendem!

...cada dia eles vêm com cada uma que eu me surpreendo!
(MARJORI)

...são muitas surpresas sempre (LAURA).

...crescimento diário, tanto pra mim quanto pra eles (MARJORI).

Além destes sentimentos agradáveis, há a sensação de impotência diante de situações em que se quer agir, mas que há a dependência de profissionais, trâmites, normas e sistemas:

...não dá pra contar a história de uma vida em 15 minutos, e os profissionais não deixam você contar (LAURA).

Isso é muito ruim, porque você quer resolver logo, mas não consegue porque é tudo muito demorado (LAURA).

As escolas são um problema pra gente, porque tudo é padronizado, mesmo que a criança precise de atendimento personalizado (LAURA).

Pelos relatos, as mães se sentem amarradas quando não conseguem ter respostas ou não recebem atendimento adequado para seus filhos. Laura diz: “...vem sendo uma caminhada bem difícil, eu passei por vários profissionais”. Nesta questão de passar por vários profissionais, Marjori relata fazer a diferença conseguir respostas para dar continuidade em suas práticas educativas com mais propriedade: “...ter o diagnóstico em mãos me deu muito mais segurança pra continuar a ajudar meus filhos, me deu um norte, um caminho e agora eu sei o que tenho que fazer, isso com certeza fez toda a diferença” (MARJORI).

Ter o diagnóstico auxilia muito as mães, mas no caso de Ni, ela relata que ele atrapalha em alguns momentos a sua prática: “Eu fico meio que sozinha em algumas formas de cobranças, porque eu tento entender o Júnior, o diagnóstico dele, e isso faz com que ele não me obedeça.” Neste sentido, as mães precisam de orientação sobre como lidar com o diagnóstico, até mesmo para reduzir o sentimento de preocupação que ele gera, como no caso de Marjori: “...eu me preocupo com a parte emocional dele (Enzo)”. Expressão de falta de paciência também aparecem na fala das mães:

A gente realmente perde a paciência, já gritei com eles, mas sei que não dá pra ser assim, não adianta (MARJORI).

...a gente perde a paciência bem fácil se não se controlar (MARJORI).

Este último sentimento de impaciência não é vivenciado pelos pais, segundo os relatos das mães eles não se estressam, seja por não darem importância ao diagnóstico ou por não estarem presentes no dia-a-dia da criança:

Meu marido mesmo com o diagnóstico de TDAH, não dá muita atenção pra isso não, acha que é bobagem, diz que ele também era assim quando era piá e que é normal (NI).

E o pai não se estressa tanto quanto a gente, só precisa falar uma vez (MARJORI).

... ele perdeu contato com o pai em 2008. Na época os dois apresentaram dificuldades (LAURA).

O fato de o pai só precisar “falar uma vez” traz um indicador de que ele representa uma figura de autoridade para os filhos, diferente da mãe, e em função disto, obedecem ao pai. Encontrar este indicador neste encontro reforça o que já havia sido constatado nas entrevistas iniciais, e outros excertos comprovam justamente isto, o papel de autoridade que o pai exerce na educação dos filhos:

Já se meu marido fala, até assim, sem sensibilidade (risos), é na hora que tem que ser e é na hora que é! (NI)

Já se meu marido fala, tá falado! (MARJORI)

Nossa, incrível mesmo como quando meu marido fala alguma coisa pro Júnior, não tem discussão. Meus filhos fazem sem nem respirar (NI).

A mãe, pai, irmãos, avós e outras pessoas que convivem com a criança assumem papel importantíssimo na formação desta criança. Os irmãos são as referências mais próximas que ela tem, e muitas vezes sentem-se diferentes, mais ou menos capazes que esta figura de acordo com as imagens que criam a partir dos discursos que captam, mesmo que indiretamente. Da mesma forma que nas entrevistas iniciais, alguns comentários envolvendo comparação entre irmãos surgiram novamente:

Ele até tem a irmã gêmea dele que não me dá trabalho nenhum! (LAURA)

Ela vai super bem na escola, e eu sempre achei que ele também deveria ir assim, eles têm a mesma idade, a mesma escola, as

mesmas condições, teriam que ter o mesmo rendimento, desempenho, sei lá (LAURA).

Os dois são bem diferentes, o Enzo é muito impulsivo, agitado... Já o Danton está entrando para a adolescência, ele entende os diagnósticos dele e tenta se folgar (MARJORI).

No caso de Marjori, pode-se dizer que esta comparação é mais para diferenciar o comportamento dos dois, entendendo que eles são pessoas distintas e que, em função disto, também apresentarão comportamentos distintos. Já no caso de Laura, sua expectativa para Vinícius é de que ele tivesse o mesmo desempenho que a irmã, e simplesmente não compreende a diferença entre os dois. Isto certamente tem impacto negativo na autoestima do menino, e há a necessidade de auxiliar Laura a rever sua prática educativa neste sentido.

Após as apresentações, e o compartilhamento das experiências, dei continuidade ao encontro agradecendo a presença de Marjori e Laura em seu primeiro momento de trocas de experiências. Propus a atividade que Ni já havia realizado na semana passada. Convidei-as a ir até a mesa central onde estavam os lanches, várias cartolinas e revistas, e disse que gostaria que elas confeccionassem um cartaz que retratasse o que significa ter alguém diagnosticado com TDAH no âmbito familiar. Enquanto elas fossem colocando esses sentimentos no papel, informei que iria passar um vídeo⁶⁰ que traz algumas ferramentas pedagógicas para utilizar com crianças com TDAH.

Falei para as mães que o vídeo traz de que forma as escolas são orientadas a trabalhar com os filhos delas em sala de aula. Pedi que assistissem com uma postura crítica e pensassem na escola em que as crianças delas estão matriculadas e refletissem sobre quais são as diferenças e semelhanças no trabalho realizado em suas escolas de referência e também sobre quais são os relatos que as crianças fazem sobre a escola para que pudéssemos conversar sobre estas questões posteriormente.

‘As mães demonstraram entusiasmo pela a atividade, então Ni assistiu ao vídeo atentamente, enquanto que Marjori e Laura iniciaram a confecção do cartaz neste mesmo momento, assistindo ao vídeo também. Ao término do vídeo, iniciou-se uma discussão acerca do que foi exposto. Ni precisou ir embora

⁶⁰ Conheça ferramentas pedagógicas que podem ajudar o TDAH.
<https://www.youtube.com/watch?v=NQtdVxKV81E>

antes da discussão. Ricos relatos dos significados que a família atribui à escola foram coletados a partir de minha indagação: Este é um vídeo que traz um modelo a ser seguido com crianças diagnosticadas com TDAH. Parte-se do princípio que isto é o certo. O que vocês acham disso?

... eu vi que foi usada muito a expressão “o TDAH”, “o aluno TDAH”, então quem tem TDAH é rotulado (MARJORI).

Às vezes a gente solta um ‘mas também, como que não viram isso na escola, assim fica difícil! (MARJORI)

Então, é complicado quando a escola diz que a criança precisa de controle e seguir os comandos porque se for assim, eles nunca vão aprender o porquê de respeitar determinadas regras, só vão obedecer (MARJORI).

Em função de algumas coisas que não agradam na escola terem surgido, perguntei sobre como elas lidam com essa situação, se deixam transparecer a insatisfação, ou se incentivam que a criança obedeça às regras da escola:

Tem muitas coisas que não agradam, mas que a gente também não pode mostrar pra criança, senão ela vai se aproveitar da situação! (LAURA)

Após esta resposta, refleti junto delas sobre ser complicado mesmo, expus pensar que se deva ter um jogo de cintura muito bom para que a escola não estrague a comunicação estabelecida em casa, que não é baseada no controle sem compreensão que muitas vezes acontece na escola, e que a criança não perceba que a escola não está tão certa assim, e comece a abusar desse poder. E para isso, a comunicação é essencial para que a criança compreenda que não é em todos os ambientes que ela será tão compreendida quanto no ambiente familiar. Ali ela é segura, sempre pode retornar. Mas que fora de casa, muitas vezes terá que ter autocontrole, não porque estão mandando, mas porque ela compreende que na escola e em outros lugares determinadas posturas devem ser assumidas. E assim, as crianças estarão escolhendo participar de determinados cenários sociais.



Figura 4: 2º- Cartazes confeccionados pelas mães representando o TDAH em suas famílias

Marjori completou falando sobre a necessidade de a família estabelecer uma boa relação com a escola para que haja troca entre estes dois âmbitos sociais: “perguntar o que está acontecendo na escola e também me colocar disponível, isso facilita muito a relação.” –Marjori

Após esta discussão, relatei ter percebido que as mães colocaram realmente o que sentem naqueles cartazes, e agradei a entrega de si mesmas para a atividade. Solicitei que não faltassem na próxima semana para as discussões acerca do tema “comunicação e relacionamento familiar”.

4.4: 4º Encontro: Comunicação e relacionamento familiar

O 4º encontro se iniciou com a fala do Moderador, pedindo que as mães Lavínia, Laura e Marjori falassem sobre o que anotaram em seus cadernos e gostariam de dividir. Os significados que as mães atribuem aos seus filhos surgiram, e alguns deles eram relacionados à comunicação:

O Enzo por exemplo, ele é bem crítico, com frequência ele pergunta “Ah, mas porquê! Por que tem que ser assim?” (MARJORI)

...o Vinícius pra conversar nossa, é um parto. Eu tenho que espremer ele, é monossilábico, sim, não e pronto (LAURA).

O Miguel também, tenho que insistir um monte pra falar, contar de como foi o dia na escola por exemplo. “Ah, legal!”, está, mas fez o que, o que foi legal? Por aí (LAVÍNIA).

Neste cenário há um relato positivo sobre a postura questionadora, mas pode-se imaginar que questionar, no âmbito familiar, talvez não seja algo bom quando alguma tarefa é solicitada e, ao invés de ser prontamente atendida, são feitas perguntas sobre o porquê. No caso de Laura e Lavínia, elas significam a angústia de ter que “espremer”, insistir para conversar e que para que se estabeleça comunicação é um “parto”. Também foram significadas as potencialidades X limitações:

(Enzo) é um pensamento muito acelerado! (risos) Achou que era uma coisa e já partiu pra ação! (MARJORI)

Em matemática ele é rápido, já em português que demora mais (LAVÍNIA).

...ele é uma Ferrari que eu guincho! (LAURA)

As mães entendem que eles têm potenciais, são bons em determinadas coisas e de determinadas formas, mas que em outras coisas deixam a desejar. Até mesmo agem de forma que não era a esperada socialmente, como no caso da impulsividade de concluir que algo trata-se de determinada coisa e já partir para a ação, muitas vezes de maneira equivocada. Para ilustrar esta conclusão, trago o trecho na íntegra que marcou fortemente todos os integrantes do grupo, que foi o relato de Marjori sobre Enzo:

...nessa semana uma coisa que me marcou foi assim, nós somos evangélicos, e na célula nós estávamos fazendo uma oração para um neném que estava doente somente, e o Enzo começou a fazer uma oração para todos, só que olha a gafe, ele pediu para que Deus confortasse o coração da família da menina, tudo dando a entender que havia ocorrido um falecimento. Então assim, é um pensamento muito acelerado! (risos) Achou que era uma coisa e já partiu pra ação! (MARJORI)

Este relato fez com que nós déssemos risada, mas também nos colocamos no lugar da mãe, que passa por essas situações e muitas outras em que se veem protagonizando o que chamam de “gafes”. Já nos relatos de Laura o que vem carregado de significados para ela é a questão da falta de organização, que faz com que o menino seja “perdido” e sempre esqueça das coisas, mas deu uma dica de como tenta amenizar isto na vida escolar do filho:

“pra tentar ajudar eu até procuro deixar as provas e trabalhos identificados pra ele saber onde procurar quando precisar estudar. ”

...pra onde ele vai sempre larga alguma coisa, então eu organizo e ele espalha tudo, é difícil (LAURA).

...ele é muito companheiro, amigo, divide as coisas dele na boa, mas é muito perdido (LAURA).

Na escola tem que entrar com a carteirinha, mas ele sempre esquece (LAURA).

Neste encontro, as mães compartilharam os mais diversos sentimentos que vivenciam em função de ter uma criança que “não para” no âmbito familiar. Episódios isolados mostram que há uma mistura de sentimentos no dia-a-dia:

...e eu falei pra ela que eu cansei! (LAVÍNIA)

E isso me dá um nervoso! (MARJORI)

...isso me partiu o coração (LAVÍNIA).

...só que olha a gafe (MARJORI).

Nos apêndices há a transcrição na íntegra dos contextos que ocasionaram estes sentimentos, mas o que quero trazer aqui é justamente o sentimento. Se sentir nervosa, cansada, com vergonha, com o “coração em pedaços”. Se sentir humana. E ainda se sentir confortável o suficiente para compartilhar e expor esses sentimentos com outras pessoas, que mal conhecem.... É sentir essa necessidade de falar sinceramente, sem se preocupar com julgamentos. “Como assim, você cansou? Como assim, você ficou com vergonha? Mas não dá pra ficar nervosa! Não pode demonstrar que está triste! ” Pode sim! E essas mães já devem ter ouvido muitas dessas frases insolentes, mas não querem saber, fazem o que sentem que é certo, e para elas, o certo, é sentir. E compartilhar o sentimento. Pode sim dizer que “...ele chega da escola no pique, então é bem cansativo. ” –Lavínia. E não ter vergonha de contar que se “derretem” por seus filhos: “Eu tento ser mais dura com ele, mas ele sempre me amolece com o comportamento dele. ”-Laura. E que podem, e merecem, ter um tempo só para si: “...só agora é que eu estou relaxando mais, retomando as minhas saídas enquanto ele fica com meus pais...” –Lavínia. E que entre uma tempestade e outra, tem momentos de paz: “Nessas semanas estamos em uma vibe boa. ” –Lavínia.

Como resultado da troca no grupo, Laura foi beneficiada ao decidir tentar estratégias novas no “monitoramento” de seu filho:

Decidi deixar ele chegar em casa, descansar, ficar sem fazer nada... ele também precisa disso! E no dia em que eu fiz isso pela primeira vez, nós chegamos, ele entrou, ficou meio perdido, e falou ‘e agora, o que que eu faço?’. Nossa, isso me partiu o coração e ao mesmo tempo me mostrou que eu estava certa em ser menos controladora, é bom pra ele e bom pra mim (LAVÍNIA).

Entendi, mas nossa, pra mim é realmente muito difícil essa coisa de organização, eu até deixo pra ver até onde vai, mas vejo que ele realmente não liga! E isso me dá um nervoso! Mas vou tentar ir por esse caminho também, ser menos controladora. Porque mesmo do trabalho, de plantão, eu estou monitorando por telefone o que eles estão fazendo! (LAURA)

Ouvindo o relato de Lavínia, Laura percebeu que não ficar “tão em cima” poderia ser uma forma de aprimorar sua prática educativa. Não quer dizer que não estaria presente, mas que marcaria presença sem ser tão controladora, expectando que o resultado fosse o mesmo que na família de Lavínia, “é bom pra ele e bom pra mim”.

Após esta primeira troca das experiências cotidianas, relembrei que os encontros anteriores foram para que todos se conhecessem, todos se apresentaram e falaram sobre as expectativas com relação ao grupo, sobre as crianças e os sentimentos que se tem com relação a elas. Foi falado sobre o TDAH, e o que representa ter alguém com TDAH no âmbito familiar. O tema “Relacionamento entre família e escola” foi abordado no último encontro através da discussão de aspectos que chamaram atenção no vídeo que foi trabalhado.

Citei achar interessante o que apareceu lá na confecção dos cartazes, que ficou bem marcado o fato de o TDAH ser “vida”, pois as crianças estão brincando, aprontando, indo pra escola, vivendo, dando risada, e até correndo e dando risada (remetendo-me à uma foto que Lavínia enviou de Miguel no grupo do WhatsApp), enfim, estão aprendendo. O TDAH foi citado como surpreender e superar tendo a necessidade de desacelerar o acelerado. É satisfação, espírito, visão, investimento, são emoções, há a necessidade de exemplos. Segundo as famílias, TDAH é amor, dedicação, união, família, carinho, afeto, companheirismo. Tudo isso levando a um crescimento que se dá em um passo

por vez para que se consiga manejar com as crises que surjam, manejar através do trabalho, é desafio, gera distância, motiva a buscar soluções, a renovar. TDAH é impulsividade. Essas são palavras que elenquei como sendo as que as mães já usaram para tentar traduzir como se sentem com relação ao TDAH.

Refleti com as mães que esta seleção de palavras mostra que é importante reconhecer que nem sempre tudo vai ser ótimo e nem sempre tudo vai ser péssimo. Na verdade, tudo faz parte, tudo é educação desse filho, independente do TDAH.

Após esta rememoração, uma dinâmica foi realizada para ilustrar o tema do encontro, “Comunicação e relacionamento familiar” e pensar na comunicação que é estabelecida entre os pais e seus filhos. Buscou-se reconhecer a importância de saber ouvir, deixar que ambos os lados pudessem se expressar, aprimorar a capacidade de comunicação verbal e não verbal, bem como buscar estratégias para melhorar a comunicação com as crianças (BENDILATTI, 2014).

As três mães receberam uma folha, um lápis, borracha e régua para fazer um desenho. Foram informadas de que eu iria ditar as orientações do desenho, mas que não seriam permitidas perguntas ou olhar para o desenho das outras mães.

TEXTO DE INSTRUÇÃO PARA EXECUÇÃO DO DESENHO.

- 1-Faça uma elipse com cerca de 6cm no diâmetro maior.
- 2-A partir da parte inferior da elipse, faça duas retas paralelas verticais com cerca de 3cm de comprimento, afastadas 1 cm uma da outra.
- 3-A partir da parte superior esquerda da elipse faça duas retas paralelas e inclinadas com cerca de 2cm de comprimento cada, afastadas 0,5cm, uma da outra.
- 4-A partir do centro da elipse, faça 3 retas divergentes abrindo para a direita com cerca de 1,5cm de comprimento cada.
- 5-Na extremidade esquerda das duas paralelas menores, faça uma elipse com cerca de 2cm de diâmetro no eixo maior e este perpendicular às paralelas.
- 6-A partir da extremidade direita da elipse maior, faça 3 retas divergentes, abrindo para a direita, com cerca de 1 cm de comprimento cada.
- 7-Na extremidade inferior de cada uma das paralelas maiores, faça 3 retas divergentes abrindo para a esquerda, com 0,5cm de comprimento cada.
- 8-Faça um pequeno círculo no centro da elipse menor.

9-Faça um triângulo isósceles, com cerca de 0,5cm de lado, com a base encostada na parte esquerda da elipse menor.

Figura 5: Orientações para a dinâmica de grupo

Desta forma as mães foram realizando seus desenhos de acordo com as instruções acima, e após o término, pedi que os desenhos fossem mostrados e questionei sobre o que era para ter sido desenhado. Algumas reflexões foram provocadas, como: Se todos receberam a mesma informação, por que os desenhos estão diferentes? Quais fatores contribuíram para que não se conseguisse executar a tarefa a contento? O que se poderia fazer para amenizar as dificuldades? (BENDILATTI, 2014). Diversos significados foram atribuídos à falta comunicação da situação vivenciada:

se você deixasse a gente conversar ou perguntar teria sido muito mais tranquilo (MARJORI).

Nossa, coitadinhos dos alunos quando não podem fazer perguntas (LAVÍNIA).

Poxa vida, você tinha que deixar perguntar, deixar a gente falar, dá uma agonia não poder tirar dúvidas! (MARJORI)

Ou seja, as mães perceberam na prática quão importante é estabelecer a comunicação, e os sentimentos que são despertados quando ela é inexistente. Após esta conversa, a atividade foi realizada novamente, só que desta vez permiti que elas fossem fazendo perguntas relacionadas às orientações e pedindo exemplos. Após cada orientação, aguardei que todas concluíssem o que havia sido solicitado. Depois, partimos para a discussão relacionada à atividade e ligação da dinâmica com o tema “Comunicação e Relacionamento Familiar”. Significados relacionados à existência da comunicação surgiram:

...amenizou um monte a minha agonia! Poder perguntar! Falar, tirar dúvidas! (MARJORI)

...dá pra pensar lá no Vinícius, que às vezes eu posso dar a mesma orientação pra ele, várias vezes, mas que a mensagem na verdade não está chegando pra ele da forma que seria útil (LAURA).

...falta conferir se nessas mil vezes a criança compreendeu uma, né! Senão não adianta falar nem uma, nem mil (risos) (MARJORI).

Tem algumas coisas que devem ser feitas, mas não é por isso que a gente não pode parar um pouco pra conversar e explicar, pra criança entender, né (MARJORI).

Sempre procuro incitar que se expresse (LAURA).

As mães perceberam os benefícios para a relação em estabelecer uma comunicação que funcione e já foram fazendo a ligação lá com os filhos. Refleti com as mães sobre o fato de que a comunicação só existe quando se estabelece em ambos os lados, que só a gente falar, mandar, não é sinônimo de estabelecer comunicação. É necessário ter certeza de que a criança está compreendendo e que ela possa se expressar caso o que estejamos falando, solicitando, enfim, não lhe agrade. Somente assim a comunicação se estabelece, pois se pode discutir novas ideias que venham a surgir e entrar em comum acordo. Também para estimular que se comuniquem, dei a dica de que é interessante fazer coisas em casa que são agradáveis pra eles, por exemplo... Ah, viram um filme juntos! Conversar sobre isso, o que achou, qual parte gostou mais, qual não gostou, o que sentiu em determinada cena, enfim... permitir que eles se expressem e percebam que tem importância para elas que eles revelem esses sentimentos.

Após esta dinâmica e reflexão, realizamos a leitura de um texto⁶¹ sobre comunicação entre pais e filhos. As famílias levaram o texto para ler em casa novamente e tiveram como tarefa refletir em como está a comunicação e o relacionamento familiar.

Com o intuito de conhecer as crianças das quais o grupo vem falando, e observar a relação familiar, solicitei que no próximo encontro as crianças comparecessem também. Adiantei que se trataria de uma atividade conjunta e ressaltei a importância deste momento para o desenvolvimento do grupo. Poderiam ficar à vontade para trazer os pais e mais alguém que convivesse e fosse próximo das crianças. As mães concordaram, e ainda relataram: “Ai meu Deus, olha o fervor! (risos)” –Lavínia.

4.5: 5º Encontro: Apoio à criança nas atividades escolares

⁶¹ O poder da comunicação entre pais e filhos – Por Jadete Calisto
http://www.clicfilhos.com.br/ler/971O_poder_da_comunica%C3%A7%C3%A3o_entre_pais_e_filhos

No último encontro, foi solicitado que as mães trouxessem seus filhos para vivenciar o momento do grupo de apoio social junto deles. A Lavínia trouxe o Miguel, Laura estava com sua filha, sua mãe e com o Vinícius, e Ni, vivenciou ao lado de Júnior. A Gabriele com seu filho Eduardo participaram pela primeira vez do grupo. Marjori não pode comparecer com Danton e Enzo. A Prof^a. Dr^a. que orienta este trabalho estava presente. Nenhum pai estava presente. Dei início ao encontro dando boas vindas a todos e solicitando que cada um dissesse o seu nome. Após, iniciei com algumas reflexões, perguntando se eles haviam reparado que nas últimas semanas as mães estavam chegando em casa um pouquinho mais tarde em alguns dias.... Como não obtive resposta, insisti: Elas saem do trabalho e às vezes não vão direto pra casa... Vocês repararam? Vamos meninos! Vocês não repararam? (risos) NÃO! Um grande não! Então, conversei com eles sobre o fato de as mães estarem fazendo o esforço de participar do grupo de troca de experiências para conversar sobre eles pois querem ajudá-los. Que ao invés de a mãe estar lá em casa descansando um pouquinho, ela vem porque se preocupa com eles. Que pode ser que no momento eles não entendam, mas que no futuro darão valor para este esforço.

Após esta reflexão inicial, propus que as famílias se reunissem para fazer um cartaz que representasse um dia de férias que tivessem passado juntos. Na mesa haviam várias cartolinas, canetinhas, lápis... as famílias poderiam criar como quisessem! Também foi solicitado que registrassem em forma de texto o que vivenciaram neste dia. Depois, teriam de apresentar suas produções.

As famílias de Eduardo, Vinícius e Júnior se reuniram na mesa, enquanto que Lavínia e Miguel preferiram achar um lugar e deitar no chão para realizar a produção. Após, todos se reuniram para compartilhar o que desenharam e sobre o que registraram, no momento dos relatos é que narrações das práticas educativas estabelecidas puderam ser coletadas, e como elas atuam ao apoiar as crianças nas lições de casa, bem como os significados que os responsáveis atribuem às crianças, significados que as mães têm delas mesmas e os sentimentos vivenciados sobre ter um filho com TDAH.

Lavínia junto de Miguel, deitados no chão e desenhando juntos... ela deu um sorriso e disse: “Ah, a gente fica muito no chão, pra jogos e tudo mais.... mas na hora da lição é sentadinho, não tem como...” Ela participa dessa vida de criança, de estar no chão, e percebe que esta prática não funciona em momentos

mais sérios, como na hora de fazer a lição de casa. As outras mães também relatam o que percebem que funciona ou não na hora de fazer as lições:

Com ele eu vou brincando, aí ele faz. Em matemática ele é bom, então eu vou pedindo as contas, e ele faz pra gente ver se bate... e ele gosta (GABRIELE).

Nós fazemos a lição, mas quando ele cansa eu não fico insistindo muito, deixo ele mais livre (LAVÍNIA).

...ele faz a lição sozinho, mas sempre que tem alguma pergunta vem e fala comigo! Mas é mais ou menos assim, juntos, pra poder observar e ajudar na lição... ver se está fazendo certo também (LAURA).

No caso de Ni, o que ela percebe dar certo é muita negociação! E ela traz esta percepção em seus relatos: “Nossa, tenho que ficar em cima, negociando, sabe... é bem difícil! Mas quando consigo convencer ele com alguma coisa ele faz. ” O trabalho de convencimento dela é constante, pois ela percebe que o menino só faz o que tem de fazer quando lhe é conveniente. “Mas eu falo que vou tirar o computador, aí ele faz, porque se tem uma coisa que ele gosta é do computador. ” Desta forma, ela precisa estar sempre em acordo com ele, encontrando formas para proporcionar situações favoráveis a ele. “...na escola ele não fez as lições, não fez nada na escola. Hoje a gente fez um acordo e ele fez tudo a tarde. ” Sempre na batalha, na tentativa de que ele faça as lições e se desenvolva. Por outro lado, em função de já terem passado por estas situações, Lavínia e Laura fazem os seguintes relatos:

Agora com as lições eu estou mais relaxada, digamos assim (LAVÍNIA).

Agora que estou deixando mais solto, ele ver a lição sozinho... (LAURA)

Sobre os significados que as mães atribuem aos filhos, primeiro separei os que podem ser considerados “negativos”. Importante destacar que estas narrações foram feitas em frente às crianças:

Não é fácil, ele tinha dado uma melhorada, mas agora já... sabe... (NI).

Aí começamos a fazer o cartaz, mas eu acabei fazendo mais sozinha. Ele não para, não foca muito tempo (NI).

...eu tenho dificuldade que o Vinícius entenda (LAURA).

É que ele não consegue se concentrar muito, é super difícil. Você viu, todos fazendo e ele passeando, comendo... foi ao banheiro... (NI).

Significados “positivos” também foram narrados, e estes, também na presença das crianças, o que pode ter impacto positivo no desenvolvimento da autoestima desses meninos:

Com o Eduardo é tudo bem tranquilo, ainda mais depois que ele começou a tomar o medicamento (GABRIELE).

Ele é um filho maravilhoso, é só evolução (LAVÍNIA).

Ele é um desenhista! (LAURA)

Com relação aos sentimentos vivenciados ao ter um filho com TDAH, Laura disse se sentir estressada, que muitas vezes “tem aquele estresse porque eu não tenho retorno com relação às regras, aos estudos, às atividades diárias”, e Lavínia reflete sobre as quedas que experencia, e desabafa sobre o que sente que deve fazer com esta situação: “...com as quedas eu tenho que me adaptar a elas. ”

O relato de Lavínia expressa tanto um sentimento vivenciado, quanto um significado que ela atribui a ela mesma, pois sobre as “quedas”, relata o seguinte: “Às vezes a gente está em um momento maravilhoso, e vem uma queda, preciso trabalhar em mim essa relevância, eu sou muito severa, quero que as coisas andem na linha dos “meus combinados” (risos). ” Ela se significa como sendo “muito severa” e percebe a necessidade trabalhar essa característica. Ela vinha se conhecendo ao longo das conversas, era nítido que os seus relatos eram sinceros e que verdadeiramente ela estava em um ritmo de transformação pessoal, de mudanças, falando: “Eu percebi que já estava na hora de mudar, não ser tão sistemática”, realmente se percebendo, e com uma postura crítica, tomando atitudes para mudar o que notava que não era favorável na educação de Miguel: “Eu estou me percebendo mais como mãe, e não como a professora que tem que cobrar tudo”.

4.6: 6º Encontro: Práticas educativas

Lavínia, Gabriele e Ni estavam presentes neste 6º encontro, e rememoraram a experiência da última semana que envolveu a participação das

crianças, da avó e irmã de Vinícius. As mães falaram sobre o que as crianças comentaram em casa e sobre qual a repercussão que as atividades realizadas causaram, bem como de que forma a realização das tarefas escolares correu ao longo deste período. Perguntei sobre como elas se sentem quando os meninos, em público, fazem algo contrário a o que elas estão pedindo, vão contra o comportamento solicitado. Ni relata que se percebe de maneira mais tranquila após os encontros: “Estou menos exigente agora, antes eu era muito de ficar em cima, agora estou mais tranquila.” Outros significados atribuídos a esse comportamento em específico também surgiram:

Aaaa... eu tenho vontade de matar quando não se comporta!
Ainda mais quando ele faz alguma coisa na frente dos outros!
(risos) (LAVÍNIA)

Eu ficava com raiva, porque tava falando uma coisa, pedindo e ele não fazia (GABRIELE).

Aí dá vontade de esganar (risos) (LAVÍNIA).

Neste momento inicial, também foi relatado como Ni lida em situações nas quais quer atingir determinados comportamentos e novamente, a atitude de negociar com o Júnior apareceu: “A gente tenta sentar, ele dispersa muito, eu vou negociando”. Sentimento de impotência vivenciado por Gabriele antes de relacionar o comportamento de seu filho com características de TDAH foi exposto: “...sempre eduquei, sempre conversei e parece que ele não conseguia!” Após ter clareza do que estava acontecendo, ela passou a sentir-se capaz novamente de se relacionar de maneira confortável com seu filho.

Após a rememoração, neste encontro foi trabalhado o TDAH em específico e de que maneira pode-se adaptar práticas educativas de forma a responder às necessidades específicas da criança que possui este diagnóstico. Procurei provocar o grupo a expor o que entende por TDAH, e o que acha que deve ser diferenciado no relacionamento com a criança para que ela aprenda e possa se desenvolver plenamente. Desta forma, passei algumas informações relacionadas ao TDAH, em forma de slides⁶², para esclarecer entendimentos que pudessem ser equivocados.

⁶² Apêndice “I”. Estes slides, bem como as orientações às famílias que se seguirão, serão embasadas no artigo “Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): orientações para a família” das autoras Rosimeire C. S. Desidério e Maria Cristina de O. S. Miyazaki.

Concluindo a apresentação dos slides, iniciei uma dinâmica, uma caixinha com algumas sugestões de práticas educativas foi passando pelas mãos. A proposta foi que um participante de cada vez lesse uma sugestão e, com base nos slides estudados, tentasse justificar o porquê de se estabelecer a prática sorteada e quais os benefícios que ela pode trazer para a criança diagnosticada com TDAH. Todas puderam trazer suas impressões com relação à justificativa, de forma que aos poucos, percebi que as famílias tomaram consciência e compreenderam o motivo pelo qual recebem constantemente estas mesmas orientações de médicos, professores e outros profissionais. Em alguns momentos, fiz comentários sobre as justificativas que as mães davam:

Orientação do moderador: “Manter um diálogo franco, perguntando o que pode ser feito para ajudar e que dificuldade a criança vê no dia-a-dia”. Tem que estar sempre conversando... eu sou bem de insistir em que ele fale, porque tudo é “sim” “não”, então tenho que torcer... (LAVÍNIA)

Orientação do moderador: “Evitar discussões ou gritos na frente da criança”. Ah, com certeza, não é bom, tem que dar o exemplo até esses dias meu ex começou a querer fazer cena na frente das crianças, eu já cortei, porque não é assim, tem que resolver só nós dois (GABRIELE).

Concordei com a postura de Gabriele, comentando que os pais são os modelos e que as crianças tendem a imitar... Para o bem ou pro mal. Por isso, é importante nos policiarmos.

Orientação do moderador: “Informar-se a respeito do TDAH, ler sobre o assunto, procurar famílias com o mesmo problema.” Acho que é importante pra trocar experiências mesmo. Hoje a gente aprender e conversou bastante sobre o TDAH, e como ajuda, essa nossa troca aqui (NI).

E estão sendo estas trocas e aquisição de conhecimento sobre o TDAH que estão auxiliando as famílias a lidarem de maneira adequada com a criança.

Orientação do moderador: “Em conjunto estabelecer normas claras e ser corente em relação às normas estabelecidas”. Gente, isso caiu como uma luva pra mim (risos). Mas é isso, não ter só os “meus combinados”, mas ter normas pra viver bem, e que os dois respeitem. Não fazer regras sozinha e esperar que ele cumpra sozinho (LAVÍNIA).

Orientação do moderador: “Explicar claramente como a criança deve se comportar, esclarecendo as exigências de diferentes contextos.” Ah, eu sempre explico, pra eles entenderem, tanto meu menino quanto minha menina (GABRIELE).

Após a justificativa de Gabriele, que demonstra reconhecer a importância de explicar, conversar com as crianças, reforcei seu comportamento, pois fazer com que a criança fale nos dá dicas para manejar de maneira adequada com problemas e dificuldades que às vezes os pais não percebem, só a criança sabe. Por isso é necessário “torcer” eles, né... e estimular a comunicação até que isso seja natural, e com relação ao comportamento, nem sempre está claro pra criança porque determinada postura é esperada dela, então a gente tem que explicar.

Orientação do moderador: “Evitar castigar excessivamente”. Se a gente faz muito isso chega uma hora que eles nem escutam mais. Tanto faz... o Júnior já fica negociando o castigo. Então não adianta, não estou mais fazendo isso (NI).

Também reforcei que castigar de forma excessiva tem um impacto negativo na autoestima das crianças, pois em suas reflexões em momentos de castigo podem pensar que só erram, que nunca vão conseguir acertar e parar de ser castigadas.

Orientação do moderador: “Procurar manter uma postura coerente sobre o TDAH entre todos os membros da família” Nem sempre é fácil... agora eu tenho saído mais então o Miguel fica com os meus pais... tem que ter coerência entre as pessoas que participam da educação (LAVÍNIA).

E é importantíssimo que haja esta coerência, entre os avós de Miguel por exemplo, para que a criança não fique confusa, senão cada um fala uma coisa e a situação pode se complicar. A criança não sabe a que e a quem responder.

Orientação do moderador: “Evitar um estilo de educação muito permissivo. Fazer com que os limites sejam cumpridos, mas dosando a liberdade para evitar exigências excessivas”. Ah, estou menos exigente agora, antes eu era muito de ficar em cima, agora estou mais tranquila (NI).

Ressaltei que também não dá pra ser muito permissivo, até porque a função de quem educa é preparar a criança para enfrentar os limites que encontrará ao longo da vida. O que está em questão é que não dá pra deixar a criança sentindo que estão tirando a liberdade dela. Isso não pode acontecer em nenhuma fase da vida, nem na infância, nem na vida adulta.

Orientação do moderador: “Estar em contato com a escola e a professora e observar se conhecem o TDAH. Fornecer informações caso seja necessário”. Isso é uma coisa importante,

que eu vejo que não tem. Eu acho que quem é professor, tem que saber sobre o TDAH, eu vejo que na escola às vezes os professores não tem ideia de como lidar com a situação. Na escola em que meu filho estava antes era pior... E por causa do grupo eu ainda quero voltar lá pra conversar, agora eu tenho um respaldo pra falar sobre... conhecimento. Porque meu filho sofreu muito lá, tadinho. E eu não quero que outras crianças sofram também, por isso quero ir lá pra ajudar (GABRIELE).

Neste momento percebi que a Gabriele iria tomar a iniciativa de conversar com profissionais da escola por causa do grupo! Foi na instabilidade desse instante que eu vivenciei o sentimento de que cada encontro estava valendo a pena, que simplesmente ter organizado meios para que estas famílias pudessem se encontrar estava modificando vidas! Meus comentários e dinâmicas não eram nada perto das trocas que se estabeleciam entre elas até o momento, e que este “não valer nada” só deixava claro que a essência de um grupo de apoio social exalou seu aroma. Minha voz não se apresentava como comando ou o principal. Foi somente um instrumento de organização sistemática da legitimação incrível do grupo “Experiências TDAH”. Tudo o que estas mães compartilharam, e que por conta própria fora do grupo leram e pesquisaram se transformou em conhecimento, que ninguém vai tirar delas. E ver que Gabriele vai conversar com os profissionais que atenderam seu filho vai facilitar o convívio de outras crianças na escola... e isso vai evitar que elas percam o interesse pelos estudos! Efeito dominó incrível!

Quando o grupo conseguiu abordar os elementos que justificam as orientações para práticas educativas, entreguei uma cópia destas orientações em um ímã, para que deixassem em um mural, geladeira, enfim, em um local em que pudessem consultá-las constantemente e repensar suas práticas educativas. Solicitei às mães que, se quisessem e pudessem, enviassem fotos de suas famílias para meu e-mail, desta forma, também pude encaminhar para os seus endereços eletrônicos os slides que produzi no intuito de esclarecer alguns aspectos do TDAH.

4.7: 7º Encontro: Discussão final

Neste último encontro que se configura na 4ª etapa da pesquisa todas as mães estavam presentes. Junto de Gabriele, Laura, Lavínia, Marjori e Ni, as

temáticas discutidas ao longo do período foram lembradas: *Relacionamento entre a família e a escola, Comunicação e relacionamento familiar, Apoio à criança nas atividades escolares e Práticas educativas.*

As famílias puderam falar sobre qual momento mais marcou, o que mais ajudou, quais práticas se modificaram em função do grupo, quais diferenças sentiram na vida familiar e outros aspectos que julgassem necessários. Foram provocadas a falar sobre a dinâmica dos encontros e da utilidade e validade com a qual avaliam o programa realizado. Um ponto importante foi levantado por Lavínia, que era a ausência dos pais. Ela deu uma sugestão valiosíssima para quando esta experiência for replicada em outro momento:

E pode ver que aqui só tem mãe preocupada. Uma coisa que seria legal é chamar os pais também, convencer eles a virem, porque a responsabilidade é dos dois. O Miguel não tem papai, nesse ponto é até mais fácil não precisar discutir as decisões antes de tomá-las... Mas os papais presentes tem que discutir junto, e participar desses momentos... sem desculpa. Acho que seria legal isso (LAVÍNIA).

Com certeza! Fui motivada a pensar por quais caminhos não passei quando a ausência dos pais se escancarou. Participação na vida do filho é fundamental. Não é ajuda, é participação! Fazer o esforço de se locomover até o local do encontro, participar das discussões e atividades e perceber que não é “bobagem”. Conversar é necessário, e pelos relatos das mães, funcionou muito bem! Os objetivos iniciais da pesquisa foram atendidos, pois ansiava-se propiciar um espaço de trocas de experiências e conhecimento sobre práticas educativas.

...acho que foi bem focado em práticas educativas, né... nessa coisa do sentimento, linguagem, comunicação... deixar tudo claro... e até achei legal de não cobrar resultado, cobrar empenho! Porque ninguém é perfeito, o que importa é que eles tentem fazer o que é certo... com o tempo vão conseguir (MARJORI).

Foi bom pra gente refletir em coisas que já fazemos e pensar em começar a agir de determinadas formas (LAVÍNIA).

Eu achei muito bom porque acho que o que foi vivenciado aqui, foi exatamente o que você nos propôs. Você disse que seria um grupo com outras mães de crianças com TDAH, que o objetivo era legitimar um espaço pra gente falar, trocar experiências, que você iria intervir, mas o mínimo possível, e foi bem isso (MARJORI).

...aqui a gente não se conhece! Mas você deixou, acho que todo mundo, bem à vontade pra falar, pra contar da sua vida... e como

as discussões foram muito bacanas, deu pra gente se conhecer melhor (LAVÍNIA).

Proporcionar espaço para que o grupo seja o líder de si mesmo, siga os caminhos que sente necessitar mais e chegue no resultado que suas expectativas aguardavam. Oferecer instrumentos para que elas reconhecessem seus próprios saberes, provenientes de suas experiências enquanto mães, da mesma forma que Marjori reconheceu, e aceitem estes saberes, da mesma forma que Laura aceitou:

...quando a gente, mãe, fala algo pra outra mãe, o peso é muito maior... porque a gente sente como se pudesse se cutucar, entendeu? (risos) (MARJORI).

E quando uma mãe fala, a gente respeita, sabe que está falando da sua experiência, e que se está falando é pra ajudar. Então acho que o grupo foi muito legal por isso, por causa da troca. E pode ser que a gente conversasse sobre algo simples, banal, mas depois, saindo daqui eu ficava pensando na conversa, refletindo... talvez se eu fizer assim, fizer assado... e esse exercício de reflexão foi importantíssimo (MARJORI).

- Laura: É, e essa situação de comparar os filhos, porque a gente não se percebe quando faz a comparação.
- Lavínia: Mas você compara sim! (risos) E assim, ainda na frente do Vinícius.
- Laura: É, eu comparo? Comparo né... E é difícil, porque a gente sabe que não deve, mas quando vê já está fazendo... Na verdade, nem vê! E assim é ainda mais complicado pra corrigir!

Pode-se perceber que as mães avançaram no sentido de auto percepção de suas condutas sendo ajudadas pelos discursos de outras mães, pois ao aceitar os conselhos delas, refletem sobre seus próprios comportamentos e decidem o que pode auxiliar no aprimoramento de suas práticas. Neste sentido, o objetivo inicial de que as mães se percebessem como protagonistas de suas práticas educativas foi alcançado, e elas se sentem fortalecidas por fazerem parte de um grupo, pois pelos relatos, elas também significam o mesmo sentido encontrado na fala de Gabriele: “o mais importante é essa coisa de ver que não é só o seu que é assim. Nossa, eu ficava desesperada, achando que o Eduardo era o único que se comportava daquele jeito... Mas aqui eu vi que tem outras mães na mesma situação, e que dá pra dar um jeito pra tudo.” E também na fala

de Ni, que agora, se sente fortalecida: “Sabendo que mais gente está na mesma situação a gente se fortalece.”

Para finalizar os encontros coletivos foi passado um vídeo com as fotos das famílias que foram enviadas via e-mail, que se misturava a um outro vídeo com uma mensagem⁶³ para os pais. Neste fechamento, o intuito foi que as mães percebessem que apesar das dificuldades que enfrentam em função do diagnóstico de seus filhos, elas são protagonistas de suas práticas educativas e têm a responsabilidade e o privilégio de causar forte impacto na vida destas crianças.

Para concluir a nossa noite, foi acordado de que forma as entrevistas individuais finais ocorreriam, e foi reafirmada a necessidade de termos contato mesmo após o término do grupo, via whatsapp. Até agora, isto se cumpre. As mães continuam a conversar, trocar ideias, dar sugestões.

“Nossa, a gente queria mais! É tão bom vir aqui, a gente vem do trabalho cansado, mas chega aqui e o tempo passa rápido.” –Gabriele

4.8 8º Encontro: Entrevistas individuais finais

O último instrumento de coleta de relatos foi a entrevista final, que ocorreu de maneira individual com cada mãe. Nesta 5ª e última etapa foi possível fechar o trabalho, possibilitando que se fizesse posteriormente a discussão dos resultados obtidos.

Após terem experienciado os momentos do grupo de apoio social, as mães relataram que o convívio com os filhos está mais frequente, e que nestes momentos elas estão mais flexíveis com relação às atividades propostas, o que trouxe mais qualidade para a convivência. Neste caso, agora, elas estão conseguindo aliar a quantidade à qualidade, em função de terem incorporado a flexibilidade em suas práticas educativas.

... depois do grupo nós continuamos realizando as mesmas atividades, mas a frequência aumentou... e eu acho que o modo de tratar ele mudou um pouco, melhorou (NI).

⁶³ Educa Sempre: <https://www.youtube.com/watch?v=Ed-aG4xDkRE>

Continuamos realizando as mesmas atividades juntos, só que com mais frequência... aprendi a respeitar mais eles, o tempo deles (MARJORI).

Sim, estou deixando tudo mais flexível no sentido da autonomia dele, trabalhando nas escolhas, escolhas dele. Que ele curta o momento que a gente fica em casa, que já é pouco. Quando chega a noite, que seja mais agradável, mais tranquilo (LAVÍNIA).

As mães aprenderam a ser mais flexíveis naquilo que permite flexibilidade, adaptaram as rotinas das crianças de forma que ela fosse funcional para os meninos e para a casa, de maneira que os meninos se vissem inseridos nestas atividades e imbuídos de responsabilidades, o que é de extrema importância para o desenvolvimento da autoestima deles:

Eu fiz algumas adaptações na rotina. Eu coloquei aquele ímã de dicas que você deu, e algumas coisas eu acabei adaptando pra eles, pro dia-a-dia deles (MARJORI).

...agora, eu chamo mais ele pra me ajudar nas coisas em casa. Arrumar a mesa, essas coisas assim... (GABRIELE)

Agora tem um horário certo. Chega da escola, toma banho, almoça, dou um tempinho pra descansar e já começar a fazer a atividade, vê no youtube alguma coisa, sobre fração e tal (NI).

Eu até quero comprar um quadro grande pra eles irem escrevendo as tarefas e ir anotando e riscando o que tem que fazer (MARJORI)

Observando os relatos anteriores, que trazem maior convivência e flexibilidade aliadas à qualidade, e maior responsabilização dos meninos nas tarefas de forma que as mães não fiquem com toda a carga de afazeres para si, é possível observar que elas se sentem mais pacientes ao exercerem práticas educativas, procurando atitudes que sejam mais construtivas do que simplesmente brigar com as crianças. Marjori fala sobre a questão de que antes ela estava sempre em cima e que o planejamento era tarefa dela, fazendo com que ela se sobrecarrecasse: “Agora, eu digo as coisas que eles têm para fazer e jogo a responsabilidade para eles para organizar o que vão fazer hoje, por exemplo. Antes eu já planejava tudo sozinha. E eu não fico mais tão em cima, depois eles me mostram.” Elas conversam mais, se centram, flexibilizam, pedem outra vez se for necessário, esperam que a criança conclua a atividade antes de

ir supervisionar. Tudo visando o ritmo, as vivências e a autonomia das crianças de maneira saudável.

...depois do grupo, eu tenho mais paciência com ele. Minha mãe só briga, mas eu falo pra ela conversar, pra ter paciência também. Senão não ajuda em nada só brigar. Então minha mãe também está se acalmando mais (GABRIELE).

Já faz muito tempo também que eu não pego o chinelo, isso foi uma vitória pra mim. Pra não perder a paciência, hoje já consigo me centrar mais. E é isso, trabalhar isso em mim, deixar a coisa mais flexível, pra que o emocional dele fique legal (LAVÍNIA).

...agora eu tenho mais paciência. Quando eu vou pra explodir, eu paro pra pensar... eu lembro de tudo... e peço as coisas... filho, arruma a mesa pra mãe, lava essa louça, e ele vai fazendo... ao invés de explodir, não... tenho mais paciência e tá bem melhor.... Mais paciência depois do grupo, mais paciência com certeza (GABRIELE).

A partir dos relatos, fica nítido que este aprimoramento das práticas educativas se deve em função de o grupo ter lhes auxiliado a serem mais reflexivas em suas práticas, como Laura relata: “Me ajudou bastante a fazer essas autorreflexões sobre as minhas atitudes”. Elas analisam as atitudes que vão tomar e as possíveis consequências, o que lhes dá a possibilidade de modificar as práticas de acordo com os resultados que desejam atingir com os filhos, como no caso de Gabriele, que estava prestes a tomar uma atitude equivocada, mas que lembrou da temática trabalhada no grupo que abordava a questão de manter uma prática coerente para que a criança não fique confusa: “E eu me polio mais... Até esses dias, eu falei que ele iria ficar sem internet... E depois eu quase fui deixar usar. Mas lembrei e refleti que não dá pra proibir uma coisa e depois acabar deixando. Que isso é errado”. Estas autorreflexões culminaram em algo muito importante, que foi na percepção delas mesmas, podendo ver o que era necessário mudar em suas posturas formativas:

...eu vejo que vou ter que desconstruir a educadora. Eu tenho que ser mãe. Claro que tem coisas que vão me ajudar por eu ser da área da educação, eu sei de jeitos de ensinar diferentes, tenho o jeito de ensinar a aprender, trabalhar com jogos... mas não posso querer cobrar deles como profissional, mas como mãe (MARJORI).

...o grupo ajudou na percepção da rotina, das minhas exigências com ele. Ser mais tolerante (LAURA).

Eu estou tentando me policiar pra não controlar e impor tudo, deixar que ele faça as atividades que ele tenha mais interesse (LAVÍNIA).

Eu cheguei à conclusão de que sou muito chata (risos). Eu sei que tem que ter regras, mas eu dava horários que nem a gente aguenta. Então assim... dosar mais! (MARJORI)

... os nossos encontros serviram mais pra mim do que pro Miguel! (risos). Eu consegui perceber que eu realmente sou uma chata. (risos) Que eu sou muito exigente. Ainda mais pra ele que tem só 6 aninhos. Então... “vamos aqui, vamos ali, vamos desenhar, faz isso, faz aquilo”. Acho que é isso que eu tenho que trabalhar em mim, pra deixar ele com a saúde emocional dele um pouco mais liberta, pra que ele cresça com mais autonomia, mais identidade (LAVÍNIA).

As mães utilizaram várias frases e palavras que trazem o sentido de que elas se percebem enquanto mães “chatas”, e estão na tentativa de desconstruir isto ao externarem a necessidade de se policiarem quanto às exigências e ter que dosá-las mais, e quando verbalizam que praticam o excesso de controle e falta de tolerância. Em seus discursos, no momento exato em que foram realizados, em função dos indicadores que justificam estas atitudes como sendo um sinal de preocupação com os filhos, pode-se perceber que seus comportamentos são um sinal de comprometimento com seus papéis formativos, e que se elas exigem, é porque amam, não esperam pouco dos filhos. Estão na tentativa de modificar este comportamento, e já aprimoraram muitas práticas para aliviar a pressão sobre as crianças. Peço licença para colocar minha experiência própria: Tive uma mãe “chata” na infância e que mantém este comportamento de exigência até hoje. São essas mães que marcam a história de uma pessoa, que fazem com que ela se sinta especial e que se importam com ela. Este comprometimento é algo admirável, pois se tem algo que ele demanda muito, é doação de si mesmo. E isto é algo lindo.

O grupo também deu alguns caminhos para as mães, que se sentiram localizadas em algo específico que lhes afligia anteriormente que era a questão de acharem que estavam sozinhas em seus problemas. Laura relata até mesmo a forma como a sociedade lhe julga por ficar nervosa com Vinícius: “Tenho vontade de matar às vezes, dar uns trosquião na criança, e as pessoas vem falar... ‘Ah, você tem que amar...’ E dá um desespero às vezes! Dá vontade de ‘aaaaaa’.... Então assim, tem outras mães que também perdem a cabeça, não

sou só eu”. No grupo ela percebe que não é a única a perder a cabeça, o que ameniza o sentimento de culpa, da mesma forma que Gabriele: “A minha preocupação é porque eu achava que era só ele que tinha, então foi muito interessante, ver as outras mães comentando as mesmas coisas...”. Marjori também traz um relato de conclusões que o grupo proporcionou: “...antes de eu conversar com outras mães eu achava que o problema era maior do que era. E foi importante poder trocar experiências, ajudar... Mesmo que a gente ache que é só uma conversa, mas depois a gente vem refletindo, pensando.” Estas trocas levaram a conclusões conjuntas, fazendo com que além das autorreflexões, as mães também refletissem as práticas das suas colegas e pudessem colaborar apontando os comportamentos que percebiam nelas:

...já tinham me falado, não diretamente, “ah, você faz”, mas nas avaliações dele sempre me falavam que ele tinha a autoestima diminuída, que como eles são gêmeos era para evitar as comparações... eu sabia que era para fazer, mas não achava assim que era tão evidente o que eu fazia. Nos encontros, nas conversas eu vi que era sério... e até no último encontro que a Lavínia chegou pra mim e falou “você compara sim! Porque um dia você falou assim e assim” (risos)... (LAURA)

Algo que marcou muito as famílias foi uma discussão trazida por Lavínia, que ela compartilhou ter refletido junto da psicóloga com a qual faz o acompanhamento de Miguel, sobre a necessidade de descentralizar da mãe o estabelecimento de regras, para dividir a construção delas junto das crianças, para que os combinados façam sentido para toda a família, e que em conjunto, todos cumpram o que foi acordado:

Igual os “meus combinados” (risos). Até hoje o Eduardo fala, daquele dia que ele veio junto (risos). Ele olha pra mim e fala: “Mãe, os meus combinados?”. Será que são os meus, os seus, ou os nossos? (risos). Então mudou, a gente combina as coisas mais juntos... Os encontros foram muito bons (GABRIELE).

Uma coisa que me marcou bastante foi a questão dos “meus acordos, meus combinados”, então, de sentar com ele e flexibilizar algumas coisas da rotina para que também fosse possível que ele conseguisse atingir algumas coisas, para que ele não se sentisse frustrado porque o objetivo era tão alto que ele não conseguia... (LAURA)

Grandes mudanças também ocorreram nos significados que as mães atribuem aos filhos, pois a leveza que adquiriram ao longo dos encontros foi passada para a forma como as mães os enxergam, e significá-los de maneira diferente faz com que se signifiquem também de maneira diferente, o que tem impacto positivo nos sentidos que estão emaranhados na dinâmica familiar.

Ai, eu tô no céu! (risos)... Muito, muito no céu. Ele só tem essa característica, assim, da impulsividade, né... que realmente, dá pra ver quando a gente tá brincando. Mas... ele é bem bonzinho, comparando com os outros garotos (LAVÍNIA).

Pra mim, foi um bálsamo. Ver quantas ferramentas eu tenho e o que eu já consegui andar com eles, avançar nesse tempo. O Enzo é bem agitado com a questão da hiperatividade, mas eles ainda conseguem. Puxa, graças a Deus que eu corri e corro atrás do que precisar (MARJORI).

...agora sei que é um problema que precisa de orientação, tem que tratar, e que não é da personalidade dele, do caráter dele... No momento é mais forte que ele, e eu tenho que ajudar ele a se controlar sozinho. Antes, a minha preocupação era essa, de ser do caráter dele, mas eu vi que outras crianças são assim também... Mas assim, eu vi que tenho mais paciência com ele (GABRIELE).

Mas menina... que diferença que tá. Porque nesses três anos, eu vivi o Miguel. E agora eu vejo que o Miguel consegue ficar bem longe, minha mãe elogia, senão também ela não ficaria, entendeu... (LAVÍNIA)

Estas mudanças de perspectiva resultaram em algo fantástico, que foi a oportunidade que estas mães tiveram de vivenciar sentimentos que antes pareciam impossíveis de ser vivenciados em função de terem o estigma de serem mães de crianças tão malquinhas! Sempre que, como pedagoga, estive em uma reunião com pais de crianças diagnosticadas com TDAH, posso dizer que nunca ouvi uma mãe relatar que sentia tranquilidade, segurança, leveza, calma e fortalecimento ao exercer suas práticas educativas. Elas sempre relataram o que lá no início da pesquisa as nossas mãezinhas que aqui conhecemos, sentiam. Culpa, nervoso, irritação, vergonha, impotência, insegurança, dentre tantos outros sentimentos negativos, que sentem por não terem tido a oportunidade de participar de uma experiência como a vivenciada na presente pesquisa.

Eu estou, digamos que mais tranquila, porque eu percebi que não é só o meu que tem problemas. E tem que conviver, tem que

procurar ajudar ele da melhor forma possível. Eu me senti melhor, mais tranquila (GABRIELE).

...o tanto que me ajudou e me tranquilizou. E as outras também pelo o que eu percebi no encerramento, elas também se tranquilizaram. Uma coisa é você ver o teu, e pensar que sou só eu assim com o meu filho. E aí você percebe que tem mais pessoas assim e que uma pode passar pra outra e dividir nessa troca de experiências, que é muito bom pra fortalecer e tranquilizar (NI).

O que eu mudei depois do grupo, pegando um pouco das experiências de cada mãe, foi que eu fiquei mais leve. Eu continuo fazendo com eles, dando ênfase, mas respeitando o tempo deles (MARJORI).

Agora a gente vai, ele anda, ele volta onde eu estou. Antes eu não tinha essa tranquilidade, não deixava nem ver se ele ia voltar. Nesse sentido mudou bastante, a minha segurança. Antes eu era mais insegura (NI).

Mudou bastante, a minha segurança. Antes eu era mais insegura... eu ficava mais nervosa pra lidar com ele, agora parece que eu estou mais tranquila, mais leve, consigo conversar com ele com mais calma, deixar às vezes as coisas acontecerem (NI).

“...todo mundo sofre. E não precisa. É só procurar o caminho certo. Mas achar esse caminho certo realmente não é fácil. Cada um vê o seu caminho. Eu sempre procurei ajuda, pra hoje, graças a Deus, chegar em um resultado.” –Gabriele

5. PERCEPÇÃO DAS MÃES SOBRE O GRUPO “EXPERIÊNCIAS TDAH”

5.1 Momentos mais marcantes

No último encontro coletivo para fechamento do grupo e nas entrevistas finais as mães trouxeram relatos sobre o que foi mais marcou, cutucou, emocionou.

Acho que o dia em que foram as crianças, porque o Júnior não parou um minuto. Nossa... (NI)

As reflexões no último dia. A gente viu o vídeo, você passou as fotinhos... Deu pra ver que tudo o que a gente passa com eles, o amor que a gente tem, a entrega... (GABRIELE)

...vendo as fotinhos, aquelas frases, dá pra gente fazer um feedback massa, porque... Já tem história. A nossa vida está indo super bem, entendeu... e a gente ouve as outras histórias,

igual aquela mamãe que tem dois filhos com TDAH, que deixou um dos empregos pra ficar em casa... E ouvir essas histórias, esses toquinhos, fazem com que a gente reflita na educação do nosso! (LAVÍNIA)

...o momento de compartilhar experiências! A gente se reunia ali, tomando suco, comendo bolachinha, foram momentos bem preciosos. Tanto pra introspecção, quanto pra escutar os outros compartilharem! Troca de experiências foi muito válidas, e eu indicaria porque tem pais que não sabem que tem outros que também passam por isso, que dá ajudar e ser ajudado. O momento do compartilhar foi muito importante. O último dia foi bem especial. Assistir o vídeo, ver a carinha das crianças, ver que cada um é especial, cada um dá o que dá. Foi bem emocionante (MARJORI).

O que me marcou muito foi a Lavínia me dizer “você faz isso, você compara os dois sim”. Não é a visão de um profissional, é a visão de uma mãe. Então pra mim, teve um peso maior (LAURA).

Os relatos são os indicadores de que em função das dificuldades passadas, as mães vivenciaram momentos que jamais esquecerão, que foram marcantes. Certamente as dificuldades passadas continuam a ser difíceis no presente e darão as caras no futuro, mas a perspectiva com a qual as mães encaram-nas é outra. Se elas não tivessem filhos com o comportamento que eles têm, não teriam sido lembradas por mim ou pelas pessoas que indicaram a pesquisa e não teriam tido a oportunidade de conhecer as demais mães. Experiências ricas como o compartilhamento de ideias em um grupo de apoio social não fariam parte de suas histórias. Esta seria uma página inexistente em seus livros ainda com muitas páginas por serem escritas junto de seus filhos. Por isso é que tudo deve ser encarado como oportunidade de nos aprimorarmos e tudo é uma questão de perspectiva, assim como Augusto Cury cita: “Procure a sabedoria e aprenda a escrever os capítulos mais importantes de sua história nos momentos mais difíceis de sua vida.” Sejam sábios.

5.2 Expectativas e realidade

“Um grupo específico de pais de crianças com essa situação, você pode ver que tem luz no fim do túnel, você vê um pai que está mais lá na frente, que traz relatos de conquistas e te ajuda.” –Laura

Logo no início da pesquisa, no momento das entrevistas iniciais e no primeiro encontro de introdução, ao longo da conversa as mães expuseram quais eram as expectativas que cultivavam para a participação no grupo “Experiências TDAH”. Nos relatos, o que impulsionou –as a fazerem parte do que se configurou em uma comunidade de prática, me remetendo ao conceito abordado no capítulo 2.2 “Prática, a tão citada prática...” deste trabalho, foi a esperança de encontrar troca de experiências e informações que poderiam auxiliar na tomada de decisões e escolha de caminhos tendo como base os caminhos que já haviam sido percorridos pelos demais participantes, e também como base, a apropriação de novos conhecimentos sobre o TDAH.

Sempre me dizem, ‘ah, TDAH tem que ter uma rotina,’ ah, eu não consigo fazer essa rotina com o Danton como eu faço com o Enzo, assim, de ele ter todos os horários e fazer ele cumprir, então vai ser bem legal pra gente trocar ideias (MARJORI).

... cada um é um, mas no grupo cada pai poderia colocar sua experiência, eu acho que iria ajudar muito com as crianças, com os filhos! Trocar as experiências, as informações, muito bom! (NI)

Então vai ser bacana, bem válido mesmo, pra trocar experiências, ‘ah, isso eu fiz, deu certo.... isso não deu, ou eu não consigo’ (MARJORI).

...eu acho que será bem válido trocar experiências com outras mães, acho que vocês vão me ajudar bastante também (LAVÍNIA).

Eu vejo que vai ser legal pra gente trocar experiências, pra entender um pouco mais sobre o que o TDAH é, o que está sendo feito em outras famílias (MARJORI).

Se as expectativas citadas acima fossem correspondidas, as mães esperavam que a carga dos problemas que enfrentam fosse diminuída em função de dividi-la, e que fossem recompensadas com mais fortalecimento em seus papéis formativos e mais calma em seus corações:

Dividir as experiências, dividir a carga (LAURA).

Participar de um grupo te ajuda a ver pessoas que já alcançaram outras coisas, e quando a gente ajuda outras pessoas, isso traz uma recompensa também, sabe... se acalme que eles crescem e fica melhor! (LAURA)

...eu acho que aqui, igual o Moderador falou pra você (Lavinia), vai dar pra gente se fortalecer, conversar sobre o que a gente faz com os nossos que dá pra outra mãe fazer também, ou mudar de caminho, acho que vai ser bem bom (NI).

Alguns relatos bem específicos sobre a forma como as mães sentiram que estas expectativas foram correspondidas foram coletados, e junto dos que já foram analisados no capítulo “4.8 8º Encontro: Entrevistas individuais finais”, completam o quadro sobre qual foi a importância do grupo de apoio social “Experiências TDAH”, tendo como referência o que se esperava dele:

...fui na expectativa de compartilhar, e não de vir com uma fórmula pronta de como lidar com meu filho com TDAH. E foi muito bacana, muito rico mesmo trocar experiências, poder ver que não é só com você, que tem casos mais difíceis e que todo mundo tem algo pra dividir, foi bem bacana, bem prático mesmo, foi bem legal (MARJORI).

Eu tinha a expectativa da troca de experiências, de uma mãe falar com a outra e cada um com a sua experiência, então foi atendida, era bem isso mesmo que eu esperava (NI).

... a proposta era a troca de experiências, e com certeza foi isso mesmo, o depoimento de cada mãe faz com que a gente reflita na gente enquanto mãe e que a gente perceba o comportamento do nosso (LAVÍNIA).

Era entender mais sobre o TDAH... E deu, deu pra entender muito, ajudou bastante... estou com muito mais paciência, muito bom. Por mais que o neuro tenha explicado um pouco do que ele tinha, eu nunca tinha entrado na internet pra pesquisar sobre o assunto... (GABRIELE)

...minha expectativa era mesmo essa troca de experiências com as outras mães. Até então eu só tinha a fala de outros profissionais, eu nunca conversei com outros pais na mesma situação. Nesse sentido foi bastante enriquecedor. Achei que valeu a pena cada encontro (MARJORI).

...as expectativas foram atendidas, houve a troca, ver o que o outro passa. Percebi que eu tô em um caminho legal e que o Miguel não está em um nível tão hiperativo. Claro, longe de mim, eu não sei de metade do que o Miguel faz, mas quando a gente vai em uma festinha de aniversário hoje, meu Deus... é outra criança (LAVÍNIA).

As mães foram para o grupo com um objetivo: Ouvir outras mães. Descobriram quais sentimentos se passam pela cabeça delas e perceberam que não estão sozinhas com estas múltiplas sensações. Descobriram que compartilham possuir cabeças pensantes que tem uma enorme, colorida e decorada caixa para guardar com a maior segurança o tesouro que são os

cheiros, lembranças, alegrias, febres, inquietações, beijos e palavras de seus filhos. Só querem ser melhores para eles. E me apegando a este querer, é que pude alcançar o meu objetivo, que era o de proporcionar que elas aprimorassem suas práticas educativas, e desta forma, as emoções podem continuar a rolar com a intensidade que elas merecem, só que com mais segurança de que os passos estão certos.

5.3 Impressões sobre o grupo de apoio social

Muito foi conquistado. Eu sei, elas sabem, e agora, o leitor também sabe. Mas... será que o modo como as coisas foram conduzidas foi bom? Vamos decidir junto de nossas queridas personagens:

...um bom grupo, as mães são serenas, você... conduziu bem, foi bem sensato, a gente conseguiu ficar bem a vontade pra falar da nossa vida pra você, e a gente nem se conhecia, né... (LAVÍNIA)

E assim, me bate um interesse... você indicaria que eu participasse? Não entendo a diferença que faria falar com outra mãe...

Eu indicaria. Eu indicaria que é a troca. A troca, conhecer o outro, a vida do outro, pra que a gente se tranquilize, não pressione tanto... (NI)

E desabafar com outras mães é... não é que é mais legal... é que você fica mais a vontade do que desabafar com um profissional. Porque chegar pra um psicólogo por exemplo e dizer “não sei mais o que fazer, não aguento”, é complicado...E conversar com outra mãe, ouvindo essa outra mãe é diferente. Não sei se é porque a gente tá no mesmo patamar, tem um peso diferente. Então eu indicaria. Procura um grupo. A troca de experiências é muito rica (LAURA).

Entendi... então vamos lá, me mostre como você me venderia o peixe, Marjori!

Bom, eu diria que participei de um grupo onde tinham várias mães na mesma situação e que com elas eu pude compartilhar e pude ver ali que alguns caminhos que eu tomava com os meus estavam certos e que outros não estavam tão certos, e que isso ajudou a entender que cada um é de um jeito e que a experiência foi super válida... (MARJORI)

Estou quase convencida, mas o que teve de bom lá nesse tal de grupo, o que que valeu?

...você encontra pessoas que já caminharam na sua frente, como a Marjorie falou “Ah, eu passei por vários profissionais, mas a melhor coisa que eu fiz foi, apesar do valor, marcar direto com aquele que fechou o diagnóstico (LAURA).

...acho que esses toques valeram bastante, as trocas, valeu a pena estar no grupo (LAVÍNIA)

Eu vejo que o grupo ajuda a te direcionar em situações específicas, em tratamentos e até mesmo na procura de profissionais, e até na tua experiência com você mesma, ver que tem outras mãos que tem essa dificuldade, como que elas lidam no dia-a-dia com a criança.... Eu penso que não sou só eu! (LAURA)

Parece muito legal, mas assim, nada é perfeito... Me conte alguma coisa que dá pra sugerir.

...trazer os pais. Ouvir eles. Porque até... essa mãe que falou pra eu procurar um grupo, ela disse que as mães falavam a mesma coisa que no nosso grupo... que os maridos depreciam as terapias... então acho que pra eles seria bom (LAVÍNIA).

Brincando com os relatos e criando um jogo com os diálogos, é possível extrair que no geral as impressões das mães foi positiva, que a participação em um grupo de apoio social no qual o moderador realize intervenções que mediem e estimulem que os participantes tenham um espaço de diálogo legitimado, possibilita que se responda aos objetivos pré-estabelecidos.

Foi possível oportunizar que se desse valor a o que realmente deve ser valorizado e saber que isto foi alcançado dá vontade de querer mais, que outras pessoas também possam se beneficiar desta experiência. Poder fazer com que mais pessoas percebam que não estão sozinhas é necessário. Quando percebemos que uma estratégia serve para mudar vidas, múltiplas vidas devem ser servidas por ela.

Creio que o que há de mais rico no mundo são as conquistas que o ser humano alcançou em toda sua história no mundo em função dos conhecimentos construídos e agregados nas áreas de tecnologia, saúde, geografia, matemática, enfim... Mas nenhum desses conhecimentos teriam chegado até a sociedade atual se não houvesse o compartilhamento deles entre as pessoas, pois somente

através de grupos dividindo suas experiências é que as conquistas provindas foram, e sempre serão, perpetuadas através das gerações.

“...conhecer o que a pessoas já percorreram, e às vezes não deu certo... Poder pular aquilo, ir por outro caminho, passar por lá... Eu lembro que fiquei muito receosa em começar a medicação, porque tinha toda uma mídia em torno dos malefícios. Mas também tem o lado de ajuda à criança. Então no grupo se pode discutir isso pra tomar uma decisão.” –Laura

6. PRÉ-INDICADORES, INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO APREENDIDOS DOS ENCONTROS DO GRUPO DE APOIO SOCIAL “EXPERIÊNCIAS TDAH”

6.1 Pré-indicadores e indicadores apreendidos das entrevistas individuais iniciais

Pré-indicadores	Indicadores
Práticas educativas	
<p>* ... a prática educativa depende muito da criança, da pessoa, então ele é um ser humano, não tem uma coisa definida, você tem que levar conforme você vai conhecendo seu filho (NI).</p> <p>* É você achar um meio pra fazer com que a criança, o filho, seu aluno, consiga entender. Então assim, até mesmo uma coisa em casa. A gente usa muito a questão de jogos... A prática educativa deles hoje já é muito de escutar o que o professor fala, fazer resumo e trazer pra casa pra estudar. Então esse é um conceito que eu ainda fico meio insegura (MARJORI).</p> <p>* Práticas educativas? ... Como se fosse fazer algum dever de casa, atividade com ele, eu acho que seria isso (GABRIELE).</p> <p>* Práticas educativas são atividades pra ajudar na formação. Como por exemplo, eu entendo que comprar um joguinho pra ele, que seja educativo, ou tabuada, um quebra-cabeça que é de tabuada. Jogo da memória, são coisas que vão ajudar na formação educativa dele (LAURA).</p> <p>* Práticas educativas... seria a forma como a gente se posta para educar, formar (LAVÍNIA).</p>	<p>Práticas educativas sendo conceituadas pelas mães</p> <p>- Indica práticas diferenciadas de fazer junto: interação respeitando a singularidade.</p> <p>- Formação, insegurança e dúvida sobre os procedimentos adotados, ajuda.</p> <p>- Prática passiva de escutar, fazer resumo para estudar.</p> <p>- Como fazer dever de casa.</p> <p>- Como atividades e jogos educativos.</p>

	<p>- Como forma como os pais se postam para educar.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • ...muita conversa, porque não é fácil (LAVÍNIA). • A gente sempre conversa muito, porque pra ele estudar já é uma coisa difícil, eu converso pra que não fique pior (LAURA). • Mas a gente sempre conversa, ele conta de namorada, da menina que ele gosta na sala, essas coisas, a gente é bem amigo (GABRIELE). • A gente conversa sobre a escola, conversa sobre esporte, sobre o que a gente vê no jornal, de guerra, então os assuntos são bem variados (MARJORI). 	<p>Práticas educativas tendo o diálogo como base</p> <p>- Indica dificuldade, muita conversa: sermão.</p> <p>- Comunicação/diálogo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Eu deixei ele de castigo, não mexeu na internet e ficou sem videogame, conversei bastante, porque eu converso bastante, com os dois, falei que se tivesse a próxima eu ia dar uma surra nele... até porque eu não bato, não gosto de bater, quase nunca, mais de vez em quando eu falo que eu vou pegar (GABRIELE). • ...eu comecei a tirar coisas se ele não fazia o combinado. Nós temos combinados. Exige paciência, mas vem funcionando com ele (LAVÍNIA). 	<p>Práticas educativas para controle do comportamento</p> <p>- Indica ameaça, controle, conflito, punição.</p> <p>- Ameaça e punição física.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Eles têm algo bom e capacidades, às vezes até melhores que os outros, mas você precisa entender e canalizar pra aquilo (MARJORI). • ...tem que ficar tudo na brincadeira, tudo interagindo com ele, se você chegar e falar "copia essa folha" não vai, chora, chora e não sai daquilo, não vai pra frente (GABRIELE). • (Pra fazer a lição) Ah, eu tenho que ficar junto, juntinho! (risos) (LAVÍNIA). 	<p>Práticas educativas assumidas a partir da observação do comportamento dos filhos para manter monitoramento</p> <p>- Indica necessidade de interação constante, conflito, monitoramento.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Eu tenho que ficar em cima, senão ele não vai (LAURA). • ...ele é bem desorganizado, eu tenho que ficar em cima (LAVÍNIA). • (Enzo) mas é que ele é inteligente, só que ele não consegue parar pra focar porque o pensamento dele é super acelerado. Tenho que ajudar (MARJORI). • O problema com ele é mais na atividade mesmo, se concentrar, é igual quando tem lição de casa, tenho que ficar sentada aqui, ele começa a ficar nervoso, você tem que ir meio interagindo com ele pra ele fazer (GABRIELE). 	<p>Práticas educativas de fazer junto assumidas pelas mães em função da desatenção dos filhos</p> <p>- Necessidade de fazer junto todas as atividades escolares</p> <p>- Indica controle, dificuldade, interação.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Corrigir ou por de castigo, a gente começa a questionar até que ponto vale a pena pois não se sabe quando vai 	<p>Práticas educativas punitivas sendo questionadas</p>

<p>além da vontade de obedecer e entra na questão do autocontrole (MARJORI).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu queria que ele ficasse ali sentado, comportado, como a maioria, mas não... eles não são a maioria, eles são únicos né... Não adianta dizer que “todos os TDHAS são assim”, cada um é um e eu já vi que tem que ir aos poucos e não tem como dizer que é igual (NI). 	<p>- <i>Percepção da diferença de comportamento das outras crianças e indica expectativas de desempenho menores e desenvolvimento mais lento.</i></p> <p>- <i>Indica dúvida, insegurança, impotência, práticas diferenciadas.</i></p>
Significados atribuídos aos filhos	
<ul style="list-style-type: none"> • Tem 11 anos mas é bem cabeça, a gente conversa de igual pra igual (GABRIELE). • Ele conversa sobre tudo, dá opinião, ele é teimoso também (GABRIELE). • ...se eu levo em uma exposição, por exemplo, não tenho criança... super comportado, demonstra que gosta mesmo (LAVÍNIA). • Ele memoriza coisas difíceis, sabe falar sobre a Lua, os planetas, essas coisas loucas, Nasa, aeronáutica, do espaço... esqueci o nome. Ele gosta dessas coisas, de exército, táticas de guerra, ele fala pra gente (LAURA). • Aquelas fases medonhas do X Box lá, ele decora, que quando ele chega naquela fase, ele sabe que tem que pular com o bonequinho dele (LAURA). 	<p>Significados contraditórios atribuídos aos filhos com conteúdos positivos e aspectos negativos</p> <p>- <i>Percepção de que os filhos conseguem manter o interesse em determinados assuntos e em situações de seu interesse.</i></p> <p>- <i>Indica comunicação, interação, opinião, polaridade.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Irritado, impulsivo, agitado (NI). • Personalidade bem forte, complicado (MARJORI sobre Danton). • Expansivo, ativo, questionador, bagunceiro, temperamental (MARJORI sobre Enzo). • Teimoso, preguiçoso (GABRIELE). • Imaturo, disperso (LAURA). • Desorganizado, desatento, agressivo (LAVÍNIA). 	<p>Significados atribuídos aos filhos através de denominações negativas frequentes</p> <p>- <i>Atribuição de um número maior de características negativas do que positivas</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Caracterizam os filhos como: Irritado, impulsivo, agitado, personalidade bem forte, complicado, expansivo, ativo, questionador, bagunceiro, temperamental, teimoso, preguiçoso, imaturo, disperso, desorganizado, desatento, agressivo.</i> <p>- <i>Indica crítica, dificuldade, formação de opinião, observação de comportamento.</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> • ...a criança sofre, eles não conseguem fazer, se sentem incapazes (MARJORI). • ... não sabe o que quer da vida, não fica em emprego nenhum, não é uma pessoa que sabe diferenciar muito as coisas (Sem tratamento) (NI). • É bem complicado, porque a gente como família procura entender, mas eu vejo que é mais difícil com os outros do que com a gente em casa (MARJORI). • A gente tem muita dificuldade com as escolas. O padrão de prova é igual pra todo mundo, independente da dificuldade de cada criança (LAURA). • Eu fiquei mais preocupada na verdade com a questão deles na escola, de não sofrer o tal do <i>bullying</i> (MARJORI). 	<p>Significados negativos atribuídos pelas mães em relação às pessoas com TDAH e aos seus filhos</p> <p><i>-Preocupação com a escola e as pessoas em não perceberem a dificuldade de seus filhos.</i></p> <p><i>- Preocupação de que o filho sofra bullying na escola.</i></p> <p><i>- Insegurança, medo do futuro, medo da sociedade, impotência, preocupação com o sofrimento do filho pela percepção da incapacidade.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • O Miguel não é fácil nessa questão de comportamento (LAVÍNIA). • ... mas ele é.... tá louco! (risos) Um furacão! (LAVÍNIA) • (Enzo) Em casa, o tempo todo tem que pedir pra parar (MARJORI). • ... ele se joga, você tem que estar o tempo todo falando que pode se machucar, ele não olha o que tem do lado, se joga com tudo no chão... (NI) 	<p>Significados caracterizados como agitação constante atribuídos aos filhos</p> <p><i>- Indica dificuldade, preocupação com a integridade física, interação, conflito, controle e estar sempre junto cuidando e monitorando o comportamento dos filhos.</i></p>
<p align="center">Significados que as mães atribuem a elas mesmas</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • Persistência. Eu vejo que tem muitas mães que cansam. Você tem que persistir e acreditar... superação, entender pra não machucar... Então assim, é persistir (MARJORI). • Eu acho que dedicação. Porque ele demanda bastante cuidado, bastante atenção... eu faço tudo que eu puder para que o meu filho melhore, pelos meus filhos né, não é só ele, ele com mais as dificuldades, acho que fica mais "em cima" assim (NI). • É difícil a gente falar da gente, mais eu faço de tudo pros meus filhos, não sei falar mas pelos meus filhos eu faço tudo, não sou uma mãe perfeita, porque é difícil, mas tudo que está no meu alcance. Eu acho que sou uma mãe guerreira pelos meus filhos, posso falar que eu faço tudo por eles (GABRIELE). • Enquanto mãe do Vinícius... Uma palavra... Trabalho. É muito trabalho. Não só por essa situação, mas porque toda a vez que eu penso nele eu tenho que lembrar de alguma coisa (LAURA). 	<p>Significados atribuídos à forma como elas representam o peso de ser mãe</p> <p><i>- Representam-se como persistentes, incansáveis, dedicadas e guerreiras.</i></p> <p><i>- Expressam que os filhos requerem muito trabalho, persistência e dedicação.</i></p> <p><i>- Indica persistência, dedicação, trabalho, oportunidade e cansaço.</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> • Eu me vejo como alguém que oferece oportunidades, de educação, cultura, atendimentos... quero que ele experiência diversas coisas e tenha oportunidades diversas...procuro oferecer que ele vá ao cinema, teatro, enfim... passeamos bastante (LAVÍNIA). 	
Sentimentos vivenciados pelas mães	
<ul style="list-style-type: none"> • Na época eu não sabia praticamente nada. Fiquei assustada. Não sabia a quem recorrer (NI). • É bem ruim, porque na verdade a gente não tem muito conhecimento, mesmo a gente sendo da área da educação (MARJORI). • Péssima, eu me senti péssima, porque me senti culpada até por eu ter brigado com ele, deixado de castigo, me senti pior, a pior mãe do mundo, porque o problema dele eu achava que era tudo preguiça (GABRIELE). • É difícil porque no começo a gente pensa que a criança está de má vontade (LAURA). 	<p>Sentimentos vivenciados no momento do diagnóstico de TDAH</p> <p><i>- Indica insegurança, medo, baixa autoestima, falta de conhecimento, conflito, sofrimento, culpa por comportamentos de punição por falta de conhecimento.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • ... tem situações que você fica sem saber o que fazer (NI). • ... às vezes dá a sensação de que ele não vai chegar lá (LAURA). • ... não tem como você segurar eles (NI). 	<p>Sentimento de impotência por não saber o que fazer</p> <p><i>- Indica insegurança em relação ao prognóstico futuro de seu filho, aceitação e impotência em relação ao controle do comportamento do filho.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Ele não lia CA-MA, e aquilo me irritava (LAURA). • Aaaa... Me deu uma vontade de dar uma surra (GABRIELE). • Eu já gritei bastante, mas nunca bati por isso, nunca, mas a questão de perder a paciência é bem fácil (MARJORI). 	<p>Sentimento de Irritação e impaciência</p> <p><i>- Indica ira, impotência, falta de controle em relação ao comportamento do filho</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Tentei procurar na internet um grupo de apoio e não achei nada, foi bem difícil (NI). • Eu procuro muito na internet, faço parte de vários grupos que tem filhos com TDAH, com dislexia e tal, e tem cursos, só que eles são geralmente em São Paulo, no Rio de Janeiro, tem muita coisa em inglês, e é difícil também ter tempo hábil para estudar isso (MARJORI). • Eu preciso conversar com mães que tem crianças assim também, que não param! Saber o que dá certo para elas (LAVÍNIA). 	<p>Expressam a necessidade de participarem de um grupo de apoio social</p> <p><i>- Expressam necessidade de conhecimento sobre como lidar com seus filhos.</i></p> <p><i>- Indica dificuldade, deslocamento, exclusão, falta de tempo, busca por</i></p>

	<i>conhecimento, interesse x carência.</i>
Membros da família	
<ul style="list-style-type: none"> • Mesmo depois do diagnóstico o pai acha que não é nada (NI). • Vai tudo do exemplo, igual em uma sexta-feira, falei pra fazer faxina, todo mundo vai fazer faxina hoje... daí o meu marido falou “eu não vou fazer faxina nenhuma, vou deitar e vou assistir”. E deitou no sofá, aí o meu filho falou: “se o pai não vai também não vou (GABRIELE). • Conversei com ele bastante e falei com o pai porque ele escuta muito o pai, né ... E daí não aconteceu mais (NI). • O meu marido, falou tá falado (MARJORI). • As regras eu estabeleci, agora o pai, o que ele fala eles acatam. Tanto é que ele sai com os dois numa boa. Eu não saio com os dois sozinha. Quando um vai pra um lado o outro vai pra outro. Não dá (NI). • ... e a figura do pai, ele acabou vinculando com o tio da condução (LAVÍNIA). • ... a psicomotricista relacional está trabalhando com essa questão do pai dele, diz que o fato de ele ser todo elétrico pode ser um desalinho em função de, assim, cadê esse pai? Então ela está trabalhando com o pai simbólico dele. Me dá até medo, porque esse pai estava tão quieto... (risos) (LAVÍNIA). 	<p>Figura do Pai representando ausência e autoridade e negação do diagnóstico do filho</p> <p>- <i>Indica segurança x insegurança pela presença x ausência do pai, medo, confusão, autoridade.</i></p> <p>- <i>Indignação em função de os pais não darem importância ao diagnóstico.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Porque eu vejo a diferença dela. Se eu soltar está tranquilo, ele não.” –Ni • O Enzo precisa de mais orientação que o Danton. Ele é mais desorganizado (MARJORI). • Até a gente brigou com ele, porque a minha menina tem sete anos e digita (no WhatsApp). Ele só fala, ele é preguiçoso. E tanto que hoje a minha menina, a minha filha, eu vou lá e a professora fala que ela é perfeita, é ótima, faz tudo. E ele desde o começo era problema, não fazia a lição (GABRIELE). • Eu tenho os dois da mesma idade, e eu vejo como a irmã é mais amadurecida. Ela faz as coisas da escola com um pé nas costas, e pra ele é tudo arrastado (LAURA). <p>Até perguntam para os dois: “mas como que você tá no sexto e você no sétimo se são gêmeos? Mas você é menor!”. Porque ele é uma criança pequena. Então sempre quando a gente chegava em algum lugar perguntavam sobre a idade deles. Eu falava que eram gêmeos e falavam “Nossa, mas como ele é pequeno! ” As pessoas fazem isso! Ele sempre foi se sentindo menor, mais inferior (LAURA).</p>	<p>Comparação entre irmãos</p> <p>- <i>Na comparação com os irmãos o filho com TDAH é representado como desorganizado, preguiçoso, como “problema” e infantil.</i></p> <p>- <i>Indica comparação, insegurança, dedicação, crítica, interação, conflito, pressão social.</i></p>

6.2 Indicadores e núcleos de significação apreendidos das entrevistas individuais iniciais

Indicadores	Núcleos de significação
Práticas Educativas	
<p>Práticas educativas sendo conceituadas pelas mães</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indica práticas diferenciadas de fazer junto: interação respeitando a singularidade. - Formação, insegurança, dúvida sobre os procedimentos adotados. Ajuda. - Prática passiva de escutar, fazer resumo para estudar. - Prática educativa conceituada como fazer dever de casa, como atividades e jogos educativos e como forma como os pais se postam para educar. <p>Práticas educativas tendo o sermão como base</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indica dificuldade, comunicação/diálogo, sermão. <p>Práticas educativas para controle do comportamento</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indica ameaça, controle, conflito, punição. - Ameaça e punição física. <p>Práticas educativas assumidas a partir da observação empírica do comportamento dos filhos para manter monitoramento</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indica necessidade de interação constante, conflito, objetividade, monitoramento <p>Práticas educativas de fazer junto assumidas pelas mães em função da desatenção dos filhos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indica controle, dificuldade, interação. - Necessidade de fazer junto com o filho todas as atividades escolares. <p>Práticas educativas punitivas sendo questionadas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção da diferença de comportamento das outras crianças e indica expectativas de desempenho menores e desenvolvimento mais lento - Indica dúvida, insegurança, impotência, práticas diferenciadas 	<p>1) Dificuldade, comunicação, conflito, ameaças, inconsistência, interação, insegurança e dúvidas. Práticas de ajuda constante reprodutivas e passivas para a criança.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observa-se neste núcleo que o sermão embasa as práticas educativas das mães. Apesar das inseguranças em função do TDAH elas se colocam como formadoras perante seus filhos, mas não sabem ao certo quais práticas devem assumir. Práticas educativas reprodutivas com ausência de atividades criativas e participativas. As mães apresentam práticas inconsistentes ao agir de maneira punitiva e passiva com a criança, o que gera conflitos neste quadro de controle e ameaça. Por outro lado, assumem uma postura superprotetora por preocupação com a integridade física dos filhos e por quererem estar sempre fazendo junto como uma forma de monitorá-los. Este comportamento se dá em função do prognóstico negativo do desenvolvimento dos filhos.
Significados atribuídos aos filhos	
<p>Significados atribuídos aos filhos representando alguma admiração, mas predominam os aspectos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atribuição de um número maior de características negativas do que positivas 	<p>2) Predomínio de representação negativa sobre o TDAH e os filhos. Insegurança, medo do futuro, medo da sociedade, impotência, preocupação com o sofrimento do filho pela percepção da incapacidade.</p>

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Caracterizam os filhos como: Irritado, impulsivo, agitado, personalidade bem forte, complicado, expansivo, ativo, questionador, bagunceiro, temperamental, teimoso, preguiçoso, imaturo, disperso, desorganizado, desatento, agressivo.</i> <p>- <i>Indica comunicação, admiração, interação, opinião, polaridade</i></p> <p>Significados atribuídos aos filhos através de denominações negativas frequentes <i>-Indica crítica, dificuldade, formação de opinião, observação de comportamento</i></p> <p>Significados negativos atribuídos pela mãe para representar a forma como ela percebe que a sociedade significa o TDAH e seus filhos <i>- Preocupação com a escola e as pessoas em não perceberem a dificuldade de seus filhos.</i> <i>- Preocupação de que o filho sofra bullying na escola.</i> <i>- Insegurança, medo do futuro, medo da sociedade, impotência, preocupação com o sofrimento do filho pela percepção da incapacidade</i></p> <p>Significados caracterizados como agitação constante atribuídos aos filhos <i>- Indica dificuldade, preocupação com a integridade física, interação, conflito, controle e estar sempre junto para cuidar e monitorar o comportamento dos filhos.</i></p>	<p>- <i>Observa-se neste núcleo que as mães expressam alguma admiração em relação às qualidades específicas de seus filhos, mas que fazem uma leitura crítica de seus comportamentos, o que culmina em representações negativas da forma como significam seus filhos, criando um contexto de polaridade. Como resultado desta polaridade, provinda da observação do comportamento dos meninos, as mães nutrem ansiedade com relação ao futuro dos filhos, pois em função do prognóstico negativo que elas têm do desenvolvimento deles estão constantemente preocupadas com a integridade física dos filhos, inseguras e com medo do futuro deles. Por isso, em seus relatos percebe-se a sensação de sofrimento que os filhos lhes trazem, e a necessidade de controlá-los e estar sempre junto deles.</i></p>
Sentimentos vivenciados pelas mães	
<p>Sentimentos vivenciados no momento do diagnóstico de TDAH <i>- Indica insegurança, medo, baixa autoestima, conflito, sofrimento, culpa por comportamentos de punição por falta de conhecimento</i></p> <p>Sentimento de impotência por não saber o que fazer <i>- Indica insegurança em relação ao prognóstico futuro de seu filho, aceitação e impotência em relação ao controle do comportamento do filho.</i> <i>- Medo, conflito</i></p> <p>Sentimento de Irritação e impaciência <i>- Indica ira, impotência, falta de controle</i></p> <p>Sentimento de necessidade de participar de um grupo de apoio social <i>- Indica dificuldade, deslocamento, exclusão, falta de tempo, busca por conhecimento, interesse x carência</i></p>	<p>3) Insegurança, medo, baixa autoestima, sofrimento, irritação, impaciência, deslocamento, interesse x carência</p> <p style="text-align: center;">Culpa pela falta de conhecimento</p> <p>- <i>Observa-se neste núcleo que as mães vivenciam sentimentos considerados negativos e que reconhecem suas limitações. Esses sentimentos causam o desejo de aprimorar suas práticas educativas, mas ainda não sabem como. Para elas, esse aprimoramento pode vir a cessar com os sentimentos negativos que vivenciam. Elas sentem culpa pelas práticas punitivas que praticam quando desconhecem o que realmente podem fazer por seus filhos.</i></p>

Significados que as mães atribuem a elas mesmas	
Significados atribuídos à forma como elas representam o peso de ser mãe <i>- Indica persistência, dedicação, trabalho, oportunidade, cansaço, superação</i> <i>- Representam-se como persistentes, incansáveis, dedicadas e guerreiras.</i> <i>- Expressam que os filhos requerem muito trabalho, persistência e dedicação.</i>	4) Persistência, dedicação, trabalho, oportunidade <i>- Observa-se neste núcleo que as mães sentem o peso de seus papéis, que ele é bastante trabalhoso e demanda dedicação e persistência, mas que é propício para oferecer oportunidades de vivências variadas para os filhos, apesar do cansaço gerado.</i>
Membros da família	
Figura do Pai representando ausência e autoridade e negação do diagnóstico do filho. <i>- Indica segurança x insegurança pela presença x ausência do pai, medo, confusão, autoridade, indignação em função de os pais não darem importância ao diagnóstico</i> Comparação entre irmãos <i>- Indica comparação, insegurança, dedicação, crítica, interação, conflito, pressão social</i>	5) Segurança x insegurança pela presença x ausência do pai, autoridade, competitividade, comparação, pressão social, conflito <i>- Observa-se neste núcleo que as famílias nas quais as crianças com TDAH se inserem fazem parte de um meio social que tem a figura do pai representando autoridade mesmo em sua ausência. As mães vivenciam o sentimento de indignação em função de os pais não despendem a mesma energia que elas na educação dos filhos por não darem importância ao diagnóstico, acham que "não é nada". Já os irmãos se mostram como figuras com as quais é estimulada a competitividade e a comparação, mas sem que as mães percebam, pois em seus relatos há o sentimento de decepção pelo comportamento dos filhos e preocupação com a forma que eles são vistos pela sociedade, e que a sociedade compara os irmãos entre si.</i>

6.3 Pré-indicadores e indicadores apreendidos do grupo de apoio social “Experiências TDAH” a partir das intervenções do moderador

Pré-indicadores	Indicadores
Práticas educativas sendo reconstruídas	
<ul style="list-style-type: none"> ...ter o diagnóstico em mãos me deu muito mais segurança pra continuar a ajudar meus filhos, me deu um norte, um caminho e agora eu sei o que tenho que fazer, isso com certeza fez toda a diferença (MARJORI). Eu fico meio que sozinha em algumas formas de cobranças, porque eu tento entender o Júnior, o diagnóstico dele, e isso faz com que ele não me obedeça (NI). 	Práticas educativas sendo reconstruídas em função do TDAH <i>- Expressa dúvida quanto sua forma compreensiva em relação ao filho. Atribui que sua atitude de compreensão leva o filho a não obedecê-la.</i> <i>- Indica valorização do diagnóstico, orientação, práticas diferenciadas, frustração.</i>

<ul style="list-style-type: none"> • Nossa, coitadinhos dos alunos quando não podem fazer perguntas (LAVÍNIA). • ...amenizou um monte a minha agonia! Poder perguntar! Falar, tirar dúvidas! (MARJORI). • ...que às vezes eu posso dar a mesma orientação pra ele, várias vezes, mas que a mensagem na verdade não está chegando pra ele da forma que seria útil (LAURA). • ...falta conferir se nessas mil vezes a criança compreendeu uma, né! Senão não adianta falar nem uma, nem mil (risos) (MARJORI). • “Manter um diálogo franco, perguntando o que pode ser feito para ajudar e que dificuldade a criança vê no dia-a-dia” (<i>orientação do moderador</i>). Tem que estar sempre conversando... eu sou bem de insistir em que ele fale, porque tudo é “sim” “não”, então tenho que torcer... (LAVÍNIA) • “Explicar claramente como a criança deve se comportar, esclarecendo as exigências de diferentes contextos.” (<i>orientação do moderador</i>). Ah, eu sempre explico, pra eles entenderem, tanto meu menino quanto minha menina (GABRIELE). • “Em conjunto estabelecer normas claras e ser coerente em relação às normas estabelecidas” (<i>orientação do moderador</i>). Gente, isso caiu como uma luva pra mim (risos). Mas é isso, não ter só os “meus combinados”, mas ter normas pra viver bem, e que os dois respeitem. Não fazer regras sozinha e esperar que ele cumpra sozinho (LAVÍNIA). 	<p>Práticas educativas sendo reconstruídas relacionadas à comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Revela preocupação com a expressão da criança para conferir se os comandos são compreendidos. - No diálogo revela espaço para a expressão da criança. - Preocupação em explicar com clareza como a criança deve se comportar. - Revela preocupação em manter coerência nas regras formuladas em conjunto com a criança. - Preocupação com a participação da criança na formulação de regras, os combinados. - Indica reflexão, empatia, interação, falta de comunicação, insistência, reconstrução de práticas.
<ul style="list-style-type: none"> • Ah, a gente fica muito no chão, pra jogos e tudo mais.... mas na hora da lição é sentadinho, não tem como... (LAVÍNIA) • Com ele eu vou brincando, aí ele faz. Em matemática ele é bom, então eu vou pedindo as contas, e ele faz pra gente ver se bate... e ele gosta (GABRIELE) • Agora que estou deixando mais solto, ele ver a lição sozinho... (LAURA) • Nossa, tenho que ficar em cima, negociando, sabe... é bem difícil! Mas quando consigo convencer ele com alguma coisa ele faz (NI). 	<p>Práticas educativas sendo reconstruídas no momento de fazer as lições de casa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indica interação, práticas diferenciadas. - Início de atitude para o desenvolvimento da autonomia. - Continua o monitoramento do comportamento para que aconteça o desenvolvimento das atividades.
<ul style="list-style-type: none"> • - Lavínia diz: Decidi deixar ele chegar em casa, descansar, ficar sem fazer nada... ele também precisa disso! E no dia em que eu fiz isso pela primeira vez, nós chegamos, ele entrou, ficou meio perdido, e falou ‘e agora, o que que eu faço?’. Nossa, isso me partiu o coração e ao mesmo tempo me mostrou que eu estava certa em ser menos controladora, é bom pra ele e bom pra mim. - Laura responde: Entendi, mas nossa, pra mim é realmente muito difícil essa coisa de organização, eu até deixo pra ver até onde vai, mas vejo que ele realmente não liga! E isso me dá um nervoso! Mas vou tentar ir por esse caminho também, ser menos controladora. Porque mesmo do trabalho, de plantão, eu estou monitorando por telefone o que eles estão fazendo! 	<p>Práticas educativas sendo reconstruídas através de trocas de experiências no grupo de apoio social</p> <ul style="list-style-type: none"> - Questionamento das próprias práticas, reflexão sobre práticas inadequadas de controle e punição, movimento acreditando na autonomia.

<ul style="list-style-type: none"> • Lavínia diz: Eu tento estabelecer com ele algumas regras... Até porque sei que regra não é combinado! (risos). • Ni responde: Com o Júnior tirar coisas dele pode funcionar, mas não muito, porque ele espera eu esquecer do que combinei... e eu sempre esqueço (risos). 	
<ul style="list-style-type: none"> • “Evitar castigar excessivamente” (<i>orientação do moderador</i>). Se a gente faz muito isso chega uma hora que eles nem escutam mais. Tanto faz... o Júnior já fica negociando o castigo. Então não adianta, não estou mais fazendo isso (NI). • “Evitar um estilo de educação muito permissivo. Fazer com que os limites sejam cumpridos, mas dosando a liberdade para evitar exigências excessivas” (<i>orientação do moderador</i>). Ah, estou menos exigente agora, antes eu era muito de ficar em cima, agora estou mais tranquila (NI). • “Procurar manter uma postura coerente sobre o TDAH entre todos os membros da família” (<i>orientação do moderador</i>). Nem sempre é fácil... agora eu tenho saído mais então o Miguel fica com os meus pais... tem que ter coerência entre as pessoas que participam da educação (LAVÍNIA). 	<p>Práticas educativas refletidas a partir da intervenção do moderador</p> <ul style="list-style-type: none"> - Convencimento de que os castigos e ameaças não funcionam para controlar o comportamento do filho. - Reflexão da necessidade de equilíbrio entre permissividade e limites. - Diminuição das exigências e conquista de mais tranquilidade. - Reflexão sobre a importância da coerência entre as pessoas que participam da educação. - Indica percepção do comportamento do filho, relaxamento, coerência, formação.
Significados que as mães atribuem aos filhos	
<ul style="list-style-type: none"> • ... ele é bem afinado com a natureza (LAVÍNIA). • (Momentos culturais) é super tranquilo estar com ele nesses ambientes (LAVÍNIA). • ...eu vejo que o Vinícius tem uma super habilidade para desenhar, desenha super bem (LAURA). • Ele gosta de brincar sozinho também, brinca muito bem com Lego (LAURA). • Ele é um filho maravilhoso, é só evolução (LAVÍNIA). • Ele é um desenhista! (LAURA) 	<p>Significados considerados positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção da mudança para um comportamento mais tranquilo quando a criança está em contato com a natureza ou quando está desenvolvendo uma atividade que gosta. - Indica relaxamento, admiração, reconhecimento de habilidades.
<ul style="list-style-type: none"> • Agitado, fissurado, impulsivo (NI). • E ele é muito agitado, desde o início (LAVÍNIA). • E em casa, ele sempre foi agitado, quando era bebê, ele já engatinhava correndo! No berço ele virava, girava... (NI) • Aí começamos a fazer o cartaz, mas eu acabei fazendo mais sozinha. Ele não para, não foca muito tempo (NI). • É que ele não consegue se concentrar muito, é super difícil. Você viu, todos fazendo e ele passeando, comendo... foi ao banheiro... (NI) 	<p>Significados atribuídos ao comportamento dos filhos caracterizados como agitação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indica agitação, falta de compreensão do comportamento, frustração quando o comportamento não é o esperado, comparação com outras crianças.
<ul style="list-style-type: none"> • O problema é na hora do registro, é como se o lápis tivesse 20 kg! (risos) (LAVÍNIA) 	<p>Significados atribuídos ao desempenho acadêmico dos filhos</p>

<ul style="list-style-type: none"> • ...coloquei o Vinícius no Kumon, dava a sensação de que iria pra frente, mas não sei, é como se eu tivesse que ficar "Vamos Vinícius! (LAURA) • O Vinícius começa a copiar tudo misturado, tipo, o que ele encontra pela frente põe no caderno porque não consegue se organizar. (LAURA) • ...o Enzo é muito impulsivo, agitado, eu me preocupo com a parte emocional dele e conseguir fazer ele parar pra ouvir ou fazer as tarefas, que ele quer fugir (MARJORI). • (Danton)...ele entende os diagnósticos dele e tenta se folgar, usa meio que de desculpa quando não faz alguma coisa que tinha que fazer (MARJORI). • Não é fácil, ele tinha dado uma melhorada, mas agora já... sabe... (NI) • ...eu tenho dificuldade que o Vinícius entenda (LAURA). 	<p>- <i>Percepção da dificuldade do filho em planejar e seguir a atividades (dificuldades metacognitivas).</i></p> <p>- <i>Conhecimento de que a criança usa o diagnóstico como desculpa para não fazer suas obrigações.</i></p> <p>- <i>Indica decepção, crítica, ansiedade, preocupação com o desempenho acadêmico e emocional, percepção do comportamento negativo do filho, frustração com o comportamento, dificuldade em lidar com o comportamento e limitações do filho, desânimo.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Em matemática ele é rápido, já em português que demora mais (LAVÍNIA). • ...ele é uma Ferrari que eu guincho! (LAURA) 	<p>Significados que trazem as potencialidades x limitações;</p> <p>- <i>Indica comparação, percepção das habilidades, confusão diante do comportamento do filho.</i></p>
Significados que as mães atribuem a elas mesmas	
<ul style="list-style-type: none"> • Também oportunizo momentos culturais, cinema, teatro (LAVÍNIA) • Eu sempre quis superproteger (NI). • ...para as dificuldades dele sempre corri muito atrás das coisas, mas também é pesado, eu tenho dois e sou sozinha (LAURA). • ... eu também me peguei perdida em alguns momentos dessa minha caminhada! (MARJORI) 	<p>Significados que as mães atribuem a elas mesmas com relação aos seus papéis de mãe</p> <p>- <i>Indica superproteção, cansaço, falta de conhecimento gerando confusão, insegurança x segurança de seu papel.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Às vezes a gente está em um momento maravilhoso, e vem uma queda, preciso trabalhar em mim essa relevância, eu sou muito severa (LAVÍNIA). • Eu percebi que já estava na hora de mudar, não ser tão sistemática (LAVÍNIA). • Eu estou me percebendo mais como mãe, e não como a professora que tem que cobrar tudo (MARJORI). 	<p>Significados que as mães atribuem a elas mesmas em função das reflexões que realizam no grupo de apoio social a partir das intervenções</p> <p>- <i>Indica severidade nas expectativas, decepção, reconstrução da ideia de controle, aprimoramento de auto percepção.</i></p>
Sentimentos vivenciados pelas mães	
<ul style="list-style-type: none"> • ...que vergonha, não sabia onde enfiar a cara! (risos) (LAVÍNIA) • ...pra mim isso tudo é muito desgastante (NI). 	<p>Sentimentos vivenciados pelas mães no cotidiano com os filhos</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Sinto que que estamos sempre em uma corrida, pra chegar no final com um resultado bom...(LAVÍNIA) • ...muita felicidade e carinho (LAVÍNIA). • ...tem que ter amor pra enfrentar tudo, porque não é fácil (NI). • ...muita dedicação nisso tudo (NI) • Ter ele como meu filho representa investimento (GABRIELE). 	<p>- Indica vergonha, desgaste, desespero, felicidade, amor, dedicação, investimento.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Aaaa... eu tenho vontade de matar quando não se comporta! Ainda mais quando ele faz alguma coisa na frente dos outros! (risos) (LAVÍNIA) • Eu ficava com raiva, porque tava falando uma coisa, pedindo e ele não fazia (GABRIELE). • Aí dá vontade de esganar (risos) (LAVÍNIA). 	<p>Sentimentos vivenciados quando o comportamento das crianças não é o esperado</p> <p>- Indica ira, vergonha, raiva.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • A gente realmente perde a paciência, já gritei com eles, mas sei que não dá pra ser assim, não adianta (MARJORI). • ...a gente perde a paciência bem fácil se não se controlar (MARJORI). 	<p>Sentimento de impaciência</p> <p>- Indica reconstrução da ideia de controle, reflexão sobre práticas, falta de controle.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • ...não dá pra contar a história de uma vida em 15 minutos, e os profissionais não deixam você contar (LAURA). • Isso é muito ruim, porque você quer resolver logo, mas não consegue porque é tudo muito demorado (LAURA). • As escolas são um problema pra gente, porque tudo é padronizado, mesmo que a criança precise de atendimento personalizado (LAURA). 	<p>Sentimento de impotência</p> <p>Percepção de que a escola não compreende as singularidades do seu filho.</p> <p>- Indica crítica ao sistema, pressão social, padronização da educação.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • ...cada dia eles vêm com cada uma que eu me surpreendo! (MARJORI) • ...são muitas surpresas sempre (LAURA). • ...crescimento diário, tanto pra mim quanto pra eles (MARJORI). • ...ele chega da escola no pique, então é bem cansativo (LAVÍNIA). • Nessas semanas estamos em uma vibe boa (LAVÍNIA). • Eu tento ser mais dura com ele, mas ele sempre me amolece com o comportamento dele (LAURA). • ...tem aquele estresse porque eu não tenho retorno com relação às regras, aos estudos, às atividades diárias (LAURA). • ...com as quedas eu tenho que me adaptar a elas (LAVÍNIA). 	<p>Sentimentos vivenciados em função do TDAH</p> <p>- Percepção de que o desenvolvimento da criança tem avanços e recuos.</p> <p>- Indica surpresa diante de comportamentos positivos, crescimento, cansaço, alívio, estresse, decepção, compaixão, amor, reconstrução de práticas diante de situações desagradáveis.</p>
Membros da família	
<ul style="list-style-type: none"> • Meu marido mesmo com o diagnóstico de TDAH, não dá muita atenção pra isso não, acha que é bobagem, diz que ele também era assim quando era piá e que é normal (NI). • E o pai não se estressa tanto quanto a gente, só precisa falar uma vez (MARJORI). • Já se meu marido fala, até assim, sem sensibilidade (risos), é na hora que tem que ser e é na hora que é! (NI) • Já se meu marido fala, tá falado! (MARJORI) 	<p>Figura do pai representando autoridade e ausência</p> <p>- Indica solidão no papel formativo, autoridade, segurança x insegurança na presença x ausência do pai, admiração pela autoridade do pai, crítica, medo do pai.</p> <p>- Reconstrução de práticas educativas em função do</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Nossa, incrível mesmo como quando meu marido fala alguma coisa pro Júnior, não tem discussão. Meus filhos fazem sem nem respirar (NI). • E pode ver que aqui só tem mãe preocupada. Uma coisa que seria legal é chamar os pais também, convencer eles a virem, porque a responsabilidade é dos dois. O Miguel não tem papai, nesse ponto é até mais fácil não precisar discutir as decisões antes de tomá-las... Mas os papais presentes tem que discutir junto, e participar desses momentos... sem desculpa. Acho que seria legal isso (LAVÍNIA). • "Evitar discussões ou gritos na frente da criança" (<i>orientação do moderador</i>). Ah, com certeza, não é bom, tem que dar o exemplo até esses dias meu ex começou a querer fazer cena na frente das crianças, eu já cortei, porque não é assim, tem que resolver só nós dois (GABRIELE). 	<p><i>reconhecimento da família como modelo.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Ela vai super bem na escola, e eu sempre achei que ele também deveria ir assim, eles têm a mesma idade, a mesma escola, as mesmas condições, teriam que ter o mesmo rendimento, desempenho, sei lá (LAURA). • Laura diz: É, e essa situação de comparar os filhos, porque a gente não se percebe quando faz a comparação. Lavínia complementa: Mas você compara sim! (risos) E assim, ainda na frente do Vinícius. Laura responde: É, eu comparo? Comparo né... E é difícil, porque a gente sabe que não deve, mas quando vê já está fazendo... Na verdade, nem vê! E assim é ainda mais complicado pra corrigir! " 	<p>Comparação com irmãos</p> <p>- Indica estímulo da competitividade entre irmãos, decepção com o comportamento, percepção da comparação.</p> <p>- Reconstrução de práticas educativas.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • ... eu vi que foi usada muito a expressão "o TDAH", "o aluno TDAH", então quem tem TDAH é rotulado (MARJORI). • Às vezes a gente solta um 'mas também, como que não viram isso na escola, assim fica difícil! (MARJORI) • Então, é complicado quando a escola diz que a criança precisa de controle e seguir os comandos porque se for assim, eles nunca vão aprender o porquê de respeitar determinadas regras, só vão obedecer (MARJORI). • Tem muitas coisas que não nos agradam, mas que a gente também não pode mostrar pra criança, senão ela vai se aproveitar da situação! (LAURA) 	<p>Percepção que a família tem da escola</p> <p>- Indica pressão social, indignação com práticas da escola, percepção da padronização social, descontentamento com a forma que a escola trabalha, "jogo de cintura".</p>

6.4 Indicadores e núcleos de significação apreendidos do grupo de apoio social "Experiências TDAH" a partir das intervenções do moderador

Indicadores	Núcleos de significação
Práticas educativas	
<p>Práticas educativas sendo reconstruídas em função do TDAH</p> <p>- Indica valorização do diagnóstico, orientação, práticas diferenciadas, frustração.</p>	<p>1) Valorização do diagnóstico: descrença nas próprias práticas e reconstrução delas. Frustração, interação, empatia, movimento para</p>

<p>Práticas educativas sendo reconstruídas relacionadas à comunicação <i>- Indica reflexão, empatia, interação, falta de comunicação, insistência, reconstrução de práticas.</i></p> <p>Práticas educativas sendo reconstruídas no momento de fazer as lições de casa <i>- Indica interação, práticas diferenciadas, desenvolvimento da autonomia, dificuldade.</i></p> <p>Práticas educativas sendo reconstruídas através de trocas de experiências no grupo de apoio social <i>- Indica tristeza, controle, reconstrução de práticas, dificuldade, ansiedade, descrença nas próprias práticas, reflexão sobre práticas inadequadas de punição, movimento acreditando na autonomia.</i></p> <p>Práticas educativas refletidas a partir da intervenção do moderador <i>- Indica percepção do comportamento do filho, relaxamento, coerência, formação.</i></p>	<p>alcançar o diálogo e diminuir o controle. Ansiedade.</p> <p><i>Observa-se neste núcleo que as práticas educativas assumidas pelas mães são permeadas pelo diagnóstico e que a partir dele elas desacreditam de suas práticas, o que gera frustração e ansiedade. As mães percebem que práticas inadequadas de punição geram tristeza e passam a refletir na necessidade de aprimorar suas práticas. Então, elas passam a reconstruir estas práticas de forma empática ao estimular o desenvolvimento da autonomia nos filhos em um processo de crescente aquisição do diálogo no convívio com o filho, aumentando a coerência nestas práticas, em um movimento de distanciamento de práticas controladoras, percebendo-se mais relaxadas em seus papéis formativos mediando a aquisição da auto regulação nos filhos.</i></p>
Significados que as mães atribuem aos filhos	
<p>Significados considerados positivos <i>- Indica relaxamento, admiração, reconhecimento, empolgação.</i></p> <p>Significados atribuídos ao comportamento dos filhos caracterizados como agitação <i>- Indica agitação, falta de compreensão do comportamento, frustração quando o comportamento não é o esperado, comparação com outras crianças.</i></p> <p>Significados atribuídos ao desempenho acadêmico dos filhos <i>- Indica decepção, crítica, ansiedade, preocupação com o desempenho acadêmico e emocional, percepção do comportamento negativo do filho, frustração com o comportamento, dificuldade em lidar com o comportamento e limitações do filho, desânimo.</i></p> <p>Significados que trazem as potencialidades x limitações; <i>- Indica comparação, percepção das habilidades, confusão diante do comportamento do filho.</i></p>	<p>2) Percepção das habilidades + Crítica ao comportamento dos filhos: Ansiedade, preocupação, decepção, frustração + Admiração, empolgação</p> <p><i>- Observa-se neste núcleo que ao longo dos encontros do grupo de apoio social as mães passaram a significar com mais frequência os filhos de forma positiva, demonstrando a partir das intervenções do moderador e interações com as outras mães estarem relaxadas e empolgadas, reconhecendo e admirando as habilidades dos filhos. No entanto, também representam seus filhos com um olhar crítico de seus comportamentos, demonstrando não compreender suas atitudes em determinados momentos, o que gera ansiedade, preocupação, decepção e frustração, motivando-as a compará-los com outras crianças.</i></p>
Significados que as mães atribuem a elas mesmas	

<p>Significados que as mães atribuem a elas mesmas com relação aos seus papéis de mãe <i>- Indica superproteção, cansaço, falta de conhecimento gerando confusão, insegurança x segurança de seu papel.</i></p> <p>Significados que as mães atribuem a elas mesmas em função das reflexões que realizam no grupo de apoio social a partir das intervenções <i>- Indica severidade nas expectativas, decepção, reconstrução da ideia de controle, aprimoramento de auto percepção.</i></p>	<p>3) Superproteção, severidade e controle: cansaço, decepção. Confusão: insegurança x segurança de seu papel.</p> <p><i>- Observa-se neste núcleo que as mães percebem suas atitudes de superproteção e controle, atitudes que lhes causam cansaço e decepção quando não são correspondidas em suas ansiedades. Por vezes demonstram que compreendem a forma como devem agir no papel de formadoras, mas mostram-se confusas em determinadas situações, quando ficam inseguras sobre como e quais práticas educativas devem exercer. No entanto, em função de perceberem as limitações de suas práticas, passam a reconstruí-las a partir da reflexão do excesso de controle e se percebem como mães, pensando nas atribuições deste papel.</i></p>
Sentimentos vivenciados pelas mães	
<p>Sentimentos vivenciados pelas mães no cotidiano com os filhos <i>- Indica vergonha, desgaste, desespero, felicidade, amor, dedicação, investimento.</i></p> <p>Sentimentos vivenciados quando o comportamento das crianças não é o esperado <i>- Indica ira, vergonha, raiva.</i></p> <p>Sentimento de impaciência <i>- Indica reconstrução da ideia de controle, reflexão sobre práticas, falta de controle.</i></p> <p>Sentimento de impotência <i>- Indica crítica ao sistema, pressão social, padronização da educação.</i></p> <p>Sentimentos vivenciados em função do TDAH <i>- Indica surpresa diante de comportamentos positivos, crescimento, cansaço, alívio, estresse, decepção, compaixão, amor, reconstrução de práticas diante de situações desagradáveis.</i></p>	<p>4) Vergonha, desgaste, ira e estresse emaranhados ao amor, dedicação, surpresa, crescimento e alívio. Crítica ao sistema e à padronização da educação.</p> <p><i>- Observa-se neste núcleo que as mães vivenciam sentimentos bons, envolvendo amor, surpresa, crescimento e compaixão e que, ao atingirem as metas que propõem a si mesmas, com muito investimento e dedicação, sentem alívio. Também vivenciam sentimentos considerados desagradáveis como vergonha, desgaste, desespero, ira, estresse e decepção em função do comportamento dos filhos. Neste núcleo ficam explícitas críticas com relação ao sistema que não facilita os atendimentos, e que quando eles ocorrem, não são considerados adequados. Há o apontamento da existência de pressão social para quem tem TDAH e uma padronização por parte das escolas. Neste núcleo a expressão dos sentimentos vem acompanhada de um contexto de reconstrução de práticas educativas e da questão do controle dos filhos, em um movimento de reconhecimento de seus papéis de mediadoras no processo de aquisição de auto regulação dos filhos.</i></p>
Membros da família	
<p>Figura do pai representando autoridade e ausência <i>- Indica solidão no papel formativo, autoridade, segurança x insegurança na presença x ausência do pai, admiração pela autoridade do pai, crítica, medo do pai, reconstrução de</i></p>	<p>5) Solidão, autoridade, comparação, crítica, pressão social, indignação</p> <p><i>- Observa-se neste núcleo que as mães trazem a figura do pai com agente causador de solidão nelas, pois eles não</i></p>

<p><i>práticas educativas em função do reconhecimento da família como modelo.</i></p> <p>Comparação com irmãos - Indica estímulo da competitividade entre irmãos, decepção com o comportamento, percepção da comparação, reconstrução de práticas educativas.</p> <p>Percepção que a família tem da escola - Indica pressão social, indignação com práticas da escola, percepção da padronização social, descontentamento com a forma que a escola trabalha, “jogo de cintura”.</p>	<p><i>compartilham das mesmas ansiedades que elas com relação ao comportamento dos filhos. Elas se sentem seguras quando o pai usa de autoridade, pois é uma forma de poderem “descansar” das cobranças. Elas deixam transparecer a admiração que têm da obediência que seus filhos demonstram com o pai em um cenário de medo e exemplo que ele proporciona. Dentro da família os irmãos têm impacto sendo uma figura com a qual se pode fazer comparação de comportamento e tecer críticas voltadas a ele. Esta comparação gera decepção, e a percepção da comparação inicia um movimento de reconstrução de práticas educativas. Dentro da família também há um movimento crítico de descontentamento com relação à escola que pressiona as crianças e almeja lhes padronizar. As famílias demonstram indignação com certas práticas da escola, mas que não podem demonstrar para os filhos este sentimento.</i></p>
---	---

6.5 Pré-indicadores e indicadores apreendidos das entrevistas individuais finais após as intervenções realizadas pelo moderador no grupo de apoio social

Pré-indicadores	Indicadores
Aprimoramento de práticas educativas	
<ul style="list-style-type: none"> ... depois do grupo nós continuamos realizando as mesmas atividades, mas a frequência aumentou... (NI) Continuamos realizando as mesmas atividades juntos, só que com mais frequência... aprendi a respeitar mais eles, o tempo deles (MARJORI). 	<p>Maior frequência na realização das atividades</p> <p>- Indica + interação e desenvolvimento com mais frequência de atividades juntas, mas agora expressa preocupação em respeitar a criança e seu tempo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Sim, estou deixando tudo mais flexível no sentido da autonomia dele, trabalhando nas escolhas dele (LAVÍNIA). ...sentar com ele e flexibilizar algumas coisas da rotina para que também fosse possível que ele conseguisse atingir algumas coisas, para que ele não se sentisse frustrado porque o objetivo era tão alto que ele não conseguia... (LAURA) Agora, eu digo as coisas que eles têm para fazer e jogo a responsabilidade para eles para organizar o que vão fazer hoje, por exemplo. Antes eu já planejava tudo sozinha. E eu 	<p>Mais flexibilidade na rotina para estimular autonomia</p> <p>- Indica auto regulação, interação, oportunidade, autonomia, tranquilidade, flexibilização e organização da rotina.</p>

não fico mais tão em cima, depois eles me mostram (MARJORI).	
<ul style="list-style-type: none"> • Eu fiz algumas adaptações na rotina. Eu coloquei aquele ímã de dicas que você deu, e algumas coisas eu acabei adaptando pra eles, pro dia-a-dia deles (MARJORI). • ...agora, eu chamo mais ele pra me ajudar nas coisas em casa. Arrumar a mesa, essas coisas assim... (GABRIELE) • Agora tem um horário certo. Chega da escola, toma banho, almoça, dou um tempinho pra descansar e já começar a fazer a atividade, vê no youtube alguma coisa, sobre fração e tal (NI). • Eu até quero comprar um quadro grande pra eles irem escrevendo as tarefas e ir anotando e riscando o que tem que fazer (MARJORI). 	Organização da rotina <i>- Indica reconstrução de práticas a partir de reflexão, + interação com os filhos, responsabilização dos filhos por suas atividades, planejamento da rotina e organização estimulando autonomia.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • (o grupo de apoio social) Me ajudou bastante a fazer essas autorreflexões sobre as minhas atitudes (NI). • E eu me polio mais... Até esses dias, eu falei que ele iria ficar sem internet... E depois eu quase fui deixar usar. Mas lembrei e refleti que não dá pra proibir uma coisa e depois acabar deixando. Que isso é errado (GABRIELE). • ...já tinham me falado, não diretamente, "ah, você faz", mas nas avaliações dele sempre me falavam que ele tinha a autoestima diminuída, que como eles são gêmeos era para evitar as comparações... eu sabia que era para fazer, mas não achava assim que era tão evidente o que eu fazia. Nos encontros, nas conversas eu vi que era sério... e até no último encontro que a Lavínia chegou pra mim e falou "você compara sim! Porque um dia você falou assim e assim" (risos)... (LAURA) 	Reflexão antes de realizar práticas educativas <i>- Indica planejamento, autocrítica, reflexão, reconstrução de práticas, coerência nas práticas.</i>
Significados que as mães atribuem aos filhos	
<ul style="list-style-type: none"> • Ai, eu tô no céu! (risos)... Muito, muito no céu. Ele só tem essa característica, assim, da impulsividade, né... que realmente, dá pra ver quando a gente tá brincando. Mas... ele é bem bonzinho, comparando com os outros garotos (LAVÍNIA). • Pra mim, foi um bálsamo. Ver quantas ferramentas eu tenho e o que eu já consegui andar com eles, avançar nesse tempo. O Enzo é bem agitado com a questão da hiperatividade, mas eles ainda conseguem. Puxa, graças a Deus que eu corri e corro atrás do que precisar (MARJORI). • ...agora sei que é um problema que precisa de orientação, tem que tratar, e que não é da personalidade dele, do caráter dele... No momento é mais forte que ele, e eu tenho que ajudar ele a se controlar sozinho. Antes, a minha preocupação era essa, de ser do caráter dele, mas eu vi que outras crianças são assim também... Mas assim, eu vi que tenho mais paciência com ele (GABRIELE). 	Significados atribuídos aos filhos que foram modificados <i>- Indica percepção do real comportamento do filho, alívio, comparação com outras crianças, tranquilidade, reconhecimento de seus esforços como mães, busca por conhecimento, apropriação de conhecimento, + paciência.</i>
Significados atribuídos a elas mesmas	
<ul style="list-style-type: none"> • ...eu vejo que vou ter que desconstruir a educadora. Eu tenho que ser mãe. não posso querer cobrar deles como profissional, mas como mãe (MARJORI). • ...o grupo ajudou na percepção da rotina, das minhas exigências com ele. Ser mais tolerante (LAURA). • Eu estou tentando me policiar pra não controlar e impor tudo, deixar que ele faça as atividades que ele tenha mais interesse (LAVÍNIA). 	Significados que as mães atribuem a elas mesmas com relação às práticas educativas que precisavam ser modificadas

<ul style="list-style-type: none"> • Eu cheguei à conclusão de que sou muito chata (risos). Eu sei que tem que ter regras, mas eu dava horários que nem a gente aguenta. Então assim... dosar mais! (MARJORI) • ... os nossos encontros serviram mais pra mim do que pro Miguel! (risos). Eu consegui perceber que eu realmente sou uma chata. (risos) Que eu sou muito exigente. Ainda mais pra ele que tem só 6 aninhos. Então... "vamos aqui, vamos ali, vamos desenhar, faz isso, faz aquilo" (LAVÍNIA). 	<p>- Indica reconstrução de práticas educativas, auto regulação, tolerância com os filhos, percepção do controle que realizavam, reconhecimento do papel de mãe e das funções atribuídas a ele, percepção da necessidade de estimular a autonomia nos filhos.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Eu estou, digamos que mais tranquila, porque eu percebi que não é só o meu que tem problemas. E tem que conviver, tem que procurar ajudar ele da melhor forma possível. Eu me senti melhor, mais tranquila (GABRIELE). • ...o tanto que me ajudou e me tranquilizou. E as outras também pelo o que eu percebi no encerramento, elas também se tranquilizaram. Uma coisa é você ver o teu, e pensar que sou só eu assim com o meu filho. E aí você percebe que tem mais pessoas assim e que uma pode passar pra outra e dividir nessa troca de experiências, que é muito bom pra fortalecer e tranquilizar (NI). • O que eu mudei depois do grupo, pegando um pouco das experiências de cada mãe, foi que eu fiquei mais leve. Estou respeitando o tempo deles (MARJORI). • Agora a gente vai, ele anda, ele volta onde eu estou. Antes eu não tinha essa tranquilidade, não deixava nem ver se ele ia voltar. Nesse sentido mudou bastante, a minha segurança. Antes eu era mais insegura (NI). • Mudou bastante, a minha segurança. Antes eu era mais insegura... eu ficava mais nervosa pra lidar com ele, agora parece que eu estou mais tranquila, mais leve, consigo conversar com ele com mais calma, deixar às vezes as coisas acontecerem (NI). 	<p>Significados que as mães atribuem a elas mesmas que foram modificados</p> <p>- Indica tranquilidade, empatia, busca por conhecimento, compartilhamento de emoções, identificação com um grupo, sentimento de pertencimento, leveza, respeito aos filhos e a elas mesmas, segurança, aquisição do diálogo na convivência com o filho, + paciência.</p>
<p align="center">Sentimentos que as mães passaram a vivenciar após a participação no grupo de apoio social</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • ...depois do grupo, eu tenho mais paciência com ele (NI). • Já faz muito tempo também que eu não pego o chinelo, isso foi uma vitória pra mim. Pra não perder a paciência, hoje já consigo me centrar mais (LAVÍNIA). • ...agora eu tenho mais paciência. Quando eu vou pra explodir, eu paro pra pensar... eu lembro de tudo... e peço as coisas... filho, arruma a mesa pra mãe, lava essa louça, e ele vai fazendo... ao invés de explodir, não... tenho mais paciência e tá bem melhor (GABRIELE). 	<p>Sentimento de paciência</p> <p>- Indica auto regulação, conquista, reconstrução de práticas educativas, responsabilização do filho por suas tarefas, paciência.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Tenho vontade de matar às vezes, dar uns trosquião na criança, e as pessoas vem falar... 'Ah, você tem que amar...' E dá um desespero às vezes! Dá vontade de 'aaaaaa'.... Então assim, tem outras mães que também perdem a cabeça, não sou só eu (LAURA). • A minha preocupação é porque eu achava que era só ele que tinha, então foi muito interessante, ver as outras mães comentando as mesmas coisas... (MARJORI) • ...antes de eu conversar com outras mães eu achava que o problema era maior do que era. E foi importante poder trocar 	<p>Sentimento de pertencer a um grupo</p> <p>- Indica compartilhamento de angústias, identificação, diálogo entre as mães, tranquilidade, trocas de práticas educativas,</p>

experiências, ajudar... Mesmo que a gente ache que é só uma conversa, mas depois a gente vem refletindo, pensando (MARJORI).	<i>reconstrução de práticas educativas.</i>
Grupo de Apoio Social	
<ul style="list-style-type: none"> • “Informar-se a respeito do TDAH, ler sobre o assunto, procurar famílias com o mesmo problema.” (<i>orientação do moderador</i>) Acho que é importante pra trocar experiências mesmo. Hoje a gente aprendeu e conversou bastante sobre o TDAH, e como ajuda, essa nossa troca aqui (NI). • “Estar em contato com a escola e a professora e observar se conhecem o TDAH. Fornecer informações caso seja necessário”. (<i>orientação do moderador</i>) Isso é uma coisa importante, que eu vejo que não tem. Eu acho que quem é professor, tem que saber sobre o TDAH, eu vejo que na escola às vezes os professores não têm ideia de como lidar com a situação. Na escola em que meu filho estava antes era pior... E por causa do grupo eu ainda quero voltar lá pra conversar, agora eu tenho um respaldo pra falar sobre... conhecimento. Porque meu filho sofreu muito lá, tadinho. E eu não quero que outras crianças sofram também, por isso quero ir lá pra ajudar (GABRIELE). 	<p>Grupo de apoio social como fonte de ajuda no caso do TDAH</p> <p><i>- Indica reconstrução de práticas, diálogo entre as mães a moderador, interação, aquisição de conhecimento, empatia por outras mães que passam pela mesma situação, iniciativa de ajudar outras mães.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • ...acho que foi bem focado em práticas educativas, né... nessa coisa do sentimento, linguagem, comunicação... deixar tudo claro... e até achei legal de não cobrar resultado, cobrar empenho! Porque ninguém é perfeito, o que importa é que eles tentem fazer o que é certo... com o tempo vão conseguir (MARJORI). • Foi bom pra gente refletir em coisas que já fazemos e pensar em começar a agir de determinadas formas (LAVÍNIA). • Eu achei muito bom porque acho que o que foi vivenciado aqui, foi exatamente o que você nos propôs. Você disse que seria um grupo com outras mães de crianças com TDAH, que o objetivo era legitimar um espaço pra gente falar, trocar experiências, que você iria intervir, mas o mínimo possível, e foi bem isso (MARJORI). • ...aqui a gente não se conhece! Mas você deixou, acho que todo mundo, bem à vontade pra falar, pra contar da sua vida... e como as discussões foram muito bacanas, deu pra gente se conhecer melhor (LAVÍNIA). • Eu indicaria. Eu indicaria que é a troca. A troca, conhecer o outro, a vida do outro, pra que a gente se tranquilize, não pressione tanto...(NI) • Bom, eu diria que participei de um grupo onde tinham várias mães na mesma situação e que com elas eu pude compartilhar e pude ver ali que alguns caminhos que eu tomava com os meus estavam certos e que outros não estavam tão certos, e que isso ajudou a entender que cada um é de um jeito e que a experiência foi super válida... (MARJORI) • Um bom grupo, as mães são serenas, você... conduziu bem, foi bem sensato, a gente conseguiu ficar bem à vontade pra falar da nossa vida pra você, e a gente nem se conhecia, né...(LAVÍNIA) 	<p>Grupo de apoio social como espaço de trocas de práticas educativas</p> <p><i>- Indica tranquilidade, reflexão, aquisição de conhecimento, comunicação compartilhamento de emoções, liberdade de expressão, interação, identificação, perspectiva positiva com relação ao futuro do filho, reconstrução de práticas educativas a partir das trocas, satisfação com as intervenções do moderador.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • ...quando a gente, mãe, fala algo pra outra mãe, o peso é muito maior... porque a gente sente como se pudesse se cutucar, entendeu? (risos) (MARJORI) 	<p>Grupo de apoio social legitimou os saberes provenientes das</p>

<ul style="list-style-type: none"> • E quando uma mãe fala, a gente respeita, sabe que está falando da sua experiência, e que se está falando é pra ajudar. Então acho que o grupo foi muito legal por isso, por causa da troca. E pode ser que a gente conversasse sobre algo simples, banal, mas depois, saindo daqui eu ficava pensando na conversa, refletindo... talvez se eu fizer assim, fizer assado... e esse exercício de reflexão foi importantíssimo (MARJORI). • ...conhecer o que a pessoas já percorreram, e às vezes não deu certo... Poder pular aquilo, ir por outro caminho, passar por lá... Eu lembro que fiquei muito receosa em começar a medicação, porque tinha toda uma mídia em torno dos malefícios. Mas também tem o lado de ajuda à criança. Então no grupo se pode discutir isso pra tomar uma decisão (LAURA) • ...você encontra pessoas que já caminharam na sua frente, como a Marjori falou “Ah, eu passei por vários profissionais, mas a melhor coisa que eu fiz foi, apesar do valor, marcar direto com aquele que fechou o diagnóstico (LAURA). • ...acho que os toques valeram bastante, as trocas, valeu a pena estar no grupo (LAVÍNIA). • Eu vejo que o grupo ajuda a te direcionar em situações específicas, em tratamentos e até mesmo na procura de profissionais, e até na tua experiência com você mesma, ver que tem outras mães que tem essa dificuldade, como que elas lidam no dia-a-dia com a criança.... Eu penso que não sou só eu! (LAURA) • ...todo mundo sofre. E não precisa. É só procurar o caminho certo. Mas achar esse caminho certo realmente não é fácil. Cada um vê o seu caminho. Eu sempre procurei ajuda, pra hoje, graças a Deus, chegar em um resultado (GABRIELE) 	<p>experiências como mães</p> <p>- Indica exposição, liberdade, identificação, respeito, trocas de práticas educativas, compartilhamento de experiências e emoções, reflexão antes de realizar escolhas, experiência, importância do diagnóstico, grupo de apoio social dá direcionamento.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • ... o mais importante é essa coisa de ver que não é só o seu que é assim. Nossa, eu ficava desesperada, achando que o Eduardo era o único que se comportava daquele jeito... Mas aqui eu vi que tem outras mães na mesma situação, e que dá pra dar um jeito pra tudo (GABRIELE). • Sabendo que mais gente está na mesma situação a gente se fortalece (NI). • E desabafar com outras mães é... não é que é mais legal... é que você fica mais a vontade do que desabafar com um profissional. Porque chegar pra um psicólogo por exemplo e dizer “não sei mais o que fazer, não aguento”, é complicado...E conversar com outra mãe, ouvindo essa outra mãe é diferente. Não sei se é porque a gente tá no mesmo patamar, tem um peso diferente. Então eu indicaria. Procura um grupo. A troca de experiências é muito rica (LAURA). • Um grupo específico de pais de crianças com essa situação, você pode ver que tem luz no fim do túnel, você vê um pai que está mais lá na frente, que traz relatos de conquistas e te ajuda (LAURA). 	<p>Grupo de apoio social fortaleceu as mães</p> <p>- Indica identificação, tranquilidade, aceitação do comportamento do filho, fortalecimento, diálogo, interação, trocas, grupo como embasamento para a tomada de decisões.</p>
<p>Percepções das mães sobre a realização do grupo de apoio social</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • Acho que o dia em que foram as crianças, porque o Júnior não parou um minuto. Nossa...” –Ni • As reflexões no último dia. A gente viu o vídeo, você passou as fotinhos... Deu pra ver que tudo o que a gente passa com eles, o amor que a gente tem, a entrega...(GABRIELE). • ...vendo as fotinhos, aquelas frases, dá pra gente fazer um feedback massa, porque... Já tem história. A nossa vida está 	<p>Momentos mais marcantes do grupo de apoio social para as mães</p> <p>- Indica indignação com o comportamento do</p>

<p>indo super bem, entendeu... e a gente ouve as outras histórias, igual aquela mamãe que tem dois filhos com TDAH, que deixou um dos empregos pra ficar em casa... E ouvir essas histórias, fazem com que a gente reflita na educação do nosso! (LAVÍNIA)</p> <ul style="list-style-type: none"> • ...o momento de compartilhar experiências! A gente se reunia ali, tomando suco, comendo bolachinha, foram momentos bem preciosos. Tanto pra introspecção, quanto pra escutar os outros compartilharem! Troca de experiências foi muito válidas, e eu indicaria porque tem pais que não sabem que tem outros que também passam por isso, que dá pra ajudar e ser ajudado. O momento do compartilhar foi muito importante. O último dia foi bem especial. Assistir o vídeo, ver a carinha das crianças, ver que cada um é especial, cada um dá o que dá. Foi bem emocionante (MARJORI). • O que me marcou muito foi a Lavínia me dizer “você faz isso, você compara os dois sim”. Não é a visão de um profissional, é a visão de uma mãe. Então pra mim, teve um peso maior (LAURA) 	<p><i>filho, reflexão sobre suas trajetórias, compartilhamento de emoções, identificação com outras mães, aconchego nos encontros do grupo de apoio social, introspecção a partir das intervenções do moderador, ajuda entre as mães.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Sempre me dizem, ‘ah, TDAH tem que ter uma rotina,’ ah, eu não consigo fazer essa rotina com o Danton como eu faço com o Enzo, assim, de ele ter todos os horários e fazer ele cumprir, então vai ser bem legal pra gente trocar ideias (MARJORI). • ... cada um é um, mas no grupo cada pai poderia colocar sua experiência, eu acho que iria ajudar muito com as crianças, com os filhos! Trocar as experiências, as informações, muito bom! ” – Ni • Então vai ser bacana, bem válido mesmo, pra trocar experiências, ‘ah, isso eu fiz, deu certo.... isso não deu, ou eu não consigo’ (GABRIELE). • ...eu acho que será bem válido trocar experiências com outras mães, acho que vocês vão me ajudar bastante também (LAVÍNIA). • Dividir as experiências, dividir a carga (LAURA). • Participar de um grupo te ajuda a ver pessoas que já alcançaram outras coisas, e quando a gente ajuda outras pessoas, isso traz uma recompensa também, sabe... se acalme que eles crescem e fica melhor! (LAURA) • ...eu acho que aqui, igual o Moderador falou pra você (Lavínia), vai dar pra gente se fortalecer, conversar sobre o que a gente faz com os nossos que dá pra outra mãe fazer também, ou mudar de caminho, acho que vai ser bem bom (NI). 	<p>Expectativas antes do grupo</p> <p><i>- Indica ansiedade, impotência, trocas, busca por conhecimento, expectativas positivas, esperança, deslocamento, empatia, crescimento, fortalecimento, reconstrução de práticas educativas, aquisição de conhecimento,</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • ...fui na expectativa de compartilhar, e não de vir com uma fórmula pronta de como lidar com meu filho com TDAH. E foi muito bacana, muito rico mesmo trocar experiências, poder ver que não é só com você, que tem casos mais difíceis e que todo mundo tem algo pra dividir, foi bem bacana, bem prático mesmo, foi bem legal (MARJORI). • Eu tinha a expectativa da troca de experiências, de uma mãe falar com a outra e cada um com a sua experiência, então foi atendida, era bem isso mesmo que eu esperava (NI). • ... a proposta era a troca de experiências, e com certeza foi isso mesmo, o depoimento de cada mãe faz com que a gente reflita na gente enquanto mãe e que a gente perceba o comportamento do nosso (LAVÍNIA). • Era entender mais sobre o TDAH... E deu, deu pra entender muito, ajudou bastante... estou com muito mais paciência, 	<p>Expectativas foram atendidas de que forma</p> <p><i>- Indica satisfação, compartilhamento, reflexão antes de tomar decisões, aquisição de conhecimento, iniciativa, identificação, tranquilidade, expectativas realistas, trocas de experiências e práticas educativas, reconstrução de</i></p>

<p>muito bom. Por mais que o neuro tenha explicado um pouco do que ele tinha, eu nunca tinha entrado na internet pra pesquisar sobre o assunto... Agora eu pesquiso por conta também (GABRIELE).</p> <ul style="list-style-type: none"> ...minha expectativa era mesmo essa troca de experiências com as outras mães. Até então eu só tinha a fala de outros profissionais, eu nunca conversei com outros pais na mesma situação. Nesse sentido foi bastante enriquecedor. Achei que valeu a pena cada encontro (MARJORI). ...as expectativas foram atendidas, houve a troca, ver o que o outro passa. Percebi que eu tô em um caminho legal e que o Miguel não está em um nível tão hiperativo. Claro, longe de mim eu não sei de metade do que o Miguel faz, mas quando a gente vai em uma festinha de aniversário hoje, meu Deus... é outra criança (LAVÍNIA). 	<p><i>práticas educativas, mais paciência, aceitação do comportamento dos filhos.</i></p>
---	---

6.6 Indicadores e núcleos de significação apreendidos das entrevistas individuais finais após as intervenções realizadas pelo moderador no grupo de apoio social

Indicadores	Núcleos de significação
Aprimoramento de práticas educativas	
<p>Maior frequência na realização das atividades - Indica + interação e frequência, desenvolvimento do respeito pelo tempo dos filhos.</p> <p>Mais flexibilidade na rotina para estimular autonomia - Indica auto regulação, interação, oportunidade, autonomia, tranquilidade, flexibilização e organização da rotina</p> <p>Organização da rotina - Indica reconstrução de práticas a partir de reflexão, + interação com os filhos, responsabilização dos filhos por suas atividades, planejamento da rotina e organização estimulando autonomia.</p> <p>Reflexão antes de realizar práticas educativas - Indica planejamento, autocrítica, reflexão, reconstrução de práticas, coerência nas práticas.</p>	<p>1) Interação, respeito, tranquilidade, reflexão, reconstrução de práticas</p> <hr/> <p>Auto regulação</p> <p>- Observa-se neste núcleo que em função de as mães e filhos, agora, realizarem atividades juntos mais frequentemente a interação foi intensificada, o que proporcionou mais tranquilidade para as mães que se sentem confortáveis para responsabilizar os filhos por suas tarefas diárias, pois enxergam neles pessoas que têm capacidade para, de maneira autônoma, organizar e planejar de acordo com a necessidade de cada situação. Este é um processo que está envolvendo respeito e reflexão como resultado da reconstrução de práticas que elas estão realizando paulatinamente. Neste contexto as mães perceberam seus papeis de mediadoras da aquisição da auto regulação do comportamento dos filhos, e não de controladoras ao monitorarem constantemente o comportamento deles.</p>
Significados que as mães atribuem aos filhos	
<p>Significados atribuídos aos filhos que foram modificados - Indica percepção do real comportamento do filho, alívio, comparação com outras crianças, tranquilidade, reconhecimento de seus esforços como mães, busca por conhecimento, apropriação de conhecimento, + paciência.</p>	<p>2) Percepção do real comportamento do filho para lidar com a situação</p> <hr/> <p>+ Tranquilidade e Paciência</p> <p>- Observa-se neste núcleo que as mães passaram a reconhecer as potencialidades de seus filhos sem os pressionar tanto por</p>

	<i>resultados positivos. Isto foi possível pois buscaram conhecimento e em função de conhecer os relatos de outras mães puderam se tranquilizar, sentir alívio e ser mais pacientes com seus próprios filhos.</i>
Significados atribuídos a elas mesmas	
Significados que as mães atribuem a elas mesmas com relação às práticas educativas que precisavam ser modificadas <i>- Indica reconstrução de práticas educativas, auto regulação, tolerância com os filhos, percepção do controle que realizavam, reconhecimento do papel de mãe e das funções atribuídas a ele, percepção da necessidade de estimular a autonomia nos filhos.</i>	3) Reflexão, tolerância, segurança, paciência <hr/> Regulação de seus próprios comportamentos <i>- Observa-se neste núcleo que as mães refletiram sobre elas mesmas e conseguiram perceber seus papéis de mães como mediadoras da aquisição da auto regulação do comportamento dos filhos. Esta percepção fez com que resgatassem suas individualidades e autonomia para regular suas ações, tendo condições de planejar suas práticas de maneira segura em um processo de diálogo e respeito, que não causa angústia, mas paciência, tolerância, leveza e compartilhamento de emoções.</i>
Significados que as mães atribuem a elas mesmas que foram modificados <i>- Indica tranquilidade, empatia, busca por conhecimento, compartilhamento de emoções, identificação com um grupo, sentimento de pertencimento, leveza, respeito aos filhos e a elas mesmas, segurança, aquisição do diálogo na convivência com o filho, + paciência.</i>	
Sentimentos que as mães passaram a vivenciar após a participação no grupo de apoio social	
Sentimento de paciência <i>- Indica auto regulação, conquista, reconstrução de práticas educativas, responsabilização do filho por suas tarefas, paciência.</i>	4) Reflexão, paciência, identificação <hr/> Auto regulação <i>- Observa-se neste núcleo que o grupo de apoio social proporcionou que as mães se sentissem mais pacientes após refletirem sobre suas práticas, regulando seus comportamentos após os encontros. Elas passaram a se identificar umas com as outras e a vivenciar a sensação de pertencer a um grupo, em oposição ao sentimento de descolamento inicial.</i>
Sentimento de pertencer a um grupo <i>- Indica compartilhamento de angústias, identificação, diálogo entre as mães, tranquilidade, trocas de práticas educativas, reconstrução de práticas educativas.</i>	
Grupo de Apoio Social	
Grupo de apoio social como fonte de ajuda no caso do TDAH <i>- Indica reconstrução de práticas, diálogo entre as mães a moderador, interação, aquisição de conhecimento, empatia por outras mães que passam pela mesma situação, iniciativa de ajudar outras mães.</i>	5) Diálogo + interação + trocas: Conhecimento, reflexão, respeito, identificação, tranquilidade, empatia. <hr/> Fortalecimento <i>- Observa-se neste núcleo que as mães representam o grupo de apoio social como sendo fonte de ajuda relacionada ao diagnóstico de TDAH, podendo dialogar sobre o transtorno, conhecer as histórias de outras mães e desenvolver empatia por outros casos, tomando a iniciativa de ajudar em função de terem regulado seus comportamentos e ter conhecimento sobre o TDAH para tomar esta iniciativa. O grupo</i>
Grupo de apoio social como espaço de trocas de práticas educativas <i>- Indica tranquilidade, reflexão, aquisição de conhecimento, comunicação compartilhamento de emoções, liberdade de expressão, interação, identificação, perspectiva positiva com relação ao futuro do filho, reconstrução de práticas educativas a</i>	

<p><i>partir das trocas, satisfação com as intervenções do moderador.</i></p> <p>Grupo de apoio social legitimou os saberes provenientes das experiências como mães</p> <p><i>- Indica exposição, liberdade, identificação, respeito, trocas de práticas educativas, compartilhamento de experiências e emoções, reflexão antes de realizar escolhas, experiência, importância do diagnóstico, grupo de apoio social dá direcionamento.</i></p> <p>Grupo de apoio social fortaleceu as mães</p> <p><i>- Indica identificação, tranquilidade, aceitação do comportamento do filho, fortalecimento, diálogo, interação, trocas, grupo como embasamento para a tomada de decisões.</i></p>	<p><i>fortaleceu as mães, lhes deu mais tranquilidade, elas se sentiram livres para expor suas vidas, pedir conselhos e escolher caminhos pois se identificaram com as outras mães e se sentiram respeitadas. As mães se sentiram satisfeitas com as intervenções do moderador e com a forma que as sessões foram conduzidas e planejadas, de maneira prática.</i></p>
<p align="center">Percepções das mães sobre a realização do grupo de apoio social</p>	
<p>Momentos mais marcantes do grupo de apoio social para as mães</p> <p><i>- Indica indignação com o comportamento do filho, reflexão sobre suas trajetórias, compartilhamento de emoções, identificação com outras mães, aconchego nos encontros do grupo de apoio social, introspecção a partir das intervenções do moderador, ajuda entre as mães.</i></p> <p>Expectativas antes do grupo</p> <p><i>- Indica ansiedade, impotência, trocas, busca por conhecimento, expectativas positivas, esperança, deslocamento, empatia, crescimento, fortalecimento, reconstrução de práticas educativas, aquisição de conhecimento.</i></p> <p>Expectativas foram atendidas de que forma</p> <p><i>- Indica satisfação, compartilhamento, reflexão antes de tomar decisões, aquisição de conhecimento, iniciativa, identificação, tranquilidade, expectativas realistas, trocas de experiências e práticas educativas, reconstrução de práticas educativas, mais paciência, aceitação do comportamento dos filhos.</i></p>	<p>6) Reflexão, emoção, aconchego, ajuda.</p> <p>Aquisição de perspectiva positiva para o futuro dos filhos</p> <p><i>- Observa-se neste núcleo que o grupo de apoio social conseguiu responder às expectativas das mães, que ansiavam por trabalhar suas ansiedades e impotências através de trocas de experiências, construção de conhecimento e aprimoramento de suas práticas educativas. Este processo culminou no compartilhamento de experiências e identificação com as outras mães, que se satisfizeram com o conhecimento adquirido e com o planejamento das sessões e reflexões realizadas, alcançando mais tranquilidade e aprimoramento de práticas educativas através da regulação de seus comportamentos. Elas ficaram mais tranquilas com sentimento de esperança no futuro dos filhos.</i></p>

7. ANÁLISE DAS REPERCUSSÕES DO GRUPO DE APOIO SOCIAL

Neste capítulo o objetivo é sintetizar as repercussões que o grupo de apoio social “Experiências TDAH” teve nas práticas educativas das mães,

analisando os significados que elas atribuem a elas mesmas e aos seus filhos e como isto culmina em sentimentos que por elas são vivenciados, tudo levando em consideração o ambiente familiar no qual as crianças com TDAH estão inseridas. Poder-se-à visualizar todo o processo, que trouxe no capítulo anterior os pré-indicadores, ou seja, as falas literais das mães, que foram classificadas em indicadores que levaram à interpretação de núcleos de significação. Aqui, serão trazidos os núcleos de significação, resumindo o ponto de partida nas entrevistas individuais iniciais, marcando o processo de mudanças nas práticas educativas das mães que ocorreu nos encontros do grupo de apoio social, e as mudanças que se concretizaram através da legitimação dos resultados analisando as entrevistas individuais finais.

Como forma de sintetizar o ponto de partida para o grupo de apoio social, trago a análise dos materiais coletados nas entrevistas iniciais. Dentro dos indicadores relacionados às **Práticas Educativas**, ficou explícito que o sermão, repleto de ameaças e chantagens, embasava as práticas educativas das mães. Apesar das inseguranças em função do TDAH elas se colocavam como formadoras perante seus filhos, mas não sabiam ao certo quais práticas deviam assumir. Práticas educativas reprodutivas com ausência de atividades criativas e participativas também foram observadas. As mães apresentavam práticas inconsistentes ao agir de maneira punitiva e passiva com a criança, o que gerava conflitos neste quadro de controle e ameaça, mas por outro lado, assumiam uma postura superprotetora por preocupação com a integridade física dos filhos e por quererem estar sempre fazendo junto como uma forma de monitorá-los. Este comportamento se dava em função do prognóstico negativo do desenvolvimento dos filhos.

Antes da participação no grupo de apoio social, no que diz respeito aos **significados atribuídos aos filhos**, as mães expressavam alguma admiração em relação às qualidades específicas de seus filhos, mas faziam uma leitura crítica de seus comportamentos, o que culminava em representações negativas da forma como significavam seus filhos, criando um contexto de polaridade. Como resultado desta polaridade, provinda da observação do comportamento dos meninos, as mães nutriam ansiedade com relação ao futuro dos filhos, pois em função do prognóstico negativo que elas tinham do desenvolvimento deles estavam constantemente preocupadas com a integridade física dos filhos,

inseguras e com medo do futuro deles. Por isso, em seus relatos percebia-se a sensação de sofrimento que os filhos lhes traziam, e a necessidade de controlá-los e estar sempre junto deles.

Sentimentos vivenciados pelas mães no contexto anterior à participação no grupo de apoio social foram observados, de forma que os sentimentos expostos foram considerados negativos e elas demonstravam que reconheciam suas limitações. Esses sentimentos causavam o desejo de aprimorar suas práticas educativas, mas ainda não sabiam como. Para elas, esse aprimoramento poderia vir a cessar com os sentimentos negativos que vivenciavam. Elas sentiam culpa pelas práticas punitivas que praticavam quando desconheciam o que realmente podiam fazer por seus filhos. Em meio a estes sentimentos, transpareciam os **significados que as mães atribuíam a elas mesmas**, que se caracterizavam pelo o peso que as mães sentiam pelos seus papéis, que ser mãe é bastante trabalhoso e demanda dedicação e persistência, mas que é propício para oferecer oportunidades de vivências variadas para os filhos, apesar do cansaço gerado.

Para finalizar esta análise inicial, indicadores relacionados aos **membros da família**, envolvendo a figura do pai e dos irmãos, geraram um núcleo de significação. As famílias nas quais as crianças com TDAH se inserem faziam parte de um meio social que tinha a figura do pai representando autoridade mesmo em sua ausência. As mães vivenciavam o sentimento de indignação em função de os pais não despenderem a mesma energia que elas na educação dos filhos por não darem importância ao diagnóstico, acham que "não é nada". Já os irmãos se mostravam como figuras com as quais era estimulada a competitividade e a comparação, mas sem que as mães percebessem, pois em seus relatos havia o sentimento de decepção pelo comportamento dos filhos e preocupação com a forma que eles eram vistos pela sociedade, e que a sociedade comparava os irmãos entre si.

Após a realização dos encontros do grupo de apoio social e da discussão coletiva final, foi possível resgatar os dados coletados nas entrevistas iniciais e fazer uma análise das reconstruções realizadas aos longo dos encontros de maneira processual. Dentro dos indicadores relacionados às **práticas educativas**, observou-se que as práticas educativas assumidas pelas mães são permeadas pelo diagnóstico e que a partir dele elas desacreditam de suas

práticas, o que gera frustração e ansiedade. As mães percebem que práticas inadequadas de punição geram tristeza e passam a refletir na necessidade de aprimorar suas práticas. Então, elas passam a reconstruir estas práticas de forma empática ao estimular o desenvolvimento da autonomia nos filhos em um processo de crescente aquisição do diálogo no convívio com o filho, aumentando a coerência nestas práticas, em um movimento de distanciamento de práticas controladoras, percebendo-se mais relaxadas em seus papéis formativos mediando a aquisição da auto regulação nos filhos.

Os **significados atribuídos aos filhos** também se modificaram ao longo do processo, observa-se que em função dos encontros do grupo de apoio social as mães passaram a significar com mais frequência os filhos de forma positiva, demonstrando a partir das intervenções do moderador e interações com as outras mães estarem relaxadas e empolgadas, reconhecendo e admirando as habilidades dos filhos. No entanto, também representam seus filhos com um olhar crítico de seus comportamentos, demonstrando não compreender suas atitudes em determinados momentos, o que gera ansiedade, preocupação, decepção e frustração, motivando-as a compará-los com outras crianças.

O processo do grupo de apoio social teve grande impacto na forma que as mães atribuem **significados a elas mesmas**, pois elas percebem suas atitudes de superproteção e controle, atitudes que lhes causam cansaço e decepção quando não são correspondidas em suas ansiedades. Por vezes demonstram que compreendem a forma como devem agir no papel de formadoras, mas mostram-se confusas em determinadas situações, quando ficam inseguras sobre como e quais práticas educativas devem exercer. No entanto, em função de perceberem as limitações de suas práticas, passam a reconstruí-las a partir da reflexão do excesso de controle e se percebem como mães, pensando nas atribuições deste papel.

Analisando os materiais coletados, **sentimentos vivenciados pelas mães** foram observados, e foi percebido que as mães vivenciam sentimentos bons, envolvendo amor, surpresa, crescimento e compaixão e que, ao atingirem as metas que propõem a si mesmas, com muito investimento e dedicação, sentem alívio. Também vivenciam sentimentos considerados desagradáveis como vergonha, desgaste, desespero, ira, estresse e decepção em função do comportamento dos filhos. Ficam explícitas críticas com relação ao sistema que

não facilita os atendimentos, e que quando eles ocorrem, não são considerados adequados. Há o apontamento da existência de pressão social para quem tem TDAH e uma padronização por parte das escolas. A expressão dos sentimentos vem acompanhada de um contexto de reconstrução de práticas educativas e da questão do controle dos filhos, em um movimento de reconhecimento de seus papéis de mediadoras no processo de aquisição de auto regulação dos filhos.

As mães trouxeram em seus relatos vários pontos que permitiram analisar como se dá a relação entre os **membros da família**. Neste contexto as mães trazem a figura do pai como agente causador de solidão nelas, pois eles não compartilham das mesmas ansiedades que elas com relação ao comportamento dos filhos. Elas se sentem seguras quando o pai usa de autoridade, pois é uma forma de poderem “descansar” das cobranças. Elas deixam transparecer a admiração que têm da obediência que seus filhos demonstram com o pai em um cenário de medo e exemplo que ele proporciona. Dentro da família os irmãos têm impacto sendo uma figura com a qual se pode fazer comparação de comportamento e tecer críticas voltadas a ele. Esta comparação gera decepção, e a percepção da comparação inicia um movimento de reconstrução de práticas educativas. Dentro da família também há um movimento crítico de descontentamento com relação à escola que pressiona as crianças e almeja lhes padronizar. As famílias demonstram indignação com certas práticas da escola, mas que não podem demonstrar para os filhos este sentimento.

Esta análise demonstra como foi o processo de reconstrução de práticas das mães e as mudanças que foram ocorrendo gradativamente ao longo dos encontros do grupo de apoio social.

Nas entrevistas individuais finais foi possível concluir a análise das repercussões que o grupo de apoio social teve nas práticas educativas das mães, o que culminou também em mudanças nos significados atribuídos a elas mesmas e aos filhos, mudanças nos sentimentos que permeiam a situação do TDAH aqui analisada e na qual a família destas crianças está inserida. É importante ressaltar que as práticas educativas foram modificadas e aprimoradas influenciando e sendo influenciadas pelos outros aspectos analisados (significados, sentimentos, âmbito familiar) em um processo que entrelaça todos estes pontos e nos oportuniza contemplar com um olhar provindo da área da Educação a vida destas mães, destas crianças: Destas famílias. Isto

permite que posteriormente possa-se pensar de que forma ter este quadro formado pode ser útil no aprimoramento pedagógico de minhas próprias práticas no sentido de beneficiar outras famílias na mesma situação.

No núcleo de significação das **práticas educativas**, observa-se que em função de as mães e filhos, agora, realizarem atividades juntos mais frequentemente a interação foi intensificada, o que proporcionou mais tranquilidade para as mães que se sentem confortáveis para responsabilizar os filhos por suas tarefas diárias, pois enxergam neles pessoas que têm capacidade para, de maneira autônoma, organizar e planejar de acordo com a necessidade de cada situação. Este é um processo que está envolvendo respeito e reflexão como resultado da reconstrução de práticas que elas estão realizando paulatinamente. Neste contexto as mães perceberam seus papéis de mediadoras da aquisição da auto regulação do comportamento dos filhos, e não de controladoras ao monitorarem constantemente o comportamento deles.

Com relação aos **significados atribuídos aos filhos**, após a participação no grupo de apoio social as mães passaram a reconhecer as potencialidades de seus filhos sem os pressionar tanto por resultados positivos. Isto foi possível pois buscaram conhecimento e em função de conhecer os relatos de outras mães puderam se tranquilizar, sentir alívio e ser mais pacientes com seus próprios filhos. Dentro dos **significados que as mães atribuem a elas mesmas** observa-se que as mães refletiram sobre elas mesmas e conseguiram perceber seus papéis de mães como mediadoras da aquisição da auto regulação do comportamento dos filhos. Esta percepção fez com que resgassem suas individualidades e autonomia para regular suas ações, tendo condições de planejar suas práticas de maneira segura em um processo de diálogo e respeito, que não causa angústia, mas paciência, tolerância, leveza e compartilhamento de emoções. Através dos relatos pode-se perceber que mudanças nos **sentimentos vivenciados** pelas mães. O grupo de apoio social proporcionou que as mães se sentissem mais pacientes após refletirem sobre suas práticas, regulando seus comportamentos após os encontros. Elas passaram a se identificar umas com as outras e a vivenciar a sensação de pertencer a um grupo, em oposição ao sentimento de deslocamento inicial.

Todas as repercussões relatadas foram resultado do **grupo de apoio social**, que para as mães conseguiu responder às expectativas iniciais. Nos

encontros elas buscavam trabalhar suas ansiedades e impotências através de trocas de experiências, construção de conhecimento e aprimoramento de suas práticas educativas. As expectativas foram respondidas através do compartilhamento de experiências e identificação com as outras mães, que se satisfizeram com o conhecimento adquirido e com o planejamento das sessões e reflexões realizadas, alcançando mais tranquilidade e aprimoramento de práticas educativas através da regulação de seus comportamentos. Elas ficaram mais tranquilas e com sentimento de esperança no futuro dos filhos.

O grupo de apoio social se configurou como fonte de ajuda relacionada ao diagnóstico de TDAH, as mães puderam dialogar sobre o transtorno, conhecer as histórias de outras mães e desenvolver empatia por outros casos, tomando a iniciativa de ajudar em função de terem regulado seus comportamentos e ter conhecimento sobre o TDAH para tomar esta iniciativa. As mães se sentiram satisfeitas com as intervenções do moderador e com a forma que as sessões foram conduzidas e planejadas, de maneira prática. O grupo as fortaleceu, lhes deu mais tranquilidade, elas se sentiram livres para expor suas vidas, pedir conselhos e escolher caminhos que beneficiassem suas famílias, pois se identificaram com as outras mães e se sentiram respeitadas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das repercussões que o grupo de apoio social teve nas práticas educativas das mães de crianças diagnosticadas com TDAH, averiguou-se que as repercussões foram positivas com relação às práticas, e aos significados atribuídos pelas mães às crianças e a elas mesmas, o que culminou em um contexto de vivência de sentimentos positivos e propícios para que as mães desempenhem seus papéis de mediadoras da auto-regulação do comportamento dos seus filhos.

Em função deste resultado considerado positivo, esta experiência que foi realizada com um pequeno grupo de mães, foi considerada apta a ser replicada em maior escala, e intenciona-se que de fato esta nova experiência ocorra, considerando as devidas adaptações que serão realizadas posteriormente, levando em conta maior aquisição de conhecimentos por parte do pesquisador,

e o meio social, histórico e cultural em que será realizada, em um contexto de transformação, mudanças e busca de construção de conhecimento científico.

*“Nada é permanente, exceto a mudança.”
(Heráclito, 535 a.C. - 475 a.C.)*

Mudança na forma de pensar, transformação na forma de agir e muitas dúvidas no momento de discernir, o que nos desestabiliza e leva-nos a um novo patamar de equilíbrio e conhecimento. A mudança, algo constante e necessário para que evoluamos, está em tudo aquilo que envolve as atividades dos seres humanos. Seja na forma de encarar os papéis de cada pessoa na sociedade, a figura que as crianças representam dentro das famílias, bem como das mães e pais, os trabalhos que desempenhamos, como devemos nos portar, como encaramos a forma como os outros se portam... e como nomeamos estes comportamentos.

Nesta pesquisa o comportamento e a forma como ele se desenvolve foi o tema central, e é relevante enfatizar que a abordagem que este trabalho escolheu para encarar o comportamento é provinda das condições de conhecimento a que se tem acesso na atualidade. É provinda das construções de conhecimento que foram possíveis de serem construídas até o momento, dentro das nossas limitações de compreensão e aprendizagem. Ela é resultado de mudança, e é passível de mudança. Por exemplo, o próprio TDAH. Quantas nomenclaturas e formas de compreensão já tivemos com relação a ele! Escuto muitos profissionais da área da psicologia que utilizaram para diagnósticos a terminologia DCM, citando esta disfunção e reconhecendo em seus discursos a rapidez com a qual princípios que já estavam enraizados, se transformam. Reconhecem a vulnerabilidade de suas certezas.

O termo DCM (minimal brain disfunction syndrome) refere-se a um conjunto de crianças com inteligência geral, próxima da média, média, ou acima da média, evidenciando certas dificuldades de aprendizagem e de comportamento, que podem manifestar-se de forma moderada ou severa, e que estão associadas a desvios da função do sistema nervoso central. Tais desvios podem-se manifestar em várias combinações e graus disfuncionais na percepção, na conceitualização, na linguagem, na memória e no controle da atenção, da impulsividade e da função motora (FONSECA, V. 1995).

A questão do controle da atenção e da impulsividade hoje são relacionadas ao transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, resultado de

muito estudo, pesquisas realizadas e abertura para que a mudança adentrasse inundando com novos conhecimentos. Também pode-se falar nos transtornos hipercinéticos que surgiram na literatura médica somente no meio do século XIX e que tiveram sua nomenclatura modificada, sendo que lá na década de 40 surgiu a designação “lesão cerebral mínima”, e em 1962 ela foi modificada para “disfunção cerebral mínima” (ROHDE, L., 2000).

Com esta última reflexão, o que se intenciona é que, da mesma forma que as mães que participaram do grupo de apoio social, nós também estejamos abertos às transformações, pois sem dúvidas tomando esta decisão consciente, poderemos nos deparar com o inusitado e nos surpreender positivamente.

“Cada vez que você faz uma opção está transformando sua essência em alguma coisa um pouco diferente do que era antes.”
(C. S. Lewis, 1898 – 1963)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J., & OZELLA, S. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. bras. Est. pedag., Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

ADORNO, Rubens Camargo Ferreira et al. **O conhecimento e o poder: de quem é a palavra. Relato de uma experiência de pesquisa participante**. Rev. Saúde Pública, Out 1987, vol.21, no.5, p.405-412. ISSN 0034-8910

ALAMI, Sophie. **Os métodos qualitativos**. Tradução de Luis Alberto S. Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ALVARENGA, P., & PICCININI, C. A. **Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 14(3), 449-460, 2001. In: SILVA, L. M. A. **Práticas educativas de mães de crianças com transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2011.

AMARAL, Ana Helena, GUERREIRO, Marilisa. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: Proposta de avaliação neuropsicológica para diagnóstico**. Arq Neuropsiquiatr, 2001.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDREAZZA, Ana Cristina; RUSCHEL, Jan and BOSA, Cleonice Alves. **Estresse e adaptação psicossocial em mães de crianças com**

transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2009, vol.22, n.3, pp. 317-325. ISSN 0102-7972.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo e autorizado para pais, professores e profissionais de saúde.** Trad. Luis Sérgio Roizman. Porto Alegre: Artmed, 2002. In: RIBEIRO, Vânia Lúcia de Moraes. **A família e a criança/adolescente com TDAH: Relacionamento social e intrafamiliar.** Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. Belo Horizonte: 2008.

BEM, L. A., WAGNER, A. **Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico.** *Psicologia em Estudo*, 11(1), 63-71, 2006.

BENDILATTI, Liliane. **Dinâmicas e técnicas para trabalhar com grupos - Dinâmicas passo a passo.** 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas.** São Paulo: Edusp, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática. A sociologia de Pierre Bourdieu,** Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BRAGANÇA, Bruno; FERREIRA, Leonardo; PONTELO, Ivan. **Práticas educativas e ambientes de aprendizagem escolar: relato de três experiências.** Programa de Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG. N.d.

BRUSAMARELLO, Tatiana et al. **Redes sociais de apoio de pessoas com transtornos mentais e familiares.** *Texto contexto - enferm.* [online]. 2011, vol.20, n.1, pp. 33-40. ISSN 0104-0707.

COSTAS, Fabiane; FERREIRA, Liliana. **Sentido, significado e mediação em vigotski: Implicações para a constituição do processo de leitura.** *Revista Ibero-Americana de Educação*, nº 55. 2011.

CRAHAY, M. **Poderá a escola ser justa e eficaz? Da igualdade das oportunidades à igualdade dos conhecimentos.** Lisboa: Instituto Piaget, 2002. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Projeto “Equidade na Educação” – Secretaria Municipal de Educação.** 2015.

CRUZ, Maria N.; GÓES, Maria C. **Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski.** *Pro-Posições*, v. 17, n. 2 (50) - maio/ago. 2006.

DANIELS, Harry. **Vigotsky and Pedagogy.** Ed. Psychology Press, 2001.

DANIELS, Harry (Org.) **Uma Introdução a Vygotsky.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

DESIDERIO, Rosimeire C. S.; MIYAZAKI, Maria Cristina de O. S. **Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): orientações para a família**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas, v. 11, n. 1, June 2007.

DU.PAUL, G. J.; STONER, G. **TDAH nas escolas: Estratégias de avaliação e intervenção**. São Paulo, 2007. In: PRETTE, Zilda Del; ROCHA, Margarete. **Habilidades sociais educativas para mães de crianças com TDAH e a inclusão escolar**. Psicol. Argum., Curitiba, v. 28, n. 60, Curitiba, 2010.

EIDT, Nadia Mara; TULESKI, Silvana Calvo. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e psicologia histórico-cultural**. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.139, jan./abr. 2010.

FONSECA, V. **Alguns aspectos da caracterização psiconeurológica da criança com disfunção cerebral mínima (DCM)**. Infante – Ver. Neuropsiq. Da Inf. E Adol. 3(1): 30-39, 1995.

FERREIRA, W. B. **Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos?** Revista Inclusão, 1(1), 40-46, Brasília: MEC/SEESP, 2005.

FREITAS, Cláudia Rodrigues. **Corpos que não param: Criança, TDAH e escola**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, 2011.

GHERARDI, Silvia. **Organizational Learning: The Sociology of Practice**. Chapter 3 from Handbook of organizational learning and knowledge management edited by Mark Easterby-Smith, Marjorie A. Lyles. 2009.

GERDES, Alyson C.; KAPKE, Theresa L.; LAWTON, Kathryn E.; GRACE, Margaret; HURTADO, Gabriela. **Culturally adapting parent training for Latino youth with ADHD: Development and pilot**. Journal of Latina Psychology, Vol. 3, No. 2, 71-87. American Psychological Association, 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios**. Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

KOZOLIN, Alex. **La psicología de Vigotski. Biografía e unas ideas**. Versión española de Juan Carlos Gómez Crespo. Alianza Editorial, 1994.

KUNRATH, L. H., WAGNER, A. & JOU, G. Y. **A educação dos filhos com Transtorno de Déficit de Atenção de Hiperatividade: O que fazer?** Psicologia em Revista, 12(20), 235- 250. 2006. In: SILVA, L. M. A. **Práticas educativas de mães de crianças com transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2011.

LUCCI, Marcos Antonio. **A proposta de Vygotsky: A psicologia sóciohistórica**. Revista de currículum y formación del profesorado, 10, 2, 2006.

LURIA, A. R. **Language and cognition**. New Yoork: Wiley. 1982.

MARCHEZINI-CUNHA, Vívian; TOURINHO, Emmanuel Zagury. **Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 295-304, June 2010.

MARTINS, Onilza B. & MOSER, Alvino. **Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch.** *Revista Intersaberes* | vol. 7 n.13, p. 8 - 28 | jan. – jun. 2012.

MOYSÉS, M. A. **A institucionalização invisível - crianças que não aprendem na escola.** Campinas, SP, 2001. In: MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. **Para uma crítica da medicalização na educação.** *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 136-142, June 2012.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. **Para uma crítica da medicalização na educação.** *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 16, n. 1, June 2012.

MOLL, L.C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas. 1996.

Nico, Y. C. **A contribuição de B. F. Skinner para o ensino do autocontrole como objetivo da educação.** 2001. In: MARCHEZINI-CUNHA, Vívian; TOURINHO, Emmanuel Zagury. **Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 295-304, June 2010.

OLIVEIRA, Marta K.. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico** 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

PORTAL CIDADE DO CONHECIMENTO. **Educação especial: Coordenadoria de atendimento às necessidades especiais.**

<http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/coordenadoria-de-atendimento-as-necessidades-especiais/3790>

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba Volume 4 - Educação Especial e Inclusiva - Educação Integral - Educação de Jovens e Adultos.** 2006.

_____. **Projeto “Equidade na Educação” – Secretaria Municipal de Educação.** 2015.

PACHECO, J. T. B., SILVEIRA, L. M. O. B., & SCHNEIDER, A. M. A. **Estilos e práticas educativas parentais: Análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes.** *PSICO*, 39(1), 66-73. 2008. In:

PEREIRA, Mario Eduardo C. **Remédio não basta para hiperatividade, diz médico.** *Jornal Folha S. Paulo*, São Paulo. 20 de julho de 2014.

PRETTE, Zilda Del & ROCHA, Margarette. **Habilidades sociais educativas para mães de crianças com TDAH e a inclusão escolar.** *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 28, n. 60, Curitiba, 2010.

RASHAP, J. L. **The psychological adjustment of mothers of children with attention-deficit hyperactivity disorder**. Doctoral dissertation, *Dissertations Abstract International*, 59(3-B), 1378. 1998. In: BELLE, Andressa Henke;

ROHDE, Luis A, HALPERN, Ricardo. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização**. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2000.

ROLFSEN, Andréia Bevilacqua e MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. **Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo preliminar**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2008, vol.18, n.39, pp. 175-188. ISSN 0103-863X.

RIBEIRO, Vânia Lúcia de Moraes. **A família e a criança/adolescente com TDAH: Relacionamento social e intrafamiliar**. Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. Belo Horizonte: 2008.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas**. *Psicol. USP* [online]. 2006, vol.17, n.2, pp.

SETTON, Maria da Graça. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação, nº 20. Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, L. M. A. **Práticas educativas de mães de crianças com transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2011.

TURNER, S. **The Social Theory of Practices**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. In: GHERARDI, Silvia. **Organizational Learning: The Sociology of Practice**. Chapter 3 from Handbook of organizational learning and knowledge management edited by Mark Easterby-Smith, Marjorie A. Lyles. 2009.

VIGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas I**. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones S.A. 1991.

_____. **Obras Escogidas II**. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones S.A. 1994.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. (Texto original de 1934), 2001.

_____. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

_____. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. Título original: *Thought and Language*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **The genesis of higher mental functions**. In: DANIELS, Harry (Org.) **Uma Introdução a Vygotsky**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, p.8, 2002.

_____. **The genesis of higher mental functions.** In: WERTSCH, J.V. (org.). *The concept of activity in soviet psychology.* Armonk, N.Y.: M.E. Sharpe, 1981.

WENGER, E. **Comunidades de práctica:** aprendizaje, significado e identidad. Barcelona: Paidós, 2001.

WENGER, Etienne. **What's a Community of Practice?** <https://www.youtube.com/watch?v=63rQ3S8EHoA>. Submitted by PMI in December 9, 2009.

WERTSCH, J. V. **Culture, communication, and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

APÊNDICES

A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da seguinte pesquisa: “Relato da experiência de um grupo de apoio social com mães de crianças diagnosticadas com TDAH e repercussões em suas práticas educativas”.

Este trabalho, que objetiva analisar de que forma um grupo de apoio social pode aprimorar as práticas educativas adotadas no âmbito familiar de crianças com TDAH, tem autoria de:

- Daniele de Fátima Kot Cavarzan⁶⁴, aluna do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (linha de Cognição, Desenvolvimento Humano e Aprendizagem),
Contato: (41) 9626-5051
Email: danielokot@hotmail.com
Endereço Institucional: Rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I, 1º Andar – PPGE

Sob a supervisão de:

- Prof. Dra. Denise de Camargo⁶⁵ (CRP 08/0450).
Contato: (41) 9972-2079
Email: denicamargo@gmail.com
Endereço Institucional: Rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I, 1º Andar – PPGE

Os pesquisadores citados acima responsáveis por este estudo poderão ser contatados para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo, de 2ª a 6ª feira, das 10h às 16h.

Caso você participe da pesquisa, será necessário estar presente nas seguintes etapas, que totalizarão 8 encontros:

1ª etapa: Entrevista semi estruturada individual com pais de crianças diagnosticadas com TDAH, com intuito de averiguar os sentidos e significados que as famílias expõem sobre a criança com TDAH e as práticas educativas adotadas no âmbito familiar. Esta entrevista terá duração de 1 hora e 30 minutos.

⁶⁴ Rubrica:

⁶⁵ Rubrica:

2ª. etapa: Realização do grupo de apoio social que ocorrerá em seis (6) encontros de troca de experiências e orientações relacionadas às práticas educativas familiares com duração de 1 hora e 30 minutos cada encontro, totalizando 9 horas, com os seguintes temas:

Grupo1: Introdução ao grupo de apoio social e apresentação dos membros;

Grupo 2: Relacionamento entre a escola e a família;

Grupo 3: Comunicação e relacionamento familiar;

Grupo 4: Apoio à criança nas atividades escolares. Neste encontro será solicitado que os filhos estejam presentes, no entanto, as crianças não serão objeto de estudo;

Grupo 5: Práticas Educativas;

Grupo 6: Fechamento do grupo de apoio social e avaliação oral.

3ª. etapa: Entrevista semi estruturada individual final, para averiguar as mudanças nos sentidos e significados e aprimoramentos nas práticas educativas comparando com o que foi exposto na entrevista inicial. Os encontros ocorrerão no Prédio Histórico da UFPR, na Praça Santos Andrade nº 50, Centro, no setor do CEAPPE, com duração de 1 hora e 30 minutos.

Ao longo dos 8 encontros, você precisará ceder 12 horas de seu tempo para participar deste estudo, no período de 24/3/2016 a 15/04/2016. Os encontros serão sempre nas 2ªs e 5ªs feiras, contando com as entrevistas. Os encontros terão frequência de duas vezes na semana para que você possa experimentar a imersão em um grupo de apoio social com outras famílias de crianças com TDAH.

- Entrevistas iniciais: 24 de março de 2016.
- Grupo 1: 29 de março de 2016.
- Grupo 2: 31 de março de 2016.
- Grupo 3: 05 de abril de 2016.
- Grupo 4: 07 de abril de 2016.
- Grupo 5: 11 de abril de 2016.
- Grupo 6: 14 de abril de 2016.
- Entrevistas finais: 15 de abril de 2016

Antes do início dos encontros presenciais, será criado um grupo no Whatsapp chamado “Experiências TDAH” para que as famílias possam conversar e iniciar a troca de experiências. Você pode escolher participar ou não deste grupo virtual, sem que isto influencie em sua participação na pesquisa.

Ao longo do processo serão realizadas fotos, filmagens e gravações de áudio para posterior utilização na pesquisa. Após conclusão do trabalho, os materiais

serão descartados. As fotos a serem tiradas no grupo de apoio social serão mantidas somente até o dia da conclusão do curso de Mestrado, já os vídeos e gravações de áudio serão descartados após a transcrição dos encontros e das entrevistas.

A participação na pesquisa não será possível caso você não autorize a produção e utilização destes materiais.

Os materiais elaborados por você ao longo dos encontros lhe serão devolvidos após a conclusão do curso, em data e horário a ser combinados diretamente com o pesquisador, da forma que lhe for mais conveniente.

É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a cansaço ao longo dos encontros, e também há o risco de você se sentir constrangido (a) em alguns momentos da entrevista devido aos questionamentos que serão realizados.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são de que você aprimore suas práticas educativas com seu (seus) filhos, e contribua para o avanço científico.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado, sem que isto lhe acarrete qualquer tipo de prejuízo.

Garantimos o total sigilo aos dados aqui obtidos assegurando que o tratamento dos mesmos será realizado dentro dos princípios éticos que regem os procedimentos em pesquisa. As informações aqui obtidas serão utilizadas apenas para publicações científicas, utilizando seus dados através de códigos (pseudônimos).

Antecipadamente agradecemos a sua valorosa colaboração que contribuirá para o desenvolvimento do conhecimento nesta área e sem a qual este estudo não poderia ser realizado.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, _____ concordo voluntariamente em participar deste estudo. Li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Curitiba, 24 de março de 2016

Daniele de Fátima Kot Cavarzan
Pesquisadora Responsável

Profª Drª Denise de Camargo
Orientadora da Pesquisa

B: Roteiro de Entrevista Semi Estruturada Inicial

Identificação da criança

Nome:

Data de Nascimento:

Sexo:

Ano:

Atendimentos que realiza – Frequência:

Identificação do responsável

Nome Completo:

Profissão:

Escolaridade:

Religião:

Identificação familiar

Sexo e idade de irmãos. Quem mais reside na mesma casa?

Guia de perguntas

- 1) Neste final de semana, quais atividades seu filho realizou sozinho? E quais atividades você realizou junto de seu filho?
- 2) Seu filho tem seu próprio quarto/espço, ou divide com os irmãos/pais?
- 3) Você poderia descrever como foi a rotina de seu filho ontem? E no final de semana?
- 4) A família auxilia a criança nas atividades escolares? Descreve como isto acontece.
- 5) Em casa, seu filho tem acesso à materiais como livros, revistas, etc? De quais tipos?
- 6) Qual foi a última vez que seu filho teve um problema de comportamento? Como a família lidou com a situação?
- 7) Quais são as maiores dificuldades que você identifica em lidar com seu filho?
- 8) Como você lida quando ele está agitado, não para quieto e fala demais?
- 9) E quando ele não presta atenção no que você fala e tem dificuldade de organizar as tarefas e atividades?
- 10) Existem regras e limites estabelecidos?
- 11) Sobre quais assuntos a família conversou com a criança ontem? E hoje?
- 12) Qual o último relato que a Escola lhe fez sobre seu filho? De que forma você abordou o assunto com ele?
- 13) O que você sentiu quando seu filho recebeu o diagnóstico de TDAH? O que aconteceu depois?
- 14) O que você sabe sobre TDAH?
- 15) Como você se enxerga enquanto pai? Pode citar uma palavra para definir?
- 16) O que você entende por práticas educativas?
- 17) No que a sua participação em um grupo com pais que também tem filhos diagnosticados com TDAH pode te auxiliar na educação do seu filho?
- 18) Quer acrescentar mais alguma coisa?

C: 1º Encontro: Entrevista Iniciais

C.1: Registro de entrevista inicial com Ni

Identificação da criança

Nome: Júnior

Data de Nascimento: 18/08/2005

Sexo: Masculino

Ano: 3º Ano

Atendimentos que realiza – Frequência: Psicologia 1x por semana, Neurologia a cada 3 meses e Homeopatia a cada 3 meses (receita por telefone)

Identificação do responsável

Nome: Ni

Profissão: Técnica em Enfermagem

Escolaridade: Especialização em Psicologia

Religião: Católica

Identificação familiar

Sexo e idade de irmãos. Quem mais reside na mesma casa?

Uma irmã de 7 anos e outra de 24. O pai reside na casa.

Entrevista

Moderador: Olá Ni, pensei que hoje poderíamos conversar um pouquinho sobre o Júnior, que foi diagnosticado com TDAH... Se fosse pra você me contar um pouquinho sobre ele, por exemplo nesse final de semana, quais atividades vocês realizaram juntos?

Ni: Ah, fizemos a lição e estudamos para a prova.

Moderador: E brincar ... Vocês brincaram juntos? Como que foi?

Ni: Não, não. Nesse final de semana não.

Moderador: E ele na casa... Ele tem um espaço só pra ele? Ou ele divide o quarto com as irmãs?

Ni: Ele divide o quarto com as irmãs.

Moderador: Ele já chegou a reclamar disso? Ou ele é tranquilo e já acostumou?

Ni: Na verdade ele gosta de dormir com a irmã mais velha, ele tem a cama dele, mas ele gosta de dormir com ela.

Moderador: É ...Então ele não reclama de ter que dividir o espaço.

Ni: Não. Ele não gosta de ficar sozinho.

Moderador: E ontem? Hoje é sexta-feira... Você pode me falar como foi a rotina dele ontem?

Ni: Bom, ontem ele levantou pela manhã, tomou café ... Ele já vai jogar.

Moderador: Que tipo de jogo que ele joga?

Ni: Joga "minecrafiti"... Quando ele enjoa do jogo novo, ele vai no computador.

Moderador: E aí ele vai para a escola a tarde?

Ni: A tarde.

Moderador: E depois do computador?

Ni: Daí a gente deu uma revisada, conversamos só porque ele não tinha prova... Aí já ele tomou banho e se arrumou pra ir à escola.

Moderador: E depois da aula? O que ele faz? O que ele fez ontem à tarde?

Ni: Ontem ele jogou bola dentro de casa.

Moderador: Ah, você deixou ele jogar bola dentro de casa? (risos)

Ni: Deixei ele brincar um pouquinho, eu fiquei com dó (risos).

Moderador: (risos) Em qual escola que ele está?

Ni: Na Escola X.

Moderador: Ah tá... Então, você comentou que em casa está acompanhando ele na lição... Então vocês sempre estão auxiliando ele nas atividades escolares? Como que é isso?

Ni: Então, sempre eu procuro ter um tempo todo dia, pra gente fazer a lição junto porque sozinho ele não faz, sempre tem que ter alguém... Geralmente sou eu que ajudo ou, senão a irmã, pra conversar sobre a aula ou o que ele fez.

Moderador: Ele não é de esconder que tem lição? (risos)

Ni: (risos) Tem épocas que sim, tem épocas que ele não coloca na agenda nada.

Moderador: E daí, o que você faz?

Ni: Aí eu tenho que ligar na escola e perguntar Pedir para a professora mandar por escrito.

Moderador: Tem que ligar...

Ni: Mas tem épocas, tem épocas que não.

Moderador: Você tinha falado que ele foi pra escola, voltou e jogou bola dentro de casa... E depois como que é? Ele janta? Toma banho? Vai dormir?

Ni: Então, ele vai dormir tarde.... Geralmente mais tarde, lá por umas 23h. Ele joga um pouco, aí quando enjoa, ele... A gente tem essa rotina de conversar a noite, ver a lição a noite.... Quando ele está muito cansado eu deixo um pouco pra de manhã porque não consegue terminar. Mas assim, ele assiste Geralmente não assiste muita TV, ele é mais de jogar, mas hoje ele joga, jogo assim mais calmo, que ficam mais montando as pecinhas lá ... Então ele é mais de jogar ou computador... Ou de ficar no computador jogando...

Moderador: E na hora de dormir como que é? Você que manda ele dormir?

Ni: Às vezes sim, quando fica muito tarde, mas geralmente chega o horário dele, ele escova os dentes e vai dormir.

Moderador: Ah, ele vai dormir sozinho mesmo!

Ni: Vai.

Moderador: E em casa vocês tem bastante livros, revistas, materiais pra ele manusear?

Ni: Tem, ele gosta de ler historinhas, mas ele gosta mais de ler gibi.

Moderador: Então ele gosta mais de gibi... E problema de comportamento? Ele tem tido bastante?

Ni: Ele melhorou bastante e a escola não tem me chamado mais por isso. Faz um tempo, só no início do ano, mas daí não teve mais problema. Em casa ele briga com a irmã e às vezes ele fica irritado, se irrita com facilidade, não como antes, mas tem períodos que se irrita...

Moderador: Então na escola ... Você disse que teve problema no início do ano né...

Ni: Ele brigou com uns colegas. Isso nunca tinha acontecido antes porque ele nunca foi de brigar na escola, daí ele acabou... A professora até mandou bilhete que ele tinha brigado com dois amigos...

Moderador: E daí? O que você fez em casa?

Ni: Conversei com ele bastante e falei com o pai porque ele escuta muito o pai, né ... E daí não aconteceu mais.

Moderador: Ah é? E o pai? Como ele lida com a situação?

Ni: O pai fala que ele não tem nada... Que é coisa da minha cabeça.

Moderador: É? Mesmo depois do diagnóstico?

Ni: Mesmo depois, ele acha que não é nada.

Moderador: E em casa... Você falou que briga com a irmã ...Qual irmã mesmo?

Ni: A menor.

Moderador: E como vocês lidam com a situação?

Ni: Olha, eu deixei ele pensando por um tempo né. Ele não para muito queito lá não, tem que ficar o tempo todo falando pra ele ficar né. Porque ela também quer se defender. Porque antes ele só batia.

Moderador: Ah, agora ela já aprendeu a defender... Geralmente as brigas tem algum motivo? Como que é?

Ni: É assim, dá a impressão que é de ciúme. Ah, isso era meu... isso é meu ... Sabe...

Moderador: Ah, é de ciúme!

Ni: Por causa de qualquer coisa.

Moderador: Por conta de um brinquedo?

Ni: Também, mas ontem ele ganhou massinha, que era dia do amigo secreto na escola. Ele chegou e era dele. Então tive que conversar com ele. Depois que conversa ele divide.

Moderador: E a irmã ... Também é "danadinha"? (risos) Como que é?

Ni: Agora é. Ela aprendeu uma parte com ele (risos). Entende...

Moderador: Ela está com 7 anos?

Ni: Ela está na fase de fazer birra.

Moderador: Em casa, ou até mesmo na rua. O que você acha que é mais difícil, quais são as maiores dificuldades para lidar com ele?

Ni: Então, hoje não é tanto. Porque antes ele soltava da minha mão, até saía correndo. Eu tinha que levar ele bem preso na mão, hoje ele tem até um pouco de noção do perigo, mas não tem muito não, ainda... Porque eu vejo a diferença dela. Se eu soltar está tranquilo, ele não. Ele não tem muita noção, de cruzar a rua, do perigo assim...

Moderador: E em casa? Tem alguma dificuldade também?

Ni: Tem, tem porque ele é uma criança que ele sobe, hoje ele não é tanto assim, mas ele se joga, você tem que estar o tempo todo falando que pode se machucar, ele não olha o que tem do lado, se joga com tudo no chão... Ontem mesmo eu estava brigando com ele, falando que não pode fazer assim.

Moderador: E pra conversar, ele ouve o que você fala?

Ni: Ouve, pede desculpa, fala que não vai fazer mais, só que depois ele acaba fazendo.

Moderador: E porque que você acha que ele repete depois?

Ni: Não sei... Até agora não consegui entender o porque, porque ele entende, a impressão que passa quando você conversa com ele é que ele entende... Sabe... Ele fala: Não mamãe, eu estou errado, não vou fazer mais, pede desculpa... Então ele é bem mais fácil de lidar nesse sentido do que ela... Porque ela não, ela birra e continua.

Só que ele não, mas depois ele acaba fazendo de volta. Não é tanto quanto antes, ele amadureceu mais, até o Dr. X falou que ele ia amadurecendo e ia melhorando, realmente ele melhorou.

Moderador: É ele está com dez anos.. Nove ?

Ni: Nove

Moderador: E quando ele está agitado e fala demais o que você faz?

Ni: Eu procuro chamar a atenção dele. Falar com ele, mas não alto senão ele não presta a atenção. Tem que ir na frente dele até que ele preste a atenção. Até que preste atenção no que eu estou falando ...

Moderador: Então tem que parar na frente dele e falar!

Ni: Senão ele não te ouve. Ele fica tão “naquele momento” dele que ele não presta a atenção.

Moderador: E na escola, será quando a professora está lá na frente falando ele está prestando a atenção?

Ni: Não, não ... muitas vezes não, a maioria das vezes pelo que ela me relata ... E ele também se queixa muito que ele não consegue acompanhar ditado... Então por isso que eu acho que realmente ele tem grande dificuldade. Porque ele não consegue se concentrar quando ela está ditando...

Moderador: Precisaria que ela fizesse igual você né ... "Pegar", olhar pra ele e parar ali na frente... E quando ele não presta atenção em alguma coisa, a organização da atividade, da tarefa, como você direciona essa organização pra ele em casa?

Ni: Então, é o que eu falei, tem que fazer ele prestar atenção, ele achar que é importante pra ele voltar a fazer! Se ele estiver cansado tem que ir parando e fazendo por etapas. Não tem como fazer direto.

Moderador: E na organização dos materiais, como é? Você que tem de separar os livros do dia na mochila dele, ou ele sabe o que vai usar?

Ni: Agora ele faz sozinho, mas não fazia. Ele também perde o lápis, a borracha. Então todo dia, hoje já não é todo dia, mas tem que dar lápis novo pra ele. Tem que ter um estoque de borracha e lápis pra ele em casa. Criança realmente perde, mas ele era todo dia. Todo dia eu tinha que dar um lápis e uma borracha pra ele. Agora ele está mais organizado. Ele melhorou.

Moderador: E em casa vocês tem regras, limites, como que é?

Ni: Tem por escrito né...O que eles têm que cumprir. Eles assinaram, agora até está na hora de rever de novo, porque eles assinando tem aquela responsabilidade. E ele realmente cumpre, como arrumar a cama de manhã, é uma sequência. Pra ele é muito importante, aí ela também queria, e foi bom também né...

Moderador: E o pai, como ele participa disso? Ele também cobra?

Ni: As regras eu estabeleci, agora o pai, o que ele fala eles acatam. Tanto é que ele sai com os dois numa boa. Eu não saio com os dois sozinha. Quando um vai pra um lado o outro vai pra outro. Não dá.

Moderador: E vocês conversam com ele só sobre a escola? Ou sobre outros assuntos também? Por exemplo, ontem em casa, sobre o que vocês conversaram?

Ni: Sobre uma apresentação em que ele não queria participar, daí agora resolveu participar.

Moderador: Que tipo de apresentação?

Ni: Algumas músicas que eles vão cantar. A gente conversou sobre as roupinhas que eles iam usar, a dele era camiseta vermelha e a dela é uma camiseta branca, aí a gente ficou conversando sobre isso e aí ele achou interessante e resolveu participar.

Moderador: Mas porque ele não queria participar?

Ni: Não sei. Ele não é uma criança muito de se entregar. Então toda hora tem que ficar perguntando. Como festa junina e essas coisas, mas ele não gosta de participar muito não.

Moderador: E hoje, quando você saiu de casa, ele já estava acordado?

Ni: Não, estava dormindo.

Moderador: Então vocês não conversaram ainda hoje.

Ni: Não, só acordei, dei remédio a ele, que é rotina e ele voltou a dormir.

Moderador: É homeopatia?

Ni: Sim, mas ele tem arritmia cardíaca, daí ele toma o Atenolol.

Moderador: E agora vamos falar um pouquinho sobre o diagnóstico dele. Quando você recebeu?

Ni: Então tem três anos.

Moderador: E na época o que você sentiu? Quando falaram que era TDAH, o que você sabia?

Ni: Na época eu não sabia praticamente nada. Fiquei assustada. Não sabia a quem recorrer, mesmo que o médico estivesse falando pra mim. Ele disse “leia esses papéis”. E realmente o diagnóstico dele é esse. Então eu fiquei assustada, assustada... Tentei procurar na internet um grupo de apoio e não achei nada, foi bem difícil.

Moderador: E o que aconteceu depois?

Ni: Depois eu procurei me informar bastante sobre o assunto... Aí já levei primeiro para o psicólogo, daí ele começou a fazer o acompanhamento no Instituto Pelé, e nessa época ele não lia ainda, tinha bastante dificuldade na escola.

Moderador: Ele chegou a fazer acompanhamento no instituto Pelé?

Ni: Fez, aí foi onde ele começou a ler e a se desenvolver.

Moderador: Como que funciona lá? Só pode ficar um tempo?

Ni: Só um tempo. Agora talvez possa voltar! Porque tem vagas, aí as outras crianças também precisam né!

Moderador: E foi lá que ele começou a ler?

Ni: Foi lá. Com os jogos que eles fazem, a terapia, ele consegue se concentrar melhor, pois antes ele não se concentrava! Ele aprendeu em um sentido, em parte, não total. Melhorou desempenho na escola.

Moderador: E hoje, o que você pode dizer que sabe sobre o TDAH?

Ni: O que eu sei assim é que se for tratado, se for ajudada a criança, ela vai ser um adulto melhor, digamos assim. Porque cura, cura em si não tem! Porque é um transtorno que se não for tratado, principalmente nesse início, vai ser um adulto com bastante dificuldade, assim... não sabe o que quer da vida, não fica em emprego nenhum, não é uma pessoa que sabe diferenciar muito as coisas.

Moderador: E você está estudando bastante esse tema agora, está fazendo o mestrado! E como está sendo essa experiência para você?

Ni: Ah, está sendo um aprendizado. O que eu não imaginava, que seria daquela forma, então está me ajudando bastante.

Moderador: Está te ajudando com o Júnior?

Ni: A lidar melhor com ele, em cada situação também, porque tem situações que você fica sem saber o que fazer.

Moderador: E hoje como você se enxerga como mãe? Você poderia dizer uma palavra para se definir enquanto mãe?

Ni: Eu acho que como mãe eu faço tudo que eu puder para que o meu filho melhore, pelos meus filhos né, não é só ele, ele com mais as dificuldades, acho que fica mais "em cima" assim.

Moderador: Como mãe do Junior, que palavra que você usaria para se definir ?

Ni: Eu acho assim que...

Moderador: Pode pensar um pouquinho se você preferir...

Ni: Uma palavra? Eu acho que dedicação. Porque ele demanda bastante cuidado, bastante atenção!

Moderador: E práticas educativas? Você já ouviu falar nisso? Assim... o que você entende por práticas educativas?

Ni: Eu acho assim, que a prática educativa depende muito da criança, da pessoa, então ele é um ser humano, não tem uma coisa definida, você tem que levar conforme você vai conhecendo seu filho, conforme a necessidade do momento, seja na escola, seja em casa e cada um é um. Não adianta dizer que "todos os TDHAs são assim", cada um é um e eu já vi que tem que ir aos poucos e não tem como dizer que é igual. Como na sala de aula, vai fazer igual pra todos? Não. E com o Júnior nesses três anos eu já aprendi bastante a como lidar com ele e não deixar ele agitado. Os pais tem que aprender nesse sentido, não é fácil, não é, é difícil, mas com o tempo e conhecendo melhor seu filho é mais tranquilo.

Moderador: Então você entende que seria mais ou menos a maneira como se adapta a forma como se lida com indivíduo.

Ni: A cada sujeito e a cada momento, porque cada momento a criança age de uma maneira, principalmente se eles chegam em um local estranho, não tem como você segurar eles. Eu sei pelo Júnior, se eu chego em um consultório estranho, enquanto ele não conhecer o local ele não para sentado, depois não. Na segunda vez ele está mais calmo, para sentado e tudo.

Moderador: E isso você aprendeu na prática.

Ni: Aprendi mesmo! Eu queria que ele ficasse ali sentado, comportado, como a maioria, mas não... eles não são a maioria, eles são únicos né, então é nesse sentido. Você vai aprendendo com eles também.

Moderador: Já é diferente o que você faz com ele do que você faz com a sua outra filha, ou até mesmo como faz com irmã que já é adulta, né.

Ni: Sim.

Moderador: Você até comentou que quando você recebeu o diagnóstico procurou alguns grupos de apoio para ver se existiam e não encontrou. E hoje, três anos depois, acha que seria importante ter um grupo de apoio, um lugar onde os pais que tem crianças diagnosticadas com TDAH possam ir para trocar experiências?

Ni: Sim, é muito importante porque há a troca, né! Como eu falei, cada um é um, mas no grupo cada pai poderia colocar sua experiência, eu acho que iria ajudar muito com as crianças, com os filhos! Trocar as experiências, as informações, muito bom!

Moderador: Achei interessante que você falou de adaptar as práticas educativas de acordo com o indivíduo, então no caso seria interessante que eles trouxessem relatos das suas práticas.

Ni: Sim, porque as regras que são pros meus, ou pra ele, não são as mesmas para os deles, depende da sua rotina, da sua vivência, de tudo né, de onde, do ambiente em que ele está inserido. A criança com TDAH precisa de tudo bem claro, eles têm mais dificuldade em entender. Tem que ser objetivo, quanto mais você faz rodeio, mais ele se dispersa porque não é interessante pra ele, ele também não consegue assimilar.

Moderador: E você tem contato com outros pais que têm filhos com TDAH?

Ni: Eu tenho uma colega no Hospital que tem dois filhos com TDAH. Eu fui conversar bastante com ela, pra ajuda.

Moderador: E você acha que essa mãe também teria interesse em um grupo de apoio social?

Ni: Sim, porque ela também me relatou que no início foi a mesma coisa, ficou perdida, sem saber o que fazer!

Moderador: Você quer acrescentar mais alguma coisa, que acha que a gente não conversou e é importante pra gente entender um pouco da dinâmica do seu filho?

Ni: Acho que não...

Moderador: Vamos conversar mais pra frente ao longo do grupo!

Ni: Sim!

Moderador: Então obrigada pelo tempo que você cedeu aqui pra gente e eu entro em contato depois.

Ni: Obrigada!

C.2: Registro de entrevista inicial com Lavínia

Identificação da criança

Nome: Miguel

Data de Nascimento: 07 de abril de 2009

Sexo: Masculino

Ano: 1º ano

Atendimentos que realiza – Frequência: Psicomotricidade uma vez na semana.

Psicologia uma vez na semana, há 3 anos.

Filho adotivo.

Identificação do responsável

Nome: Lavínia

Profissão: Professora

Escolaridade: Pós-graduação em dança, educação inclusiva e séries iniciais.

Graduada em Educação Física

Religião: Umbanda

Identificação familiar

Sexo e idade de irmãos. Quem mais reside na mesma casa?

Somente os dois

Entrevista

Moderador: Então Lavínia, muito obrigada por ter entrado em contato comigo, por ter vindo até minha casa para conversarmos... A minha amiga que te indicou o grupo, não foi?

Lavínia: Isso, ela me mandou um whatsapp falando sobre a sua pesquisa com TDAH, e disse que você estava com uma proposta legal para aplicar com os pais, e como eu vivo correndo atrás de ajuda, e de coisas que possam me ajudar, achei muito legal.

Moderador: Que bom, ela é muito bacana... Mas então você sempre está atrás de ajuda... e quando estávamos preenchendo a identificação da família você comentou que o Miguel é adotado... quer falar um pouquinho sobre a história de vocês dois?

Lavínia: Então, como eu falei no início, somos só nós dois, só eu e o Miguel. Não tem papai agora, nem nunca teve. O Miguel está com 6 anos, ele veio morar comigo com quase 3 aninhos. Eu sempre pensei em ter alguém pra ficar comigo, sempre pensei em uma criança... Eu me separei um tempo atrás e mesmo assim continuei querendo uma criança, e o normal é a pessoa casar, ter filhos, enfim... mas eu vou confessar uma coisa para você, eu realmente não consigo ficar perto de bebês. Algo neles me dá um negócio (risos)... então resolvi pular isso tudo.

Moderador: Ah, sim, pulou a parte do bebê! (risos)

Lavínia: Isso mesmo (risos)... E quando eu peguei o Miguel, pelo o que eu sei ele tem mais irmãos que estão com a mãe, mas ele foi o único que ela entregou... Miguel vem de uma história de drogadição, a mãe era viciada em crack, mas pelo o que me contaram quando ela entregou o Miguel, já estava livre da droga, entregou só ele... Esse aqui é um relatório, pode dar uma olhadinha depois... pelo que sei há uma questão amorosa por trás que motivou a mãe abrir mão dele. Então o Miguel não lembra de nada da mãe, mas nas fantasias dele, ela é sempre boa. Quando nós saímos, ele diz que já foi com a mãe em determinado lugar, mas claro, tudo imaginação, ele não lembra de nada.

Moderador: Então você sempre deixou claro que ele foi adotado?

Lavínia: Sim, quando a gente vai adotar, precisa passar por um curso, são 8 encontros. Nós somos instruídos a deixar claro sempre que a criança nasceu da barriga de outra pessoa, mas que a outra mãe ficou fraquinha... e agora sou eu que estou cuidando de você, eu sou sua mãe, te amo muito, te quero muito... a psicóloga que cuida de questões de adoção nos orienta desta forma. Ele sempre fala da mãe dele, e a figura do pai, ele acabou vinculando com o tio da condução, tivemos que ir alimentando isso, que a psicóloga orientou, e depois cortamos essa figura, porque estava ficando chato até mesmo para o tio da condução, que tem família e tudo mais, e o Miguel ficava chamando ele de pai... E o Miguel ficou tranquilo sobre isso, não fala do pai, mas ele é.... tá louco! (risos) Um furacão! E eu fui procurar ajuda sobre isso também. E a psicomotricista relacional está trabalhando com essa questão do pai dele, diz que o fato de ele ser todo elétrico pode ser um desalinho em função de, assim, cade esse pai? Então ela está trabalhando com o pai simbólico dele. Me dá até medo, porque esse pai estava tão quieto... (risos).

Moderador: Miguel não para então! Não controla o corpinho! (risos) E vocês dois, o que costumam fazer juntos? Por exemplo, nesse final de semana, o que fizeram?

Lavínia: Bem, neste final de semana em específico... bom, nós fomos juntos em um churrasco de aniversário... a gente fez as refeições juntos... conversamos...

Moderador: E sozinho, você consegue lembrar o que ele fez?

Lavínia: Ele gosta de ler, na verdade, ver as figuras dos livros, ainda não é alfabetizado, ele adora... assistiu, assistir televisão é algo que ele faz com empenho, se concentra mesmo! (risos).

Moderador: E em casa, o Miguel tem seu próprio quarto/espço, ou divide com você?

Lavínia: A gente se mudou pra um lugar bem grande, então ele tem o quarto dele, eu também fiz um espaço de canto de leitura que ele gosta muito... ele tem os espaços dele, pra ficar lendo e tudo mais, pra dormir, fazer lição.

Moderador: E quanto à lição, como é? Você fica junto com ele, ou ele faz sozinho...

Lavínia: Ah, eu tenho que ficar junto, juntinho! (risos). Agora mesmo antes de vir para cá, estávamos na minha mãe, que ama ele de paixão, fazendo a lição. Então ele chega da aula e já vai fazer a tarefa.

Moderador: Ele consegue se organizar com os materiais dele e tarefas sozinho?

Lavínia: Não, ele é bem desorganizado, eu tenho que ficar em cima. Aí eu fico junto com ele pra gente se organizar e vejo o que tem que fazer pra gente fazer junto.

Moderador: Então vocês fazem as tarefas juntos, depois da aula... Você poderia me contar como foi a rotina de vocês ontem, por exemplo?

Lavínia: Bom... O Miguel acorda, na verdade eu acordo ele... tomamos café e eu levo ele para a escola. Trabalho o dia todo, em duas escolas diferentes. Tenho um padrão no estado com um 6º ano. A tarde eu busco o Miguel na escola, conversamos um pouco no carro, mas ele acaba dormindo... o caminho é longo e pegamos a linha verde bem na hora do pico. Quando chegamos é lição, aí janta, banho e ele fica livre para ler ou ver tv um pouco antes de ir dormir.

Moderador: E no final de semana?

Lavínia: Ah, seguimos mais ou menos a mesma rotina, mas temos os passeios... sempre procuro oferecer que ele vá ao cinema, teatro, enfim... passeamos bastante.

Moderador: Você disse que ele gosta de ler... em casa ele tem materiais variados disponíveis?

Lavínia: Tem sim... sempre estou vendo o que pode ser interessante para ele, que pode agregar. Isso não falta pra ele, procuro oferecer muitos momentos de questão cultural, e materiais relacionados a isso.

Moderador: E ele gosta?

Lavínia: Nossa, se eu levo em uma exposição, por exemplo, não tenho criança... super comportado, demonstra que gosta mesmo.

Moderador: E com relação à comportamento, qual foi a última vez que o Miguel teve algum problema e como você lidou com isso?

Lavínia: Então, quando ele estava no CMEI, sempre me chamavam para conversar sobre ele, questão de desentendimento com colegas, enfim... Eu procurava conversar, mas era tão frequente, que eu senti que ele não estava mais se acertando na escola, então pensei em mudar. Coloquei ele na Escola X, e nossa, foi e está

sendo uma maravilha. O Miguel não é fácil nessa questão de comportamento, mas pelo que vi eles têm uma metodologia diferenciada, que não é de ficar toda hora reclamando da criança para os pais... eles tem algumas diretrizes e dão conta desses direcionamentos. Mas claro que eu sempre pergunto como ele está, eles me passam e eu converso com ele.

Moderador: E pra você, quais são as maiores dificuldades que você identifica em lidar com ele?

Lavínia: Ah... é essa questão de fazer ele parar para ouvir.

Moderador: E como você lida quando ele está agitado, não para quieto e fala demais?

Lavínia: Olha, confesso que eu já fui mais nervosa, logo no início eu não entendia o que estava acontecendo, porque ele não parava, então eu logo pegava o chinelo e resolvia assim. Mas tenho procurado ajuda e já melhorei bastante. Estou mais paciente, converso com ele.

Moderador: E quando ele não presta atenção no que você fala e tem dificuldade de organizar as tarefas e atividades?

Lavínia: Da mesma forma, muita conversa, porque não é fácil. Você tem um bebê pequeno, vai ver como será quando ela for maior, porque você também é professora. Mas não sei você, mas eu não consigo associar a figura de mãe com a figura de professora... Sou completamente diferente. A teoria cai por terra... já fui de gritar com o Miguel e tudo mais. Daí pensei que não dava pra devolver ele porque o prazo já tinha passado (risos), brincadeira, mas fui criando formas de contornar sem perder a paciência.

Moderador: (risos) Que formas? Existem regras e limites estabelecidos?

Lavínia: Então, eu comecei a tirar coisas se ele não fazia o combinado. Nós temos combinados. Exige paciência, mas vem funcionando com ele.

Moderador: E sobre quais assuntos você conversou com ele ontem?

Lavínia: Bom, eu sempre pergunto sobre a escola, como que está.... tenho que ficar puxando assunto com ele, senão não fala.

Moderador: E hoje?

Lavínia: Então, sobre a escola... mas assim, ele dorme na volta, e de manhã está meio dormindo, mas sobre a escola. Quando nós saímos, geralmente ele conversa, fantasia na verdade, sobre as coisas que fez com a outra mãe.

Moderador: Você trouxe o parecer psicoeducacional da avaliação que o Miguel realizou no ano passado... Porque você procurou ajuda?

Lavínia: Então, a escola me colocou um alerta... e o Miguel é desatento, agitado, e impulsivo... chegando até a ser agressivo, então eu queria ver o que estava acontecendo. O parecer da psicopedagoga, como você pode ver aí, sugere hipótese de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, tipo predominante hiperativo-impulsivo. Eu já levei no Neurologista, ele diz que tudo indica que mais para frente ele receba o diagnóstico de TDAH, mas que ele ainda é muito novinho para ter laudo, tomar medicamento... Ele já tomou medicamento, mas fomos tirando aos poucos.

Então a psicóloga que ele frequenta é para enfatizar o desenvolvimento do autocontrole.

Moderador: E o que você sentiu quando o Miguel recebeu esse parecer e o que aconteceu depois?

Lavínia: Ah, eu fiquei bem preocupada, mas já sabia da história dele, que não iria ser fácil, e assim, daquilo que a gente não dá conta, tem que procurar ajuda.

Moderador: O que você sabe sobre TDAH?

Lavínia: Pra falar a verdade não me aprofundi muito. Na escola onde trabalho, tem uma equipe pedagógica muito boa, então a gente deixa que eles tomem os encaminhamentos... Mas é o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade que dificulta que a pessoa tenha autocontrole... mas quero saber mais.

Moderador: E como você se enxerga enquanto mãe? Pode citar uma palavra para definir?

Lavínia: Ai... enquanto mãe... bom, uma palavra, seria “oportunizar”. Eu me vejo como alguém que oferece oportunidades, de educação, cultura, atendimentos... quero que ele experencie diversas coisas e tenha oportunidades diversas.

Moderador: O que você entende por práticas educativas?

Lavínia: Ah, eu acho que seria a forma como a gente se posta para educar, formar.

Moderador: E de que forma você acha que a sua participação em um grupo com pais que também tem filhos diagnosticados com TDAH pode te auxiliar na educação do seu filho?

Lavínia: Ah, nossa, de diversas formas... Eu preciso conversar com mães que tem crianças assim também, que não param! Saber o que dá certo para elas.

Moderador: Quer acrescentar mais alguma coisa?

Lavínia: Então, eu vou deixar esses relatórios com você para ler, e quando começarmos o grupo aí eu pego novamente...

Moderador: Beleza, muito obrigada Lavínia! Vou conversar com as outras mães e te digo certinho e data em que iremos começar, mas será na Santos Andrade mesmo. Obrigada!

C.3: Registro de entrevista inicial com Marjori

Identificação das crianças

Nome: Danton

Data de Nascimento: 19 setembro 2002

Ano: 7º

Atendimentos que realiza – Frequência: Psicopedagogia 2 vezes na semana, um dia focando no emocional e outro no psicopedagógico. Neurologista a cada 3 meses.

Nome: Enzo

Data de Nascimento: 04 junho 2004

Ano: 6º

Atendimentos que realiza – Frequência: Já fez fonoaudiologia e psicologia, agora somente neurologista a cada 3 meses.

Identificação do responsável

Nome: Marjorie

Profissão: Professora

Escolaridade: Especialização. Graduação em Pedagogia.

Religião: Evangélica

Identificação familiar

Sexo e idade de irmãos. Quem mais reside na mesma casa?

São os dois irmãos, morando com a mãe e o pai.

Entrevista

Moderador: Oi Marjori, obrigada por me receber hoje pra gente conversar um pouco... Eu sei que você tem dois filhos diagnosticados com TDAH, então eu vou fazer algumas perguntas e você pode ir respondendo sobre o Danton e o Enzo. Então assim, por exemplo neste final de semana, quais atividades você percebe que eles realizaram sozinhos?

Marjori: Ah tá, mas assim, tudo?

Moderador: O que você lembra que eles fizeram agora, nesse fim de semana.

Marjori: Eles fazem bastante coisa sozinhos. Eles levantam, eles fazem o seu próprio café. Aí no final de semana eles vão, ou jogar vídeo game, ou assistir tv, ou eles gostam de brincar fora com aqueles negócio de Nurf. É uma arma que gruda, que tem uma ventosa. Deixa eu lembrar... Ah, nesse fim de semana cada um foi pra casa de um amigo. O Danton se organizou pra ir no aniversário de uma amiguinha da escola, e de lá foi pra casa de um amigo. Ficou lá até 21:30. E o Enzo foi pra casa de um outro amiguinho... Mas eles são bem independentes, eles conseguem fazer bastante coisa hoje sozinhos. O Enzo precisa de mais orientação. Ele é mais desorganizado.

Moderador: E em família, o que vocês fizeram juntos?

Marjori: Então, como eles ficaram mais na casa dos amigos, então o que a gente fez juntos foi mais só vir pra igreja. E almoçar, mas a gente não saiu.

Moderador: E eles tem em casa o próprio quarto, o próprio espaço deles?

Marjori: Cada um tem o seu quarto, tem o seu espaço.

Moderador: E em casa, nas atividades escolares, como que é, você auxilia eles? Como é esse momento?

Marjori: Então, agora tá melhor, então eles tem uma rotina. Eles chegam da escola 12:45, tem aula até 12:30. Então eles chegam, a gente almoça juntos, em família, aí termina de almoçar e eles tem um período de descanso até umas 14h, 14:30. O Danton faz Muay Thay, então algumas vezes na semana ele vai para depois começar as atividades. Mas geralmente eles descansam e a partir de umas 15 horas eles começam as atividades da escola. Eu não fico junto fazendo as atividades, quando eles tem alguma dúvida, eles falam “mãe eu não tô entendendo”, então eu faço junto. Mas eu tenho que retomar, porque às vezes a pergunta é assim: Cite dois exemplos de energia que o Brasil tem, e eles respondem “sim”.

Moderador: Mas você que é por não compreender a pergunta ou porque querem fugir da lição?

Marjori: Então, o Danton às vezes ele não compreende e eu tenho que retomar. Então com ele, o mais velho, demanda mais tempo fazer a tarefa. Já com o Enzo, é pra fugir. Eu tento não ficar o tempo todo junto, mas procuro ir, bater na porta do quarto, ver se está fazendo a tarefa.

Moderador: Então retomando a rotina deles, eles levantam sozinhos...

Marjori: Não, a gente acorda eles, 06:45, se arrumam, tomam café e vão sozinho para a escola, a pé, na escola Evangelium. Ficam até 12:30, 12:40 na escola. Quando tem reforço de inglês, eles ficam até 13 horas, uma vez por semana. E na quinta-feira a tarde eles ficam na escola para o reforço de matemática.

Moderador: E depois eles chegam em casa...

Marjori: Daí eles chegam, tem esse momento de descanso, o Danton faz Muay Thai e o Enzo a gente tá tentando achar um esporte pra ele fazer.

Moderador: Já tentou alguma coisa?

Marjori: A gente já colocou no fustal, não gostou. Na natação, não gostou. Daí ele queria ginástica olímpica, daí a gente levou, mas é até doze anos. Então estamos vendo se ele vai levar a sério pra seguir em frente, vamos ver se ele vai querer... hum, então até 18 horas eles não assistem tv, e depois das atividades eles sobem, tomam banho, fazem lanche e depois vão ter as distrações deles até dormir.

Moderador: E eles tem acesso a vários materiais, livros... eles gostam?

Marjori: Eles têm acesso, mas assim, o mais velho por exemplo que tem dislexia junto, ler para ele não é um prazer. Já o Enzo, ele gosta de ler, mas também está em uma fase em que não para muito para ler, está mais na questão de joguinhos, mas ele lê, e lê bem rápido inclusive.

Moderador: E qual foi a última vez que eles tiveram algum problema de comportamento, em casa ou na escola?

Marjori: O Danton tinha bastante problema até o quarto ano, porque não podia acontecer nada com ele que ele ia pra cima, não tinha controle, e começou a fazer uso da medicação. Então depois da medicação, não tivemos mais ocorrências assim, mas ele tem uma personalidade bem forte, mas é tranquilo no sentido de que a gente fala e ele entende. Fora de casa, ele é educado, não tenho problemas, mas em casa ele é mais complicado, principalmente com o irmão. Já o Enzo é mais temperamental. Ele incomoda os outros, não para, fica falando... não que venha bilhete reclamando, mas sempre tem relatos dos professores. E agora que ele está maior, está tendo um distanciamento dos meninos... e meninas também. Ele tem um amiguinho. Então esses dias eles faltou, e entrou em um grupo só de meninas para fazer o trabalho, e as meninas não quiseram que ele fizesse junto e fosse na casa, porque ele é muito bagunceiro. Isso foi bem marcante para ele... então assim, ele teve que fazer o trabalho sozinho. Então tem esses casos isolados, mas em casa, o tempo todo tem que pedir pra parar.

Moderador: E como vocês abordam isso com eles? Conversam, tem regras?

Marjori: Então, a gente tem, mas com o Enzo é um pouco mais complicado, pra ele conseguir obedecer. Então sempre tenho que falar: Enzo, passou dos limites, deu. Então pedimos para ele ir para o quarto. Pra gente até não incomoda tanto, mas ele invade muito os limites do irmão dele, pra ver até onde pode ir. Ele pula em cima, quer brincar, quer abraçar, pula em cima do cachorro, invade muito o espaço do irmão. Hoje é o que temos que lidar com ele, até pra respeitar a gente. Na maioria das vezes ele entende, sai chateado e tal, mas consegue compreender.

Moderador: Então sempre na conversa, pedindo pra ir pro quarto, enfim... pra conversar depois com mais calma, depois de pensar....

Marjori: Isso, e eu me preocupo também com a questão do emocional, mais com o Enzo. Ele tem que parar e entender, essa é a maior dificuldade, essa agitação, impulsividade.

Moderador: E com o Danton, qual você identifica que é a maior dificuldade?

Marjori: Como ele está entrando na adolescência, é fazer ele entender que a dislexia e o TDAH não é motivo para se 'folgar', porque ele relaxa e quer muito as coisas prontas, ele usa como uma muleta. Então a maior dificuldade é fazer ele entender que ele é capaz e que apesar dos problemas ele consegue realizar e não precisa usar sempre o amuleto dos diagnósticos. Por que eu acho que em algum momento da vida escolar dele a gente deixou transparecer que a escola é que tinha que dar conta de algumas coisas com ele, e ele pegou isso no ar. Então estamos tentando tirar isso agora, mesmo que seja difícil, ele tem que ver que é capaz. Ele se fecha muito nisso, diz que não gostam dele, ou não conversam, por causa do problema. Ele precisa decidir um norte para ele.

Moderador: E assim, quando eles não prestam atenção no que você fala, tem dificuldade de organizar a tarefa, como que é?

Marjori: Olha, não tem como dizer que a gente não perde a paciência, é bem complicado. Eu já gritei bastante, mas nunca bati por isso, nunca, mas a questão de perder a paciência é bem fácil. Porque se eu digo que tem que fazer algo, já falam que não querem ou que já vão fazer, e um vai reforçando o irmão. Então eu tenho que ser mais firme, vai fazer agora, pronto, acabou. O meu marido, falou tá falado. Comigo que é um pouquinho leve, eles tentam dar uma enrolada, mas temos bastante diálogo.

Moderador: E sobre quais assuntos geralmente vocês conversam?

Marjori: Vários assuntos, vários...

Moderador: Hoje, por exemplo, sobre o que vocês conversaram?

Marjori: Bom, na hora do almoço... bom, o Enzo é bem questionador. Então ele... ah, ele queria saber... ah, era alguma coisa de alimentação, então assim, os assuntos são bem variados, então assim, hoje tinha xuxu, tinha cenoura, batata e tal, batata doce.. e ele disse, ai eu não gosto de batata doce. Ah, mas tem que experimentar... ah, mas eu já experimentei e não gostei. Aí só vou comer isso, aí a gente não, tem que comer carne, proteína e tal... e ele diz, ah, mas e se isso, e isso... aí ele viaja e tal...faz toda uma conjectura e a gente vai conversando sobre isso. A gente conversa sobre a escola, conversa sobre esporte, sobre o que a gente vê no jornal, de guerra, então os assuntos são bem variados. Mas não há nada em que eles sejam aficcionados em um só assunto. A gente conversa sobre bastante coisa, sobre os amigos, até sobre namoro, a fase em que eles estão.

Moderador: Igreja, vocês vão quantas vezes na semana?

Marjori: Então, isso já é mais frequente, porque o meu esposo ele trabalha aqui. Terça-feira a gente tem reunião e eles vão junto. Na quarta tem o grupo da idade deles que eles participam. Aí na sexta tem reunião também e no domingo.

Moderador: E eles, como eles se comportam nesses momentos?

Marjori: Eles gostam, porque o Danton ele já ajuda com as crianças, ele participa da escala, ele entra no berçário pra ajudar com os pequenos, ele gosta disso. Mas também não fica sentado escutando não, principalmente no domingo. Mas no culto deles que é na sexta feira a noite ele gosta, ele presta atenção, e na célula também. Ele sempre conversa sobre isso, quer dar suas opiniões, é bem participativo. Já o Enzo é mais expansivo em todos os momentos.

Moderador: Ah, legal... e sobre o TDAH, quando que foi que eles receberam o diagnóstico?

Marjori: Tá então o Enzo foi mais tarde. O Danton, quando ele entrou no 1º ano, nós percebemos que ele tinha dificuldade. Chegou no final do 1º ano sem saber a questão do alfabeto, das cores, e nós optamos por fazer o 1º ano. Só que quando ele repetiu o 1º ano e chegou no final novamente com as mesmas dificuldades, a gente levou ele no neuro, e logo na primeira consulta, já foi levantado um alerta, então o Danton tem o laudo de TDAH desde os 6 anos. O Enzo sempre foi bem ativo, só que como ele ficou mais tempo em casa, foi uma criança que a gente levava para a escola e ele não queria ficar, então a gente começou a perceber isso dele no 2º pro 3º ano. Começamos a ver uma dificuldade com questão de letra, mas como ele se alfabetizou rápido e tal, a gente não notou... mas quando ele estava no 2º pro 3º, que os conteúdos estavam mais complicados, ele dava pirueta dentro da sala de aula, daí os professores começaram a chamar na escola. Mas assim, ele sempre assistiu televisão de ponta-cabeça, e aí quando a gente foi chamado, até já imaginava. Ele teve o diagnóstico com 8 anos.

Moderador: E quando eles receberam esse diagnóstico, o que você sentiu?

Marjori: É bem ruim, porque na verdade a gente não tem muito conhecimento, mesmo a gente sendo da área da educação. Na minha faculdade não foi falado, claro, eu me formei em 2000, mas não tinha muita repercussão sobre esse assunto como tem hoje. Quando a gente falava em inclusão se falava em crianças com necessidades especiais mesmo. Só que eu sabia que tinha algo que não era comum. Eu fiquei mais preocupada na verdade com a questão deles na escola, de não sofrer o tal do bullying, de não ser discriminado... lembro que logo eu li aquele livro, "No mundo da Lua", comecei a ler, me informar. Quando veio o diagnóstico de dislexia, foi mais difícil. Eles têm a questão de não conseguir prestar atenção, e a maior preocupação é de não expô-los. Mas às vezes não tem como não expor. Então por exemplo na igreja, vai na classinha. Chega na classinha e não sabem ler, então você tem que falar. Ou então, ah, o seu filho não para, e você tem que explicar porque que ele não para. Então isso é bem complicado, porque a gente como família procura entender, mas eu vejo que é mais difícil com os outros do que com a gente em casa. Eu lembro que questão de corrigir ou por de castigo, e gente começa a questionar até que ponto vale a pena pois não se sabe quando vai além da vontade de obedecer e entra na questão do autocontrole.

Moderador: E hoje, o que você sabe sobre o TDAH?

Marjori: Então, hoje a gente sabe que é um distúrbio, que causa essa questão de falta de atenção, que tem a questão da hiperatividade que são impulsos que não dependem só dele, e que o maior transtorno que a gente vê é na vida acadêmica, se bem que o Enzo, ele já tem problemas sociais com isso, e a gente procura ler, estudar sobre isso, mas é uma coisa que a gente ainda não entende, você vive com, mas ainda não entende direito o que é.

Moderador: E se você fosse se definir enquanto mãe, o que você enxerga dessa tua figura de educadora, se pudesse colocar uma palavra pra definir...

Marjori: Ah, eu acho que é persistência. Eu vejo que tem muitas mães que cansam. Você tem que persistir e acreditar. Não é em função do TDAH que eles não vão aprender e tal. Eles têm algo bom e capacidades, às vezes até melhores que os outros, mas você precisa entender e canalizar pra aquilo. Então esses dias o meu marido disse que viu que o Enzo ligou para um amigo, ele pegou o telefone com a mão direita e anotou o telefone com a mão esquerda, e escreveu como se fosse com a mão direita. Ele disse que aquilo chamou tanto a atenção... e eu falei, mas é que ele é inteligente, só que ele não consegue parar pra focar porque o pensamento dele é super acelerado. Então eu vejo assim, que é persistência e superação, entender pra não machucar. Aqui na igreja a gente lida com muito adulto e vê as sequelas que ficaram da infância, quando os pais não souberam lidar com um tipo de comportamento. Então assim, é persistir.

Moderador: E por práticas educativas, o que você entende?

Marjori: Ai que pergunta... (risos) então, quando a gente fala em educação a gente logo remete pra escola, então práticas educativas eu acho que é bem isso mesmo, você achar um meio pra fazer com que a criança, o filho, seu aluno, consiga entender. Então assim, até mesmo uma coisa em casa. A gente usa muito a questão de jogos. A gente joga de jogar. Eu não sei, não tenho um conceito formado, porque eu tenho uma dificuldade, eu misturo muito o profissional com o “mãe”. Então é bem complicado. Várias vezes já tentei trazer coisas lúdicas pros meninos, principalmente na época da alfabetização. Hoje já tá num momento em que eu não consigo mais. A prática educativa deles hoje já é muito de escutar o que o professor fala, fazer resumo e trazer pra casa pra estudar. Então esse é um conceito que eu ainda fico meio insegura.

Moderador: E de que forma você acha que participar de um grupo que tem outros pais de crianças com TDAH pode ajudar pra você na educação dos meninos?

Marjori: eu acho muito válido, porque tudo o que a gente viveu, foi ou com a orientação de profissionais, ou por intuição. E nesse tempo todo a gente conviveu com muitas pessoas que não aceitam que o filho tem alguma coisa, ou por exemplo, no ano retrasado chegou um pessoal aqui na igreja e contou que o filho levou doze ocorrências na escola, colégio particular, e foi convidado a se retirar. E os pais não aceitavam, mesmo tendo laudo e tal... e precisou chegar nesse ponto de falarem, ou vocês levam seu filho ao médico, ou a gente não quer mais ele na escola. E isso pra uma escola particular falar, é bem complicado. Eu vejo vai ser legal pra gente trocar experiências, pra entender um pouco mais sobre o que o TDAH é, o que está sendo feito em outras famílias. Eu procuro muito na internet, faço parte de vários grupos que tem filhos com TDAH, com dislexia e tal, e tem cursos, só que eles são geralmente em São Paulo, no Rio de Janeiro, tem muita coisa em inglês, e é difícil também ter tempo hábil para estudar isso. Então vai ser bacana, bem válido mesmo, pra trocar experiências, ah, isso eu fiz, deu certo.... isso não deu, ou eu não consigo. Sempre me dizem, ah, TDAH tem que ter uma rotina, ah, eu não consigo fazer essa rotina

com o Danton, como eu faço com o Enzo, assim, de ele ter todos os horários e fazer ele cumprir, então vai ser bem legal pra gente trocar ideias.

Moderador: Então seria isso Marjori, muito obrigada, eu entro em contato pra passar certinho a data em que iniciaremos o nosso grupo... Obrigada!

C.4: Registro de entrevista inicial com Gabriele

Identificação da criança

Nome: Eduardo

Data de Nascimento: 19 de dezembro de 2003

Sexo: Masculino

Ano: 5º Ano

Atendimentos que realiza: Já realizou psicologia, mas atualmente já recebeu alta do atendimento

Identificação do responsável

Nome: Gabriele

Profissão: Vendas

Escolaridade: Superior

Religião: Católica

Identificação familiar

Sexo e idade dos irmãos. Quem mais reside na casa?

Uma irmã de 7 anos e o pai

Entrevista

Moderador: Então assim pra você falar coisas bem da tua realidade, bem próximas da tua realidade, por exemplo nesse final de semana o que o Eduardo fez sozinho?

Gabriele: Esse final de semana ele foi pra praia.

Moderador: Ele foi pra praia?

Gabriele: Sim, ele desceu com o meu marido e a família dele, e eu e minha filha a gente foi com os meus pais pra Antonina, não fiquei com ele no último final de semana.

Moderador: E geralmente nos finais de semana quando você vê que ele tá em casa como é, o que ele faz sozinho, que atividades que ele faz?

Gabriele: Não, ele gosta de jogar videogame, assistir, ficar na internet. Andar de quadriciclo, ele tem aquele "cem", e brincar.

Moderador: E juntos o que vocês fazem?

Gabriele: A gente brinca de andar de quadriciclo junto, quando vai fazer piquenique, gosto de levar eles ali no parque Bacacheri, eu levo toalha, estendo, eles ficam brincando de bola, sabe, fazendo piquenique.

Moderador: Nesse momento ele se comporta, como que é?

Gabriele: Até que se comporta, às vezes tem que chamar a atenção, mas se comporta sim, o problema com ele é mais na atividade mesmo, se concentrar, é igual quando

tem lição de casa, tenho que ficar sentada aqui, ele começa a ficar nervoso, você tem que ir meio interagindo com ele pra ele fazer, ele foi fazer lição de matemática, foi fazer as contas de divisão de 2 e 3 números, é chato, aí eu começava a brincar com ele no celular, a contar, falava assim, vamos ver se vai bater, aí ele vai e daí batia, ele é bom em matemática, tem que ficar tudo na brincadeira, tudo interagindo com ele, se você chegar e falar “copia essa folha” não vai, chora, chora e não sai daquilo, não vai pra frente.

Moderador: E a lição de casa geralmente então você fica juntinho com ele?

Gabriele: Tem que ficar junto, ela não manda muito, a professora falou que a maioria das crianças não faz e que é uma coisa pra se estressar, mas quando vem você tem que ficar sentada ali do lado dele ajudando o tempo todo.

Moderador: Ajudando.... E ele organiza os materiais dele?

Gabriele: Ele que organiza, ele que pega o material que vai usar hoje, ele que pega sim.

Moderador: Se tem lição vem anotado na agenda, ele escreve ou ele não coloca?

Gabriele: Não, eles não marcam, já é quinto ano, não marcam na agenda não.

Moderador: E aqui na casa ele tem o espaço dele, onde que ele faz a lição, ele tem o quarto dele?

Gabriele: Tem o quarto dele, mas a lição ele faz aqui. (na sala de jantar)

Moderador: Ele tem o quarto sozinho dele?

Gabriele: É, sozinho.

Moderador: Em casa ele gosta mais de ficar sozinho?

Gabriele: Não, ele conversa, ele gosta de conversar, ele gosta que sente ali (no sofa da sala, em frente à sacada) e fique contando história, ele gosta quando o meu marido tá dormindo e a minha filha tá dormindo, a gente fica sentado ali conversando, então ele não é isolado, é uma criança bem comunicativa, gosta de conversar.

Moderador: Se fosse pra pensar, hoje por exemplo, sobre quais assuntos vocês conversaram?

Gabriele: Hoje, se a gente se vê hoje?

Moderador: Hoje você viu ele né?

Gabriele: Ainda não, só de manhã.

Moderador: De manhã? Vocês conversaram de manhã?

Gabriele: Não, hoje de manhã não deu tempo, só se trocou e já saiu, ele falou que quer conversar comigo do motivo da separação.

Moderador: Ah tá... e ontem, foi ontem que ele ficou nervoso?

Gabriele: Foi, é bem nervoso sim. Ontem na verdade, porque eu não queria que ele

ficassem sabendo da separação, se eu começar a chorar desculpem.

Moderador: Imagina.

Gabriele: Eu não queria que eles ficassem sabendo assim por outras pessoas, queria que eu falasse a verdade, daí o meu marido foi lá na minha sogra e acabou falando e ele fica lá na loja da minha sogra e o Eduardo fica lá a tarde. Eles tem loja de material de construção e ele fica com a minha sogra ou vai fazer alguma coisa com o meu sogro, de caminhão, fazer entrega, essas coisas, aí escutou o meu marido falando e chorando. Aí ontem quando a minha sogra trouxe eles aqui eu vi que eles estavam diferentes. Daí meu filho acabou perguntando. Ele é bem assim, tem 11 anos mas é bem cabeça, a gente conversa de igual pra igual, bem tranquilo, aí eu vi que ele tava do jeitinho mas começou a conversar e ele começou a chorar... “O que tá acontecendo?”, “Porque o pai tava chorando?”, daí a gente chegou aqui e a gente tava conversando... acalmei eles, expliquei que não vai deixar de ser pai, só nós que não vamos namorar mais, tudo isso... e logo meu marido chegou, ele começa falar um monte, fazer pressão nas crianças e chantagem. Hoje na hora de ir pra escola ele deu um beijo e falou que depois queria conversar comigo. Falei que depois a gente conversava, só que como eu trabalho em vendas hoje fui pro Tatuquara atender um cliente. Mas a gente sempre conversa, ele conta de namorada, da menina que ele gosta na sala, essas coisas, a gente é bem amigo. Ele conversa sobre tudo, dá opinião, ele é teimoso também, você vai ver aqui no laudo... até já deu problema na escola. Teve um dia que ele enfrentou a professora, mas eu acho que isso já é do jeito da criança, não tem nada a ver.

Moderador: Qual foi o último relato de comportamento que a professora fez?

Gabriele: Do dia que ele enfrentou a professora. Ela falou pra ele não ia sair. A professora de ciências disse que as crianças tavam brincando e conversando. Iam saindo as crianças que ficassem mais quietas, e eles conversando, eles querem se exhibir um pro outro. Eles foram ficando e não paravam de conversar, aí a professora falou que eles não iriam sair pro recreio, e ele falou “eu vou sair sim”. Os outros ficaram quietos, mas o meu se levantou e deu um passo pro lado na porta. A professora falou que ele não ia passar. Ele estufou o peito e saiu pra fora da porta. A professora falou que ele estava estragando tudo o que eles haviam construído, e na hora do nervoso falou que não queria ele mais na aula dela. Ela saiu e não olhou pra trás. Depois que passou o recreio ela falou que ele foi atrás dela pra explicar que não havia saído pro recreio. Ela falou que não queria conversar com ele naquele momento, que ela tava muito chateada com ele, deu um gelo nele, então foi ótimo. Ele é muito querido e não voltou mais a fazer nada do tipo, foi o ultimo relato.

Moderador: E daí em casa, como você abordou isso com ele?

Gabriele: Aaaa... Me deu uma vontade de dar uma surra, mas dessa vez não bati, porque já tinha batido uma vez. Eu deixei ele de castigo, não mexeu na internet e ficou sem videogame, conversei bastante, porque eu converso bastante, com os dois, falei que se tivesse a próxima eu ia dar uma surra nele... até porque eu não bato, não gosto de bater, quase nunca, mais de vez em quando eu falo que eu vou pegar.

Moderador: E o que você identifica que é mais difícil de lidar com ele?

Gabriele: Pedir pra ele me ajudar a fazer o serviço.

Moderador: É

Gabriele: É, mas também vai tudo do exemplo, igual em uma sexta-feira, falei pra fazer faxina, todo mundo vai fazer faxina hoje... daí o meu marido falou “eu não vou fazer faxina nenhuma, vou deitar e vou assistir”. E deitou no sofá, aí o meu filho falou: “se o pai não vai também não vou”. Entendeu... aí ele deitou também, e a minha menina tadinha, tá com 7 anos, daí ela falou assim: “pode deixar que eu te ajudo”, daí eu falei: “não princesa, você pode ficar assistindo, deixe que a mãe faz”. Aí ela falou “não, eu te ajudo”. Ela varre toda a casa, eu ergo tudo, organizo e ela vai e varre bem varridinho, daí ela veio me ajudar, ele não gosta e eu também não sei se é porque ele vê que o pai dele não ajuda, ajuda quando quer, se tá afim lava uma loucinha.

Moderador: Mas o pai também não diz pra ele ajudar?

Gabriele: Não, no serviço assim não, nem ele não ajuda muito, fala que ajuda, mas não ajuda, não ajuda pagar a diarista, não ajuda nada.

Moderador: E a rotina de vocês como que é, se pudesse falar de um dia de semana normal, como que é?

Gabriele: Levanto 7:20 e me pra arrumo levar eles pra escola. Aí deixo eles na escola 8h00 e eles saem 12h00, quando eu tô por perto dá tempo de pegar eles, almoçar e trazer em casa. Às vezes a gente almoça e eu vou trabalhar. Ele vai na loja da minha sogra, fica lá enrolando o dia inteiro sabe, fala que fica trabalhando, às vezes ajuda a fazer alguma coisa, aí eu passo, às vezes 18 horas ele vai pra casa da minha mãe ou eu passo lá na minha sogra e pego ele, daí venho, sempre a noite, assim 18h, 19h, aí vamos pra academia também, a gente vai pra academia duas, três vezes na semana, às vezes chega visita e não dá certo, mas em geral de duas a três vezes na semana porque ele é bem gordinho.

Moderador: E quando ele tá muito agitado em casa, ele tá falando demais, não para quieto, o que você faz?

Gabriele: Não ligo, a gente conversa bastante e também nunca dei a Ritalina em casa, nas férias, igual tem amiga minha que dá. Só para a escola, e pra não dizer que não dei pra outra coisa, dei na catequese, porque a catequista estava reclamando, que chegava lá e ele não queria fazer a lição, na verdade ela nem passa. Era mais pra prestar atenção no que ela estava falando. Algumas vezes eu dei pra ele tomar, só que ele não gosta.

Moderador: E o remédio funciona bem?

Gabriele: Funciona

Moderador: Toma e consegue prestar atenção?

Gabriele: Consegue, então, por isso quero fazer o teste pra ver se fosse dá uma farinha, um comprimido de homeopatia se dá o efeito. Até porque a professora falou que dá muita diferença ele com o medicamento e ele sem o medicamento, até na última reunião que teve com os pais ela falou que tem casos lá na sala de aula dela que tem aluno que ela vê que tem TDAH, que tinha que procurar um especialista. A diferença dele sem o medicamento e depois com o medicamento.... muda totalmente e a criança sofre, eles não conseguem fazer, se sentem incapazes.

Moderador: E em casa ele lê?

Gabriele: Ele é preguiçoso de lê.

Moderador: Ele tem bastante livros?

Gabriele: Ele tem alguns livros, ele é muito preguiçoso, até no whatsapp ao invés de digitar ele só fala. Até a gente brigou com ele, porque a minha menina tem sete anos e digita. Ele só fala, ele é preguiçoso (risos).

Moderador: Pra simplificar a vida, esperto! (risos)

Gabriele: (risos) E ele é muito preguiçoso pra lê e pra escrever, bem preguiçoso.

Moderador: E vocês em casa tem algumas regras, limites, combinados?

Gabriele: É, tem assim... sexta-feira é dia de salgadinho, só compra um pacote de salgadinho, se não toda vez que vai no mercado eles queriam, então eu faço assim, sexta-feira é dia do salgadinho. Bolacha recheada, essas coisas, é só sábado e domingo, meio de semana não tem refrigerante. A não ser que chegue visita, alguma coisa sabe, assim igual que nem a gente fica pouco em casa, não tem muito, e final de semana minha mãe mora aqui perto, daí tipo assim, a minha irmã vem pra cá, daí todo mundo vai na casa da minha mãe sabe, não fica, e se a gente tá em casa chega visita, então é bem tumultuado, bem corrido, sempre sai, sempre tem visita, se eu tô em casa sempre chega visita, os parentes do lado do meu marido, do lado da minha mãe, do lado do meu pai. Daí eles todos querem passear, é sempre eu que tenho que levar todo mundo, igual meu pai, ele queria conhecer Antonina, domingo eu fui levar ele, que não conhecia. Um outro parente queria ir em Morretes domingo retrasado, eu fui levar... entendeu, sempre a nossa vida é sempre assim.

Moderador: E o Junior vai junto sempre?

Gabriele: Sempre vai junto. Ele não foi nesse final de semana porque tá reformando a casa do meu sogro lá na praia e o meu marido foi ajudar mexer e ele quis ir junto com eles, mas ele sempre tá comigo...

Moderador: E assim, sobre o TDAH... quando que ele recebeu o diagnóstico?

Gabriele: Acho que no começo do ano passado.

Moderador: Você tá aí com o laudo dele?

Gabriele: (Mexendo nos documentos) Tem coisas do passado... tudo isso é bem antigo, tem documento dele... Ah! Esse aí que a professora mandou de outra escola, porque eu pedi pra levar pro Dr., só que levei pro Dr. X, foi o outro Dr. X que é o neuro, daí o Dr. X mandou dar carbamazepina pra ele, tinha que dividir a carbamazepina e dar pra ele de manhã, aí na mesma época eu tava fazendo tratamento com a fonoaudióloga, a fono falou assim: "eu não sou especialista, não posso falar, mas eu acho que não é o caso dele tomar a carbamazepina". Aí eu fiquei com medo, eu parei de dar o remédio, acho que dei um mês pra ele e parei de dar a carbamazepina. Fiz tratamento com ela, daí ela falou que tava tudo ok e deu alta. Aí ele continuava no mesmo jeito na escola, levei com o Dr. X no começo do ano passado, ele receitou ritalina, daí foi bom.

Moderador: E quando que ele foi alfabetizado? Se lembra quando que ele começou a ler e escrever?

Gabriele: Agora não vou lembrar, mas até hoje ele pra ler, ele é difícil, até eu que sou meio relaxada... eu acho que se tivesse pego, acho que é uma pesquisa que eu fiz sobre...

Moderador: Do quê?

Gabriele: Acho que é o processo seletivo, é que daí ele fez mesmo os exames, aqui ó, esse exame aqui ó, não não é esse, ele fez um exame que, que ele tinha que codificar a palavra, codificar e decodificar, acho que é esse aqui, distúrbio de processamento auditivo. Na época o médico falou que ele tinha que codificar a palavra. Que quando ele era criança deu uma infecção forte no ouvido, e deu mesmo, ele vivia com a garganta inflamada e tudo.

Moderador: Quando ele era bebê ou já maior?

Gabriele: Era bebê... Daí quando tinha 4 anos eu fiz a cirurgia de amígdala e adenóide nele, aí nunca mais deu problema.

Moderador: Então mesmo com esse distúrbio, ele não faz fono?

Gabriele: Não... só foi aquela vez lá...

Moderador: Aham... e onde que tá o do TDAH?

Gabriele: Esse aqui... E agora ele faz uma sala, tipo um reforço sabe, que tem aqui.

Moderador: Sala multifuncional, sala de recursos?

Gabriele: Isso, sala de recursos. Esse aqui é um teste que o Dr. fez, esse aqui é do ano passado a professora pediu pra preencher, depois eu preenchi, a comparação com ritalina e sem ritalina foi quando eu vi a diferença e falei... meu Deus... será que é eu que não consigo, que não tenho paciência com o meu filho?

Moderador: Então o laudo saiu foi quando mesmo?

Gabriele: O ano passado.

Moderador: Ano passado? E quando você soube que ele tem TDAH o que você sentiu?

Gabriele: Péssima, eu me senti péssima, porque me senti culpada até por eu ter brigado com ele, deixado de castigo, me senti pior, a pior mãe do mundo, porque o problema dele eu achava que era tudo preguiça. Pode ver que todo mundo, até os professores, acham que a criança é preguiçosa. Eu pensava... Porque o meu tem que ser preguiçoso? Porque era tão estranho... e tanto que hoje a minha menina, a minha filha, eu vou lá e a professora fala ela é perfeita, é ótima, faz tudo. E ele desde o começo era problema, não fazia a lição, ele interage com a professora quando ela está explicando, às vezes ela nem termina de falar e ele já dá uma resposta, bom na oralidade, mas na escrita é difícil.

Moderador: E aí depois que teve esse baque... o que você começou a fazer? O que que aconteceu?

Gabriele: É mais difícil... Mas passei a entender ele melhor.

Moderador: E sobre o TDAH, o que você sabe?

Gabriele: Ah não sei... na verdade nesse eu relaxei, não pesquisei.

Moderador: E enquanto mãe, omo que você se enxerga?

Gabriele: Eu como mãe?

Moderador: É

Gabriele: Ah é difícil de falar, é difícil a gente falar da gente, mais eu faço de tudo pros meus filhos, não sei falar mas pelos meus filhos eu faço tudo, não sou uma mãe perfeita, porque é difícil, mas tudo que está no meu alcance... Assim, igual as pessoas falaram, “é frescura ir atrás disso”, eu falei que não e fui atrás, de tudo que os médicos falaram, porque até depois quando apareceu eu fiquei no chão... achava que era preguiça dele, ele já sofreu tanto, tantos anos sofrendo e ele sempre falava que era a escola, que a professora não tinha paciência, depois que eu fiquei sabendo, uma professora ali acabou contando que as professoras deram graças a Deus dele sair da escola, porque tadinho, ele não acompanhava... se irritava porque não acompanhava.

Moderador: Ele já foi retido?

Gabriele: Reprovou o terceiro e o quarto ano.

Moderador: E esse ano, como que ele tá indo?

Gabriele: Tá bem, as notas tão boas. A professora falou que ele tá bem, ele perguntou pra professora e a professora disse que vai passar de ano, até a nota de matemática dele do segundo bimestre, não tá vermelha mas baixou... eu falei com a professor, ela falou que é normal porque é lição nova, que no primeiro bimestre eles fizeram o que tinham visto no ano passado e agora era mais difícil mesmo, falou que ele tá bem.

Moderador: Eu sei que é difícil se definir enquanto mãe, enfim, mas se pudesse pensar em uma palavra pra se definir, qual seria?

Gabriele: Eu como mãe?

Moderador: Você enquanto mãe do Eduardo.

Gabriele: Ah é difícil falar assim, eu acho que sou uma mãe guerreira pelos meus filhos, posso falar que eu faço tudo por eles.

Moderador: E se fosse pra falar de práticas educativas, o que você entende por isso, práticas educativas?

Gabriele: Práticas educativas, não sei.

Moderador: Independente de estar certo ou errado... o que você pensaria que seriam práticas educativas?

Gabriele: Práticas educativas? ... Como se fosse fazer algum dever de casa, atividade com ele, eu acho que seria isso.

Moderador: E o que você acha de participar de um grupo que tem outros pais de crianças que tem TDAH? Em que isso poderia te ajudar?

Gabriele: Até eu falei, acho que tua amiga, eu falei com ela que seria até interessante porque a gente passa para outros pais, porque às vezes eu converso, tenho amigas minha que comentam... e assim, eu falo que é pela criança, eu acho que eles sofrem. Antigamente era diferente, não tinha TDAH, eram taxados como burros. Eu acho

interessante passar para outros pais a experiência deles e eu falo sempre pras outras mães, procure o Dr... faz exame, vai ver o que é, faz exame de vista, porque tem criança que precisa usar óculos, os pais nem fazem nada, então tudo isso eu falo. E acho interessante poder falar no grupo.

Moderador: Sobre tudo isso, você quer acrescentar mais alguma coisa?

Gabriele: Não, eu acho que não...

Moderador: Muito obrigada!

C.5: Registro de entrevista inicial com Laura

Identificação da criança

Nome: Vinícius

Data de Nascimento: 25/04/2003

Sexo: Masculino

Ano: 6º Ano, pois reprovou um ano.

Atendimentos que realiza – Frequência: Só psicologia uma vez por semana, mas até o ano passado ele fazia psicopedagogia e fonoaudiologia.

Identificação do responsável

Nome: Laura

Profissão: Enfermeira

Escolaridade: Especialização

Religião: Evangélica

Identificação familiar

Sexo e idade de irmãos. Quem mais reside na mesma casa?

Uma irmã gêmea de 12 anos. Moramos só nós três, mas os pais são bem próximos do relacionamento familiar. Agora começaram a dormir em casa sozinhos, mas antes sempre estavam com os avós.

Entrevista

Moderador: Então, neste final de semana, quais atividades seu filho realizou sozinho?

Laura: Assim, de ficar em casa?

Moderador: É se ele brincou, saiu...

R: Então, a gente ficou em casa no sábado, porque nessa semana ele está tendo provas, então tenho que estudar com ele. Então ele me ajudou a limpar a casa, arrumar o quarto, tirar o lixo, essas coisas, e depois mais no fim da tarde a gente saiu, fomos ao shopping, almoçamos, e voltamos pra casa para estudar, revisar a matéria, essas coisas.

Moderador: E sozinho ele faz as atividades?

Laura: Ele tem dificuldade em fazer sozinho, amadureceu bastante, está bem melhor, mas se deixar ele por conta ainda não consegue atingir a média. A psicóloga diz que eu tenho que deixar ele por conta, porque eu guincho ele, fico puxando. Então no bimestre passado ele ficou com cinco de média, então eu tenho que ficar em cima,

tenho que ficar puxando. Quando eu vou estudar com ele a apostila tá toda em branco, ele não anotou as coisas, e eu falo “Vinícius, como é que nós vamos estudar? Não tem nada feito, tá tudo em branco”. Então eu tenho que ficar em cima, senão ele não vai.

Moderador: E ele tem o próprio espaço dele, o quarto dele?

Laura: Tem, tem seis meses que ele tem o quarto dele, mas até seis meses atrás ele dividia o quarto com a irmã.

Moderador: Você poderia descrever qual foi a rotina dele ontem ou o que ele fez no final de semana?

R: Então, ontem é bem difícil, porque eu cheguei em casa do hospital 4 e pouco da tarde e eles já tinham ido pra escola porque eles estudam a tarde. Aí ele chegou do colégio era umas 6 e pouco, mas eu estava dormindo, não estava bem, aí eles me deixaram descansar. Eu tava vomitando, não estava bem, aí ele veio me perguntar se eu precisava de ajuda. Aí eu falei pra ele, só me traz uns papel toalha, joguei por cima, depois eu limpo, deixa isso aí. Aí eles foram tomar banho, eu também, jantaram, e depois ele foi estudar.

Moderador: E a família auxilia ele nas atividades escolares de que forma?

Laura: Então, a noite eu vejo a apostila, mas é mais no final de semana, durante a semana eu monitoro mais por telefone, a tarde ele vai pra escola, chega umas 18 horas, mas a noite eu estou de plantão, então quando ele chega eu peço pra ele trazer a lição, eu dou uma olhada, mas não rende muito porque umas 9 horas ele já está indo dormir, então não tem muito tempo, eu dou uma orientação, porque parece que ele não sabe por onde começar. Eu falo pra ele fazer resumo, colocar na parede pra ficar olhando. Ele ia pra fono e tinha problema de troca bem persistente. Era o P e o B, e o T e o D. Então ele invertia o S pra trás do E. Quando ele lia estava certo, mas a escrita errada. Então sempre peguei muito nisso. No começo da alfabetização eu fazia cadernos e cadernos de cópia pra ele tentar fixar.

Moderador: E a alfabetização dele foi no tempo certo?

Laura: Não, tanto que ele reprovou no segundo ano, que corresponderia a 1ª série. Ele não conseguiu. Então chegou no meio do ano e ele estava com muita dificuldade, estava no contraturno, foi para a fono e ela falou que ele precisava de uma sessão por semana e não somente de 15 em 15 dias. A fono indicou uma outra profissional para atendê-lo e ele ficou com ela durante 3 anos, até outubro do ano passado. Foi bom pra ele, mas eu tirei, porque eu estava estafada, não aguentava mais levar, eu sou separada do pai dele. Eu achei que ele não tava rendendo, só estava brincando e eu sozinha pra cuidar dos dois. Ele passou pelo neuro e ele indicou que ele deveria retomar a fono, mas ainda não defini isso. Ele fez um exame de processamento auditivo que deu alterado. É um negócio que passa a informação de um hemisfério pra outro. Mas a última fono que trabalhou com ele disse que ele não tinha mais nada, mas que tinha que fazer outro exame nele.

Moderador: Ele toma ritalina?

Laura: Começou esse ano.

Moderador: Em casa, ele tem acesso a materiais como livros, revistas?

Laura: Aham.

Moderador: E qual foi a última vez em que ele teve algum problema de comportamento e como a família lidou com isso?

R: Bom, o Vinícius é bem tranquilo no geral, mas ele não é de fazer as coisas, tem que ficar repetindo. Mas ele não tem surtos... assim... dois anos atrás teve uma situação no colégio de empurrar... mas foi resolvido, provocaram ele. E alguns anos atrás na casa da avó paterna ele se trancou em um quarto e não saía de lá... ficamos preocupados e o tio teve que quebrar a janela, e quando entraram ele estava dormindo (risos).

Moderador: Quais são as maiores dificuldades em lidar com o seu filho?

Laura: Ah, a questão de organização. Mas eu tenho que me policiar também... nós temos uma rotina, aí eu coloco alguma coisa pra ele fazer, e passa uma semana... e eu esqueci de cobrar também. Aí eu falo, "Vinícius, e aquele negócio que tinha que fazer e não tá feito". A psicóloga fala que tem que ter rotina, mas pra mim isso é muito difícil, essa coisa de trabalhar a noite, trabalhar de dia, 23 horas eu resolvo fazer o que tinha que ter feito durante o dia. Aí às vezes eu falo, "Vinícius, segunda quero que você faça isso, na terça isso", e eu quero que ele cumpra e ele não consegue. E eu todos os dias tenho que estar em cima dele, e isso me cansa. E ela é ao contrário, ela é muito ativa, e ela se acha superior a ele. E é difícil administrar isso porque ela se acha, preciso cuidar pra ela não humilhar ele. Na época do boletim ela chega, olha! 8, 9 e 10! E você, Vinícius... pegou o boletim? "Ah, peguei..." Aí eu procuro falar com ele em um outro momento, no quarto, aí falo que tem que melhorar, ele diz que sabe...

Moderador: O que você faz quando ele está muito agitado, não para de falar?

Laura: Então, ele não tem assim... ele é mais quieto, é introspectivo. Ele gosta de desenhar. Recentemente descobriu a leitura, antes era tudo muito tropeçado, mas agora ele está gostando de ler. Tem um livro do Percy Jackson que ele está gostando. O mais agitado é com vídeo game, ou com a irmã quando eu pego eles na escola. Mas no dia a dia ele é calmo, gosta de montar Lego, fica horas montando Lego...

Moderador: Que bom né! E quando ele não presta atenção no que você fala e tem dificuldade de organizar as tarefas e atividades?

Laura: Ah, isso me irrita muito, porque eu falo "Eu não disse que era pra você fazer tal coisa?" E eu chego hoje e vejo tudo virado, roupa na cama. Aí peço pra guardar, mas abro o guarda roupa e vejo que está tudo socado lá dentro. Assim, eu brigo com ele. O livro que estou lendo que a psicóloga me deu, diz que eu tenho que fazer a orientação de acordo com o estado de humor, mas é difícil. Agora ele já tem um entendimento maior das coisas, então ele sabe que não pode justificar tudo por ser desatento mesmo. Eu falo pra ele, a pessoa que tem uma perna amputada não vai ficar sem andar por causa disso. Ela vai se adaptar, ter uma muleta, uma prótese, enfim. Então você tem que se adaptar com isso, escreve no quadro "Não esquecer de escovar o dente", coloca do lado da cama. "Tomou banho?" e ele gosta de dar migué no banho. E eu perguntei uma vez "Tomou banho?" Ele disse que sim, mas não estava com cara de banho, aí perguntei "Quando" e ele "Ontem" (risos). Então eu não caio mais nessa, pergunto se tomou banho hoje e pronto (risos).

Moderador: Existem regras e limites estabelecidos?

Laura: Sim, hora de dormir, hora de acordar, vídeo game é só no final de semana. Dormir até 9 horas. O vídeo game é só com autorização, dependendo de como foi a semana.

Moderador: Sobre quais assuntos a família conversou hoje?

Laura: Bom, sobre a escola, sobre quando teria a prova. Antes ele nunca sabia nada, nome de professor, nome dos amiguinhos. Sobre a escola e sobre minha condição de saúde que eu não estava bem. Falamos sobre a aula de inglês. Nossa conversa gira muito sobre a questão de estudos dele. A psicóloga até fala pra mim qual diferença fará reprovar um ano pra vida dele... mas eu não quero que reprove, se eu puder ajudar pra ele ir em frente eu ajudo... Até perguntam sobre os dois: “mas como que você tá no sexto e você no sétimo se são gêmeos? Mas você é menor!” Porque ele é uma criança pequena. Então sempre quando a gente chegava em algum lugar perguntavam sobre a idade deles. Eu falava que eram gêmeos e falavam “Nossa, mas como ele é pequeno!” As pessoas fazem isso! Ele sempre foi se sentindo menor, mais inferior, então eu batalho com ele pra ele perceber que tem que ter responsabilidade, mas ele é maduro pra idade dele... ele solta comentários adultos, como relação ao pai que não ajuda, pensão, ele sabe que ele precisa se organizar e que a não organização dele traz uma certa tristeza pra mim. Quando eu estou falando eu fico pensando no que será que ele está absorvendo disso tudo.

Moderador: Em qual escola eles estão?

Laura: Escola X, em Y.

Moderador: Qual o último relato que a escola lhe fez sobre o seu filho e de que forma você abordou o assunto com ele? Então seria assim, mais sobre as notas, porque comportamento ele é tranquilo.

Laura: Então assim, ele teve duas ocorrências, mas foi por não fazer a tarefa. Eu conversei com ele, e ele me contou que fez, mas que esqueceu de levar. Eu conversei com ele, falei que não pode porque isso diminui a nota. Conversei e foi bem tranquilo. Na segunda vez ele disse que fez e entregou, mas que não fez como o professor tinha pedido. Ele disse que não tinha entendido. Aí eu falei que o interesse era dele, se ele não tinha entendido tinha que ter corrido atrás do professor, ou perguntar se pode fazer amanhã ou refazer... a gente sempre conversa muito, porque pra ele estudar já é uma coisa difícil, eu converso pra que não fique pior.

Moderador: O que você sentiu quando seu filho recebeu o diagnóstico de TDAH e o que aconteceu depois?

Laura: Então, foi uma caminhada bem difícil pro Vinícius porque assim, eu passei por vários profissionais, e sempre que eu chegava em um profissional novo eu contava a história toda, e até hoje eu não tenho um diagnóstico completo. Esse último neurologista que está acompanhando ele, eu levei pela primeira vez em dezembro do ano passado, gostei muito que ele examinou o Vinícius, fez um exame físico, conversou, e foi ele que falou que a Ritalina poderia ajudar no sono dele, para até ter uma autoestima melhor, ajudar na escola. Antes disso uma neuropediatra pediu uma avaliação psicopedagógica, que eu até acabei fazendo no particular. Ela sugere que ele tem um grau de déficit de atenção, mas sem hiperatividade, e de dislexia. Desde os 7 anos eu já suspeitava disso, não mudou muito o fato de ter um diagnóstico fechado, eu já suspeitava. Antes da primeira série ele estudava no Adventista, que o pai dele pagou. E teve uma palestra com um neuropediatra, e eu falei pra minha mãe: Esse é o Vinícius. “Você manda teu filho pegar o celular no guarda roupa, dentro da

bolsa, no bolsinho da frente e ele chega no quarto e fica olhando pro guarda roupa ou nem sabe o que está fazendo mais lá. Ou começa a brincar com alguma coisa e esquece da tarefa”. Eu já tinha uma noção de que ele tinha alguma coisa. E aliado às trocas dele, que até a fono disse do grau leve dele de dislexia por causa das trocas. E até teve uma prova de geografia que perguntava “O Brasil é dividido em...?” Tinha que escrever “estados”, mas ele escreveu “sepabos”. A professora riscou, deu zero. Eu fui na escola e pedi para ver a provinha, aí mostrei pra professora que ele acertou, porque o S ele joga para frente, então ficou SE. O T ele trocou pelo P e o D pelo B. Então se fosse oral ele teria acertado. Foi quando a fonoaudióloga falou que iria na escola e pedir prova oral pra ele. A gente tem muita dificuldade com as escolas. O padrão de prova é igual pra todo mundo, independente da dificuldade de cada criança. Eu consegui uma escola municipal que não descontava os erros de ortografia e que ele fizesse a prova em um ambiente separado, com a coordenadora, porque às vezes ele errava por causa da leitura. Então eu já vinha trabalhando. Quando chegou o ano passado, na avaliação psicopedagógica, que elas não fecham laudo, quem fecha é o médico, então elas sugeriram que ele teria um grau de dislexia leve, e um transtorno de déficit de atenção. Então eu com esse novo laudo fui ao médico, só que ele só conheceu o Vinícius esse ano. Pra conseguir eu até fiz minha inscrição, esperei 6, 7 meses, aí fui, levei a avaliação da escola, e aí ficaram de me retornar, mas passou 10 meses e quando me retornaram, eu já tinha feito, porque se você ficar esperando é difícil, você quer resolver logo. Eu fui em alguns médicos, o primeiro neuropediatra, assim, não dá atenção pra criança, é uma consulta de 15 minutos pra contar toda uma história. Uma médica me disse, “essa criança não tem nada”, perguntava 5 palavras, ele acertava duas... Ele tem uma oralidade muito boa, ele conversa muito bem, e eu falei “realmente, em 5 minutos a senhora não vai ver nada desse déficit de atenção”. Porque depois que passa um tempo ele começa a ficar disperso. Ele é uma criança que, assim, por exemplo, pra mim esse barulho que tá lá fora me atrapalha, mas pra ele, ele não consegue. Ele franze a testa e não se concentra mais, dispersa.

Moderador: O que que você sabe sobre o TDAH?

Laura: Aaaai gente... Fora a tradução? (risos) Ah, eu sei que é o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, que ele não consegue se concentrar no professor, na matéria. Eu sei que pode ser genético, pode ter algum fator genético. O que mais eu posso dizer que eu sei. É difícil, porque eu já li muita coisa, mas não sei como colocar. É difícil porque no começo a gente pensa que a criança está de má vontade. Então na alfabetização, eu pedia pra ele ler algo. C A M A. Mas eu quero que você leia a palavra. Daí eu ia... C A ... CA. M A... MA. Mas ele não lia cama, e aquilo me irritava. Então assim, depois que a gente começou a ir na pedagoga, na psicóloga e elas me disseram que realmente era uma limitação cerebral que ele tem, e que não adiantava eu brigar, por de castigo, bater, mas tem que todos os dias repetir com ele. Eu até fui aprendendo a ter mais paciência. Agora, o que mais eu sei... assim, não sei te dizer mais coisa.

Moderador: Como você se enxerga enquanto mãe? Pode citar uma palavra pra se definir enquanto mãe do Vinícius?

Laura: Enquanto mãe do Vinícius... Uma palavra... Trabalho. É muito trabalho. Não só por essa situação, mas porque toda a vez que eu penso nele eu tenho que lembrar de alguma coisa, ligar pra minha mãe ver se já está pronto o hormônio dele pra levar no endócrino. Até estou tentando um pediátrico aqui do HC. É sempre muito trabalho. Eu me sinto muito cansada. E amo ele, mas tem hora que eu sinto ele muito preso, eu tenho que levar, tenho que trabalhar esse sentimento.

Moderador: O que você entende por práticas educativas? Você não precisa saber o que é, só o que você entende.

Laura: Ah, eu penso que práticas educativas são atividades pra ajudar na formação. Como por exemplo, eu entendo que comprar um joguinho pra ele, que seja educativo, ou tabuada, um quebra-cabeça que é de tabuada. Jogo da memória, são coisas que vão ajudar na formação educativa dele, seria isso.

Moderador: E em matemática, ele tem dificuldade também?

Laura: Tem, ele tem. Eu não consigo entender, essa parte ainda não consigo entender, porque assim, ele memoriza coisas difíceis, sabe falar sobre a Lua, os planetas, essas coisas loucas, Nasa, aeronáutica, do espaço... esqueci o nome. Ele gosta dessas coisas, de exército, táticas de guerra, ele fala pra gente... agora, tabuada, pense uma situação, porque nossa... esse ano ainda eu fazia assim, todo dia você vai fazer a tabuada, tabuada do 2, do 3... todo dia ele fazia 5 vezes e a noite me entregava aquele calhamaço de coisa. Aí eu perguntava e ele errava. Pra decorar os dias da semana, os meses do ano, sempre muito difícil. A pedagoga me explicou que é porque o cérebro dele não acha aquilo interessante e não retém. Eu falo, não é possível, porque aquelas fases medonhas do X Box lá, ele decora, que quando ele chega naquela fase, ele sabe que tem que pular com o bonequinho dele, porque às vezes ele me pega pra jogar, e toda vez é a mesma coisa. Eu erro, erro e erro de novo. Chega na mesma fase e eu caio no buraco. Ele fala, “mas mãe, você já caiu aí 10 vezes!”, eu respondo “pois é, e eu já mandei você decorar a tabuada e você também não decora!” Então, assim, um dos laudos que ele teve, a médica falou assim, que o cérebro do Vinícius é um cérebro de Ferrari. Não justifica que ele tenha um desempenho de um Fusca. Ele tem um cérebro com potencial e por algum motivo isso não aparece na escola, no desempenho acadêmico dele. Então assim, português, tem os verbos irregulares, não sei o que, ele não se interessa. Agora que ele está um pouco mais maduro ele entende que tem que fazer as coisas mesmo sem gostar. Eu falo pra ele que eu não faço o que eu gosto. Eu faço uns 80% do que eu não gosto, pra fazer uns 10% do que gosto. Então a vida é assim. Pra você poder ser algum dia um astronauta, vai ter que passar pela matemática, pela engenharia, sei lá mais o que, vai ter que passar por um vestibular, precisa decorar essas coisas, senão não vai chegar lá.

Moderador: No que a participação em um grupo com pais e mães que também tem filhos diagnosticados com TDAH pode auxiliar na educação do seu filho?

Laura: Acho que dividir as experiências, dividir a carga, eu acho. Ontem, aqui no hospital mesmo, eu estava conversando sobre a questão dos meus filhos e as pessoas vão falando e você vai filtrando algumas coisas. Dizem que sou muito exigente, tem que deixar ser criança, e eu acho que como são pais que passam pela mesma situação, porque às vezes me falam, ah, mas o seu filho não é igual ao meu. Então de repente um grupo específico de pais de crianças com essa situação, você pode ver que tem luz no fim do túnel, você vê um pai que está mais lá na frente, que traz relatos de conquistas e te ajuda, porque às vezes dá a sensação de que ele não vai chegar lá. Tem gente que me fala assim, não fica com ideia fixa em uma faculdade, pensa em um curso técnico pra ele, se conseguir terminar está de bom tamanho. Mas eu não consigo limitar ele. Não quero ficar com isso na cabeça. Se ele conseguir fazer a faculdade, quero que ele faça. Eu não falo que tá bom tirar 5, tirar 6... sempre falo pra ele, você tem que tirar mais! Você tem capacidade, você é inteligente, você faz coisas que eu não consigo fazer. Aquele joguinho, como é que pode! Ele vê desenhos, quando ele gosta, e ele decora a fala deles. A Era do Gelo, quando a gente vai ver, ele fala do início ao fim. Então você tem um cérebro que retém informações, mas que retém só o que interessa, e tem que ajustar aí. Participar de um grupo te ajuda a ver pessoas que já alcançaram outras coisas, e quando a gente ajuda outras pessoas, isso traz uma recompensa também, sabe... se acalme que eles crescem e fica melhor!

Eu tenho os dois da mesma idade, e eu vejo como a irmã é mais amadurecida. Ela faz as coisas da escola com um pé nas costas, e pra ele é tudo arrastado. Principalmente o que não interessa. Era pra fazer um instrumento musical com material reciclável na aula de artes. Ele começou a guardar garrafa, garrafa... daí perguntei o que ele ia fazer com tudo aquilo: “Não sei”. Daí eu falei, filho... primeiro você tem que ver o que vai fazer pra ver o que vai precisar além da garrafa, às vezes precisa de outras coisas além da garrafa. E ele diz, “ai que saco esse negócio...” ao invés de pensar em resolver logo e ficar livre, ele vai empurrando. Eu acho que o grupo ajuda, eu participei de um de mães de prematuros, e foi muito bom, porque você tem o bebê e fica desesperada. Ela nasceu com 1.600kg, ele com 2kg, aí perdeu peso, fica na UTI e não mama, não ganha peso. Você conversa com alguém que já passou por aquela situação e ela fala assim, “se acalma, meu filho tá aqui, tá grandinho, tá forte”, acho que isso te fortalece pra continuar a caminhada. Eu acho que filhos, em geral, você tem trabalho. Tem muita coisa que eu escuto agora, que eu deveria ter feito com eles antes, e eu tenho que recuperar o tempo perdido. Só que pense, eu fazia faculdade, trabalhava, ficava muito pouco, então não tenho culpa, é o que eu tinha que fazer, só que assim, era o que dava pra fazer naquele momento, então tem que ir contornando. A conversa, você dividir, isso é legal pro fortalecimento. É isso.

Moderador: Obrigada!

D: Registro do 2º Encontro: Introdução ao grupo “Experiências TDAH”

Após a realização das entrevistas iniciais, o segundo encontro com os pais se deu já no grupo de apoio social. Nas entrevistas foram as mães que participaram e manifestaram interesse em participar dos 6 encontros coletivos que serão descritos. Os dias foram combinados e o horário também, via WhatsApp, para que este primeiro encontro coletivo pudesse acontecer. Apesar de todas as mães terem confirmado previamente a presença, somente duas compareceram no momento de introdução ao nosso grupo de apoio social, a Lavínia e a Ni. As demais, enviaram justificativas escritas através de nosso meio de comunicação estabelecido.

Para dar início o Moderador se apresentou e falou sobre a dinâmica na qual os encontros aconteceriam para que as famílias soubessem o que esperar destes momentos. Os pais ganharam um caderno para registrar suas anotações, dúvidas e experiências, tanto dos encontros, quanto do que ocorresse ao longo da semana, desta forma, poderiam se lembrar de fatos marcantes para compartilhar com os outros pais no próximo encontro. A proposta foi bem recebida.

Foi lembrado o que se discutiu no momento da entrevista, que o objetivo era legitimar um espaço de trocas de experiências e conhecimento sobre

práticas educativas. O importante são as trocas entre elas, pois o Moderador não compreende o TDAH da mesma forma que eles, sendo que poderia falar o que leu a respeito da temática e que traria sim algumas coisas a respeito relacionadas a pesquisas da área, mas que o principal seriam os relatos das famílias, o que fazem no dia a dia e quais práticas educativas dão certo ou que não dão. Buscando esclarecer algumas dúvidas que surgiram nas entrevistas iniciais sobre este conceito, o Moderador discutiu sobre o conteúdo do capítulo “2.2 Prática, a tão citada prática...” deste trabalho com os pais, que iam tomando nota.

Após estas informações iniciais, foi solicitado que Lavínia e Ni se apresentassem, pois ainda não haviam tido a oportunidade de se conhecerem e falassem um pouco sobre suas expectativas para o grupo. Lavínia iniciou sua apresentação:

Lavínia: Eu sou a mamãe do Miguel, sou mamãe adotiva dele, ele tem 6 anos, estou com ele desde que tinha quase 3 anos. E ele é muito agitado, desde o início. Eu tento estabelecer com ele algumas regras... Até porque sei que regra não é combinado! (risos). Desde o início até hoje ele já evoluiu muito, aceita regras. Ele é uma criança que brinca, assim, ele gosta de ler... ainda não é alfabetizado, mas gosta de ver as figuras. Fica lendo um tempão. Igual a TV, se deixar também fica um tempão (risos). Também é muito natureza, eu procuro oportunizar momentos para ele estar em contato, ele é bem afinado com a natureza. Também oportunizo momentos culturais, cinema, teatro, e é super tranquilo estar com ele nesses ambientes. Hoje ele faz acompanhamento com psicomotricista, até comentei na entrevista que agora ela está querendo mexer com a figura do pai dele... me deu até medo, porque a gente nunca sabe o que esperar quando se mexe com algo que está tão escondido, tão no fundo, e estava quieto....

Ni: Mas ele tinha um pai que conviveu com ele?

Lavínia: Então, nunca teve pai pelo que as irmãs do lar me contaram. E a psicóloga diz que ele está agitado por causa dessa lacuna do pai, ele precisa saber de onde veio. Até um dia na escola, o pai era pra ir. E eu cheguei sozinha na escola, e ele começou a fazer um escândalo “Eu quero meu pai! Papai não veio! Aaaahhh”, que vergonha, não sabia onde enfiar a cara! (risos)

Moderador: (risos) E aí você teve que ter todo um jogo de cintura pra acalmar ele e explicar a situação!

Lavínia: Isso mesmo! (risos) Porque assim, eu sei que ele vem de uma história de drogadição, a mãe era viciada em crack. Quando entregou ele, ela já estava bem, e ficou com os outros filhos, só deu ele. Ele não faz ideia, e nas fantasias dele, a mãe sempre é boa, ele conhece ela e já foi em vários lugares com ela. Então é da mãe que ele fala com frequência. E eu estou trabalhando com essa situação assim, sempre procurando ajuda, de profissionais, e aqui eu acho que será bem válido trocar experiências com outras mães, acho que vocês vão me ajudar bastante também.

Moderador: Legal Lavínia, espero que você realmente se fortaleça aqui nesse espaço! E você Ni, quer falar um pouco sobre sua história?

Ni: Então, o Júnior tem o diagnóstico de TDAH, faz acompanhamento com neuro e toma homeopatia, não pode tomar ritalina porque tem arritmia cardíaca. É muito agitado, mas também é muito de ver TV, ele para e só presta atenção na TV. No computador também, é fissurado, ele joga bastante. Gosta de jogar.

Lavínia: Ele gosta de jogar xadrez?

Ni: Não, ele não consegue! Até recebi uma reclamação, porque ele estava tentando jogar e diz que a professora de xadrez foi falar com ele. Ela estava falando e ele me disse que não conseguia se concentrar com ela falando, e mandou a professora calar a boca.

Lavínia: Meu Deus! (risos) que situação....

Ni: Nem me fale... claro, é um absurdo, mas assim, ele deve ter ficado muito irritado com ela falando, e aí não consegue se concentrar, e como é impulsivo acabou saindo essa bobagem. Eu conversei com ele, falei que não pode, mas vai saber né... E em casa, ele sempre foi agitado, quando era bebê, ele já engatinhava correndo! No berço ele virava, girava... mas já melhorou, antes não tinha noção do perigo, ainda não tem muito, mas já está um pouco melhor.

Lavínia: E você faz compensações com ele?

Ni: Ah, até faço!

Lavínia: Mas e funciona?

Ni: Olha, pode funcionar, mas não muito, porque ele espera eu esquecer do que combinei... e eu sempre esqueço (risos). E também recebo bilhete porque assim, o caderno dele é horrível.

Lavínia: Imagino que seja igual o Miguel, o problema é na hora do registro, é como se o lápis tivesse 20 kg! (risos). Mas no caso do Miguel eu vejo que agora ele está copiando melhor, teve uma evolução grande.

Ni: Sim, o registro é muito difícil pra eles, na escola não entendem, e sempre querem que só fique sentado, ele não consegue. Ele gosta de ler gibi, e eu já falei que pode deixar ele ler gibi se for pra ficar quieto, porque ficar prestando a atenção no professor ele não consegue mesmo. E pra mim isso tudo é muito desgastante. E eu não quero que o Júnior reprove, sabe... Ele sabe ler e escrever e tal. Eu vou mudar ele de escola no próximo ano. E eu sei que ele não consegue parar quieto, e eu sempre quis superproteger, porque falavam que ele era mal-educado, então eu já nem levava em festa para não falarem. Mas assim, eu acho que aqui, igual o Moderador falou pra você (Lavínia), vai dar pra gente se fortalecer, conversar sobre o que a gente faz com os nossos que dá pra outra mãe fazer também, ou mudar de caminho, acho que vai ser bem bom.

Moderador: Que bom pessoal, e também é muito bom ter vocês aqui nesse primeiro encontro coletivo, pra nos conhecermos melhor e iniciar o nosso trabalho em grupo. Agora eu gostaria de propor que realizássemos uma atividade, vamos por a mão na massa se vocês toparem! (risos). Ali na mesa, junto com os lanchinhos, humm (risos), temos cartolinas, canetinhas, revistas, enfim, diversos materiais. A proposta é que

vocês folheiem as revistas enquanto vão tomando um suco e tal, e vão pensando no que significa pra vocês ter alguém com TDAH no âmbito familiar. Procurem palavras e figuras que representem isso e confeccionem um cartaz que lhes ajudem a expressar esse sentimento, a externar esse significado. Pode ser?

Lavínia e Ni concordam.

Moderador: Então vamos fazer essa atividade, aproveitem o momento pra visualizar bem o rostinho do filho de vocês, pensar nas atitudes deles, nas bagunças, no comportamento, nos momentos agradáveis, e tentem colocar isso no papel... Depois vou pedir para que apresentem o que registraram no cartaz.

Lavínia e Ni partem para a confecção do cartaz, ficam bastante concentradas neste momento e se empenham para conseguir registrar ali o que será um instrumento importantíssimo para analisar os sentidos e significados que atribuem aos seus filhos. Após a finalização dos cartazes, Lavínia iniciou a apresentação de sua produção:

Lavínia: Bom, é difícil colocar no papel, mas assim... Eu coloquei esta carinha feliz no centro, representando o amor que eu tenho pelo Miguel. Ter ele como meu filho representa investimento, ter que dar o exemplo... é espírito, visão... é emocionante e é satisfação! Acho que estamos sempre em uma corrida, pra chegar no final com um resultado bom... coloquei aqui a moça vendo TV, porque a TV é muito importante pra nós (risos), e essas trocas são com muita felicidade e carinho. E uma coisa que eu estava pensando até foi que o seu filho, o Júnior, também gosta de ler né, coincidência essa coisa da leitura.

Ni: Sim, ele ama gibi, é só dar um que já fica bem quietinho.

Lavínia: Legal isso, coincidência, porque o Miguel gosta de um livro também. Bom, mas sobre o cartaz, acho que seria isso ser a mamãe dele.

Moderador: E ficou muito bonito seu cartaz, bem colorido, legal! Quer dividir também, Ni?

Ni: Acho que em primeiro lugar é amor, tem que ter amor pra enfrentar tudo, porque não é fácil. Daí seria o afeto, né... afeto dentro na família com companheirismo e união... E tem que ter muita dedicação nisso tudo, e carinho também.

Moderador: Nossa, esses cartazes ficaram muito bonitos. E sei que vocês realmente colocaram os sentimentos de vocês nessas folhas, muito obrigada!

Após a confecção do cartaz e apresentações, o Moderador definiu a data do próximo encontro, solicitando que realizassem anotações nos cadernos para não esquecer do que seria válido dividir com as outras mães, e desta forma, se concluiu o primeiro momento coletivo.

E: Registro do 3º Encontro: Relacionamento entre a família e a escola

Neste encontro quem estava presente foi a Marjori, Laura e Ni. O Moderador iniciou pedindo que a única mãe que estava presente no último encontro rememorasse o que havíamos discutido para colocar as demais mães a par. Ni falou sobre as apresentações iniciais, contou um pouco sobre a história de Lavínia e seu filho Miguel e se apresentou brevemente. Relatou que foi feita a confecção de um cartaz que expressasse o que significava para as mães terem um filho com TDAH no âmbito familiar e sobre algumas coisas que lembrava que foram relatadas.

Após a rememoração, o Moderador falou sobre a intenção dos encontros do grupo de apoio social e retomou o conceito de práticas educativas. Também entregou os cadernos para as mães e explicou que deveriam fazer suas anotações ali, semanalmente. O objetivo do 3º encontro coletivo, que seria permeado por assuntos que envolvessem o relacionamento entre a família e a escola, foi compartilhado. Antes de dar início às atividades planejadas, foi solicitado que as mães que estavam participando pela primeira vez se apresentassem, então Laura iniciou contando toda sua trajetória:

Laura: Então pessoal, sou a Laura, sou enfermeira, tenho dois filhos gêmeos, a menina e o Vinícius. Foi legal conseguir me organizar pra vir aqui hoje, que você mandou mensagem e insistiu pra gente combinar, e hoje deu certo. Só foi difícil pra estacionar, aqui é uma loucura, dei voltas e voltas e nada, mas uma hora eu consegui. Eu tenho o Vinícius que ainda não tem um diagnóstico fechado, mas que tudo indica que ele tenha um déficit de atenção, nem tanto a hiperatividade, porque ele é bem quieto, na dele, introspectivo e vem sendo uma caminhada bem difícil, eu passei por vários profissionais, e sempre que eu chegava em um profissional novo eu contava a história toda, e assim, não dá pra contar a história de uma vida em 15 minutos, e os profissionais não deixam você contar. Até teve uma que disse que eu era verborreica, mas não tem como, tem que explicar tudo. E mesmo com toda essa caminhada até hoje eu não tenho um diagnóstico completo. Esse último neurologista que está acompanhando ele, eu levei pela primeira vez em dezembro do ano passado, eu achei diferente o jeito que ele examinou o Vinícius, nenhum pelos quais eu havia passado tinha feito um exame físico nele, só conversavam. Esse também conversou, mas não foi só isso. Ele fez uma série de perguntas, até sobre o sono dele e sugeriu que se ele usasse a Ritalina, poderia melhorar tanto na escola, como até descansar melhor, e até aumentar a autoestima dele. E a gente passa por muitos momentos em que os profissionais, até na escola, não sabem lidar com ele, até falei na entrevista né, que uma prova de geografia perguntava “O Brasil é dividido em...?” E tinha que escrever “estados”! mas ele escreveu “sepabos”. E veio nota ruim, como se estivesse errado eu fui reclamar e aí mostrei pra professora que ele tinha acertado, porque o S ele joga para frente, então ficou SE. O T ele trocou pelo P e o D pelo B, e na oralidade esses erros não aparecem. As escolas são um problema pra gente, porque tudo é padronizado, mesmo que a criança precise de atendimento personalizado. Ele até

tem a irmã gêmea dele que não me dá trabalho nenhum! Ela vai super bem na escola, e eu sempre achei que ele também deveria ir assim, eles tem a mesma idade, a mesma escola, as mesmas condições, teriam que ter o mesmo rendimento, desempenho, sei lá. Até já foi sugerido separar eles de sala de aula, isso lá no começo... porque ele foi retido, então eles estão em anos diferentes. Mas assim, eu vejo que o Vinícius tem uma super habilidade para desenhar, desenha super bem. Ele gosta de brincar sozinho também, brinca muito com Lego, faz coisas assim, que eu fico de boca aberta, não coisas simples, coisas bem difíceis mesmo, aqueles bonecos complicados. Mas assim, para as dificuldades dele sempre corri muito atrás das coisas, mas também é pesado, eu tenho dois e sou sozinha, o pai não ajuda, na verdade ele perdeu contato com o pai em 2008. Na época os dois apresentaram dificuldades, mas a irmã se recuperou no contraturno, coloquei o Vinícius no Kumon, dava a sensação de que iria pra frente, mas não sei, é como se eu tivesse que ficar “Vamos Vinícius!”. Nós fizemos também uma avaliação psicopedagógica que sugeriu um grau de déficit de atenção e de dislexia. Com esse novo laudo fui ao médico depois de 7 meses que eu tinha feito a minha inscrição pra tentar consulta, coloquei meu nome na lista, e isso é muito ruim, porque você quer resolver logo, mas não consegue porque é tudo muito demorado. Ele fez uma avaliação que deu falha de transferência de informações de um hemisfério pro outro, que é uma falha no processamento auditivo, e essa pode ser uma justificativa para não ter o desempenho adequado. Eu fui em alguns médicos que não deram atenção pro Vinícius, é como eu disse, uma consulta de 15 minutos pra contar toda uma história. Uma médica me disse que ele não tinha nada, mas claro, ele tem uma oralidade boa! Ai gente, daí eu fiquei nervosa e falei pra ela que em 5 minutos não ia ver nada mesmo. No começo o Vinícius presta atenção, então nesses 15 minutos ele ficou tranquilo, mas depois que passa um tempo ele começa a ficar disperso. Aqui que está essa cantoria do coral, esse barulho me atrapalha um monte, mas eu tento me concentrar, já pra ele é impossível, eu entendo, é difícil...

Moderador: Laura, acho que deu pras mães conhecerem um pouquinho dessa sua trajetória, só vamos pedir pra Marjori também falar um pouco sobre ela, mas fique bem à vontade pra continuar dividindo! Só por causa do tempo mesmo, pra não ficar muito tarde pra vocês!

Laura: Ah, claro, tem que me cortar mesmo, é que é muita coisa, eu vou contando tudo, e pra entender a história toda não tem como contar uns pedaços, igual eu falo que nas consultas a gente tem que resumir a história toda, não dá!

Moderador: Mas aqui é pra isso mesmo, pra falar, desabafar e dividir!

Marjori: Pois é Laura, você estava contando a sua história e eu também me peguei perdida em alguns momentos dessa minha caminhada! Já vou explicar porque! Assim, eu sou professora e tenho dois filhos diagnosticados com TDAH, o Danton e o Enzo. O Danton é o mais velho, e tem também dislexia junto com o TDAH. Os dois são bem diferentes, o Enzo é muito impulsivo, agitado, eu me preocupo com a parte emocional dele e conseguir fazer ele parar pra ouvir ou fazer as tarefas, que ele quer fugir. Já o Danton está entrando para a adolescência, e eu percebo que ele entende os diagnósticos dele e tenta se folgar, usa meio que dê desculpa quando não faz alguma coisa que tinha que fazer. Então assim, é difícil, porque a gente realmente perde a paciência, já gritei com eles, mas sei que não dá pra ser assim, não adianta. Se eu peço alguma coisa, eles dizem que vão fazer... dá um tempo, eu pergunto se já fizeram e, ainda não! Então a gente perde a paciência bem fácil se não se controlar. Já se meu marido fala, tá falado!

Ni: Nossa, incrível mesmo como quando meu marido fala alguma coisa pro Júnior, não tem discussão. Meus filhos fazem sem nem respirar. Até porque assim, meu marido, mesmo com o diagnóstico de TDAH, não dá muita atenção pra isso não, acha que é bobagem, diz que ele também era assim quando era piá e que é normal. E eu fico meio que sozinha em algumas formas de cobranças, porque eu tento entender o Júnior, o diagnóstico dele, e isso faz com que ele não me obedeça. Já se meu marido fala, até assim, sem sensibilidade (risos), é na hora que tem que ser e é na hora que é!

Marjori: E os maridos não se estressam tanto quanto a gente, só precisam falar uma vez. O que desgasta é isso de ter que repetir, né! Então, e aí eu estava falando que também fiquei perdida um tempo, porque eu fui em vários profissionais, sabe... Até que eu fui no Dr. X, que é super bem conceituado. Claro, super caro, mas teve como dar uns cheques (risos), mas foi a melhor coisa que eu fiz! Porque indo em vários, de picadinho em picadinho, eu já havia gastado muito mais do que gastei nesse profissional. Ele passa horas com a criança, faz vários testes e traz um laudo fechado. Isso foi pro Enzo, porque o Danton já tinha o diagnóstico desde os 6 anos. E ele também diagnosticou uma síndrome, porque ele tem muitos tiques. Posso dizer assim... que isso me deu muito mais segurança pra continuar a ajudar meus filhos, me deu um norte, um caminho e agora eu sei o que tenho que fazer, isso com certeza fez toda a diferença. Mas é isso, vou falando mais sobre eles depois...

Moderador: Isso, que bom que vieram para o primeiro encontro de vocês, a Ni já estava aqui no último encontro e já realizou a atividade que vou propor para vocês. Na mesa dos lanches tem várias cartolinas e revistas, eu gostaria que vocês confeccionassem um cartaz que retratasse o que significa para vocês ter alguém diagnosticado com TDAH no âmbito familiar. Enquanto vocês vão colocando esses sentimentos no papel, vou passar um vídeo que traz algumas ferramentas pedagógicas para utilizar com crianças com TDAH. Este vídeo vai trazer de que forma as escolas são orientadas a trabalhar com os filhos de vocês em sala de aula. Gostaria que vocês assistissem com uma postura crítica mesmo, e pensassem na escola em que as crianças de vocês estão matriculadas e reflitam sobre quais são as diferenças e semelhanças no trabalho realizado na escola do filho de vocês, e também sobre quais são os relatos dos filhos de vocês sobre a escola. Depois nós vamos conversar sobre.

As mães demonstraram entusiasmo pela a atividade, então Ni assistiu ao vídeo atentamente, enquanto que Marjori e Laura iniciaram a confecção do cartaz neste mesmo momento, assistindo ao vídeo também. Ao término do vídeo, iniciou-se uma discussão acerca do que foi exposto. Ni precisou ir embora antes da discussão.

Moderador: Então pessoal, o que mais chamou a atenção de vocês?

Marjori: Então, eu vi que foi usada muito a expressão “o TDAH”, “o aluno TDAH”, então quem tem TDAH é rotulado.

Moderador: E limitado também, né! Porque a pessoa não é mais nada além de TDAH, ou de autista, ou outro diagnóstico. Ela passa a ser somente aquilo que a difere, desconsiderando toda sua complexidade.

Laura: Eu vi também ali no vídeo sobre o quadro, realmente não dá pra encher um quadro com conteúdo pra uma criança com TDAH que ela não vai conseguir se achar no meio de tudo. O Vinícius começa a copiar tudo misturado, tipo, o que ele encontra pela frente põe no caderno porque não consegue se organizar.

Moderador: E assim, este é um vídeo que traz um modelo a ser seguido com crianças diagnosticadas com TDAH. Parte-se do princípio que isto é o certo. O que vocês acham disso?

Marjori: Mas assim, não tem fórmula pronta, né! Cada criança é um caso, não dá pra padronizar tudo. Eu procuro estar bem próxima da vida escolar dos meninos, perguntar o que está acontecendo na escola e também me colocar disponível, isso facilita muito a relação.

Moderador: E neste vídeo o que me chamou a atenção foi que a criança com TDAH precisa de controle e seguir os comandos. O que vocês acham disso?

Marjori: Então, é complicado, porque se for assim, eles nunca vão aprender o porquê de respeitar determinadas regras, só vão obedecer.

Moderador: Vocês citaram algumas coisas que não agradam na escola. Como vocês lidam com essa situação, deixam transparecer a insatisfação? Incentivam que a criança obedeça às regras da escola?

Laura: Tem muitas coisas que não agradam, mas que a gente também não pode mostrar pra criança, senão ela vai se aproveitar da situação!

Marjori: Mas é difícil não demonstrar! Às vezes a gente solta um “mas também, como que não viram isso na escola, assim fica difícil!” E se a criança ouve, ela acaba internalizando isso, de que talvez não precise fazer algumas coisas porque sabe que terá a aprovação dos pais, então é muito complicado.

Moderador: Muito complicado mesmo! Penso que se deva ter um jogo de cintura muito bom para que a escola não estrague a comunicação estabelecida em casa, que não é baseada no controle sem compreensão, que muitas vezes acontece na escola, e que a criança não perceba que a escola não está tão certa assim, e comece a abusar desse poder. E para isso, a comunicação é essencial para que a criança compreenda que não é em todos os ambientes que ela será tão compreendida quanto no ambiente familiar. Ali ela é segura, sempre pode retornar. Mas que fora de casa, muitas vezes terá que ter autocontrole, não porque estão mandando, mas porque ela compreende que neste ambiente determinadas posturas devem ser assumidas. E desta forma os filhos de vocês estarão escolhendo participar de determinados cenários sociais.

Laura: Isso que eu falo pro Vinícius, não é sempre que eu gosto do meu trabalho, por exemplo, eu não gosto de limpar vômito de paciente, mas eu tenho que fazer, me submeter, porque eu quero trabalhar, e eu digo pra ele que nem sempre ele vai poder fazer só o que ele quer, mas que eu entendo que tem coisas que não são tão legais, mas que devem ser feitas do mesmo jeito se você quiser atingir determinadas coisas.

Moderador: E isso tudo só se atinge com muito diálogo, muita conversa, muito respeito. E na próxima semana nós vamos falar justamente sobre comunicação familiar. Mas antes, de irmos para nossas casas, gostaria que vocês apresentassem as produções de vocês, dos seus cartazes!

Marjori: Bom, eu escrevi TDAH aqui no centro e procurei colocar algumas palavras que definam o que o Danton e o Enzo representam pra mim. Então é controlar, como eles precisam aprender a ter o autocontrole que nós conversamos, não só por causa do medicamento, mas porque eles são responsáveis pelos próprios atos... é surpreender, cada dia eles vem com cada uma que eu me surpreendo! É crescimento diário, tanto pra mim quanto pra eles. Eles são muitos acelerados, então tenho que desacelerar eles, perguntar se já estão mais calmos, né, Keep Calm, e lembrar que tem que dar sempre um passo por vez. Coloquei aqui a Dilma porque apesar de tudo ela é um exemplo de superação... E assim, eu sempre lembro que TDAH é vida, não estão aí em uma cama de hospital, estão vivendo, e vivendo bem, aprendendo todo dia. É isso.

Moderador: Muito obrigada Marjori! É vida! Laura?

Laura: Realmente, é vida! Coloquei aqui no cantinho uma explicação sobre o cérebro, porque é onde tudo do TDAH acontece... onde acontece tudo desse meu “amigão”... então é emoção, sensibilidade, igual a Marjori falou, também é surpreender, são muitas surpresas sempre. E assim, quando a gente se depara com uma crise, tem que trabalhar nela mesmo que seja um desafio, buscando soluções e entender a mente impulsiva desse meu jovem! Trabalhar também pra sempre renovar a nossa relação, porque ele é muito na dele e é fácil sentir ele distante, então sempre trago pra perto o meu “amigão”. TDAH seria mais ou menos isso pra mim.

Moderador: Legal, vocês realmente colocaram o que sentem nessa atividade, agradeço muito. Não falem na próxima semana, o tema é comunicação e relacionamento familiar. Não esqueçam de trazer os cadernos com os fatos marcantes da semana. Obrigada!

F: Registro do 4º Encontro: Comunicação e Relacionamento Familiar

O 4º encontro se iniciou com a fala do Moderador, pedindo que as mães Lavínia, Laura e Marjori falassem sobre o que anotaram em seus cadernos e gostariam de dividir. Marjori iniciou relatando:

Marjori: Bom, nessa semana uma coisa que me marcou foi assim, nós somos evangélicos, e na célula nós estávamos fazendo uma oração para um neném que estava doente somente, e o Enzo começou a fazer uma oração para todos, só que olha a gafe, ele pediu para que Deus confortasse o coração da família da menina, tudo dando a entender que havia ocorrido um falecimento. Então assim, é um pensamento muito acelerado! (risos) Achou que era uma coisa e já partiu pra ação!

Lavínia: Olha só (risos), então pessoas, nessas semanas estamos em uma vibe boa. A escola dele não manda bilhete, eles têm aquele esquema de cores só. Mas assim, ele foi para a coordenadora porque se desentendeu com um colega, então isso já fez com que viesse um vermelho no sinaleiro dele. Mas a minha sorte é que ele gosta da escola, porque se não gostasse eu não sei o que eu iria fazer. Em matemática ele é rápido, já em português que demora mais. Então pra fazer as lições, é português que demanda mais tempo. E nós vamos dormir tarde, porque ele chega da escola no pique, então é bem cansativo. Mas assim, só agora, depois de eu ter adotado ele, só agora é que eu estou relaxando mais, retomando as minhas saídas enquanto ele fica

com meus pais... e ele tem ficado tranquilo, então posso dizer que vejo uma evolução, uma evolução bem boa.

Laura: Já eu não tive nada diferente, sempre a mesma rotina e as mesmas dificuldade com a rotina de estudos do Vinícius. Sabe, pra tentar ajudar eu até procuro deixar as provas e trabalhos identificados pra ele saber onde procurar quando precisar estudar, mas pra onde ele vai sempre larga alguma coisa, então eu organizo e ele espalha tudo, é difícil. Agora até ele vai ter prova sábado, e tá difícil se organizar porque ele perdeu a agenda. Mas ele é muito companheiro, amigo, divide as coisas dele na boa, mas é muito perdido. Na escola tem que entrar com a carteirinha, mas ele sempre esquece. Eu tento ser mais dura com ele, mas ele sempre me amolece com o comportamento dele. Ele não se incomoda. Se eu mando ele arrumar as coisas, ele vem e diz “mas você pede pra eu arrumar e nunca está bom, aí você vai lá e faz!”, tipo, então “porque você não faz você mesma direto, mãe!” (risos). E desde a alfabetização é uma lida constante com a organização, e eu sempre puxando ele. Igual a psicóloga diz, que ele é uma Ferrari que eu guincho! (risos). Mas é que no meu entendimento se ele não tiver uma organização não vai conseguir se desenvolver. Por exemplo, pra falar, na oralidade, ele é bom, mas não sabe a tabuada, então sempre estudo com ele, mando decorar, mas não adianta.

Lavínia: Mas que nem, você disse que está bem cansada dessa cobrança. Eu até falei pra psicóloga que eu sempre chegava e exigia várias coisas, que a lição fosse feita disso, disso e depois fazer isso. E a coisa não andava e eu falei pra ela que eu cansei! E ela me disse “que bom que você cansou, graças a Deus!”, porque senão vai deixar o menino doido! Deixa ele chegar em casa, descansar, ficar sem fazer nada se for o caso, ele também precisa disso! E no dia em que eu fiz isso pela primeira vez, nós chegamos, ele entrou, ficou meio perdido, e falou “e agora, o que que eu faço?”. Nossa, isso me partiu o coração e ao mesmo tempo me mostrou que eu estava certa em ser menos controladora, é bom pra ele e bom pra mim.

Laura: Entendi, mas nossa, pra mim é realmente muito difícil essa coisa de organização, eu até deixo pra ver até onde vai, mas vejo que ele realmente não liga! E isso me dá um nervoso! Mas vou tentar ir por esse caminho também, ser menos controladora. Porque mesmo do trabalho, de plantão, eu estou monitorando por telefone o que eles estão fazendo!

Lavínia: É, cansa muito, pra mim dar uma relaxada, pra gente, tem sido melhor...

Após esta primeira troca das experiências cotidianas, o Moderador relembrou que os encontros anteriores foram para que todos se conhecessem, todos se apresentaram e falaram sobre as expectativas com relação ao grupo, sobre as crianças e os sentimentos que se tem com relação a elas. Foi falado sobre o TDAH, e o que representa ter alguém com TDAH no âmbito familiar. O tema “Relacionamento entre família e escola” foi abordado no último encontro através da discussão de aspectos que chamaram atenção no vídeo que foi trabalhado.

O Moderador citou achar interessante o que apareceu lá na confecção dos cartazes, que ficou bem marcado o fato de o TDAH ser “vida”, pois as

crianças estão brincando, aprontando, indo pra escola, vivendo, dando risada, e até correndo e dando risada, enfim, estão aprendendo. O TDAH foi citado como surpreender e superar tendo a necessidade de desacelerar o acelerado. É satisfação, espírito, visão, investimento, são emoções, há a necessidade de exemplos. Segundo as famílias, TDAH é amor, dedicação, união, família, carinho, afeto, companheirismo. Tudo isso levando a um crescimento que se dá em um passo por vez para que se consiga manejar com as crises que surjam, manejar através do trabalho, é desafio, gera distância, motiva a buscar soluções, a renovar. TDAH é impulsividade. Essas são palavras que o Moderador elencou como sendo as que as mães usam para tentar traduzir como se sentem com relação ao TDAH.

O Moderador apontou que esta seleção de palavras mostra que é importante reconhecer que nem sempre tudo vai ser ótimo e nem sempre tudo vai ser péssimo. Na verdade tudo faz parte, tudo é educação desse filho, independente do TDAH.

Após esta rememoração, o trabalho com o tema do dia teve início. O Moderador falou do tema “Comunicação e relacionamento familiar”, e para que o trabalho tivesse início uma dinâmica foi realizada. As três mães receberam uma folha, um lápis, borracha e régua para fazer um desenho. Foram informadas de que o Moderador iria ditar as orientações do desenho, mas que não seriam permitidas perguntas ou olhar para o desenho das outras mães. Desta forma as mães foram realizando seus desenhos, e após o término, o Moderador fez algumas perguntas:

Moderador: E aí, foi fácil?

Laura: Nossa, você é muito brava, dava até medo de tentar fazer alguma pergunta! (risos)

Moderador: Mas vendo os desenhos de vocês, eles estão muito diferentes! O que que aconteceu?

Marjori: Ah, mas é que por exemplo, eclipse! É algo que a gente sabe o que é, mas na hora dá um branco! E se você deixasse a gente conversar ou perguntar teria sido muito mais tranquilo.

Lavínia: Daí vem e fala das retas perpendiculares! (risos). Nossa, coitadinhos dos alunos quando não podem fazer perguntas.

Marjori: Bem isso, eu já estou pensando na sala de aula quando eles não podem falar nada, hora de silêncio! Só eu que falo! (risos).

Moderador: Bom, mas então se nós repetirmos a atividade... O que se poderia fazer para amenizar as dificuldades?

Marjori: Poxa vida, você tinha que deixar perguntar, deixar gente falar, dá uma agonia não poder tirar dúvidas!

Laura: Eu fui fazendo, mas não tinha certeza se estava certo. E olhando agora sei que realmente não fiz certo... Se desse pra perguntar, pra você explicar melhor cada orientação, esperar um pouco, tirar dúvidas, acho que seria melhor. Com certeza eu pelo menos me sairia melhor. O delas ficou bem melhor, olha isso! (risos)

Lavínia: Acho que vai ser bem melhor fazendo perguntas.

Moderador: Ok, então vamos ir conversando durante a realização de nosso novo desenho.

A atividade foi realizada novamente. As mães foram fazendo perguntas relacionadas às orientações e pedindo exemplos. Após cada orientação, aguardava-se que todas concluíssem o que havia sido solicitado. Depois, partiu-se para a discussão relacionada à atividade e ligação da dinâmica com o tema “Comunicação e Relacionamento Familiar”.

Moderador: Agora que todas terminaram, podem mostrar seus desenhos umas para as outras.

Laura: Ah, isso sim é uma galinha!

Marjori: Eu até imaginei que fosse algo assim pra desenhar, uma ave ou algo do tipo, mas assim, o meu não estava nem próximo desse aqui dessa vez (risos).

Lavínia: Saber fazer uma elipse faz toda a diferença, era a cabeça e o corpo da galinha (risos).

Marjori: Gente, amenizou um monte a minha agonia (risos).

Moderador: Qual o elemento chave para que vocês obtivessem sucesso dessa vez?

Marjori: Poder perguntar! Falar, tirar dúvidas!

Laura: É, é poder se comunicar, né! E dá pra pensar lá no Vinícius, que às vezes eu posso dar a mesma orientação pra ele, várias vezes, mas que a mensagem na verdade não está chegando pra ele da forma que seria útil, digamos assim, pra ele. E eu não entendo, afinal eu já falei mais de mil vezes a mesma coisa e mesmo assim ele não fez!

Lavínia: É falta conferir se nessas mil vezes a criança compreendeu uma, né! Senão não adianta falar nem uma, nem mil (risos).

Moderador: Pois é pessoal, legal que vocês já foram fazendo a ligação lá com os meninos! A comunicação só existe quando se estabelece em ambos os lados, só a gente falar, mandar, não é sinônimo de estabelecer comunicação. É necessário ter certeza de que a criança está compreendendo e que ela possa se expressar caso o que estejamos falando, solicitando, enfim, não lhe agrade! Somente assim a comunicação se estabelece, pois se pode discutir novas ideias que venham a surgir e entrar em comum acordo. Lá na casa de vocês, como está a comunicação familiar?

Marjori: Eu vejo assim, que a gente conversa bastante, se comunica. O Enzo por exemplo, ele é bem crítico, com frequência ele pergunta “Ah, mas porquê! Por que tem que ser assim?” E a gente explica, ele questiona, até a gente se acertar. Claro, tem algumas coisas que devem ser feitas, mas não é por isso que a gente não pode parar um pouco pra conversar e explicar, pra criança entender, né.

Laura: E o Vinícius pra conversar nossa, é um parto. Eu tenho que espremer ele, é monossilábico, sim, não é pronto. Mas sempre procuro incitar que se expresse.

Lavínia: O Miguel também, tenho que insistir um monte pra falar, contar de como foi o dia na escola por exemplo. “Ah, legal!”, tá, mas fez o que, o que foi legal? Por aí.

Moderador: É, e pra estimular que se comuniquem, é interessante fazer coisas em casa que são agradáveis pra eles, por exemplo... Ah, viram um filme juntos! Conversar sobre isso, o que achou, qual parte gostou mais, qual não gostou, o que sentiu em determinada cena, enfim... permitir que eles se expressem e percebam que tem importância para vocês que eles revelem esses sentimentos.

Lavínia: Tem que dar uma torcida neles! (risos)

Moderador: Exatamente! (risos) E assim, estou muito curiosa para conhecer os meninos de vocês! Então para o próximo encontro eu gostaria que vocês trouxessem os filhos de vocês junto, pode ser? E fiquem a vontade para trazer os pais e mais alguém que conviva, que seja próximo de vocês. Vamos fazer uma bagunça aqui! (risos)

Lavínia: Ai meu Deus, olha o fervor! Vai ser legal, o Miguel vai gostar.

Moderador: Então eu envio lembrete ao logo da semana, o tema será “O apoio à criança nas atividades escolares”, dentre outros! (risos) Muito obrigada!

G: Registro do 5º Encontro: Apoio à criança nas atividades escolares

No último encontro, foi solicitado que as mães trouxessem seus filhos para vivenciar o momento do grupo de apoio social junto delas. A Lavínia trouxe o Miguel, Laura estava com sua filha, sua mãe e com o Vinícius, e Ni, vivenciou ao lado de Júnior. A Gabriele com seu filho Eduardo participaram pela primeira vez do grupo. Marjori não pode comparecer com Danton e Enzo. A Prof^a. Dr^a. que orienta este trabalho nos prestigiou com sua presença e comentários preciosos. Moderador deu início ao encontro dando boas vindas a todos e solicitando que cada um dissesse o seu nome. Após, moderador iniciou algumas reflexões.

Moderador: Então pessoal, meninos, não sei se vocês repararam que as mães de vocês, nas últimas semanas, tem chegado em casa um pouquinho mais tarde em alguns dias? Elas saem do trabalho e às vezes não vão direto pra casa... Vocês repararam? Vamos meninos! Vocês não repararam? (risos)

Júnior: Eu não!

Moderador: Então a mãe tá em casa sempre?

Júnior: É assim, é que tipo assim, ela sempre chega em casa na hora.

Moderador: Você acha que ela está sempre em casa na hora! (risos). E vocês, repararam?

Júnior: É que eu fico no computador e quando eu vejo ela está em casa sempre.

Moderador: E você, Miguel! Reparou que às vezes a mãe não está em casa a noite?

Miguel: Aham!

Moderador: Você notou! E o que você acha que a mãe está fazendo?

Miguel: Não!

Moderador: Não imaginou “o que será que a minha mãe está fazendo?” Pensou em perguntar?

Miguel: Hum... Não....

Todos: (risos)

Moderador: Nem pensou nisso! (risos) E quando a mãe de vocês chega em casa, o que ela gosta de fazer?

Ni: (risos)

Moderador: Podem contar! O que a mãe gosta de fazer pra relaxar?

Eduardo: Tomar chimarrão!

Gabriele: (risos)

Júnior: Crochê! Ela tá fazendo um tapete.

Moderador: E a sua mãe, Vinícius?

Vinícius: Eu não sei!

Moderador: Mas ela dorme, ela vê tv...

Vinícius: Ela dorme!

Laura: (risos)

Moderador: E a sua Miguel?

Miguel: Ver TV.

Moderador: Legal! E a mãe de quem aqui gosta de ler?

(todos levantam a mão, menos Júnior).

Moderador: E a mãe de quem gosta de deitar no sofá e ficar sem fazer nada?

(risos, todos levantam as mãos.).

Moderador: Então pessoal, vocês sabem que a mãe de vocês, ela trabalha muito! Elas trabalham o dia todo, tem mãe que trabalha a noite toda, e quando elas chegam em casa, gostam de fazer isso que vocês falaram, tomar um chimarrão, deitar no sofá, fazer crochê, ver uma tv, né... só que tem algumas semanas, que em alguns dias, e que vocês nem notaram, mas que a mãe de vocês tá fazendo o esforço de vir pra cá. Então o que a mãe tá fazendo... ela está vindo aqui pra quê? Pra conversar com as outras mães.

Júnior: Eu nunca notei, porque eu durmo.

Moderador: Então, você está lá dormindo, descansando e a mãe vem pra cá. Então ela está fazendo o esforço de vir conversar sobre vocês. Porque elas querem ajudar vocês, elas vem para este grupo para se encontrarem e conversar sobre o que vocês gostam de fazer...

Júnior: Eu gosto de comer! (em tom de grito)

Moderador: E a mãe conta aqui, que você gosta de comer, gosta de ler um gibi, jogar videogame. Elas conversam sobre como que vocês estão lá na escola, e cada uma conta sobre o que está funcionando ou não lá na casa de vocês. Então pessoal, ao invés de a mãe estar lá em casa descansando um pouquinho, ela vem aqui porque se preocupa com você. Pode ser que no momento vocês não entendam, porque são novinhos ainda, mas...

Júnior: É a primeira vez que a gente vem aqui?

Moderador: Que as crianças vem junto é a primeira vez, só hoje. Tá bom?... E lá na frente vocês vão lembrar... “Ah, lembra daquele dia em que eu fui aquele dia, e...”

Júnior: Eu não lembro de nada!

Moderador: Mas lá na frente quando você for um adulto, vamos ver se vai lembrar do dia de hoje? E vão pensar “Nossa! Ao invés de a minha mãe descansar, ela ia lá naquele lugar tentar aprender um pouquinho sobre o que fazer para me ajudar, porque ela se preocupa e ama muito você. Ela quer o melhor pra vocês. E hoje você vieram aqui para que nós façamos uma atividade, todos nós juntos, e pra vocês verem o que a mãe vem fazer aqui. Ok?”

(todos concordam)

Moderador: Antes da atividade, vamos lembrar um pouco sobre a semana passada. Nós conversamos sobre comunicação. Eu gostaria que as mães falassem um pouco sobre como foi essa semana com relação à comunicação, o que vocês leram novamente sobre o texto e o que aconteceu durante a semana que vocês anotaram no caderno para compartilhar com as outras mães.

Laura: Eu esqueci meu caderno! (risos). Mas assim, trazer todo mundo junto foi uma missão bem difícil! A comunicação lá em casa é boa, a gente conversa, mas eu tenho

uma dificuldade que o Vinícius entenda. Eu coloco as coisas, mas nem sempre sai da forma como eu acho que deveria. E aí tem aquele estresse, porque eu não tenho retorno com relação às regras, aos estudos, às atividades diárias, mas no geral, foi uma semana tranquila.

Moderador: Quem mais quer falar?

Ni: Bom, na escola ele não fez as lições, não fez nada na escola. Hoje a gente fez um acordo e ele fez tudo a tarde. Não é fácil, ele tinha dado uma melhorada, mas agora já... sabe...

Gabriele: Com o Eduardo é tudo bem tranquilo, ainda mais depois que ele começou a tomar o medicamento. Não tenho tido problema nenhum, a nota dele é boa, dentro da média. Até já passou de ano. A professora disse que ele não pode ficar sem o medicamento, que não tem como. Está tomando só na escola e na catequese. Não dou nem nas férias. Tem mãe que na hora de sair de casa, soca a ritalina! Eu nunca fiz isso, só pra escola e pra catequese.

Lavínia: Bom, o Miguel passou uma semana bem boa, foi viajar sozinho com os avós, fiquei solteira de filho (risos). Foi a primeira vez que ele ficou o final de semana fora, se comportou muito bem, só recebi elogios. Teve só um conflito na escola, mas a coordenadora resolveu com ele... mas ele é um filho maravilhoso, é só evolução. E com as quedas eu tenho que me adaptar a elas. Às vezes a gente está em um momento maravilhosos, e vem uma queda, preciso trabalhar em mim essa relevância, eu sou muito severa, quero que as coisas andem na linha dos “meus combinados” (risos). Mas tá indo bem, super bem. Cada vez melhor, graças a Deus.

Moderador: Legal pessoal, então agora nós vamos fazer um momento de trabalhar! Eu gostaria que vocês fizessem...

Júnior: Vamos comer!

Moderador: Pode comer! Está na mesa, pode pegar! Quem quiser, te suco, bolacha, refri, chocolate... Podem ficar à vontade e ir pegando! Eu vou dar uma cartolina pra cada família, e ali tem uma folha com linhas colada, eu gostaria que vocês fizessem um desenho de um dia de férias de vocês, um dia que vocês passaram juntos. E aí, vão fazer um textinho falando sobre esse dia. Faz o desenho e faz o registro do texto. Todo mundo na família pode produzir junto, pode desenhar, pode escrever, pode participar. E depois vocês vem pra cá pra apresentar pra gente, tá bom? Então podem vir pra cá! Venha Júnior, pode comer!

As famílias de Eduardo, Vinícius e Júnior se reúnem na mesa, enquanto que Lavínia e Miguel preferem achar um lugar e deitar no chão para realizar a produção. Após, todos se reuniram para compartilhar o que desenharam e sobre o que registraram.

Moderador: Então pessoal, você fizeram lá nos cartazes um dia de férias, um texto, um desenho... então a mãe, os filhos, podem contar o que desenharam, expliquem o que...

(Miguel cai da cadeira e começa a chorar)

Moderador orientador: Ai, essa cadeira é uma chatice!

Lavínia: Não foi nada!

Laura: O Vinícius também já caiu da cadeira! No cinema! Ele caiu e derrubou toda a pipoca!

Moderador: Tudo bem Miguel?

Lavínia: Se der corda ele vai chorar mais, melhor não... (risos)

Moderador: Ah, beleza... (risos)

Vinícius: E eu bati a cabeça!

Moderador orientador: E você fez o que?

Vinícius: Tiveram que me ajudar!

Laura: A gente teve que puxar ele, ajudar a desentalar ele! (risos)

Moderador: Ô meu Deus! Então enquanto o Miguel se recupera, tadinho... quem que quer começar?

Laura: A gente! Então esse é o nosso cartaz, A gente teve um pouco de dificuldade de achar um dia, um encontro em que estivéssemos nós três, porque quando a vó tá eu não tô, e quando a vó não tá eu tô. Foi as férias do início desse ano, a gente foi pra Tibagi, eu, o Vinícius, minha filha e mais uma amiga. E aí nós descemos de Rafting.

Moderador: Olha que legal!

Vinícius: É, tirando que o cara queria afogar a gente no barco! Ficava jogando água quando passava por baixo!

Todos: (risos)

Laura: Aqui é o hotel onde a gente ficou, e esse outro desenho é pra mostrar que nós fizemos um rapel também, na água.

Moderador orientador: É perigoso, Vinícius?

Vinícius: É...

Laura: É, mas tem os equipamentos de segurança, né? Tem uns 48 metros. As cordas ficam amarradas nas árvores, aí tinha um negócio em que a gente se segurava... e vai descendo pela cachoeira.

Moderador: Mas vai se apoiando em algum lugar?

Laura: Na própria pedra da cachoeira.

Moderador: Você que desenhou, Vinícius?

Vinícius: Sim.

Moderador: Olha que desenho lindo!

Laura: Ele é um desenhista! E assim, pros adultos, a gente vai sozinho. Mas pra eles, o rapaz vai junto. Eu achei que eles iriam ter medo, porque a primeira vez que eu fiz, foi 25 metros...

Vinícius: E se não conseguir, vamos chamar o helicóptero! Tem que descer, subir não dá mais! (risos)

Laura: (risos)... E a subida, tem que subir a pé, em uma mata fechada. A subida é tão difícil, que pra descer de rapel é mais fácil! Então vai de rapel mesmo! (risos)

Moderador: Vamos pelo mais rápido, mesmo com medo! (risos).

Laura: E a água da cachoeira é muito gelada, nossa! Ainda bem que estava quente!

Moderador: Muito legal! E vocês fizeram bem juntos o cartaz... e em casa, na hora da lição, também é assim?

Moderador orientador: Olha só, foi um dia radical, que experiência bacana!

Laura: Foi muito legal mesmo! Então, ele vê o que tem pra fazer, mas eu fico olhando se ele está vendo a lição certa, a mais urgente! (risos). Agora que estou deixando mais solto, ele ver sozinho... aí ele faz a lição sozinho, mas sempre que tem alguma pergunta vem e fala comigo! Mas é mais ou menos assim, juntos, pra poder observar e ajudar na lição... ver se está fazendo certo também.

Moderador: Bacana, então a lição é mais ou menos assim também, fazendo juntos, mas dando espaço pra ele. E vocês, Ni e Júnior, como foi o dia de férias de vocês?

Ni: Então, nós fizemos um dia em que fomos no shopping Estação. Quer contar? Conta!

Júnior: Não. Fala você.

Moderador: E como foi a produção, os dois fizeram, se dividiram, se ajudaram...

Ni: Então, nós escolhemos o dia, aí eu escrevi e ele desenhou.

Moderador: Ah, que você estavam discutindo sobre desenhar ou não, o que era mesmo?

Ni: Ai, ele queria fazer o cocô do bicho. Ficamos um tempão discutindo, aí ele fez aqui. É que era um dia em que ele foi para ver uns animais lá no shopping... Aí começamos a fazer o cartaz, mas eu acabei fazendo mais sozinha. Ele não para, não foca muito tempo.

Júnior: Mas eu desenhei aqui, ó.

Ni: Sim, desenhou sim. É que ele não consegue se concentrar muito, é super difícil. Você viu, todos fazendo e ele passeando, comendo... foi ao banheiro... Mas fizemos, esse é nosso cartaz... Até temos que ir embora mais cedo, dar remédio pra minha filha.

Moderador: Tá ruinzinha? E a irmã mais velha, pode dar o remédio?

Ni: Lá em casa só eu que dou o remédio, e tenho que ir logo... Tá ruim, garganta, tá mal... mas melhorando.

Moderador: Entendi! E em casa pra fazer a lição, também é assim?

Ni: Nossa, tenho que ficar em cima, negociando, sabe... é bem difícil! Mas quando consigo convencer ele com alguma coisa ele faz.

Moderador: Ele não faz sem negociar!

Ni: Vish, não quer saber. Mas eu falo que vou tirar o computador, aí ele faz, porque se tem uma coisa que ele gosta é do computador.

Moderador: E sobre o dia de férias, querem contar mais alguma coisa?

Ni: Quer, Júnior? Então, que foi em um dia em que tinham vários brinquedos no Shopping, aí tinha um jacaré, escorregador. Era aniversário da caçula, a irmã mais velha foi também. Depois do parque teve bolo... bem legal, só isso.

Moderador: Beleza, muito obrigada! Vocês agora! (risos) Gabriele! Que bom que vocês vieram hoje! E como foi o dia de férias de vocês, queridos?

Ni: Dá licença que eu preciso ir, vamos Júnior... tchau, obrigada!

Gabriele: O nosso dia foi um final de semana na praia, e fez muito calor, foi sorte... que não teve chuva, ninguém merece praia com chuva! (risos). Brincamos bastante na areia, brincamos no mar... nadamos bastante.

Eduardo: E a noite fomos andar de bicicleta.

Gabriele: E andamos de bug também.

Eduardo: Tomamos sorvete.

Gabriele: Isso, depois tomamos um sorvete na sorveteria da praça. E é isso.

Moderador: Que bacana, praia é tudo de bom. E eu vi vocês fazendo bem juntos o cartaz, como foi?

Gabriele: Eu escrevi aqui o texto e o Eduardo fez o desenho.

Moderador: E em casa, como é pra fazer a lição?

Gabriele: Então, a professora não manda lição pra casa, porque ela diz que ninguém faz e ela só estressa se ficar insistindo. Mas quando tem é na brincadeira. Com ele eu vou brincando, aí ele faz. Em matemática ele é bom, então eu vou pedindo as contas, e ele faz pra gente ver se bate... e ele gosta. Também lemos livrinhos juntos, tudo brincando.

Moderador: Então você já viu o que funciona com ele, já bolou uma estratégia!

Gabriele: Ah sim, se uma coisa não dá certo não adianta insistir!

Moderador: Legal ouvir isso... e por fim... nosso Miguel! Está bem agora, né? Contem sobre o dia de férias de vocês!

Lavinia: O nosso cartaz não é precisamente de um dia só de férias, mas um resumo do que gostamos de fazer nas férias. Nós gostamos muito de atividades culturais, esportivas e de lazer, igual escrevemos aqui, o teatro, né Miguel...

Miguel: Aqui é o teatro, do rato... cinema esse daqui!

Moderador orientador: E no cinema, que filme é esse? Parecem teias! É o homem aranha? Tem até o pessoal assistindo, que graça...

Miguel: Aham.

Lavínia: É filho? E também shopping, praia...

Moderador: E esse desenho aqui, é da praia?

Miguel: Da água.

Lavínia: É o mar né, o Miguel que desenhou.

Moderador orientador: Muito bonito!

Lavínia: Nós também vamos muito em praças e parques. Fomos no Guido Viário... Desenhamos aqui o parque Bacacheri que é praticamente a nossa segunda casa, sempre estamos lá.

Gabriele: Ah, a nossa também! (risos). Sempre vamos no Parque Bacacheri, lá fazemos piquenique, andamos de triciclo, eu levo a cesta... eles adoram.

Lavínia: Lá é muito bom, né... Mas é isso, né Miguel...

Moderador: E eu vi que vocês deitaram ali no chão! Como é em casa, na hora da lição?

Lavínia: Ah, a gente fica muito no chão, pra jogos e tudo mais. Mas na hora da lição é sentadinho, não tem como...

Moderador: E vocês estão sempre juntos nesses momentos?

Lavínia: Então, sim... Mas agora com as lições eu estou mais relaxada, digamos assim. Eu cheguei na psicóloga esses dias e falei que eu cansei! (risos). Ela me disse "ainda bem que você cansou! Deixa o menino descansar, ficar mais livre!". E eu estou assim, claro, nós fazemos a lição, mas quando ele cansa eu não fico insistindo muito, deixo ele mais livre. No primeiro dia em que fiz isso, nós chegamos em casa, ele me olhou, e... "O que eu faço agora?". Tipo, esperando eu coordenar todos os passos dele! E eu percebi que já estava na hora de mudar, não ser tão sistemática. E tem sido ótimo para nós dois... Ele sabe que eu estou presente nessa parte da vida dele, na vida escolar, mas eu estou me percebendo mais como mãe, e não como a professora que tem que cobrar tudo.

Moderador: Legal pessoal, então vocês têm férias super cheias, animadas!

Moderador orientador: Nossa, e eu gostei do passeio de como é mesmo... rapel! Muito bacana. Mas me conte Vinícius, quando não estão em férias, na escola, de qual matéria você mais gosta?

Vinícius: Depende de qual ponto de vista você está falando.

Laura: Vamos, fala Vinícius!

Moderador: Qual matéria você acha mais legal de assistir as aulas?

Vinícius: História.

Moderador: Mas porque história?

Vinícius: Acho que por causa do professor, eu gosto dos professores. E também gosto muito de ouvir as histórias.

Laura: Isso ele sempre fala, que professor é bom.

Moderador orientador: E história é excelente, muito bom para várias profissões. Ajuda a desenvolver o senso crítico, uma visão de mundo, a entender o que acontece à nossa volta... e você é um menino que se expressa de maneira muito boa.

Moderador: Sim, ele tem um vocabulário muito bom, fala de maneira formal, usa uma linguagem formal.

Moderador orientador: Com certeza deve continuar estudando história! Vai te ajudar muito em todas as áreas.

Moderador: Pessoal, foi muito legal ter vocês aqui hoje... alguém quer acrescentar alguma coisa?

Miguel: Porque as crianças sempre tem que obedecer o que os adultos mandam?

Todos: (risos)

Moderador: Olha Miguel, eu não vejo que as crianças devem obedecer. Os adultos, a mãe, a professora, tem mais experiência de vida e já sabem que em algumas situações é melhor que você faça uma coisa e não outra. Por isso você tem que ouvir o que falam, pensar sobre.... e muitas vezes vai saber que estão certas! Mas não é assim “Ah, só tenho que obedecer!”. Não... você precisa ouvir as orientações, e ver que vale a pena seguir, porque a professora e a mãe só querem o seu bem! O que você acha, essa resposta está boa?

Lavínia: Diga Miguel, você entendeu, aceita a resposta?

Miguel: Sim!

Moderador: Ai que bom! (risos)

Todos: (risos)

Moderador: É isso aí pessoal, nossa, muito obrigada por terem se organizado pra estar aqui hoje, com as crianças, obrigada à minha orientadora pela contribuição valiosa... nos vemos no próximo encontro, combinamos tudo pelo whatsapp... Não falem porque falaremos sobre Práticas Educativas, vou trazer uma apresentação em slides para falarmos sobre o TDAH! Obrigada!

H: Registro do 6º Encontro: Práticas Educativas

A temática proposta neste 6º encontro foi “Práticas Educativas”. Lavínia, Gabriele e Ni estavam presentes e foi rememorado o encontro anterior, no qual

a participação das crianças, da avó e irmã de Vinícius permeou todos os momentos.

Moderador: Boa noite a todas, que bom que vocês estão aqui hoje, em nosso penúltimo encontro.

Ni: Tá passando rápido!

Moderador: Tá, né! Logo acaba! Mas sempre vamos conversar pelo whatsapp, marcar encontro e tudo mais, né pessoal? (risos)

Gabriele: Sim, porque é tão bom pra gente, né! Até trouxe minha amiga junto hoje, que fez vestibular na Federal e veio conhecer a Universidade.

Amiga: É eu até vou dar uma volta por aqui pra conhecer tudo!

Moderador: Legal, boa sorte! Então, relembando do último encontro, com os meninos junto.... Como foram as tarefas ao longo dessa semana? Ah, eu gostaria de saber também uma coisa de vocês. O que vocês sentem quando o comportamento deles não é bem o que vocês esperavam?

Ni: O Júnior no último encontro até que se comportou, mas porque interessava ele. Antes, eu nem saía de casa com ele pra não passar vergonha, agora já está melhorando, estamos saindo mais, eu também estou relaxando... É... a lição. Então, é daquele jeito, igual aqui. A gente tenta sentar, ele dispersa muito, eu vou negociando e foi indo essa semana.

Lavínia: Aaaa... eu tenho vontade de matar quando não se comporta! Ainda mais quando ele faz alguma coisa na frente dos outros! (risos). Teve uma vez em que nós fomos em um aniversário e o Miguel estava brincando com uma amiguinha e conversando. Aí do nada ele grita: "Né que você não é casada, mãe? Né que você não tem marido, mãe?" E eu só olhei o rosto da menininha, como se estivesse chocada, claro, acostumada com a família bonitinha (risos). Aí eu fui falando baixinho pra responder... É filho... a mãe não é casada, moramos só nós dois e tal.... Mas assim, é algo dele, impulsivo! Aí dá vontade de esganar (risos). Já com as lições estou mais tranquila, então foi uma semana boa, estamos em uma vibe boa...

Gabriele: (risos) Lição não teve essa semana, mas quando tem o Eduardo está mais tranquilo depois do remédio, mas antes quando não se comportava, eu ficava com raiva, porque tava falando uma coisa, pedindo e ele não fazia, mas eu me arrependi depois. Vi que era por causa do TDAH, tipo, não é que ele fazia por mal. Eu não entendia, porque sempre eduquei, sempre conversei e parece que ele não conseguia! Mas agora eu sei que não é que ele quer fazer as coisas, é igual a Lavínia disse, um impulso.

Moderador: Então pessoal, hoje eu vou passar pra vocês uma parte mais teórica sobre o TDAH. Eu trouxe slides falando sobre o a definição de TDAH, dicas pra ajudar crianças com TDAH na escola, na comunidade, em casa... e depois da exposição desse material, vamos conversar sobre práticas educativas, ok?

Neste momento foi realizada a apresentação sobre o TDAH através de slides.⁶⁶

Moderador: Pessoal, agora que já vimos um pouco sobre a parte teórica, vamos fazer uma atividade.

Ni: Ai meu Deus, o que será! (risos).

Moderador: (risos) No finalzinho dos slides, eu trouxe algumas dicas de práticas educativas. Só que não adianta nada nós ouvirmos essas dicas, e de repente colocarmos em prática se não refletirmos sobre o porquê de estas dicas terem sido dadas, porquê elas podem, ou não, ser válidas. Então, eu vou passar esse saquinho, e dentro dele tem 9 dicas de práticas educativas. Eu gostaria que vocês tirassem uma e tentassem justificar a importância desta prática, ok?

Lavínia: Tá, então... “Manter um diálogo franco, perguntando o que pode ser feito para ajudar e que dificuldade a criança vê no dia-a-dia”. Tem que estar sempre conversando... eu sou bem de insistir em que ele fale, porque tudo é “sim” “não”, então tenho que torcer...

Moderador: Até mesmo porque fazer com que a criança nos dá dicas pra manejar de maneira adequada com problema e dificuldades que às vezes os pais não percebem, só a criança sabe. Por isso é necessário “torcer” eles, né... e estimular a comunicação até que isso seja natural.

Gabriele: “Evitar discussões ou gritos na frente da criança”. Ah, com certeza, não é bom, tem que dar o exemplo até esses dias meu ex começou a querer fazer cena na frente das crianças, eu já cortei, porque não é assim, tem que resolver só nós dois.

Moderador: Exatamente isso, né... os pais são os modelos, o tendem a imitar... pro bem ou pro mal, por isso é importante nos policiarmos.

Ni: “Informar-se a respeito do TDAH, ler sobre o assunto, procurar famílias com o mesmo problema.” Acho que é importante pra trocar experiências mesmo. Hoje a gente aprender e conversou bastante sobre o TDAH, e como ajuda, essa nossa troca aqui.

Moderador: E ajuda a lidar de maneira adequada com a criança!

Lavínia: “Em conjunto estabelecer normas claras e ser corente em relação às normas estabelecidas”. Gente, isso caiu como uma luva pra mim (risos). Mas é isso, não ter só os “meus combinados”, mas ter normas pra viver bem, e que os dois respeitem. Não fazer regras sozinha e esperar que ele cumpra sozinho.

Gabriele: “Explicar claramente como a criança deve se comportar, esclarecendo as exigências de diferentes contextos.” Ah, eu sempre explico, pra eles entenderem, tanto meu menino quanto minha menina.

Moderador: Até porque nem sempre está claro pra criança porque determinado comportamento é esperado dela, então a gente tem que explicar.

⁶⁶ Slides estão no anexo “I”

Ni: “Evitar castigar excessivamente”. Se a gente faz muito isso chega uma hora que eles nem escutam mais. Tanto faz... o Júnior já fica negociando o castigo. Então não adianta, não estou mais fazendo isso.

Moderador: E só castigo, castigo, tem um impacto negativo na autoestima das crianças!

Ni: Verdade, e depois nem ligam mais, porque pensam “eu faço tudo errado mesmo, sempre, então nem adianta”.

Lavínia: “Procurar manter uma postura coerente sobre o TDAH entre todos os membros da família;” Nem sempre é fácil... agora eu tenho saído mais então o Miguel fica com os meus pais. E a minha mãe é muito de fazer tudo pra ele, de estar servindo ele sempre, já o meu pai ele quer ser servido... então são posturas diferentes. Eu tive uma educação muito rígida com meu pai, aí chegou uma hora que eu me rebelei, saí de casa, casei... quis fazer tudo diferente. E eu vejo que com o Miguel eu tento fazer as mesmas coisas, igual meu pai! Então... acho que tem que ter coerência entre as pessoas que participam da educação.

Moderador: Sim, e pra criança não ficar confusa, senão cada um fala uma coisa e fica complicado...

Gabriele: “Estar em contato com a escola e a professora e observar se conhecem o TDAH. Fornecer informações caso seja necessário”. Isso é uma coisa importante, que eu vejo que não tem. Eu acho que quem é professor, tem que saber sobre o TDAH, eu vejo que na escola às vezes os professores não tem ideia de como lidar com a situação. Na escola em que meu filho estava antes era pior... E por causa do grupo eu ainda quero voltar lá pra conversar, agora eu tenho um respaldo pra falar sobre... conhecimento. Porque meu filho sofreu muito lá, tadinho. E eu não quero que outras crianças sofram também, por isso quero ir lá pra ajudar.

Moderador: Que legal, por causa do grupo! E isso mesmo, tudo que a gente lê, pesquisa... é conhecimento, é algo que você sabe e ninguém tira de você. E conversar com os profissionais que atendem seu filho vai facilitar o convívio dele na escola, com os colegas... e isso vai evitar que ele perca o interesse pela escola!

Gabriele: E ele tava, tadinho, tava sem interesse, só brigavam com ele e ele só ia mal... e era só reclamação, por causa de falta de informação. Então tem que conversar com a escola, e eles tem que se aprimorar também!

Ni: Com certeza! ... “Evitar um estilo de educação muito permissivo. Fazer com que os limites sejam cumpridos, mas dosando a liberdade para evitar exigências excessivas”. Ah, estou menos exigente agora, antes eu era muito de ficar em cima, agora estou mais tranquila.

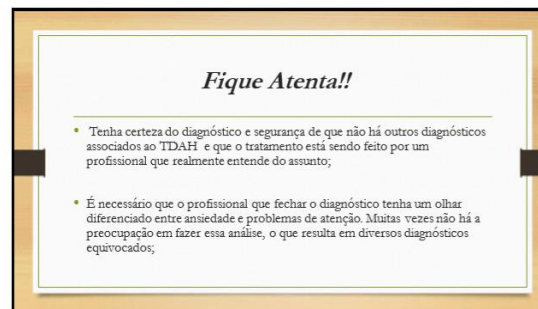
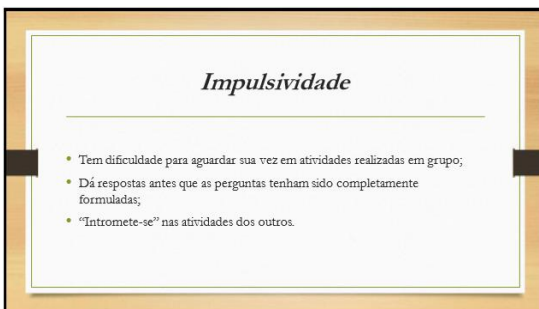
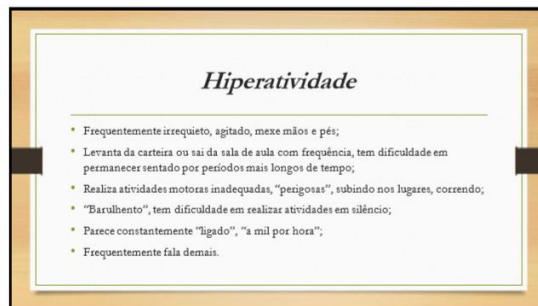
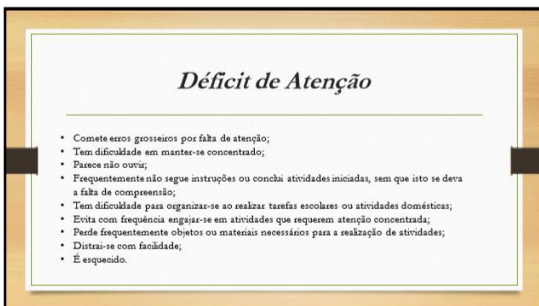
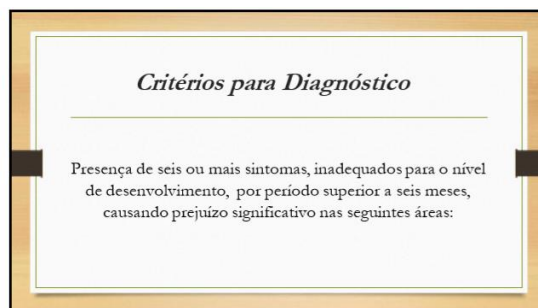
Moderador: Mas também não dá pra ser muito permissivo, né! Até porque deve-se preparar a criança para enfrentar os limites que encontrará ao longo da vida, mas o que não dá é pra deixar a criança sentindo que estão tirando a liberdade dela. Isso não pode acontecer em nenhuma fase da vida, nem na infância, nem na vida adulta.

Ni: Ah sim... sempre equilibrando, né...

Moderador: Isso mesmo! Gente pra hoje seria isso! Espero que o momento de hoje, que teve muita coisa teórica, tenha sido válido pra vocês... Eu fiz, eu mesma que fiz (risos) esses ímãs de geladeira com as práticas educativas sugeridas... fica de

lembrancinha pra vocês, pra colocar em um lugar visível pra estar sempre lendo e relembando o que se sugere colocar em prática. Semana que vem é o último encontro em grupo, não falem! Obrigada.

I: Slides sobre TDAH e Práticas educativas



Prevalência

Estudos nacionais e internacionais que utilizam os critérios do DSM-IV relatam prevalência de 3 a 7% em crianças em idade escolar com TDAH, com maior frequência para o sexo masculino.

Evolução e Impacto do TDAH

Durante algum tempo, acreditou-se que os sintomas desapareciam com a idade. Entretanto, existem evidências indicando que 30 a 60% dos indivíduos continuam a apresentar sintomas significativos na vida adulta.

É importante considerar não apenas o impacto do transtorno na vida acadêmica, mas sobre o funcionamento e bem-estar ao longo da vida para a criança, adolescente ou adulto com TDAH e sua família.

Tratamento



- Estabelecer programa para manejo do TDAH, fornecendo informações adequadas, bem como proporcionar contato com outras famílias que também possuem membros com TDAH.

- Estabelecer objetivos terapêuticos em conjunto com a escola, para melhorar o relacionamento entre todos com os quais o paciente convive e aprimorar o desempenho acadêmico, independência e autoestima.

- Reavaliar o tratamento quando os alvos não forem atingidos, bem como acompanhar constantemente através de dados obtidos dos pais, professores e da própria criança.



Tratamento Medicamentoso

- Os medicamentos de primeira escolha são os estimulantes, considerados seguros e capazes de proporcionar benefícios significativos em curto espaço de tempo.
- No Brasil, a medicação disponível e de maior eficácia é o metilfenidato, a "Ritalina". Prescrita e acompanhada pelo médico, dificilmente causará dependência, não se acumula no organismo e seu efeito dura em média 4 a 5 horas.
- Este medicamento diminui ou elimina os principais sintomas de TDAH em cerca de 70% dos casos.

Tratamento Psicossocial



- Nem toda criança necessita de psicoterapia, mas todo caso de TDAH requer orientação.
- A orientação aos pais visa facilitar o convívio familiar, ajudar a entender o comportamento e ensinar técnicas para manejo dos sintomas e prevenção de futuros problemas.
- A orientação escolar visa facilitar o convívio de crianças com TDAH com colegas e evitar o desinteresse pela escola e pelos estudos.

Dicas de Práticas Educativas



- Ao estabelecer um comportamento como meta, é importante organizar tudo de modo a assegurar que a criança tenha uma boa chance de conseguir realizar o que está sendo exigido dela.
- Ao obter êxito em uma tarefa, a criança sente-se reforçada e competente para continuar tentando. Os progressos devem ser apontados e reforçados, estimulando assim a criança a continuar mudando.
- A criança precisa ser ensinada a parar, analisar a situação, verificar as possíveis soluções e consequências destas soluções.

- Reforçar o que há de melhor na criança;
- Não estabelecer comparações entre os filhos.
- Procurar conversar sempre com a criança sobre como está se sentindo;
- Aprender a controlar a própria impaciência;

- Estabelecer em conjunto regras e limites para a casa, mas ter o cuidado de obedecê-las também;
- Não esperar "perfeição";
- Use português claro e direto, de preferência falando de frente e olhando nos olhos.

- Elogie! Não se esqueça de elogiar! O estímulo nunca é demais. A criança precisa ver que seus esforços em vencer a desatenção, controlar a ansiedade e manter o "motorzinho de 220 volts" em baixas rotações está sendo reconhecido;

Não cobre resultados. Cobre empenho!



- É de extrema importância o desenvolvimento da linguagem como mediadora e reguladora do comportamento.
- Para tal, conte histórias! Leia junto com seu filho, encontre estratégias de ampliar o universo linguístico.



- Auxilie no aprendizado do "vocabulário das emoções". Escutar o que a criança fala, dar importância para sua fala.

- Procure o máximo de informações possíveis sobre o TDAH: leia livros, faça cursos, mantenha contato com outros pais para dividir experiências bem e mal sucedidas;
- Lembre-se que seu filho está sempre tentando corresponder às expectativas, mas às vezes não consegue. Portanto, *seja otimista, paciente e persistente, sem desanimar diante dos possíveis obstáculos!*



Até o dia 13 de novembro (6ª feira) enviar uma foto, ou mais fotos, da família (pode ser da família, só da mãe, só da criança...).

danielekot@hotmail.com



J: 7º Encontro: Discussão final

Neste último encontro todas as mães estavam presentes. Junto de Gabriele, Laura, Lavínia, Marjori e Ni, as temáticas discutidas ao longo do período foram lembradas.

Moderador: Todo mundo aqui hoje! Show! Vai dar pra gente fechar bem a parte coletiva do nosso trabalho, concluindo hoje os nossos encontros!

Gabriele: Nossa, a gente queria mais! É tão bom vir aqui, a gente vem do trabalho cansado, mas chega aqui e o tempo passa rápido.

Moderador: Fico feliz em saber, e esse sentimento é devido às trocas com as outras mães! E mais importante do que vir aqui, é que vocês continuem conversando depois, mantenham contato!

Marjori: Ah sim, tem que ver pra até se encontrar!

Moderador: Bom, agora vamos testar a memória de vocês (risos). Lembram do nosso primeiro encontro? Quem participou foi a Lavínia e a Ni.

Marjori: Ai, não vai falar quem faltou! (risos)

Moderador: Ah, vou falar sim! Tenho tudo anotadinho! (risos). Quem estava presente poderia contar para as demais o que nós fizemos?

Lavínia: Bom, foi um momento como você disse aquele dia, de introdução ao grupo, lembro que nós nos apresentamos e você falou do objetivo desses momentos, sobre a importância de poder estabelecer um espaço de trocas de experiências.

Ni: E sobre as práticas educativas, você disse que a intenção era que no final a gente tivesse mudado, ou aprimorado a forma como nós trabalhamos com nossos filhos, porque essas trocas iriam ajudar a gente a repensar as nossas ações.

Lavínia: E também teve o cartaz que nós fizemos sobre o que significa ter alguém com TDAH na família, igual você falou, no âmbito familiar.

Moderador: Legal pessoal, e o segundo encontro foi com o tema “Relacionamento entre a família e a escola”. A Laura, Ni e Marjori estavam presentes. E aí, como foi?

Marjori: Esse foi o primeiro encontro em que eu vim, então nós também nos apresentamos... você explicou pra gente como seriam os encontros. E a gente se conheceu bastante naquele dia...

Laura: É, lembro que eu contei toda a história do Vinícius! E a gente falou bastante sobre essa coisa de TDAH, de como as crianças são afetadas no comportamento por ele... e nós assistimos ao vídeo, e vimos que muitas práticas que são realizadas na escola não são adequadas para os nossos filhos, porque eles precisam de atenção diferenciada e muitas vezes a escola não está preparada para isso. O Vinícius por exemplo, ele precisa que o quadro esteja organizado, mas às vezes ele está copiando alguma coisa, aí acaba se distraindo com outra... e quando vai continuar o professor já apagou uma parte e aí ele se perde todo, e nisso tudo e continua copiando a partir de qualquer parte! Depois o caderno fica aquela bagunça que não dá pra entender nada. Então dá pra ver que o professor não estava prestando atenção dele, mesmo com toda essa dificuldade.

Ni: É, e não dá também pra falar Júnior, por exemplo, que a escola que fez errado, senão já viu né... fazem o que querem lá.

Laura: Nós também fizemos o cartaz...

Marjori: É, porque nós não viemos no primeiro encontro, e ela não perdoa (risos). Procuramos tudo o que o TDAH, nossos filhos representam, e foi muito legal apresentar, e até parar pra pensar nisso.

Moderador: Memória de vocês nota dez! (risos). Vamos lá, tema “Comunicação e relacionamento familiar” com a Lavínia, Laura e Marjori.

Marjori: Nesse foi o dia da galinha?

Moderador: Isso! Explica senão as outras vão achar que eu trouxe uma galinha! (risos).

Marjori: (risos) Não, é que foi o seguinte. Nós fizemos uma dinâmica sobre comunicação. Primeiro ela (moderador), bem brava, professora séria (risos), leu várias instruções pra gente fazer um desenho, e não podia fazer nenhuma pergunta. Aí os desenhos ficaram todos diferentes! Depois ela ficou mais boazinha (risos), deixou a gente fazer perguntas, deu exemplos, esperou terminar cada passo... E foi aí que nós vimos que a proposta era fazer o desenho de uma galinha.

Lavínia: E ela falava em elipse, perpendicular... tudo coisas que a gente sabe o que são, mas que às vezes precisa lembrar... e se não dá pra perguntar a gente fica perdida.

Laura: O primeiro desenho meu ficou diferente, e é justamente isso, tem que poder perguntar, tirar dúvida, se comunicar... e com o Vinícius é muito difícil essa

comunicação, eu tenho que torcer ele pra ver se sai alguma coisa! E na Escola também é complicado porque às vezes é silêncio e sem perguntas, e isso complica o desenvolvimento das atividades, e como é algo recursivo, então direto ele não dá conta do que tem que ser feito.

Lavínia: E no final nós também lemos um textinho sobre comunicação, lemos juntas....

Marjori: Ah é, eu precisei ir embora um pouquinho antes, mas depois li o texto, e como é importante explicar as coisas pras crianças, eles entendem muito mais do que nós imaginamos.

Moderador: Com certeza... e agora, o encontro em que as crianças estavam junto conosco. Como foi? Qual foi o tema? Quem estava presente?

Laura: Nesse só a Marjori que não veio com os meninos! E o tema foi sobre a lição de casa, né? Como nós fazemos atividades junto com eles.

Moderador: E pra conversar sobre isso qual atividade nós fizemos?

Laura: Nós sentamos juntos, escolhemos um dia de férias para desenha fizemos um texto contando sobre esse dia.

Lavínia: É, e depois nós voltamos para o grande círculo e apresentamos sobre o nosso desenho... e as discussões foram muito bacanas, deu pra gente se conhecer melhor.

Ni: Eu fiquei quase louca com o Júnior que não parava, ainda que estava até que comportado porque era uma coisa diferente, mas foi difícil fazer ele fazer comigo a atividade. E em casa tem que estar sempre negociando com ele, dizendo que se não fizer a lição vou tirar alguma coisa. E a moderadora orientadora estava junto também, foi muito legal tudo o que ela falou.

Moderador: Mais alguma coisa? ... E o último encontro, foi sobre o quê?

Lavínia: Você passou uma parte teórica sobre o TDAH, deu dicas de práticas educativas pra gente trabalhar com eles.

Gabriele: Até entregou pra gente aquele ímã, coloquei na geladeira pra sempre dar uma olhada... e o Eduardo sempre fala “Lembra mãe, dos ‘meus combinados’, não dá pra ser assim, tenho que decidir junto também...” (risos) bem legal.

Ni: É, e acho que foi bem focado em práticas educativas, né... nessa coisa do sentimento, linguagem, comunicação... deixar tudo claro... e até achei legal de não cobrar resultado, cobrar empenho! Porque ninguém é perfeito, o que importa é que eles tentem fazer o que é certo... com o tempo vão conseguir.

Lavínia: E depois pegamos os papeizinhos com as orientações, e tivemos que tentar explicar porque é recomendado assumir determinadas práticas. Foi bom pra gente refletir em coisas que já fazemos e pensar em começar a agir de determinadas formas.

Moderador: E estes foram os nossos encontros! E me digam, como vocês avaliam que foram estes momentos?

Marjori: Eu achei muito bom porque acho que o que foi vivenciado aqui, foi exatamente o que você nos propôs. Você disse que seria um grupo com outras mães

de crianças com TDAH, que o objetivo era legitimar um espaço pra gente falar, trocar experiências, que você iria intervir, mas o mínimo possível, e foi bem isso...

Lavínia: E assim, aqui a gente não se conhece! Mas você deixou, acho que todo mundo, bem à vontade pra falar, pra contar da sua vida... e foi bacana.

Gabriele: E o mais importante é essa coisa de ver que não é só o seu que é assim. Nossa, eu ficava desesperada, achando que o Eduardo era o único que se comportava daquele jeito, até comparava com a minha menina que é super comportada e não dava trabalho nenhum. Mas aqui eu vi que tem outras mães na mesma situação, e que dá pra dar um jeito pra tudo.

Laura: É, e essa situação de comparar os filhos, porque a gente não se percebe quando faz a comparação.

Lavínia: Mas você compara sim! (risos) E assim, ainda na frente do Vinícius.

Laura: É, eu comparo? Comparo né... E é difícil, porque a gente sabe que não deve, mas quando vê já está fazendo... Na verdade, nem vê! E assim é ainda mais complicado pra corrigir!

Marjori: E eu acho que quando a gente, mãe, fala algo pra outra mãe, o peso é muito maior... porque a gente sente como se pudesse se cutucar, entendeu? (risos). Se o psicólogo fala alguma coisa, você já pensa "mas nem tem filho pra estar me falando uma coisa dessas, o que ele sabe". E quando uma mãe fala, a gente respeita, sabe que está falando da sua experiência, e que se está falando é pra ajudar. Então acho que o grupo foi muito legal por isso, por causa da troca. E pode ser que a gente conversasse sobre algo simples, banal, mas depois, saindo daqui eu ficava pensando na conversando, refletindo... talvez se eu fizer assim, fizer assado... e esse exercício de reflexão foi importantíssimo.

Ni: Sem contar que sabendo que mais gente está na mesma situação a gente se fortalece, né...

Lavínia: E pode ver que aqui só tem mãe preocupada. Uma coisa que seria legal é chamar os pais também, convencer eles a virem, porque a responsabilidade é dos dois. O Miguel não tem papai, nesse ponto é até mais fácil não precisar discutir as decisões antes de tomá-las... Mas os papais presentes tem que discutir junto, e participar desses momentos... sem desculpa. Acho que seria legal isso.

Moderador: Sim, o espaço é aberto a esses papais! E se for o caso de replicar esta experiência, vou considerar uma estratégia de convencimento maior destes homens a virem também, fazer propaganda da importância da participação. E ouvir a avaliação de vocês hoje, que acho que foi bem positiva me alegra muito, pois este grupo surgiu da ideia de planejamento junto da moderadora orientadora, foi pensado em todos os encontros, atividades, espaço... Depois o projeto foi aprovado, partimos para a apresentação da proposta para vocês, convencer vocês de que seria válido participar da pesquisa, depois organização de material e tudo mais.... então estar aqui hoje, fechando este trabalho, e ver que vocês estão se sentindo fortalecidas neste grupo de trocas, e saber que todo o esforço foi válido, sem dúvidas traz um sentimento muito especial. Só tenho a agradecer e agora vou passar um vídeo para refletirmos e nos emocionarmos. Obrigada!

O encontro foi finalizado com um vídeo refletindo a educação, junto com fotos que as mães enviaram de seus filhos, dos meninos que foram o motivo da formação deste grupo de apoio social.

K: Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada Final

Identificação da criança

Nome:

Data de Nascimento:

Sexo:

Ano:

Atendimentos que realiza – Frequência:

Identificação do responsável

Nome Completo:

Profissão:

Escolaridade:

Religião:

Identificação familiar

Sexo e idade de irmãos. Quem mais reside na mesma casa?

Guia de perguntas

- 1) Seu filho continua realizando as mesmas atividades que realizava antes de sua participação no grupo?
- 2) Vocês continuam a realizar as mesmas atividades juntos?
- 3) Como está a rotina de seu filho em um dia de semana?
- 4) Como vocês estão lidando com as atividades escolares?
- 5) Quais relatos a Escola tem feito sobre seu filho? De que forma você abordou o assunto com ele?
- 6) E agora, o que você sente com relação ao diagnóstico de TDAH?
- 7) Como você se enxerga enquanto educador?
- 8) Você percebeu mudanças em sua prática educativa?

L: 8º Encontro: Entrevistas individuais finais

L.1: Registro da entrevista final com Ni

Moderador: Então Ni, pra gente fechar o nosso trabalho, já realizamos a entrevista inicial e você participou dos encontros do grupo de apoio social, vamos terminar com uma entrevista final, pode ser?

Ni: Pode sim!

Moderador: Depois de todo esse processo, você percebe que o Júnior continua realizando as mesmas atividades que realizava antes de sua participação no grupo?

Ni: Ah, continua realizando, mas eu acho que o modo de tratar ele mudou um pouco, melhorou.

Moderador: E vocês continuam a realizar as mesmas atividades juntos? Com que frequência?

Ni: Então, depois do grupo nós continuamos realizando as mesmas atividades, mas a frequência aumentou.

Moderador: Então o que aumentou foi a frequência das atividades escolares.

Ni: É, e também a gente sai mais a tarde quando eu estou só com ele. Antes, eu preferia não sair muito com ele, mas agora a gente sai mais. Vamos no parquinho, ele anda um pouco, pelo menos ele não fica só no computador, isso ajuda bastante.

Moderador: Mas antes você não saia tanto por causa do comportamento.

Ni: Isso, aham.

Moderador: A rotina que vocês tinham antes mudou ou continua a mesma?

Ni: A rotina a gente procura manter a mesma, porque se muda em alguma coisa ele fica meio perdido.

Moderador: Então você usa a rotina pra dar uma segurança pra ele mesmo.

Ni: Isso.

Moderador: E com a rotina das atividades escolares, como vocês estão lidando?

Ni: Agora tem um horário certo. Chega da escola, toma banho, almoça, dou um tempinho pra descansar e já começar a fazer a atividade, vê no youtube alguma coisa, sobre fração e tal.

Moderador: Quando ele usa o computador, vai embora!

Ni: Vai! Mexe muito bem. Pode deixar que não tenho criança.

Moderador: A escola tem feito algum relato sobre o Júnior? De que forma você vem abordando o assunto com ele?

Ni: Sempre tá fazendo. Terça-feira eu fui na escola e falei com a pedagoga, ela me chamou pra conversar, que o Júnior na sala não estava conseguindo acompanhar, mas que com ela ele consegue. Ele pega as coisas rápido, mas que não presta atenção quando tem mais pessoas. Graças a Deus ela percebeu isso. Antes, na escola, eles não faziam nada! Mas agora ele tem ficado bastante com ela. Faz as atividades e ela falou que no 5º ano vai ter uma pessoa a mais na sala pra ficar também com ele, pra ajudar, pra ele se concentrar mais... o barulho incomoda muito ele.

Moderador: Mas então é uma pedagoga que tira ele da sala.... Antes ele chegava na direção e não fazia as atividades, né?

Ni: Com a diretora ele não faz. Mas com a pedagoga ele criou um vínculo bem grande com ela. Até me surpreendi, porque uma vez eu falei com ela e ela foi meio, digamos assim... sei lá, meio...

Moderador: Meio firme?

Ni: É! Meio ríspida! E nossa, deu super certo com ela, ele faz as atividades e estuda com ela. Ela trata ele muito bem, eu percebi que é uma relação legal entre os dois. Tanto que ela disse pra diretora “pode deixar ele comigo”. Ela tem um computador na sala e usa pra jogos.

Moderador: E que conforto deu pra você sentir que ele “se encontrou” na escola.

Ni: Nossa, foi um alívio muito grande.

Moderador: E agora, depois de tudo o que você ouviu que as mães relataram no grupo, como que você sente com relação ao diagnóstico de TDAH?

Ni: Eu estou, digamos que mais tranquila, porque eu percebi que não é só o meu que tem problemas. E tem que conviver, tem que procurar ajudar ele da melhor forma possível. Eu me senti melhor, mais tranquila.

Moderador: E você, lá na sua casa, como você se enxerga enquanto educadora hoje?

Ni: Ah, eu falo, mas não gosto que as outras pessoas falem. É difícil, mais difícil, porque falar dos outros é mais fácil, mas com o filho da gente é mais complicado. Você pode falar, eu falo, mas assim, não gosto que as outras pessoas falem. Ainda não é uma coisa que dê pra levar bem, é uma coisa que eu tenho certa dificuldade.

Moderador: Você percebeu mudanças em sua prática educativa após ter participado do grupo?

Ni: Eu acho que eu ficava mais nervosa pra lidar com ele, agora parece que eu estou mais tranquila, mais leve, consigo conversar com ele com mais calma, deixar às vezes as coisas acontecerem. Por exemplo, antes pra ir no mercado eu ficava segurando ele bem firme porque ele saía correndo, eu tinha medo que acontecesse alguma coisa e que ele se machucasse. Agora não, a gente vai, ele anda, ele volta onde eu estou. Antes eu não tinha essa tranquilidade, não deixava nem ver se ele ia voltar. Nesse sentido mudou bastante, a minha segurança. Antes eu era mais insegura.

Moderador: E agora ele tem noção do perigo, que você falou antes que ele não tinha, que saía correndo em meio a carros e tal.

Ni: Ele tem um pouco mais de cuidado, mas não presta muita atenção não.

Moderador: Mas em um ambiente fechado, igual ao mercado, dá pra soltar um pouco!

Ni: Sim, porque hoje ele não chega a sair pra fora. Antes se ele via uma porta já saía correndo. Agora não.

Moderador: De que forma as expectativas que você tinha para a realização do grupo foram atendidas?

Ni: Eu tinha a expectativa da troca de experiências, de uma mãe falar com a outra e cada um com a sua experiência, então foi atendida, era bem isso mesmo que eu esperava.

Moderador: Você indicaria para outras famílias a participação no grupo de apoio social que você vivenciou?

Ni: Com certeza, nossa, ajuda muito.

Moderador: Qual momento foi mais marcante para você?

Ni: Acho que o dia em que foram as crianças, porque o Júnior não parou um minuto. Nossa...

Moderador: No início ele até estava tranquilo, né!

Ni: Tava, mas ele não fica muito tempo parado. É o normal dele em qualquer lugar. Em um lugar estranho, lá era estranho, ele tinha que conhecer o lugar, olhar armário, nesse sentido assim, o dia das crianças foi o mais marcante, conhecer eles...

Moderador: Imagine que você conheceu uma mãe de criança com TDAH. Como você contaria para ela sobre a sua experiência no grupo?

Ni: Falaria sobre as outras mães, o tanto que me ajudou e me tranquilizou. E as outras também pelo o que eu percebi no encerramento, elas também se tranquilizaram. Uma coisa é você ver o teu, e pensar que sou só eu assim com o meu filho. E aí você percebe que tem mais pessoas assim e que uma pode passar pra outra e dividir nessa troca de experiências, que é muito bom pra fortalecer e tranquilizar.

Moderador: Mas então seria esse o nosso fechamento, muito obrigada!

L.2: Registro de entrevista final com Lavínia

Moderador: Então Lavínia, vamos conversar um pouco sobre todo o processo do grupo de apoio social, e sobre como está a dinâmica familiar depois da realização dele... Depois do grupo, o Miguel continua realizando as mesmas atividades que ele realizava antes?

Lavínia: Então, ele continua realizando as mesmas atividades, mas posso dizer que elas ficaram mais... um pouco mais flexíveis. São as mesmas, mas de uma forma mais flexível do que a que a gente estava acostumado a fazer. Acho que com outro olhar, eu digo "um outro olhar".

Moderador: E as atividades que vocês realizavam juntos, continuam realizando?

Lavínia: Ah, isso sim, mas assim... Agora eu deixo as atividades mais propostas por ele, partindo dele. Ele gosta de desenhar, assistir, mais livre... ele gosta. Eu estou tentando me policiar pra não controlar e impor tudo, deixar que ele faça as atividades que ele tenha mais interesse.

Moderador: Partindo dele então!

Lavínia: Isso, partindo dele.

Moderador: Você falou que as atividades estão mais flexíveis, mas e a rotina de vocês, também está?

Lavínia: Mais flexibilidade só na atividade, a rotina, eu não consigo mudar ela. Mas assim, ele segue a rotina, e até nem pede para passear fora... Então isso, eu que tenho que propor. De ir a um parque, cinema, brincar fora de casa. Nossa, ele ama ficar em casa, então eu tenho que puxar. Ele gosta das atividades fora, mas não parte

dele. Eu falo “Vamos passear, quer passear?”. Ele fala “Ah mãe, posso...” “Pode o que?” “Ver tv”... A tv é muito importante pra ele. Não sei se é um resgate do lar, porque no tempo em que eu fiquei lá, é notório isso, tinha muita tv. Tanto que para ir ao cinema, pra ele é normal, se comporta, não tenho incômodo nenhum.

Moderador: Ah, então você ficou um tempo no lar junto com ele.

Lavínia: Tem que ter a convivência, então eu fiquei lá... e eu vi nesse tempo que eles jantam muito cedo, e já vão assistir televisão. E depois, já dormem... entendeu... então se depender dele, ele fica em casa. Mas quando sai, ele gosta... gosta da natureza, ele é bem afinado. Mas vamos ver mais pra frente, se vai ser igual eu, se vai gostar de bater um perninha (risos).

Moderador: E agora na escola, no grupo você comentou que ele estava em uma fase boa... Continua assim?

Lavínia: Bom, até agora não me falaram nada, ele continua, continua bem bom. Eu gosto de dar um crédito pra ele. Aí quando eu vou na escola, os colegas dele já falam “Oi mãe do Miguel” (risos), e pelo o que eu consegui falar com a professora, é sempre ele que comanda a turma, tem a panelinha dele. Ele que comanda a atividade. E ele estava reclamando de isolamento. Mas a professora disse “Miguel, mas foi você, fulano e ciclano que começaram com essa brincadeira”. Então foi um conjunto de crianças, a panelinha dele, que começou a se separar dos outros colegas. Formou a panela dele (risos).

Moderador: E nesse tempo da participação no grupo, o Miguel chegou a comentar alguma coisa sobre a participação?

Lavínia: Não. Eu falava pra ele sobre o que eu estava indo fazer, mas ele não comenta. Na verdade, ele nunca pergunta sobre mim, sobre o meu dia. Eu é que tenho que falar. “E aí filho, como foi na escola... pois é, o dia da mãe foi assim, eu fiz isso, trabalhei e tal...”. Ele nem pergunta... eu cutuco e nada... então eu falo mesmo assim. Até pra ele contar das atividades da escola, é bem por cima que ele fala, tenho que cutucar. Só se alguma coisa realmente incomoda ele, aí ele fala.

Moderador: Como o que, por exemplo?

Lavínia: Bom, agora ele tá incomodado com a professora apagar a atividade. Aí ele fala mesmo. Quando ele faz errado a lição em casa e eu apago, nossa... é um show. E ele fala que se a lição, mesmo assim estiver errada, que a professora vai apagar. Eu falo que ela não vai apagar... mas ele insiste nisso e chora.

Moderador: Mas aconteceu alguma coisa pra ele falar isso?

Lavínia: Então, ele deve fazer umas coisas erradas e ela deve apagar pra corrigir, refazer, e ele tá meio paranoico com essa coisa de “apagar”.

Moderador: E quando ele não pergunta sobre você, você fica chateada? Ou sabe que é do jeito dele?

Lavínia: Não, eu sou meio desligada, às vezes até não me percebo... Esses dias eu fui pra uma chácara com o pessoal da minha escola, e fiquei muito no Sol. Daí me falaram “Nossa, como você tá vermelha!”. Me olhei no espelho e realmente, estava vermelha, vermelha, vermelha! E nem tinha percebido. Eu falei pra ele “filho, você não viu que a mãe tava vermelha? Por que você não me falou? Ele disse “desculpa, você

sabe que eu te amo”. Aí eu fiquei assim... Sabe, não precisa pedir desculpa! Ele nem reparou (risos)...

Moderador: Tipo, não preciso falar as coisas, você sabe que eu te amo! (risos)

Lavínia: É... (risos). E até a psico dele me pergunta se eu me incomodo quando ele pergunta da mamãe dele, e eu realmente não ligo. Essa semana teve uma situação com a mãe... fomos ao posto e ele estava cadastrado com o nome da mãe biológica. E ele não podia ser atendido com o meu nome, com o nome novo. Aí eu conversei com ele, sobre ele estar cadastrado com aquele sobrenome...

Moderador: Mas o primeiro nome dele não mudou...

Lavínia: Não, só o sobrenome. E até por coincidência ele ficou com o segundo nome igual a mais quatro pessoas da minha família, com o mesmo nome.

Moderador: Mas e lá pra psico, o que você respondeu?

Lavínia: Que não. Não me incomodo! Apesar de ela ser sempre boa. Sempre melhor que eu.

Moderador: Melhor?

Lavínia: Sempre melhor. Sempre maravilhosa. Se a gente foi na esquina, ele já foi na esquina com ela.

Moderador: Mas ele compara vocês duas?

Lavínia: Não. Ele não compara. Ele sempre coloca ela como melhor. Uma vez ele me respondeu, eu achei que aquilo seria só na adolescência. Ele falou “você não manda em mim, você não é minha mãe”. Ah.... Você vai comer esse macarrão, que eu que cuido de você, e ficou por isso. Isso até mexeu comigo, mas outras coisas não me incomodam.

Moderador: E assim, pelo o comportamento dele, que às vezes dá problema na escola, e tendo participado do grupo com as outras mães de crianças com TDAH, vendo como elas relataram que eles se comportam, como você se sente com relação ao Miguel? Tendo ouvido o que todas falaram...

Lavínia: Ai, eu tô no céu! (risos)... Muito, muito no céu. Ele só tem essa característica, assim, da impulsividade, né... que realmente, dá pra ver quando a gente tá brincando. Mas... ele é bem bonzinho, comparando com os outros garotos. Claro, vou acompanhando ele, colocar em alguma outra atividade...

Moderador: É, e como ele novinho, procurar sempre profissionais de confiança, bons profissionais, porque no grupo mesmo várias mães falaram que ficaram patinando, patinando, até conseguir chegar em um diagnóstico.

Lavínia: Sim, e os profissionais que acompanham o Miguel são bons, e até é difícil encontrar um neuro que não queria dar o medicamento a qualquer custo, e o do Miguel é assim, estamos de acordo nessa nossa decisão de deixar o remédio de lado.

Moderador: E agora, depois da participação no grupo, como você se enxerga enquanto educadora, dentro da sua casa, com o Miguel?

Lavínia: Eu... eu sou muito educadora (risos)... E é até aquilo que a gente conversou no grupo. Tem coisas que a gente sabe enquanto professora, mas enquanto mãe, parece que a gente não estudou nada. Então assim... os nossos encontros serviram mais pra mim do que pro Miguel! (risos). Eu consegui perceber que eu realmente sou uma chata. Que eu sou muito exigente. Ainda mais pra ele que tem só 6 aninhos. Então... “vamos aqui, vamos ali, vamos desenhar, faz isso, faz aquilo”. Acho que é isso que eu tenho que trabalhar em mim, pra deixar ele com a saúde emocional dele um pouco mais liberta, pra que ele cresça com mais autonomia, mais identidade. Sabe... e já faz muito tempo também que eu não pego o chinelo, isso foi uma vitória pra mim. Pra não perder a paciência, hoje já consigo me centrar mais. E é isso, trabalhar isso em mim, deixar a coisa mais flexível, pra que o emocional dele fique legal.

Moderador: Então no caso, você percebeu mudanças na sua prática educativa, depois do grupo?

Lavínia: Sim, estou deixando tudo mais flexível no sentido da autonomia dele, trabalhando nas escolhas, escolhas dele. Que ele curta o momento que a gente fica em casa, que já é pouco. Quando chega a noite, que seja mais agradável, mais tranquilo. Ele faz as lições, só na quinta que não faz tudo por causa da psico, aí ele faz na escola, tem essa possibilidade. Mas eu deixo bem pouca lição pra elas fazerem. Esses dias tinha que escrever por extenso vários números, e a gente só escolheu 4. E na escola, ela apagou... E deu outra lição de casa, daí era pra ele fazer todos (risos)... Tadinho.

Moderador: Mas tava certo?

Lavínia: Tava! Mas a gente optou por ele fazer 4, porque ele já não aguentava mais... Daí era no contraturno... e ela fez apagar tudo!

Moderador: Pra refazer!

Lavínia: Aham! (risos)... Ela queria na sequência... E ele fez 4 números aleatórios, os menores... porque ele tem noção, por exemplo o “noventa”, ele acha que vai ter que escrever mais... Então ele fez o “dois, quatro, dez e o três” (risos) e ela apagou (risos), tadinho... Daí quando ele faz a lição agora ele diz “ela vai apagar”.

Moderador: E isso tá mexendo com ele!

Lavínia: Tá! (risos)

Moderador: (risos) Então assim... tente lembrar das expectativas que você tinha antes do grupo... que você tinha pra realização do grupo. Você acha que elas foram atendidas?

Lavínia: Então, a proposta era a troca de experiências, e com certeza foi isso mesmo, o depoimento de cada mãe faz com que a gente reflita na gente enquanto mãe e que a gente perceba o comportamento do nosso. Realmente está cada um em um estágio, e eu não conseguiria por exemplo assim... O Miguel, com quatro anos, era bem igual o Júnior, da Ni. Era muito acelerado. E depois, nossa... tudo bem que o Miguel tem uma outra história, né... Mas as expectativas foram atendidas, houve a troca, ver o que o outro passa. Percebi que eu tô em um caminho legal e que o Miguel não está em um nível tão hiperativo. Claro, longe de mim, eu não sei de metade do que o Miguel faz, mas quando a gente vai em uma festinha de aniversário hoje, meu Deus...

é outra criança. Antes a gente ia no terreiro e ele apagava as velas, chutava tudo... e hoje não, a gente vai... toma o passe e vai embora.

Moderador: Então você já está conseguindo retomar algumas coisas com ele.

Lavínia: Sim, e sem ele também (risos). Estou dando as minhas saidinhas pro samba... vamos ver até quando, até meus pais cortarem as minhas asas (risos).

Moderador: (risos) Que legal!

Lavínia: Mas menina... que diferença que tá. Porque nesses três anos, eu vivi o Miguel. E agora eu vejo que o Miguel consegue ficar bem longe, minha mãe elogia, senão também ela não ficaria, entendeu... No começo, sem chance, nossa... Ele cansava eles demais, uma hora tava em cima, outra hora estava embaixo... Não parava! E assim, o meu pai está acostumado a ser servido. E a minha mãe optou por servir o Miguel... E o meu pai fica em segundo plano.

Moderador: Seu pai tem ciúmes!

Lavínia: Tem, aham... E meu pai não dá bola pra ele, no sentido de nhe nhe nhem, igual a minha mãe... A concorrência é desleal. O Miguel é muito... muito grudado com a minha mãe, e hoje, ele ficando super bem lá... pra mim é uma vitória. Esse final de semana tem pós, daí ele já vai ficar lá...

Moderador: Está fazendo mais uma! Que legal!

Lavínia: Entrei em mais uma, de Educação Física escolar.

Moderador: Depois, partiu mestrado? (risos)

Lavínia: (risos) Não... acho muito pesado. Mas no estado tem o PDE, pro ano que vem talvez eu veja... Mas tem que ser assim, ir estudando e ele tem que ficar com eles... e tá bem. A gente chega lá e ele me diz "Não vai já?" Eu digo, calma! E ele já dá tchau... pra mim é um super ganho. Ele não sofrer, ele curtir a escola... Pense se ele não gostasse da escola! E ele foi junto na minha escola esses dias, e lá é bem grande... eu estava dando aula e de repente ele aparece todo molhado, da cabeça aos pés, cheio de barro! A professora filmou ele e eu nem fazia ideia, lá ele fica solto... e daí chegou "Oi mãe"! Oi filho... "Vou voltar na chuva!" Vai, vai... (risos)

Moderador: (risos) E por que você levou ele na escola?

Lavínia: Porque na psico da segunda-feira, eu tenho que voltar na escola. Só tenho o tempo da psico, e ele vai junto. E ele fica lá... ih, faceiro... Esses dias roubaram o dinheirinho dele, os adolescentes. Ele foi comprar o sorvete, e eu perguntei do troco... "O grande pegou meu dinheiro" (risos).

Moderador: Que sacanagem!

Lavínia: Não, lá a galera não perdoa. Daí a tia deu o sorvetinho pra ele, porque viu que ele estava direitinho na fila.

Moderador: "O grande pegou!" (risos)... E assim, ao longo desses seis encontros, qual momento pra você foi mais marcante?

Lavínia: Ah... as reflexões no último dia. A gente viu o vídeo, você passou as fotinhos... Deu pra ver que tudo o que a gente passa com eles, o amor que a gente tem, a entrega... Porque o Miguel, ele não foi gerado por mim desde criança, não tem o amor da barriga... essa troca que se faz na gestação. Eu optei pelo Miguel, ele veio e a gente aprendeu a se curtir, e vendo as fotinhos, aquelas frases, dá pra gente fazer um feedback massa, porque... Já tem história. A nossa vida está indo super bem, entendeu... e a gente ouve as outras histórias, igual aquela mamãe que tem dois filhos com TDAH, que deixou um dos empregos pra ficar em casa... E ouvir essas histórias, esses toquinhos, fazem com que a gente reflita na educação do nosso! Aquela mamãe... nossa, já esqueci os nomes, estou falando só mamãe (risos)... que fazia comparação o tempo todo entre os filhos, entre os irmãos, os gêmeos... e esse policiamento que a gente faz o tempo todo da gente enquanto mãe, enquanto profissional... e os outros meninos tem o histórico dos irmãos... “ah, porque o seu irmão não dá problema na escola, etc.”. Então pensar nisso tudo, acho que foi massa, esses encontros. Esses toquinhos, que cada mãe só percebe com o outro falando, um outro desconhecido. Até porque em 6 encontros ninguém conhece ninguém. Eu acho que foi legal, foi o que mais marcou. Cada criança está em uma fase... o Miguel agora está em uma fase de cobrança do pai... também começou a cobrar uma irmã...

Moderador: Está cobrando irmã?

Lavínia: É. Ele começou a cobrar (risos).

Moderador: Olha só! (risos)

Lavínia: E eu até vi uma adolescente, que fui atrás dela, não sei se comentei...

Moderador: Não!

Lavínia: Ela é minha aluna, fiquei sabendo dela no começo do ano. E ela estava disponível do lar. Uma graça! Um piá puro! Cabelo, boné, se veste toda largadinha... Daí ela estava disponível e eu fui na justiça. Daí como ela é adolescente, me falaram “Vai direto na sua regional e conversa direto com o juiz”, porque eu já tinha assinado um documento dizendo que eu não queria mais. O nome da gente fica lá, e se outra criança aparece eles ligam perguntando se a gente quer. Daí a última opção era a tia levar. E a tia levou ela.

Moderador: Mas você já tinha falado com ela?

Lavínia: Não. Eu até fiquei sabendo porque ela falou “sabia que eu tô pra doação” (risos)

Moderador: (risos)

Lavínia: E aí a moça do lar disse que eles orientam a não ficarem falando, mas daí como um já tinha sido recém adotado, eles comentaram. E ela é um achado na adoção, porque ela não é de violência sexual, não é usuária, família usuária, a família só entregou.

Moderador: Mas a família que “deu” ela para a adoção?

Lavínia: Deu pro abrigo. Já era a terceira ou quarta vez que ela estava abrigada. Mas ela foi a que me despertou... Só.

Moderador: Mas se aparecer uma outra! (risos)

Lavínia: Mas se aparecer uma outra já fico provocada (risos)

Moderador: E você indicaria para outras pessoas a participação no grupo?

Lavínia: Ah, sim...

Moderador: Então imagine que você conheceu uma mãe, que tem uma criança com TDAH. O que vocêalaria pra ela sobre a sua experiência no grupo, como você “venderia” o grupo pra ela?

Lavínia: Ah, mas eu já vendi o peixe! (risos) Tinha uma mãe que falava pra mim “entra em um grupo! Entra lá, entra lá...” E eu acabei fazendo o mesmo que ela (risos). Mas assim, um bom grupo, as mães são serenas, você... conduziu bem, foi bem sensato, a gente conseguiu ficar bem a vontade pra falar da nossa vida pra você, e a gente nem conhecia, né... Eu indicaria que é a troca. A troca, conhecer o outro, a vida do outro, pra que a gente se tranquilize, não pressione tanto... E essa mamãe que vendeu o peixe pra mim, ela falou que entrava no carro e já pegava a agenda. “Não faça isso, não faça”. Ela me falou assim! E eu já fiz muito isso. E ela disse “deixe que ele conte! E também deixe um pouco que as profs, a escola se vire!”. E é verdade, a gente na escola, não fica todo dia pegando no pé da família, da criança... E acho que esses toques valeram bastante, as trocas, valeu a pena estar no grupo.

Moderador: Você tem alguma sugestão para o caso de fazer um novo grupo, com outras famílias?

Lavínia: Então, acho que trazer os pais. Ouvir eles. Porque até... essa mãe que falou pra eu procurar um grupo, ela disse que as mães falavam a mesma coisa que no nosso grupo... que os maridos depreciavam as terapias... então acho que pra eles seria bom.

Moderador: Até mesmo no dia de trazer a família, nenhum pai veio, né...

Lavínia: Sim, acham que é bobagem. E não é bobagem. Se fosse bobagem, não teria complicação. O Miguel tinha um grau de hiperatividade super alto, e se ele não fizesse a terapia... Meu Deus. E esse comportamento mexe com a família inteira, né... Então seria legal ouvir a voz dos pais.

Moderador: Então um incentivo maior para a participação dos pais.

Lavínia: Legal, porque fica tudo em cima da mãe... e vão dizer que é a mãe que está mimando. Até já me falaram “dê graças a Deus porque você não tem ninguém pra dividir o Miguel”, mas por outro lado o Miguel acaba cobrando isso...

Moderador: E os pais relatam “mas eu também era assim quando eu era piá, é normal...”. “Piá é assim mesmo”. Importante os pais ouvirem os relatos e ver que de repente, é necessária uma orientação diferenciada.

Lavínia: Sim, ver que não é preciso ter vergonha, tem que pedir ajuda mesmo.

Moderador: Mas então é isso, muito obrigada!

Lavínia: Ah, legal! Obrigada você! E a gente vai conversando!

L.3: Registro de entrevista final com Marjori

Moderador: Então Marjori, depois que você participou do grupo, você percebe que seus filhos continuam realizando as mesmas atividades que eles realizavam antes do grupo?

Marjori: Continuam realizando.

Moderador: E vocês continuam a realizar as mesmas atividades juntos?

Marjori: Sim, mais juntos.

Moderador: Com mais frequência agora?

Marjori: Sim, com mais frequência.

Moderador: E a rotina deles mudou em alguma coisa, foi adaptada?

Marjori: Eu fiz algumas adaptações. Eu coloquei aquele ímã de dicas que você deu, e algumas coisas eu acabei adaptando pra eles, pro dia-a-dia deles.

Moderador: E com as atividades escolares, você continua lidando da mesma forma?

Marjori: Então, na verdade eu já fazia junto. O que eu mudei depois do grupo, pegando um pouco das experiências de cada mãe, foi que eu fiquei mais leve. Eu continuo fazendo com eles, dando ênfase, mas respeitando o tempo deles.

Moderador: Interessante que todas as mães falaram isso, nesse sentido.

Marjori: Sério?!

Moderador: Isso... que estão deixando mais flexível... ou que estão deixando mais partir da criança, do interesse dela. Ou então “ah, eu estou deixando mais... ah, vai! Depois a gente conversa!”

Marjori: Olha só, mas é isso, aprendi a respeitar mais eles, o tempo deles. Façam como acham que está certo que depois a gente retoma.

Moderador: Que bom... e a escola chegou a fazer algum relato sobre eles pra você?

Marjori: A orientadora me chamou pra conversar sobre o Danton. Então ela disse que ele não teve evolução nenhuma e que o que preocupou a escola é que ele está se tornando dependente do professor leitor na hora da avaliação. Me perguntaram se eu já pensei em mudar de profissional, e começou a me perguntar coisas que foram abordadas no nosso grupo... Ela perguntou “o que que a profissional dá pra ele de tarefa de estudo?”. Eu contei que nada!

Moderador: Mas falando em qual profissional?

Marjori: Da neuropsicopedagoga que acompanha semanalmente. E a coordenadora disse que tem outros alunos com TDAH e que estava vendo avanço neles, mas que no Danton não tinha visto. E aí ela indicou uma outra pessoa lá, eu levei ele agora nas férias, e ela fechou o diagnóstico dele com a gente. E eu achei interessante porque, ela é especialista em dislexia com TDAH, e ela fez comigo junto a avaliação, e nesses tempos de terapia eu nunca participei de nada! E ela deu pseudo palavras pra ela, e na atividade ele foi super bem. Ele leu um livro, e tinha um pergunta final. E ele não lembrava do que era preciso! Aí ela deu uma régua preta pra ele ir lendo devagar, linha por linha. No final ela refez a pergunta e ele lembrava de tudo! E ela

falou que isso é a síndrome do pensamento acelerado, que a criança que tem TDAH geralmente tem, e o que acontece, quando a criança lê o texto inteiro já está de olho no final. Com a régua preta, ela vai fixando só ali.

Moderador: E isso mostra que o problema não é a dificuldade de interpretação, é a ansiedade!

Marjori: Isso mesmo! E nós já usamos a técnica na prova de matemática, e foi bem diferente! E ela fechou o diagnóstico também com a síndrome de Irlen, que é da visão e da percepção. Então a cor branca deixa ele mais ansioso. E quem trabalha com essa síndrome tem um curso com pessoas dos EUA. E ela se formou na primeira turma. E eles dão uma lente, dependendo do caso da criança, dão uma cor de lente. Pra ele, ela deu uma lente azul, e disse que vai fazer diferença.

Moderador: Mas o que essa lente faz?

Marjori: Ela não faz nada. É uma lente opaca, que veio dos EUA. A criança coloca na frente do papel. Eu não sei direito te explicar, depois te mostro, mas chegamos em casa e fomos testar!

Moderador: É mais pra dar uma neutralizada nessa confusão então! Na ansiedade que o branco do papel causa.

Marjori: Isso! E até tem alguns neuros que não acreditam nessa síndrome e na técnica. E eu tive um aluno que melhorou muito depois que começou a fazer tudo no papel verde. E eu tentei com o Danton! Sem a lente ele lembrou de algumas coisas do texto, mas com a lente deu bastante diferença.

Moderador: E o seu neuro nunca citou essa síndrome.

Marjori: Eu falei pra ele, e ele disse “mas existe??” E ela falou isso, e pediu 6 meses. Se ele não melhorar em 6 meses, mudariam a estratégia.

Moderador: Ela apostou então...Nova profissional acompanhando.

Marjori: É, e eu não queria deixar da outra, mas já estava muito tempo com a mesma profissional.

Moderador: E vicia, para os dois lados, não se consegue mais enxergar o que está atrapalhando, se cria uma relação de muita proximidade.

Marjori: E já estavam 3 anos juntos. Com essa nova, acho que vale a pena tentar.

Moderador: Você conversou com o Danton sobre isso?

Marjori: Eu só falei que ele iria em uma nova profissional e que essa pessoa iria fazer uma avaliação, mas não falei sobre o que a coordenadora disse.

Moderador: E depois de tudo o que você conversou com as mães lá no grupo, como você se sente com relação ao diagnóstico de TDAH?

Marjori: A primeira coisa que foi bem importante, foi eu ter o diagnóstico, porque aquelas que não tinham o diagnóstico estavam bem perdidas. E até algumas que tinham o diagnóstico também não sabiam muito o que fazer. De todas, eu acho que a mãe do Miguel, a Lavínia, ela é a que tem mais um norte, e o que tem que fazer com isso. Eu achei que as outras, não tem. Pra mim, foi um bálsamo. Ver quantas

ferramentas eu tenho e o que eu já consegui andar com eles, avançar nesse tempo. O Enzo é bem agitado com a questão da hiperatividade, mas eles ainda conseguem. Puxa, graças a Deus que eu corri e corro atrás do que precisar. E antes de eu conversar com outras mães eu achava que o problema era maior do que era. E foi importante poder trocar experiências, ajudar... Mesmo que a gente ache que é só uma conversa, mas depois a gente vem refletindo, pensando. E o que eu achei bem importante é a questão da escola, não adianta esperar dela. Enquanto família, temos que dar dentro dela e não apostar só na escola.

Moderador: E agora, como educadora, dentro de casa com eles. Como você se enxerga?

Marjori: Na verdade, eu vejo que vou ter que desconstruir a educadora. Eu tenho que ser mãe. Claro que tem coisas que vão me ajudar por eu ser da área da educação, eu sei de jeitos de ensinar diferentes, tenho o jeito de ensinar a aprender, trabalhar com jogos... mas não posso querer cobrar deles como profissional, mas como mãe. Entender o cansaço, entender que chega, que tenho que deixar descansar mais. Eu cheguei à conclusão de que sou muito chata. Eu sei que tem que ter regras, mas eu dava horários que nem a gente aguenta. Então assim... dosar mais! A prioridade é o que tem pra amanhã e pra essa semana! E eles são grandes, tem que ter mais autonomia! Depois que eu dei uma relaxada, teve um que não levou um trabalho! Meia noite disse “eu tinha que entregar um trabalho amanhã!” Não vai entregar. Eu até quero comprar um quadro grande pra eles irem escrevendo as tarefas e ir anotando e riscando o que tem que fazer.

Moderador: Até pra criar a responsabilidade sob as consequências dos seus atos.

Marjori: Sim, e até na igreja vai ter um surf camping, e é R\$250 pra cada um. É caro! Pros dois já vai R\$500. Então a gente fez uma campanha de um lava-car. Eles tem que lavar carro, e a gente até poderia chegar na igreja e pedir mantenedores, e iríamos conseguir, mas estamos fazendo isso pra eles darem valor. E estavam também ajudando a vender doces. E é isso, tem que aprender até a gerenciar a vida escolar deles, ter responsabilidade. Eu preciso desconstruir a educadora dentro de casa, tenho que aproveitar o que a profissão me deu, como ter facilidade pra jogos, gráfico, ajudar nessa parte lúdica, de deixar as coisas mais interessantes. Deixar de ser profissional com eles e ser mãe.

Moderador: Você já falou um pouquinho sobre algumas modificações que fez em casa, mas pra resumir, como você adaptou suas práticas educativas depois do grupo?

Marjori: Eu continuo com regras, horários, deixar jogar videogame dentro dos momentos estabelecidos. Mas agora, eu digo as coisas que eles têm para fazer e jogo a responsabilidade para eles para organizar o que vão fazer hoje, por exemplo. Antes eu já planejava tudo sozinha. E eu não fiquei tão em cima, depois eles me mostravam. O que eu continuo pedindo pra ver é a tarefa de produção de texto. O Enzo, por exemplo, não consegue linkar as ideias, então eu ajudo na estruturação do texto. E temos jogado mais coisas em família, coisas divertidas, o UNO por exemplo, o Banco Imobiliário. E a gente assistiu um filme, o Tomorrow Land, e depois fizemos uma roda de discussão sobre o que é interessante... e eles participam. E uma coisa que me chama muito a atenção, por exemplo, no Enzo, que tem bem acentuada a questão do TDAH. Eles foram assistir Star Wars. 2:50 da manhã, e foram os 3. No outro dia ele chegou e me contou tudo! E com detalhes. Então não precisa ser só a questão da escola! Mas trazer filmes sobre o que estão estudando, por exemplo. Então o Enzo ficou em história, pra ele é algo que não é real! Então o que eu fiz,

conversei com ele sobre a reforma, sobre Lutero, sobre a diferença entre os luteranos e os outros... No livro fica muito abstrato! Eu estou mais relaxada!

Moderador: E as expectativas que você tinha para a realização desse nosso grupo de troca de experiências, você acha que foram atendidas?

Marjori: Sim, fui na expectativa de compartilhar, e não de vir com uma fórmula pronta de como lidar com meu filho com TDAH. E foi muito bacana, muito rico mesmo trocar experiências, poder ver que não é só com você, que tem casos mais difíceis e que todo mundo tem algo pra dividir, foi bem bacana, bem prático mesmo, foi bem legal.

Moderador: Você indicaria pra outras famílias participarem neste grupo.

Marjori: Indicaria. Super indicaria! (risos)

Moderador: Qual foi o momento mais marcante?

Marjori: Bom, não foi um, mas foi um! Foi o momento de compartilhar experiências! A gente se reunia ali, tomando suco, comendo bolachinha, foram momentos bem preciosos. Tanto pra introspecção, quanto pra escutar os outros compartilharem! Troca de experiências foi muito válidas, e eu indicaria porque tem pais que não sabem que tem outros que também passam por isso, que dá ajudar e ser ajudado. O momento do compartilhar foi muito importante. O último dia foi bem especial. Assistir o vídeo, ver a carinha das crianças, ver que cada um é especial, cada um dá o que dá. Foi bem emocionante.

Moderador: Então imagine que você está conversando com uma mãe de criança com TDAH. Como você venderia o peixe para que ela também participasse?

Marjori: Eu conversaria com a mãe, perguntaria sobre o filho, falaria que ele é bem agitado... iria esperar ela dizer que ele é ligado no 220. Eu contaria que também tenho um filho que é assim, aliás, eu tenho dois! Iria contar como eles são e iria contar que participei de um grupo onde tinham várias mães na mesma situação e que com elas eu pude compartilhar e pude ver ali que alguns caminhos que eu tomava com os meus estavam certos e que outros não estavam tão certos, e que isso ajudou a entender que cada um é de um jeito e que a experiência foi super válida... e eu faria o convite, com certeza!

Moderador: Legal! Mas então seria isso, muito obrigada!

Marjori: Obrigada!

L.4: Registro de entrevista final com Gabriele

Moderador: Então assim Gabriele, a intenção agora é falar um pouco sobre como estão as coisas após a realização do grupo, pra depois eu conseguir avaliar como suas práticas educativas foram aprimoradas, tudo bem?

Gabriele: Tudo sim!

Moderador: Depois que nós realizamos o grupo, e agora que já concluímos, depois de todas as conversas, atividades, experiências... você percebe que o Eduardo continua realizando as mesmas atividades que realizava antes da sua participação no grupo? Ou se mudou alguma coisa em casa, as atividades dele mudaram...

Gabriele: Ah, então, mudou eu com ele, eu tenho mais paciência com ele... Eu vi que não era só ele que tinha problema... Até que eu vi as outras mães falando sobre os filhos, que quem tem o TDAH tem características em comum. Eu achava que era um problema de personalidade dele, do jeito dele, de ser explosivo e tudo... E eu ficava preocupada. Agora, eu ainda fico preocupada, mas agora sei que é um problema que precisa de orientação, tem que tratar, e que não é da personalidade dele, do caráter dele... No momento é mais forte que ele, e eu tenho que ajudar ele a se controlar sozinho. Antes, a minha preocupação era essa, de ser do caráter dele, mas eu vi que outras crianças são assim também... Mas assim, eu vi que tenho mais paciência com ele.

Moderador: E vocês realizam as mesmas atividades que realizavam juntos? Ou não... Estão fazendo mais coisas juntos? Conta um pouco sobre como é que tá...

Gabriele: Na verdade, agora, eu chamo mais ele pra me ajudar nas coisas em casa. Arrumar a mesa, essas coisas assim... No final de semana mais é que a gente sai... é muito corrido! Mas ficamos juntos mais a noite.

Moderador: Então a rotina dele não mudou... Continua a mesma coisa? Ou mudou?

Gabriele: Não, a gente mantém a mesma sim...

Moderador: E quanto às atividades escolares, como que vocês estão fazendo agora?

Gabriele: Não tá vindo lição de casa. Só que eu pego livro e a gente lê juntos. Tipo, é... Igual, eu pego e leio duas folhas e ele lê uma...

Moderador: Então vocês estudam, dão uma revisada.

Gabriele: Então, é livro mais de historinha.

Moderador: Ah tá, não é o livro da escola.

Gabriele: Não, da escola não. Até conversei com a professora sobre o porque de ela não estar mandando lição, ela disse que ninguém faz... aí também não queria se estressar... Daí eles fazem em sala de aula.

Moderador: E o livro que vocês leem em casa, ele lê tranquilo? Ou diz que não quer...

Gabriele: Não quer, só se for na brincadeira.

Moderador: Mas como você faz, você vai lendo...

Gabriele: Então, eu leio uma e ele lê duas... E se a página dele for muito grande, eu leio um pedaço também, daí vai indo, só desse jeito. Senão não lê.

Moderador: Daí desse jeito vai!

Gabriele: Vai... daí ele gosta, ele brinca.

Moderador: Que legal...

Gabriele: Igual quando tem lição. Quando vem lição de matemática... é tudo na brincadeira. Eu calculo na calculadora e ele faz de cabeça... aí a gente vê se bate. E bate certinho!

Moderador: Então ele prefere matemática!

Gabriele: Aham, ele gosta. E engraçado, que as outras crianças do grupo, eles gostam muito de leitura, né...

Moderador: Então, não tanto... mas você percebeu que eles também preferem matemática? Em leitura, eles gostam mais de gibi, essas coisas... O Miguel, por exemplo! Ele ainda não lê! Mas ele gosta de olhar as figuras, faz uma leitura não-verbal fantástica! É mais o que atrai os olhos! E a matemática, as mães relataram que eles vão bem também, fazem conta de cabeça... bem interessante! E a escola... tem feito algum relato sobre ele?

Gabriele: Agora não...

Moderador: Não teve mais reclamação de comportamento?

Gabriele: Não, não teve mais.

Moderador: Que bom!

Gabriele: Graças a Deus!

Moderador: Verdade! E com relação ao diagnóstico do TDAH, do que você sentia antes do grupo, e depois do que a gente conversou aqui... pra agora, como você sente com o diagnóstico?

Gabriele: Eu vejo que é um problema, mas que dá pra ajudar ele com o tratamento certo... No momento ele ainda precisa tomar o remédio, e está fazendo muito bem pra ele, mas aos poucos o neurologista já está vendo como fazer... já diminuimos a dose. A minha preocupação é porque eu achava que era só ele que tinha, então foi muito interessante, ver as outras mães comentando as mesmas coisas... Que as outras crianças também ficam provocando, pra irritar... Ele pega alguma coisa e fica assim, (batendo com o lápis na mesa) e balançando o pé toda hora, e eles também, Então hoje, depois do grupo, eu tenho mais paciência com ele. Minha mãe só briga, mas eu falo pra ela conversar, pra ter paciência também. Senão não ajuda em nada só brigar. Então minha mãe também está se acalmando mais.

Moderador: Que legal, o benefício se estendeu também pra sua mãe!

Gabriele: Aham, eu expliquei muita coisa pra ela, ela está entendendo melhor também. Antes, a gente achava que era da personalidade dele, que era do caráter, ser impulsivo... ser desse jeito. Depois do grupo eu vi que é um problema mesmo.

Moderador: É, que não é só mandar parar, é ajudar a se controlar, né... Se você percebe que ele não consegue, é tentar junto, "vamos tentar fazer assim... assim você consegue".

Gabriele: Com certeza, e agora eu tenho mais paciência. Quando eu vou pra explodir, eu paro pra pensar... eu lembro de tudo... e peço as coisas... filho, arruma a mesa pra mãe, lava essa louça, e ele vai fazendo...

Moderador: E o Eduardo é querido, né...

Gabriele: Às vezes ele diz "porque só eu! Tenho que arrumar a mesa inteira e minha irmã só faz o suco..." (risos) Ele fica meio assim, mas faz... Bem legal.

Moderador: Que interessante, mais paciência então!

Gabriele: Mais paciência depois do grupo, mais paciência com certeza.

Moderador: E isso dá até, menos briga em casa...

Gabriele: Aham, menos briga, menos estresse. Porque a gente chega cansada... e as crianças fazendo bagunça... ao invés de explodir, não... tenho mais paciência e tá bem melhor.

Moderador: Ai que bom! E como você se enxerga enquanto educadora?

Gabriele: Ai... difícil, né... ah, eu tento buscar o possível pra ele. Não vou falar assim “ah, eu sou uma boa mãe, uma boa educadora”, mas eu tento fazer o melhor por eles.

Moderador: Fazer o melhor.

Gabriele: Isso, fazer o melhor.

Moderador: E assim, lembra que a gente conversou sobre o que eram práticas educativas, que a gente falou que são aquelas atitudes que se tem pra tentar atingir alguns objetivos, né... pra socializar a criança, que ela consiga conviver melhor socialmente. Você percebeu mudanças na sua prática educativa depois da participação no grupo? ... Você passou a fazer alguma coisa diferente?

Gabriele: Igual os “meus combinados” (risos). Até hoje o Eduardo fala, daquele dia que ele veio junto (risos). Ele olha pra mim e fala: “Mãe, os meus combinados?”, Será que são os meus, os seus, ou os nossos? (risos). Então mudou, a gente combina as coisas mais juntos... Os encontros foram muito bons. E a nossa vida teve uma mudança repentina...

Moderador: Pois é, os encontros pegaram bem essa fase!

Gabriele: Então! Muita mudança! E eu me policio mais... Até esses dias, eu falei que ele iria ficar sem internet... E depois eu quase fui deixar usar. Mas lembrei que não dá pra proibir uma coisa e depois acabar deixando. Que isso é errado.

Moderador: Que tem que ter coerência!

Gabriele: Aham... agora não faço mais isso.

Moderador: E de que forma as expectativas que você tinha pro grupo, antes de começar, foram atendidas?

Gabriele: Era entender mais sobre o TDAH... E deu, deu pra entender muito, ajudou bastante... estou com muito mais paciência, muito bom. Por mais que eu neuro tenha explicado um pouco do que ele tinha, eu nunca tinha entrado na internet pra pesquisar sobre o assunto....

Moderador: E agora é uma coisa você por conta pode pesquisar!

Gabriele: Aham! Então, fiquei com curiosidade e já pesquisei! Tô pesquisando. E até uma vizinha minha, ela falou “Nossa Gabriele, que interessante ver você explicar!” Porque agora eu acabo tendo assunto!

Moderador: Que legal!

Gabriele: Aham! Bem legal! E eu até falei na escola que eu queria ajudar outras mães, e eu quero ir na escola em que ele estudava antes, pra falar sobre o assunto, pra que outras crianças não passem pelo o mesmo... porque antes, só falavam que ele não prestava atenção porque era mimado. Não é fácil. E elas como educadoras, tinham obrigação de entender sobre o assunto, de estudar um pouco sobre o assunto e entender o porquê do comportamento dele e de outras crianças. Não só dizer “Ah, seu filho é mimado”.

Moderador: Você já vai tomar a iniciativa de ir na outra escola pra conversar!

Gabriele: Por causa do encontro! Vou com mais firmeza!

Moderador: E tudo o que você pesquisa, aprende, é conhecimento que você vai agregando pra falar com segurança sobre o assunto.

Gabriele: Até eu fui na escola do meu filho, e a professora falou pra outros pais também procurarem ajuda e conversarem com outros pais pra se ajudarem. Na sala dela, tem aluno que é igual o meu, e que eles tinham que buscar ajuda de um especialista, porque a criança tá sofrendo... e todo mundo sofre. E não precisa. É só procurar o caminho certo. Mas achar esse caminho certo realmente não é fácil. Cada um vê o seu caminho. Tem alguns que preferem tomar uma homeopatia... mas o importante é ajudar a criança. E eu sempre procurei ajuda, pra hoje, graças a Deus, chegar em um resultado.

Moderador: E você, conhecendo outras famílias de crianças com TDAH, você indicaria a participação neste grupo?

Gabriele: Eu indico.

Moderador: Então imagine que você conheceu uma mãe, de uma criança com TDAH. como que você contaria pra ela sobre a sua experiência no grupo?

Gabriele: Ah, eu ia falar pra ela participar do grupo pra ela ver que não é só o dela que é desse jeito....

Moderador: Você falaria que seria bom pra ela se identificar com outras mães?

Gabriele: Sim, porque se uma mãe começa a falar alguma coisa sobre o filho, a outra já falava “nossa, igualzinho o meu, faz a mesma coisa que o meu”. Quando ele era menor, antes de sair de casa eu fazia uma ladinha... “Você tem que se comportar, isso e aquilo...” Eu indicaria pra falar “vocês não estão sozinhas, vão lá que vocês vão ver que mais gente passa pelo mesmo”.

Moderador: E você acha que daria pra mudar alguma coisa mais pra frente? Daria alguma sugestão pro grupo?

Gabriele: Agora, no momento não... Foi muito bom.

Moderador: Mas se você pensar em algo depois, você fala! Algo pra colaborar, pode entrar em contato comigo! Mas seria isso, muito obrigada... fechando o trabalho, eu devolvo o seu caderno com um parecer pra você, ok?

Gabriele: Beleza, obrigada!

Moderador: Eu que agradeço!

L.5: Registro de entrevista final com Laura

Moderador: Então assim, depois da sua participação no grupo, o Vinícius continua realizando as mesmas atividades que realizava antes?

Laura: Então, de novo, é que agora ele iniciou com a fono, ele refez o exame de processamento auditivo e deu alterado novamente, daí recomendaram que ele fizesse a fono mesmo.

Moderador: E as atividades que vocês realizam em casa, são as mesmas?

Laura: São as mesmas, assistir filme, ir ao cinema, jogando Lego. Continua com a mesma frequência.

Moderador: E rotina de vocês, foi adaptada?

Laura: Então, o grupo ajudou na percepção da rotina, das minhas exigências com ele. Ser mais tolerante. Uma coisa que me marcou bastante foi a questão dos “meus acordos, meus combinados”, então, de sentar com ele e flexibilizar algumas coisas da rotina para que também fosse possível que conseguisse atingir algumas coisas, para que ele não se sentisse frustrado porque o objetivo era não alto que ele não conseguia... mas pra mim não era! Estudar três horas por dia... a gente mudou isso, ele parcelou, então... fazer 20 minutos de estudo e 15 de intervalo. O intervalo é quase maior que o tempo de estudo! (risos). Mas tudo bem. Faz o intervalo e estuda mais 20 minutos. Faz o intervalo...

Moderador: E antes do grupo não era assim?

Laura: Não, antes a gente fazia assim, uma hora, uma hora e meia seguida porque ele é muito lento, mas eu entendi que eu tenho que respeitar o ritmo dele também... não adianta forçar. Se for muito tempo a concentração dele cai e não rendia. Então assim vai melhor, a gente ajustou algumas coisas.

Moderador: E com as atividades escolares, como é que vocês estão lidando?

Laura: Então, nesse último bimestre eu deixei tudo um pouco mais por conta dele, acreditar no potencial dele. Tento estudar com ele como antes, só que com menos frequência. Tento estudar com ele, mas espero ele me pedir ajuda, aí eu vou, explico.

Moderador: Entendi, deixou partir mais dele... e antes, não era assim?

Laura: Não, eu vinha no carro e falava “você vai chegar em casa, tomar banho, vai sentar, vai estudar história, geografia... matemática você vai deixar pra amanhã que vai estar mais descansado...”

Moderador: Você fazia o plano dele!

Laura: Tudo!

Moderador: E neste período você recebeu algum relato dele vindo da escola?

Laura: Na verdade não... Até eu tenho um pedido do médico dele para que a escola faça uma avaliação sobre o desempenho dele com o uso da ritalina.

Moderador: Ele usa desde o início do ano?

Laura: Isso, só que eu tenho dificuldade porque a turma é muito grande, são 42 alunos, e são vários professores. Eu não tenho contato direto com os professores... eu falo com a pedagoga, e ela diz que ele está bem. Inclusive o relato dela é que ele não é uma criança hiperativa, que atrapalhe a aula. O desempenho dele é dentro da média, ele não está abaixo. E baseada nesta fala dela é que eu resolvi dar uma soltada, não ficar tanto em cima dele... até pensei “bom, eu que sou exagerada”. E ele não ficar perturbando, então não teve nada de especial relatado sobre ele neste período.

Moderador: E com relação ao diagnóstico de TDAH, como é que você se sente?

Laura: Ai, então... O neurologista dele não quis fechar o laudo dele para não estigmatizá-lo. Ele falou “Se o Vinícius estiver indo bem na escola, não precisar ter alguma atividade separada, é melhor pra ele, vamos ver como ele vai”. Ele não me deu o laudo de novo, e eu sempre tenho essa sensação de que os profissionais têm um pouco de receio em fechar esse diagnóstico, então acredito que ele tem déficit de atenção, não tem hiperatividade. Ele tem o laudo de processamento auditivo alterado, a compreensão dele é ruim. Mas eu não me sinto frustrada em função do diagnóstico até porque eu não tenho isso declarado. Eu vejo que ele é uma criança desatenta, que tem dificuldade, mas uma coisa que eu senti também, lá na clínica de fono em que ele está indo agora, em uma das reuniões que a gente na clínica em que foram todos os filhos, tem mais crianças muito mais agitadas, muito mais difíceis de controlar. Então talvez seja um pouco de amadurecimento dele, de responsabilidade. Eu estava conversando com a minha irmã que a gente também tem essa dificuldade de sentar e se controlar. Mas como a gente é adulto, tem que fazer! Ela faz faculdade de direito e tem que fazer a monografia, mas ainda não escreveu uma linha da monografia ainda! E todo dia ela pensa “eu tenho que fazer, tenho que fazer!”, mas acaba deixando tudo pro final. E a gente é adulto! Então imagina pra uma criança se auto controlar, “eu odeio estudar, é um troço que eu não gosto”. Então eu penso, ele tem o laudo de processamento auditivo alterado, e tem uma imaturidade, então ele vai superar. Então eu não tenho uma frustração porque eu não tenho isso declarado.

Moderador: Ah sim, mas da situação dele, dessa falta de atenção, então você sente que “Ah, é algo que ele vai superar!”

Laura: Ah, eu acredito que sim! (risos). Estou me agarrando nisso! (risos)

Moderador: (risos) Você se agarra à superação!

Laura: É, ele vai superar, eu espero! (risos)

Moderador: E enquanto mãe do Vinícius, enquanto educadora, como você se define?

Laura: Ah, eu me enxergo em um papel bem difícil, porque é difícil separar a frustração de ele não atingir as metas nos estudos, da forma que eu imagino, com o amor de mãe. Tanto que algumas vezes, em algumas terapias, foi orientado assim, que eu não misture, pegar professor particular pra estudar com ele, pra eu não ficar brigando. Não tem como não brigar, ele é muito desorganizado, não tem nada anotado na apostila. Eu vou estudar com ele e falo, poxa, mas não tem nada anotado, o professor deve ter explicado...e ele não tem. E às vezes o que tá anotado, tá

anotado errado. Eu tenho a impressão de que ele pensa assim “vou anotar isso aqui mesmo”, mas é de um outro exercício, e não são os mesmos números, não tem nada a ver... pergunto, você não viu? E ele faz aquela cara de “Hãh?”. E isso vai me dando um nervoso. Meu Deus do céu, como é que você vai estudar se não tem nada anotado? Eu começo a ficar brava com ele. Isso acaba prejudicando a nossa relação. Quando a gente para de estudar eu não consigo falar “Ah querido, meu amor...” Não, eu continuo brava o resto do dia. Então a psicóloga me orientou a arrumar um professor particular pra dar aula pra ele, pra eu não me envolver nas questões do estudo se eu não conseguir separar. Ou me esforçar pra não misturar, pra ele não se sentir frustrado por não atingir as minhas metas. Eu acho difícil... sei lá, tem que ter um doutorado em ser mãe e em educadora pra conseguir separar esses sentimentos! Agora eu vou te ajudar, vamos estudar. Agora, nós vamos ver outras coisas, acabou. Eu tenho dificuldades com isso. É uma tarefa difícil. E como eu tenho a minha filha que vai muito bem na escola, meu comparativo sempre é com ela. E eu sou sempre orientada a não comparar os dois. E pra mim é quase impossível. Meu Deus Vinícius, você e sua irmã tem os mesmos recursos, as mesmas condições, estudam na mesma escola... Mas tudo bem, o cérebro de cada um é cada um, mas não justifica uma diferença tão grande de desempenho!

Moderador: Você compara mesmo, falando pra eles!

Laura: Comparo, eu não consigo me desvincular disso!

Moderador: É difícil pra você?

Laura: É, é difícil.

Moderador: E assim, com relação à sua prática educativa, você sentiu mudanças depois de participar do grupo, depois de trocar experiências com as outras mães?

Laura: Sim, me ajudou bastante a fazer essas autorreflexões sobre as minhas atitudes.

Moderador: Antes, você notava que fazia essa comparação entre seus filhos?

Laura: Então, já tinham me falado, não diretamente, “ah, você faz”, mas nas avaliações dele sempre me falavam que ele tinha a autoestima diminuída, que como eles são gêmeos era para evitar as comparações... eu sabia que era para fazer, mas não achava assim que era tão evidente o que eu fazia. Nos encontros, nas conversas... e até no último encontro que a Lavínia chegou pra mim e falou “você compara sim! Porque eu dia você falou assim e assim” (risos)...

Moderador: Te deu de dedo ali! (risos)

Laura: Isso, e ela falou do dia lá do dia de férias, do esporte, que eu falei que ela desceu e o Vinícius não desceu com a corda, e em outras coisas...

Moderador: E no dia em que ele estava junto, foi na frente dele...

Laura: Isso, então eu comecei a rever, não só em relação ao estudo... porque assim, ele realmente é atrapalhado, é desorganizado, e eu falo “olha, a tua irmã já fez e você tá aí ainda, fica embaçando, não termina, vai logo com esse negócio”. E aí o que teve grande valor foi que são mães como eu. O psicólogo falando a gente pensa que aí, ele nem tem filho e fica me falando o que fazer, nem sabe como é meu dia a dia com a criança. Então a experiência da Marjorie foi muito importante, ela tem dois com

TDAH... então eu sempre pensava assim, que eu tenho dois filhos, é um fardo muito grande, é muito pesado, e os dois são completamente diferentes... eu sempre pensei que se fossem iguais seria mais fácil, a mesma coisa que eu incentivo pra um, incentivo pra outro (risos). E quando eu vi ela com os dois com o diagnóstico, e que os dois também são diferentes entre si e tudo mais...

Moderador: Isso, que nem pelo fato de terem o mesmo diagnóstico eles são iguais. Não adianta, nenhuma criança nunca será igual a outra.

Laura: É... um é hiperativo, o outro é de outro jeito. E aquilo me fez pensar assim... Não sei como te dizer... Mas “pare de reclamar um pouco! Existem diversos tipos de situações! Vamos em frente!”.

Moderador: E lembrando lá das expectativas que você tinha antes do início do grupo, quando você soube que se trataria de um momento de troca de experiências, um apoio social mesmo. Você acha que aquelas expectativas foram atendidas dentro do grupo?

Laura: Nossa, nem lembro do que eu respondi naquela entrevista! Mas acho que minha expectativa era mesmo essa troca de experiências com as outras mães. Até então eu só tinha a fala de outros profissionais, eu nunca conversei com outros pais na mesma situação. Sempre ia na fono, na neuro, mas nunca com outros pais. Nesse sentido foi bastante enriquecedor. Achei que valeu a pena cada encontro.

Moderador: E você indicaria para outras famílias que elas participassem nesse grupo que você vivenciou?

Laura: Sim!

Moderador: Então imagine que você conheceu agora uma mãe de uma criança com TDAH. Como você iria contar pra essa mãe sobre a sua experiência?

Laura: Eu diria pra ela procurar um grupo porque você encontra pessoas que já caminharam na sua frente, como a Marjorie falou “Ah, eu passei por vários profissionais, mas a melhor coisa que eu fiz foi, apesar do valor, marcar direto com aquele que fechou o diagnóstico”. Eu fico frustrada por ficar alguns anos patinando ao invés de já ter sido direcionada. Eu vejo que o grupo ajuda a te direcionar em situações específicas, em tratamentos e até mesmo na procura de profissionais, e até na tua experiência com você mesma, ver que tem outras mães que tem essa dificuldade, como que elas lidam no dia-a-dia com a criança. A Marjorie disse, “Ah, eu fico louca com o Enzo, e grito!”. Eu penso que não sou só eu! Tenho vontade de matar às vezes, dar uns trosquião na criança, e as pessoas vem falar... “Ah, você tem que amar...” E dá um desespero às vezes! Dá vontade de “aaaaaa”.... Então assim, tem outras mães que também perdem a cabeça, não sou só eu.

Moderador: E que também compartilham dessa culpa que você sente...

Laura: Isso mesmo! E desabafar com outras mães é... não é que é mais legal... é que você fica mais a vontade do que desabafar com um profissional. Porque chegar pra um psicólogo por exemplo e dizer “não sei mais o que fazer, não aguento”, é complicado...E conversar com outra mãe, ouvindo essa outra mãe é diferente. Não sei se é porque a gente tá no mesmo patamar, tem um peso diferente. Então eu indicaria. Procura um grupo. A troca de experiências é muito rica.

Moderador: E tem o valor da prática!

Laura: Aham, conhecer o que a pessoas já percorreram, e às vezes não deu certo... Poder pular aquilo, ir por outro caminho, passar por lá... Eu lembro que fiquei muito receosa em começar a medicação, porque tinha toda uma mídia em torno dos malefícios. Mas também tem o lado de ajuda à criança. Então no grupo se pode discutir isso pra tomar uma decisão.

Moderador: Durante o grupo, qual o momento que foi mais marcante pra você?

Laura: Deixa eu pensar... acho que o encontro em que a gente levou os filhos, ouviu o relato de cada filho sobre a visão da mãe em casa, ouvir do que meu filho como ele me via, e o último dia do fechamento, da avaliação. E o que me marcou muito foi a Lavínia me dizer “você faz isso, você compara os dois sim”. Não é a visão de um profissional, é a visão de uma mãe. Então pra mim, teve um peso maior.

Moderador: E a intenção era essa, nem eu, nem minha orientadora ficar falando mais...era que vocês falassem e pudessem se perceber, e até se apontar! Porque vocês tem credibilidade pra fazer isso. Uma credibilidade que eu não tenho! E assim, desde o ano passado a gente começou a planejar esse grupo, a gente pensou em quais estratégias poderíamos usar, e depois tentar achar vocês, convencer de que seria válido participar... E no final, foi muito bom ver que vocês realmente participaram! E intenção é analisar todo o desenvolvimento do grupo junto com a entrevista inicial e a final, pra dar um retorno pra você da forma que nós observamos que você se aprimorou, então eu entro em contato pra te dar um retorno, um fechamento mesmo, mas eu agradeço tudo! Muito obrigada!

Laura: Imagina, eu que agradeço, foi muito bom!